



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE**

**DANIANE DA SILVA ASSUNÇÃO**

**TRAÇOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII: VERTENTES  
LEXICAIS NO DIÁRIO DE VIAGEM DO BARÃO DE MOSSÂMEDES**

**CATALÃO (GO)**

**2016**

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

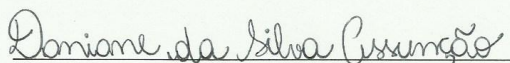
Nome completo do autor: Daniane da Silva Assunção

Título do trabalho: TRAÇOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII: vertentes lexicais no Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do (a) autor (a) <sup>2</sup>

Data: 05/06/2017.

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

<sup>2</sup>A assinatura deve ser escaneada.

**DANIANE DA SILVA ASSUNÇÃO**

**TRAÇOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII: VERTENTES  
LEXICAIS NO DIÁRIO DE VIAGEM DO BARÃO DE MOSSÂMEDES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Braz José Coelho.

**CATALÃO (GO)**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

ASSUNÇÃO, Daniane da Silva

Traços linguísticos e culturais de Goiás no século XVIII: vertentes lexicais no Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes [manuscrito] / Daniane da Silva ASSUNÇÃO. - 2016.  
222 f.

Orientador: Prof. Braz José COELHO.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Cidade de Goiás, 2016.

Bibliografia. Anexos.

Inclui abreviaturas, gráfico, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Léxico. 2. Cultura. 3. Campos lexicais. 4. Relações semânticas. 5. Filologia. I. COELHO, Braz José, orient. II. Título.

CDU 81



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Ata de Defesa Pública de Dissertação

Defesa: nº 59

Aos trinta e um dias do mês de agosto de dois mil e dezesseis realizou-se, no Laboratório de Análise do Discurso, Fonética e Fonologia - LADFFON, sala 01, Bloco E, a Defesa Pública de Dissertação intitulada “Traços Linguísticos e culturais de Goiás no século XVIII: vertentes lexicais no diário de viagem do Barão de Mossâmedes”, de autoria da mestranda Daniane da Silva Assunção. Na ocasião, compareceu a Banca Examinadora, designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelos docentes: Prof. Dr. Braz José Coelho [Orientador], professor da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Maria Helena de Paula professora da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Profa. Dra. Gisele Alves, professora da Secretaria Municipal de Educação de Catalão. A sessão teve início às nove horas, sendo presidida pelo Professor Orientador, que abriu os trabalhos junto à Banca Examinadora. Em seguida, o Presidente da sessão passou a palavra à discente que teve vinte minutos para apresentar seu trabalho. Após a apresentação, passou-se a palavra as componentes da banca que tiveram cada uma, trinta minutos para expor suas questões e observações sobre a dissertação apresentada, tendo a mestranda igual tempo para responder. Após o término da arguição, o Presidente da sessão solicitou que a candidata e o público presente se retirassem do recinto para que a Banca Examinadora pudesse avaliar a Dissertação. Após a conclusão dos trabalhos, os arguidores atribuíram o seguinte resultado: aprovada. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata que vai assinada pelos Senhores membros da Banca Examinadora. Regional Catalão, UFG, aos trinta e um dias do mês de agosto de dois mil e dezesseis.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Braz José Coelho – Orientador (UFG/RC) Braz José Coelho

Profa. Dra. Maria Helena de Paula (UFG/RC) Maria Helena de Paula

Profa. Dra. Gisele Alves (Secretaria Municipal de Educação de Catalão) Gisele Alves

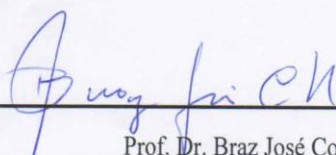
DANIANE DA SILVA ASSUNÇÃO

**“TRAÇOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS DE GOIÁS NO  
SÉCULO XVIII: vertentes lexicais no diário de viagem do Barão de  
Mossâmedes**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Linguagem, área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovado em 31 de agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA



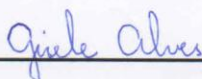
---

Prof. Dr. Braz José Coelho  
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão



---

Prof.ª. Dr.ª. Maria Helena de Paula  
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão



---

Prof.ª. Dr.ª. Gisele Alves  
Secretaria Municipal de Educação de Catalão

Dedico este trabalho aos meus avós maternos, Arminda Cândida Pereira, *in memoriam*, e Joaquim Pereira da Silva, *in memoriam*. Em especial a ele que, mesmo sem completar seus estudos, era uma fonte inesgotável de conhecimento, um verdadeiro dicionário e meu eterno exemplo de ser humano.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Neide e Wilson, pelo estímulo em todos os momentos da minha caminhada de estudos.

Ao meu orientador, Professor Doutor Braz José Coelho, pela eterna orientação acadêmica, pela competência e pelos conselhos da vida em geral, muito obrigada por todas as palavras de companheirismo, sabedoria, apoio e paciência durante esses meses tumultuados para mim.

Ao meu irmão Leandro e ao meu afilhado Nicolás.

Ao meu noivo, Leonardo, que tanto me incentivou para a conclusão desta etapa.

Às Professoras Doutoradas Maria Helena de Paula e Gisele Alves pelas contribuições valiosas ao presente trabalho no Exame de Qualificação.

A Maria Helena de Paula, minha eterna inspiração. Professora e amiga pela qual tenho muito orgulho e admiração. Muito obrigada por todas as palavras de conforto, por ter depositado em mim a confiança para a conclusão deste trabalho.

À Professora Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, pela orientação durante o tempo de estudo na UNESP – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Campus de Araraquara.

Ao corpo docente dos Programas de Pós-graduação da UFG – Regional Catalão e da UNESP.

A Gisele, Vanessa, Fabrícia, Rayne, Gabriela, Maiune, Mayara, Patrícia, Talita.

A Audinéia, Natália, Pricila, Kelly e Maridelma, companheiras da jornada cansativa de ônibus, dos conselhos e dos estudos na UNESP.

E a todos que torceram e contribuíram para que esta pesquisa fosse concretizada.

Meu livro goiano tão prene de lembranças. Retalhos de sentimentos em colchas multicores. Livro que é roça e roçado, engenho e arte da cana a jorrar garapas de incontidas alegrias. Livro que é olaria, brotando do chão vermelho o tijolo de segurança. Livro que é fogão de lenha alimentando adormecidas ternuras em panelas de ferro. Páginas que são pé de moleque e mané pelado da infância nunca perdida. Que é argola de petas e broas de milho de nossa fome espiritual. Livro que se derrama em monjolos que trituram amarguras, fazendo a paçoca de desencontrados desejos. Meu livro goiano é chão arado e roça de milho verdinha sob a chuva de março. É feijão que enrama no milho seco de nossa insegurança. É estaleiro de chuchu de nossas esperanças e pé de maxixe na roça de arroz, traduzida em cachos de ouro de nossas vitórias. Meu livro goiano é flor de quiabo de uma beleza sem fim no esquecimento e na humildade. É flor da lobeira no roxo de nossos desencantos. Meu livro é pé de pequi nas flores e nos frutos incomuns de nosso talento. Meu livro é chapadão, campina, grotta e pé de serra salpicada de ipês floridos. Tudo isso é meu livro goiano. É cada criança como uma página a ser escrita. Páginas doces que precisam de letras douradas. Páginas de sonhos de alvoradas matinais. Páginas de ternura de crepúsculos de fogo. Princípio e fim. Alfa e ômega. Meu livro goiano sou eu, assentado no rabo do fogão de lenha, lá na roça, tão distante de todos os lugares, naquela casa velha de telhas encardidas. No fundo do mato. Lamparina acesa. Mãe e eu. Universo em nós. Nós tão sós e ela me mostrando um mundo que ia além da pauta musical dos arames da cerca que circundava a velha fazenda. Naquela noite tão goiana eu era um livro. Havia lírios no jardim e samambaias na boca da cisterna. Havia margaridas junto à porteira. Havia um jardim dentro de mim. Eu era um botão em flor. Mãe era uma roseira tão florida e uma grande cartilha. E depois a roseira espargiu perfumes em outros quintais e celebrou vida em outras searas. Mas o livro ficou, escrito com saudades infindas, o meu livro que vou abrindo agora diante dos cabelos dourados de minhas filhas em outros jardins. Virão outros livros, outras páginas em letras e emoções. Meu livro goiano. Seu livro goiano. Universo em verso. Ternura e alegria. Que na vida de cada homem haja um livro, que é, senão, uma janela aberta por onde entra Deus. Que em todo livro-homem haja paz.

## RESUMO

Este estudo investigou e analisou os campos lexicais a partir do livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*, em relação aos aspectos geográficos, militares, às descrições dos lugares, das festas, da religiosidade e de todos os aspectos culturais presentes no *corpus*, que é constituído por 63 fólios. O livro, editado e comentado por Antônio César Caldas Pinheiro e Gustavo Neiva Coelho (2006), relata as duas viagens realizadas pelo quarto governador das Minas dos Goyazes, José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho: a primeira viagem partindo do Rio de Janeiro até Vila Boa, então capital da capitania de Goyaz; e a segunda pelo interior da mesma. A inventariação e a análise das lexias foram realizadas segundo a teoria dos campos lexicais, desenvolvida por Eugenio Coseriu (1977) e Horst Geckeler (1971). Através desse Diário, é possível conhecer a história da cultura goiana e analisar os campos lexicais mais importantes e característicos das pessoas, da cultura e da organização político-administrativa da Capitania de Goyaz na época referida. Fez-se um estudo do contexto histórico desse período para melhor descrever a relação entre léxico, cultura e sociedade. Foram elaboradas as fichas lexicográficas das lexias inventariadas consultando os dicionários Bluteau (1712-1728) e Silva (1813). Por fim, construiu-se um glossário com o intuito de se ter uma melhor compreensão da história descrita no Diário.

**Palavras-chave:** Léxico; Cultura; Campos Lexicais; Relações semânticas; Filologia.

## ABSTRACT

This study investigated and analyzed the lexical fields from the book *Travel Diary of Baron Mossâmedes: 1771-1773*, in relation to geographic, military, the descriptions of places, parties, religiosity and all of cultural aspects present in corpus, consisting of 63 folios. The book, edited and commented by Antonio César Caldas Pinheiro and Gustavo Neiva Coelho (2006), reports the two trips for the fourth governor of Mines of Goyazes, José de Almeida de Vasconcellos Soveral and Carvalho: the first trip departing from Rio de Janeiro to Vila Boa, then capital of Goyaz State and the second through the interior thereof. The inventory and analysis of lexias were performed according to the theory of lexical fields, developed by Eugenio Coseriu (1977) and Horst Geckeler (1971). Through this diary, you can know the history about culture in Goiás and analyze the most important lexical fields and characteristic of the people, the culture and the political and administrative organization of the Captaincy of Goyaz in that time. There was a study of the historical context about this period that can better describe the relationship between lexicon, culture and society. They were prepared the lexicographical records of lexias inventoried consulting the Bluteau dictionaries (1712-1728) and Silva (1813). Finally, it built up a glossary in order to get a better understanding of the history described in the Journal.

**Keywords:** Lexicon; Culture; Lexical fields; Semantic relations; Philology.

## Lista de Abreviaturas

adj. – adjetivo

exp. – expressão

loc. – locução

n/e – não encontrado

s.f. – substantivo feminino

s.m. – substantivo masculino

r. – recto

v. – verbo

## Lista de Figuras

Figura 1 – Igreja de São José de Mossâmedes (GO).....	25
Figura 2 – Pequi, o ouro do Cerrado.....	27
Figura 3 – Formações rochosas.....	28
Figura 4 – Areia Colorida.....	28
Figura 5 – Ipê Amarelo.....	29
Figura 6 – Bromélia.....	29
Figura 7 – Pau-papel.....	30
Figura 8 – Flora do Cerrado.....	30
Figura 9 – Orquídea.....	31
Figura 10 – Pedra Goiana.....	32

## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Erros de digitação na edição do <i>Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes</i> .....	49
Tabela 2 – Abreviaturas no manuscrito.....	57
Tabela 3 – Lexias com consoantes geminadas.....	62

## Lista de Quadros

Quadro 1 – Exemplos de abreviaturas por suspensão ou apócope presentes no <i>corpus</i> .....	58
Quadro 2 – Abreviaturas por contração ou síncope presentes no <i>corpus</i> .....	58
Quadro 3 – Exemplos de abreviaturas por letras superpostas presentes no <i>corpus</i> .....	58
Quadro 4 – Exemplos de abreviaturas mistas presentes no <i>corpus</i> .....	59
Quadro 5 – Nota Tironiana ou Taquigráfica presente no <i>corpus</i> .....	59
Quadro 6 – Exemplos de abreviaturas numéricas presentes no <i>corpus</i> .....	59
Quadro 7 – Exemplificação do verbete.....	72
Quadro 8 – Sistematização dos macrocampos lexicais.....	134

## **Lista de Gráficos**

Gráfico 1 – Distribuição das consoantes geminadas.....	63
Gráfico 2 – Percentual da distribuição das lexias em Macrocampos Lexicais.....	134

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	15
<b>1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO: SÉCULO XVIII E O GOVERNO DO BARÃO DE MOSSÂMEDES</b> .....	20
<b>1.1 Aspectos históricos</b> .....	20
<b>1.2 O governo de José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho</b> .....	22
<b>1.2.1 A cidade de Mossâmedes e o Parque Estadual Serra Dourada</b> .....	26
<b>2. O DIÁRIO DE VIAGEM DO BARÃO DE MOSSÂMEDES</b> .....	34
<b>2.1 Descrição da obra impressa</b> .....	35
<b>2.2 Problemas de leitura paleográfica em edições viciadas</b> .....	36
<b>2.3 Filologia e crítica textual</b> .....	38
<b>2.4 Estudo Paleográfico: Abreviaturas</b> .....	51
<b>2.5 Consoantes geminadas</b> .....	60
<b>3. EMBASAMENTO TEÓRICO E OS CAMINHOS PERCORRIDOS</b> .....	64
<b>3.1 Léxico e cultura</b> .....	64
<b>3.2 Dinâmica lexical</b> .....	68
<b>3.3 Léxico e glossário</b> .....	71
<b>3.4 Campos lexicais</b> .....	73
<b>3.5 Metodologia das fichas lexicográficas</b> .....	76
<b>3.6 Fichas lexicográficas</b> .....	77
<b>4. AS TRILHAS DE GOIÁS SOB A ÓTICA DO BARÃO DE MOSSÂMEDES: SISTEMATIZAÇÃO DOS CAMPOS LEXICAIS</b> .....	1323
<b>4.1 Inventário das lexias</b> .....	133
<b>4.2 Amostragem dos dados</b> .....	135
<b>4.2.1 Macrocampo Lexical Organização Militar</b> .....	135
4.2.1.1 Campo Léxico Funções.....	135
4.2.1.2 Campo Léxico Conjuntos Militares.....	135
4.2.1.3 Campo Léxico Armas .....	135
4.2.1.4 Campo Léxico Administração .....	136
4.2.1.5 Campo Léxico Cor do Fardamento.....	136
4.2.1.6 Campo Léxico Acompanhamento do Governador .....	136
<b>4.2.2 Macrocampo Lexical Viagem</b> .....	136
4.2.2.1 Campo Léxico Caminhada .....	137
4.2.2.2 Campo Léxico Repouso .....	137
4.2.2.3 Campo Léxico Instrumentos .....	137
4.2.2.4 Campo Léxico Lugares Percorridos .....	137
4.2.2.5 Campo Léxico Doenças .....	137
4.2.2.6 Campo Léxico Sentimento .....	137
4.2.2.7 Campo Léxico Medidas e Pesos .....	138
4.2.2.8 Campo Léxico Alimentação .....	138
4.2.2.9 Campo Léxico Árvores Frutíferas .....	138
4.2.2.10 Campo Léxico Peixes.....	138
4.2.2.11 Campo Léxico Vestimentas.....	139
<b>4.2.3 Macrocampo Lexical Festas</b> .....	139

4.2.3.1 Campo Léxico Comemorações.....	139
4.2.3.2 Campo Léxico Ambiente .....	139
4.2.3.3 Campo Léxico Tradições .....	139
<b>4.2.4 Macrocampo Lexical Religião .....</b>	<b>140</b>
4.2.4.1 Campo Léxico Locais de Manifestações Religiosas.....	140
4.2.4.2 Campo Léxico Devoção.....	140
4.2.3.3 Campo Léxico Cerimônias .....	140
4.2.4.4 Campo Léxico Costumes Religiosos .....	140
4.2.4.5 Campo Léxico Administração Religiosa .....	141
<b>4.2.5 Macrocampo Lexical Acidentes Geográficos.....</b>	<b>141</b>
4.2.5.1 Campo Léxico Recursos Hídricos .....	141
4.2.5.2 Campo Léxico Vegetação .....	141
4.2.5.3 Campo Léxico Relevos.....	141
<b>4.2.6 Macrocampo Lexical Trabalho .....</b>	<b>142</b>
4.2.6.1 Campo Léxico Tipos.....	142
4.2.6.2 Campo Léxico Animais .....	142
4.2.6.3 Campo Léxico Pessoas.....	142
<b>4.3 Análise do <i>Corpus</i> .....</b>	<b>143</b>
<b>4.3.1 Conceituação das Relações/Aspectos Comuns de Significação .....</b>	<b>143</b>
4.3.1.1 Macrocampo Organização Militar .....	143
4.3.1.2 Macrocampo Viagem.....	147
4.3.1.3 Macrocampo Festa.....	159
4.3.1.4 Macrocampo Religião .....	161
4.3.1.5 Macrocampo Acidentes Geográficos .....	165
4.3.1.6 Macrocampo Trabalho .....	169
<b>5. GLOSSÁRIO.....</b>	<b>175</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>212</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>215</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>219</b>
ANEXO A – Edição <i>fac-símile</i> de parte do livro <i>Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773</i> .....	219
ANEXO B – Edição <i>fac-símile</i> da cópia do manuscrito (Sinais Etimológicos: fólios 2r e 27r).....	220
ANEXO C – Edição <i>fac-símile</i> da cópia do manuscrito (Reclames: fólios 2r-3r, 40r-41r, 46r-47r) .....	221

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente pesquisa compreende o estudo lexical do livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*, que relata as duas viagens realizadas pelo quarto governador das Minas dos Goyazes, José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho: a primeira partindo do Rio de Janeiro até Vila Boa, então capital da capitania de Goiás; e a segunda pelo interior da capitania de Goiás. O governador mencionado recebeu os títulos de “Barão de Mossâmedes” e de “Visconde da Lapa”, pelo Marquês de Pombal, e foi um dos três governadores goianos do período da história do Brasil conhecido como pombalino.

Este estudo, retratando a questão cultural da região de Goiás, é fundamental por existir escassas referências sobre esse aspecto. Pode-se dizer que o Diário é o “primeiro documento que discorre, com intensidade e certo grau de entendimento, sobre as apresentações de ópera e sobre os teatros de praça. [...] São citadas ainda as cavalhadas e touradas – apresentadas ao governador –, como atividades de uso natural pela população” (PINHEIRO; COELHO, 2006, p. 12).

É relevante esta pesquisa devido à importância histórica e linguística do *corpus* em análise, um diário de viagem manuscrito da segunda metade do século XVIII, das minas goianas, em nome do português Barão de Mossâmedes; à análise da edição do *Diário*, com critérios filológicos, fiáveis, pois, os estudos linguísticos, em especial os de natureza histórica, assim o exigem; ao inventário dos campos lexicais mais importantes e característicos do povo, da cultura e da organização político-administrativa da Capitania de Goiás na época e, por fim, à confecção de um Glossário, obedecendo a técnicas lexicográficas específicas.

O objetivo deste trabalho foi inventariar as lexias recorrentes no *corpus* que fazem referência aos aspectos geográficos, militares, às descrições dos lugares, das festas, da religiosidade; agrupar as mesmas em campos lexicais e analisá-las a partir da relação léxico, cultura e sociedade. O trabalho teve ainda o intuito de construir um glossário a partir das fichas lexicográficas, que foram elaboradas mediante consulta aos dicionários Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) e pelo contexto em análise, a fim de trazer ao leitor do Diário a elucidação dos sentidos obscuros das lexias.

Por meio dos objetivos descritos, propôs-se estudar a língua escrita, na segunda metade do século XVIII, especialmente o seu léxico, a partir do *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*. Por isso, realizamos uma análise levando em consideração as teorias semânticas e a relação entre léxico, cultura, ambiente e sociedade. Para isso,

utilizamos Alves (2004), Benveniste (1989), Biderman (1978, 2001, 2006), Coseriu (1977), Lopes; Rio-Torto (2007), Paula (2007), Sapir (1969), Ullmann (1977) e outros autores que são referências nesta área.

Graças às lexias empregadas no Diário, podemos compreender o modo como a sociedade goiana estava estruturada na segunda metade do século XVIII. A partir da leitura e da análise da edição dos manuscritos, é possível depreender diversas informações acerca da língua portuguesa, o que possibilita a compreensão de vários fenômenos que ocorrem continuamente na língua, tanto históricos quanto linguísticos. É importante ressaltar, também, que um mesmo manuscrito pode ser utilizado para diversos estudos, uma vez que, além de se analisar os aspectos lexicais, podem-se observar aspectos discursivos, semânticos, sintáticos, morfológicos, dentre outros.

A metodologia consistiu, inicialmente, no estudo de todo o *corpus* a ser utilizado durante o desenvolvimento do projeto, os textos do já citado *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes*. Em seguida, foi feita a análise da edição dos textos, realizada com rigor e exaustividade, baseada nos estudos realizados por Megale e Toledo Neto (2005). Após esses procedimentos, houve a seleção dos itens lexicais no *corpus*. A partir desses elementos, realizamos uma análise linguística e fizemos o inventário dos campos lexicais, levando em consideração as discussões realizadas por Biderman (1978; 2001; 2006), Sapir (1969), Benveniste (1989), Paula (2007), Coseriu (1977) e outros autores.

É necessário bastante rigor para analisar fielmente os dados que a História nos deixou. Como diz Labov (1994, p. 11, *apud* BERLINCK, 2007, p. 12), “a Linguística Histórica pode ser concebida como a arte de fazer o melhor uso de maus dados”. Devido aos diversos traçados das letras, há uma inegável dificuldade para o historiador em trabalhar com documentos escritos de épocas passadas. Labov (1994) ressalta a respeito da permanência de determinados documentos históricos, que nem sempre é intencional, e comenta, também, a discrepância entre as formas linguísticas nos manuscritos e as formas dos escritores, uma tentativa de registrar um aspecto normativo que implica erros de escribas e mistura linguística.

[...] os dados, que são ricos em tantos sentidos, são pobres em outros. Documentos históricos sobrevivem por acaso, não por um desígnio intencional, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos. As formas linguísticas em tais documentos são frequentemente distintas das vernaculares dos escritores, refletindo, ao contrário, esforços para capturar um dialeto normativo que

nunca foi língua nativa de ninguém. Como resultado, muitos documentos são totalmente afetados com os efeitos de hipercorreção, mistura de dialetos e erros de escribas (LABOV, 1994, p. 11 *apud* BERLINCK, 2007, p. 11).

Isso pode ser observado no *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes*, livro que propusemos analisar, considerando todo o cuidado que o material linguístico exige. Selecionamos este material que engloba textos produzidos por viajantes de outras épocas, mais especificamente do século XVIII, visto que são considerados como “relatos que revelam a curiosidade, o fascínio e a surpresa diante do exótico, do diferente, do inesperado” (BERLINCK, 2007, p. 13).

O deslumbramento diante desses textos tem proporcionado vários estudos a partir deste “gênero”. Berlinck (2007, p. 14) delinea perfeitamente esse tipo de texto como “narrativas permeadas de descrições que, com maior ou menor grau de envolvimento pessoal, têm por objetivo contar fatos e, muitas vezes, contar a si próprio, já que não há como eliminar do texto o sujeito”. Sempre há algum resquício da opinião do autor nas produções textuais, sejam elas pertencentes a qualquer gênero. Dias (1997) argumenta que o conceito de “literatura de viagens”:

é complexo e divide opiniões; trata-se de uma expressão moderna, surgida nas últimas décadas deste século, a identificar como literatura autônoma, como subgênero, um espólio literário (e também cartográfico e iconográfico) constituído por um corpus de textos, cujas balizas cronológicas se situam entre o século XV e o XIX e cuja natureza é em si compósita e interdisciplinar, compartilhando a sua atividade entre a antropologia, a geografia e a história. Ao analisarem-se estes textos, logo à partida, o uso da palavra "literatura" pode levantar algumas questões – o uso de critérios demasiado redutores tornaria controversa a integração nesta categoria de muitos dos documentos existentes (DIAS, 1997).

Com o fascínio desses estudos, surgem alguns questionamentos, como a viabilidade de utilizar crônicas e relatos de viagem como fontes para o estudo da história interna da língua. Ou seja, textos deste gênero, salientados por Berlinck (2007, p. 13) e considerados atualmente como literatura de viagens, ou denominados assim por suas características peculiares, podem ser analisados como fonte de dados linguísticos da língua utilizada na época em que foram produzidos?

Ressalta-se o critério como aspecto fundamental na utilização desse tipo de texto como fonte linguística, já que cada texto deve ser considerado em função de seu contexto e de suas

condições de produção. É preciso conhecer muito bem as condições de produção de cada texto. Por esta razão, conforme Berlinck (2007, p. 15), é essencial que a Linguística esteja vinculada à História e à Literatura para desvendar “quem o produziu, para quem e com que objetivo. Não podemos isolar o texto de seu contexto, e isso inclui o ‘clima de opinião’ que vigorava na época em que o texto foi produzido”.

Mais importante do que dados linguísticos, a escrita de épocas passadas nos revela “uma paisagem humana, geográfica e cultural exótica, não codificada literariamente, é transmitida numa linguagem simples, que não se dirigia ao público letrado e sim ao leitor comum, ávido de notícias sobre as novas terras descobertas” (DIAS, 1997). Uma das justificativas da escolha do *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes* como *corpus* do nosso trabalho, está no fato de ser um *corpus*:

[...] integrado por obras redigidas, não por escritores (na moderna acepção da palavra), mas por participantes ou testemunhas presenciais dos acontecimentos narrados e que se identificam por uma temática comum – a descrição da alteridade geográfica e humana que a experiência ultramarina proporcionou, a revelação pela escrita de uma paisagem exótica (oriental e tropical) e da imagem do Outro, de uma humanidade diferente, com culturas, crenças, governos e costumes próprios (DIAS, 1997).

Além disso, pouco se conhece da história linguística do século XVIII. Embora a elaboração de *corpora* históricos esteja em pleno fervor de produção para o preenchimento desses momentos linguísticos, ainda temos um bom caminho de pesquisa para completar todos os “vazios”. Nesse sentido, o recém lançado Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII (CNPq), com uma nomenclatura de 10.470 verbetes, reunidos em 19 volumes (em A4), com 11.051 páginas, é uma grande contribuição para o estudo dessa época.

O projeto foi idealizado por Maria Tereza Camargo Biderman e teve início, com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 2005. Com o falecimento da Professora Biderman, em 2008, a Professora Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa passou a ser a Coordenadora de tal projeto, juntamente com a equipe do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara. O projeto englobou textos de 1500 (Carta de Pero Vaz de Caminha) a 1808 (vinda da família real portuguesa) e resultou na construção de um dicionário que registra o acervo lexical que serviu de base para o português do Brasil.

Em virtude de o nosso *corpus* estar dentro da época dos textos reunidos para o Dicionário Histórico do Português do Brasil, pretendemos ampliar os estudos linguísticos analisando o léxico referente ao *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes*, fazendo um levantamento das lexias e, posteriormente, dos campos lexicais presentes no relato que aborda as andanças do quarto governador de Goiás<sup>1</sup>, José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho. Com o intuito de elaborar um Glossário, justificado pela dificuldade de leitura de algumas palavras distantes no tempo, pretendemos analisar os campos lexicais e verificar a recorrência das lexias no *corpus*, assim como o respectivo significado contextual.

A busca do significado dos itens lexicais mediante o contexto será realizada no Vocabulario Portuguez & Latino (1712-1728), de Raphael Bluteau; e no Diccionario da Língua Portuguesa (1813), de Antonio de Moraes Silva; ambos consultados *online*, no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. A escolha de tais obras explica-se pela proximidade com a época estudada, o século XVIII.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos: o primeiro aborda uma contextualização da época analisada e do governo do Barão de Mossâmedes; o segundo descreve o livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes*, abrangendo os problemas de leitura ou de impressão do manuscrito; o terceiro compreende o embasamento teórico que norteia o nosso estudo, a definição de glossário e de campos lexicais, ressaltando a relação entre léxico e cultura, tão importante para o nosso trabalho, e apresenta, também, as fichas lexicográficas; o quarto capítulo traz as discussões realizadas e as análises dos campos lexicais. Por fim, o quinto capítulo apresenta o Glossário, o que nos permitiu uma melhor compreensão dos textos narrados.

---

<sup>1</sup> Sequência dos Governadores da Capitania de Goiás: Primeiro Governador – Dom Marcos de Noronha, Conde dos Arcos (1749-1755), Segundo Governador – D. Álvaro Xavier Botelho de Távora, Conde de São Miguel (1755-1759), Terceiro Governador – João Manoel de Melo (1759-1770), Junta Provisória – Antônio José Cabral d’Almeida, Antônio Thomaz da Costa e Damião José de Sá Pereira (1770), Governador Interino – Antônio Carlos Furtado de Mendonça (1770-1772), Quarto Governador – José de Almeida e Vasconcelos de Soveral e Carvalho (1772-1778). Informações disponíveis no link <http://www.casacivil.go.gov.br/post/ver/109073/relacao-dos-governantes-do-estado-de-goias---colonial>.

## **1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO: SÉCULO XVIII E O GOVERNO DO BARÃO DE MOSSÂMEDES**

Há uma indelével mensagem em cada página voltada. Há sussurros inaudíveis que o tempo não pode apagar. No silêncio das estantes palpita a vida no acúmulo de tudo que o homem construiu por meio de sua inteligência. [...] Páginas soltas, esperanças desfolhadas. No limbo de cada livro, agrupado em cada fileira das estantes, há um brilho constante de vida que pulsa por vibrações, por sonhos e devaneios que o livro enseja. Cada letra no casamento dos sentidos vem eivada pelo sentimento bom da emotividade. Há flores que saltam dos livros com suas essências transcendentais. Perfumes antigos vindos de onde? [...] Sons de violinos vibram em cada página voltada, trazendo a música inebriante que acorda crianças e adormece os adultos, que faz nascer em adultos crianças que jaziam adormecidas, esquecidas na luta insana da sobrevivência (CURADO, 2009, p. 9).

Neste capítulo, tentaremos buscar “a vida, os sussurros inaudíveis” de cada página, de cada fólio, para que o tempo não apague a história das pessoas que viveram em Goiás, no século XVIII. Para tanto, contextualizamos esta época com os principais aspectos históricos, especialmente aqueles condizentes ao governo do quarto governador da Capitania de Goiás, José de Almeida de Vasconcelos de Soveral e Carvalho (1772-1778). Evidenciamos, ainda, algumas características da cidade de Mossâmedes e do Parque Estadual Serra Dourada, lugares que apresentam relação com o *corpus* estudado.

### **1.1 Aspectos históricos**

Nos séculos XVII e XVIII, o movimento iluminista conseguiu derrubar o Antigo Regime da França, dando início ao que foi denominado “séculos das luzes”. O Iluminismo estabeleceu uma nova visão do homem e do mundo, e estava relacionado à mentalidade burguesa. A filosofia iluminista acreditava nas ideias de liberdade e progresso, e que o homem era capaz de transformar a sociedade, libertando-se dos preconceitos e educando-se para uma realidade longe das trevas.

Vários iluministas negaram as instituições religiosas, criticando o catolicismo e defendendo religiões baseadas na razão. Em relação ao progresso, acreditava-se que o homem conseguiria poder total sobre a natureza, melhorando suas condições de vida através do trabalho instrumentado pela técnica. Esses pensamentos resultaram no mundo moderno, em que os sonhos e os desejos foram aniquilados, para dar lugar ao consumismo sem limites e ao trabalho mecanizado, uma sociedade cada vez mais distante da natureza e dos valores fundamentais para o equilíbrio do ser humano.

A educação obteve conquistas importantes naquela época, pois as pessoas começaram a se interessar pela aprendizagem da leitura e da escrita, saberes basilares para o acesso ao conhecimento e à racionalidade. “A leitura e a escrita assumiram um novo valor social: eram indispensáveis, de acordo com uma pedagogia que se propunha a libertar o indivíduo por meio da racionalidade” (REZENDE; DIDIER, 2001, p. 281). Diante dessas ideias iluministas, alcançamos uma renovação intelectual essencial para as mudanças políticas e sociais que ocorreram no final do século XVIII e que, posteriormente, causariam o início da Revolução Industrial, da Independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa.

A partir da segunda metade do século XVIII, alguns reinados absolutistas empreenderam uma política de reformas, buscando a modernização nacional, e instituíram um novo Estado, com novos valores, visando ao progresso econômico, científico e cultural. Essa política ficou conhecida como despotismo esclarecido e pretendia, além do incentivo à educação, tornar mais eficiente a administração e a taxaço de impostos. D. José I e seu ministro, o marquês de Pombal, são representantes importantes do despotismo esclarecido em Portugal.

O período pombalino (1750-1777) coincidiu com o declínio da mineração no Brasil. Marquês de Pombal concentrou todos os seus esforços na modernização do Reino e na reorganização administrativa da colônia brasileira, com o intuito de transferir o máximo de riqueza do Brasil para Portugal. Para isso, ele aboliu o regime de capitâneas hereditárias e transferiu a capital do país (que antes estava dividida entre São Luís e Salvador) para o Rio de Janeiro. Dessa forma, houve a centralização do poder e uma melhoria no controle das exportações, já que a nova capital estava situada bem próxima da economia mineira, seu grande interesse.

A maior exploração de metais preciosos ocorreu em Minas Gerais, porém, as províncias de Goiás e Mato Grosso também atraíram a atenção em relação a essas riquezas. O diamante também teve grande destaque nessa época, com a mesma fiscalização que o ouro e com o mesmo destino: começou a apresentar sinais de escassez no final do século XVIII.

Devido à exploração do ouro, a cultura de algumas cidades de Minas Gerais foi fortalecida com diversas construções, principalmente igrejas, como a Igreja Matriz Nossa Senhora do Pilar, inaugurada em 1733, que possui 450 quilos de ouro espalhados pelas paredes e os altares; e a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que foi erguida pelos escravos em 1785. Ambas estão localizadas em Ouro Preto, conhecida antigamente como Vila Rica.

Além da mineração, Pombal também estava interessado na economia açucareira do nordeste e na exploração da região amazônica. Para controlar a colônia, o marquês:

tomou a iniciativa de converter a exploração diamantífera em monopólio real, com o Regimento da Real Extração; em relação ao ouro, estabeleceu um regime de taxaço que combinava a Casa de Fundiço e o sistema de fintas com cotas de 100 arrobas, complementado pela derrama. Para atuar na região amazônica e no nordeste, Pombal criou a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755) e a Companhia Geral do Comércio de Pernambuco e Paraíba (1759) (KOSHIBA; PEREIRA, 2003, p. 138).

Esse sistema de taxaço foi abominado pelos mineiros e foi um dos fatores que levaram a eclosão da Inconfidência Mineira, em 1789. A Companhia Geral do Comércio de Pernambuco e Maranhão beneficiou o crescimento do comércio e a produção do açúcar, e a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão inseriu 25 mil escravos na região monopolizada e estimulou a lavoura de arroz e de algodão. Ambas as Companhias foram extintas na segunda metade do século XVIII, quando o mercantilismo e as práticas pombalinas começaram a ser contestadas. Dessa forma, Portugal foi perdendo seu prestígio internacional.

## **1.2 O governo de José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho**

O *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes* é o relato de viagem mais antigo de Goiás, roteiro que foi percorrido pelo quarto Capitão-General D. José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho, que era rico, fidalgo, culto, mas não possuía nenhuma titulação política até o Marquês de Pombal nomeá-lo como Barão de Mossâmedes e Visconde da Lapa.

Barão de Mossâmedes nasceu em Lisboa – Portugal. Após os estudos superiores em sua terra natal, foi nomeado por carta patente Governador da Capitania de Goiás, com 32 anos de idade, em 11 de outubro de 1770. Sua nomeação foi feita pelo Rei de Portugal, Dom José I, por indicação do Marquês de Pombal. De acordo com o Arquivo Histórico Ultramarino, disponível pela Biblioteca Digital Luso-Brasileira, o rei Dom José nomeou Barão de Mossâmedes governador e capitão-general da Capitania de Goiás pelo tempo de três anos. Depois de resolver seus problemas particulares, conseguiu sair de Lisboa em 12 de setembro

de 1771 e chegou em Goiás Velho (Vila Boa), no dia 24 de Julho de 1772, assumindo oficialmente o Governo da Capitania de Goiás no dia 26.

Escreveu, entre outras obras, *O Estado político, financeiro e militar da capitania de Goyaz e Demarcação dos Julgados da Capitania de Goyaz*. Foi um administrador colonial português e exerceu alguns cargos de prestígio: Fidalgo da Casa Real e Conselheiro de Sua Majestade, Governador da capitania de Goiás, Governador de Angola, onde fundou a cidade de Moçâmedes, Alcaide-mor de Barcelos, Comendador de Manteigas e Alcofra na Ordem de Cristo.

O referido governador dividiu a Capitania de Goiás em Distritos: Vila Boa, Crixás, Pilar, Traíras, São Felix, Conceição, Natividade, Arraias, Cavalcante, Santa Luzia, Meia Ponte, Santa Cruz e Rio das Velhas. No período de seu governo, fez viagem de estudos ao território do atual Estado do Tocantins, antigo norte goiano, visitando cidades como Arraias, Natividade e Monte do Carmo. Permaneceu como Governador da Capitania de Goiás até 29 de Julho de 1777, quando foi recolhido à Corte, sendo substituído por Antonio José Cabral de Almeida, a quem encaminhou substancial relatório de sua administração.

O governador andou por quase toda a Capitania de Goiás para conhecer as deficiências políticas e sociais da região que seria administrada por ele. Valorizou a administração dos julgados (centros municipais onde os três poderes – executivo, legislativo e judiciário – eram unificados e exercidos por um Conselho) e esse foi um dos motivos pelos quais foi um dos governadores coloniais de Goiás mais amado.

Pinheiro e Coelho (2006, p. 11) ressaltam que “há uma descrição detalhada de todo o percurso realizado entre as duas capitais [Rio de Janeiro e Goiás], com referências aos pousos, aos rios e a toda sorte de acidentes geográficos dignos de menção”. D. José de Almeida definiu roteiros, analisou os núcleos urbanos, a economia, a produção aurífera e agrícola, a arrecadação, as organizações militares, as festas, as apresentações de óperas e os teatros de praça, os traços culturais da população, dentre outros aspectos. Esse conhecimento prévio do local a ser administrado era uma prática normal da época. Segundo Alencastre (1979):

não se pode governar bem um Estado, sem ter dele um exato conhecimento, é da indispensável obrigação dos governadores de Goiás logo que chegam àquela capitania, e que as ocorrências dos negócios o permitem, de visitarem pessoalmente tudo quanto se compreende de mais importante no distrito de sua jurisdição (ALENCASTRE, 1979, p. 174).

O principal objetivo do governador era impedir a evasão total dos habitantes da capital. Em virtude disso, providenciou várias melhorias urbanas: reforma dos principais edifícios públicos, o calçamento de vias públicas, a construção do Chafariz de Cauda da Boa Morte, no Largo da Cadeia – para facilitar o abastecimento de água à população residente naquele lado da cidade –, e a reconstrução das pontes sobre o rio Vermelho, que haviam sido destruídas com a enchente de 1776, ocorrida já durante seu governo.

Para obter um melhor entrosamento entre o branco colonizador e o índio, Barão de Mossâmedes criou alguns aldeamentos, um dos seus principais objetivos de governo. Entre eles, destacamos o mais bem sucedido: aldeamento de São José de Mossâmedes, onde atualmente se encontra a cidade de Mossâmedes.

O povoamento de Mossâmedes iniciou-se com o aldeamento dos índios pertencentes às tribos Naundós, Acroás e Caiapós. Há controvérsias em relação à data de fundação desse aldeamento. Enquanto alguns autores afirmam que a comunidade foi construída em 1755 e reedificada em 1774 pelo governador D. José de Almeida, outros estudiosos asseguram que sua construção ocorreu no ano de 1774.

Era denominada como Aldeia de São José de Mossâmedes em homenagem ao governador da Capitania de Goiás, Capitão-General D. José de Almeida, ao santo padroeiro São José e em recordação do baronato de Mossâmedes em Portugal. Apesar de os colonizadores serem contrários e acreditarem que o aldeamento dos índios seria impossível, Barão de Mossâmedes persistiu na política de civilização dos indígenas e criou um aldeamento modelo próximo a Vila Boa, com o intuito de que este fosse protegido e estivesse às suas vistas.

No período de 1770 a 1774, a aldeia foi reconstruída e, ergueu-se, com o auxílio dos índios, a Igreja de São José de Mossâmedes (Figura 1, p. 25), obra que contribuiu para a catequização dos Caiapós, sob o comando de Damiana da Cunha – neta do cacique daquela tribo, Angraiochá –, que se immortalizou na história do município como a grande catequista, heroína da Fé e Mulher Missionária. Devido a sua coragem e liderança, era considerada referência para os indígenas. Estes eram atraídos para a civilização e, posteriormente, eram obrigados a realizar o trabalho dos brancos e a se adequar às tradições e aos costumes dos mesmos.

Damiana foi batizada pelo governador Luis da Cunha Meneses e, por isso, recebeu o sobrenome Meneses. Em homenagem à heroína goiana Damiana, Maria José Silveira escreveu o romance *Guerra no coração do cerrado*, que relata a trajetória e os possíveis

conflitos internos da personagem histórica que, durante sua vida, tentou amenizar os embates entre colonizadores e indígenas.

A Igreja de São José de Mossâmedes, localizada na Praça Damiana da Cunha, na cidade de Mossâmedes, foi construída em adobe e terra socada, com paredes largas que chegam a medir até 1,40 metro. Sua característica principal é o retábulo, um altar maior feito de madeira, uma construção simples que possui grande importância histórica. Após a restauração que preservou suas características, a Igreja foi reinaugurada em 27 de Julho de 2005. A restauração demorou aproximadamente 120 dias e custou cerca de R\$ 220 mil reais procedentes do Tesouro Estadual.



Figura 1- Igreja de São José de Mossâmedes (GO).<sup>2</sup>

Em 1778, o Barão de Mossâmedes fez um relatório detalhado a respeito da situação política, militar e financeira da capitania e, neste documento, relatou:

Nestas circunstâncias, concebi a necessidade de fazer à primeira nação dos Akroá um estabelecimento regular e permanente que se fizesse invejar de

---

<sup>2</sup> Construída em 1774, resistiu à ação destruidora do tempo. Recentemente, foi reformada, mantendo sua estrutura original, e homologada como Patrimônio Histórico do Estado de Goiás, graças ao seu valor histórico cultural. Fonte: [http://vitor-fred.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html](http://vitor-fred.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html).

todos os índios silvestres, que de visita saíssem ao povoado, servindo como de universidade aos que se quisessem aldear, escolhendo a este fim uma paragem agradável de campo, boas águas e muitos matos: delineei um edifício regular cuja planta pretendo ter a honra de fazer presentear a S. M. Fidelíssima, passando a estabelecer grandes roças, uma boa fazenda de gado vacum, e as manufaturas que o número dos habitantes podia animar e que se faziam compatíveis com a abundância dos gêneros comestíveis (MOSSÂMEDES *apud* ALENCASTRE, 1864, p. 306-7).

Em 1781, em virtude da enorme evasão dos silvícolas, foram trazidos da Ilha do Bananal, 800 Javaés e Carajás, reativando-se o povoamento. Em 31 de julho de 1845, pela Lei Provincial nº 6, criou-se o Distrito de São José do Mossâmedes que, em 19 de fevereiro de 1890, desmembrava-se de Itaberaí, anexando-se ao Município de Goiás, sede da Capitania. E, pelo Decreto-Lei nº 1233, de 31 de outubro de 1938, passou a denominar-se “Mossâmedes”.

### **1.2.1 A cidade de Mossâmedes e o Parque Estadual Serra Dourada**

Mossâmedes é um município do estado de Goiás atualmente constituído por uma população de aproximadamente 5000 habitantes. Está localizado entre os municípios de Goiás, Anicuns, Itaberaí, Americano do Brasil, Adelândia, Sanclerlândia e Buriti de Goiás. E são nessas cidades que os mossamedinos satisfazem as suas necessidades, como compra e venda de diversos produtos, assistência médica e atendimento bancário.

O município possui inúmeras reservas minerais, como ouro, diamante e outras pedras preciosas e também conta com uma grande quantidade de rios e córregos que abastecem a região. A Serra Dourada, constituída por muitas riquezas, exerce enorme influência para a cidade como atração turística. Além dessa Serra, a Serra dos Parrodes e os morros Redondo, Marmelada e Boa Fé também merecem destaque.

O Parque Estadual Serra Dourada foi criado pelo governo do Estado de Goiás através do Decreto 5.768, de 5 de junho de 2003. Está localizado nos municípios de Goiás, Buriti de Goiás e Mossâmedes, região centro-oeste do Brasil. Possui uma área de 35.000 hectares, aproximadamente, abrangendo a maior parte da Área de Proteção Ambiental (APA). O Parque é um lugar perfeito para a prática de esportes como caminhadas pelas trilhas, mergulho e canoagem em cachoeiras e córregos de águas cristalinas.

O município de Mossâmedes abriga a Reserva Biológica da Serra Dourada Prof. José Ângelo Riso, uma área de 144 hectares composta por uma das formações rochosas mais

antigas do planeta. Na Reserva, que pertence a Universidade Federal de Goiás, podemos encontrar espécies nativas da flora do cerrado, como mangaba, cajá e o pau-papel, uma árvore de folhas curvinérveas cuja casca se desdobra em folhas delgadas, parecidas com papel. Dentro da reserva, encontra-se a Cidade de Pedra, que tem formações rochosas esculpidas pela ação do vento e da chuva.

Próximo às esculturas de pedras localiza-se o vale de Areia, onde há rochas de diversas tonalidades que resultam em areias de diferentes cores: uma imagem fascinante que a natureza nos possibilita apreciar. Encontra-se, também, na reserva, um mirante situado a 1.080 metros de altitude, onde é possível ter uma vista panorâmica de todo o vale da Serra Dourada e da cidade de Goiás. Abaixo apresentamos algumas imagens para exemplificar o *corpus*.



Figura 2 – Pequi, o ouro do Cerrado. Fonte: <http://aldeiatem.com/post/7593/pequi-o-ouro-do-cerrado>



Figura 3 – Formações rochosas. Fonte: Acervo pessoal.



Figura 4 – Areia Colorida. Fonte: [http://v.i.uol.com.br/album/guia/cidadedegoias\\_f\\_030.jpg](http://v.i.uol.com.br/album/guia/cidadedegoias_f_030.jpg)



Figura 5 – Ipê Amarelo. Fonte: <http://blog.giulianaflores.com.br/arranjos-e-flores/ipe-de-jardim/>



Figura 6 – Bromélia. Fonte: <http://mossamedessustentavel.blogspot.com.br>



Figura 7 – Pau-papel. Por João de Deus Medeiros. Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Flickr - Jo%C3%A3o de Deus Medeiros - Tibouchina papyrus.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Flickr_-_Jo%C3%A3o_de_Deus_Medeiros_-_Tibouchina_papyrus.jpg)



Figura 8 – Flora do Cerrado. Por: João Caetano. Fonte: <http://mossamedessustentavel.>



Figura 9 – Orquídea. Fonte: <http://blog.plaenge.com.br/16/01/2014/orquidea-sem-segredos/>

Dentre as inúmeras paisagens da reserva, destaca-se a Pedra Goiana, Figura 10 (p. 32), a 1050 metros de altitude, monumento natural que é considerado um símbolo do Estado de Goiás e que levou mais de 700 milhões de anos para ser esculpida. É uma formação rochosa que atrai turistas de todo o país e do mundo e que, em 1965, foi derrubada por alguns estudantes da cidade de Goiás.

Segundo o ex-prefeito de Mossâmedes, Lyncon Ferreira da Cunha, a violência ocorreu após o desmembramento dos municípios devido a uma dúvida em relação à localização da Pedra, já que a mesma está situada na divisa entre os municípios de Mossâmedes e Goiás. Conforme Lyncon, o IBGE localizou a Pedra na região de Mossâmedes. Para resgatar esse símbolo natural, a UFG, juntamente com as prefeituras das duas cidades, tem um projeto com o objetivo de reerguer a Pedra, patrimônio que representa parte da história e da cultura do estado de Goiás.



Figura 10 – Pedra Goiana. Fonte: <http://alobairrodemetria.blogspot.com.br/2010/10/uma-homenagem-ao-cerrado.html>

Através do histórico da cidade de Mossâmedes e da riqueza descrita e demonstrada nas figuras, durante o decorrer do primeiro capítulo, podemos observar uma relação com o Diário que será apresentado no segundo capítulo, pois é uma forma de visualizar de forma mais clara a região evidenciada nos manuscritos. Desse modo, as informações histórico-ambientais resgatadas nesta seção são imprescindíveis para a compreensão do *corpus*.

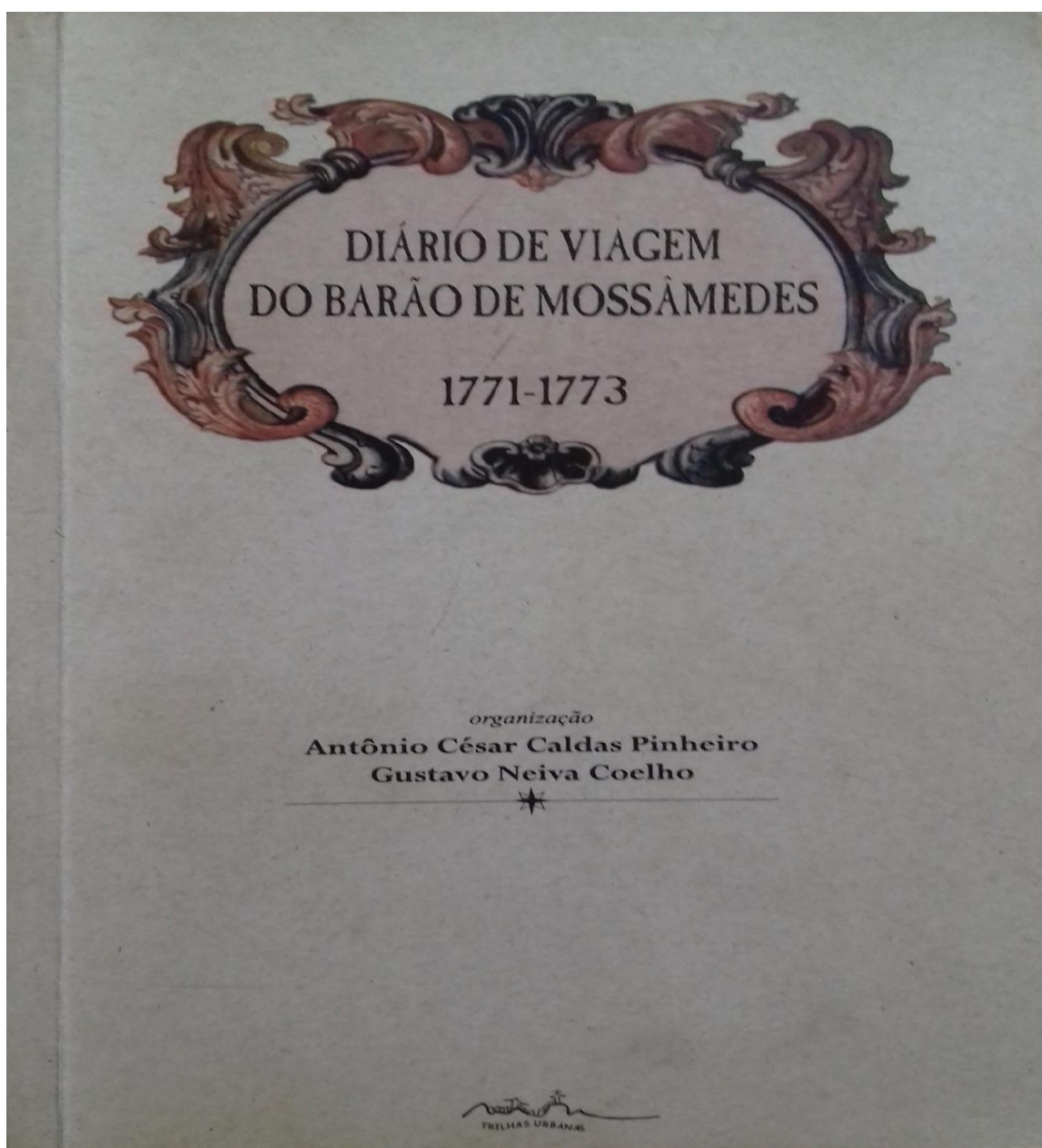
Uma das justificativas de se escrever um capítulo de História e contextualização dessa época está no fato de estudarmos um manuscrito, constituído por 63 fólios, visto que em conformidade com Acioli (1994):

O documento manuscrito é considerado a mola-mestra da História. É indiscutível que ele proporciona recursos inestimáveis ao historiador, representando o melhor testemunho do passado, fonte direta de informação básica para o estudo da História. A interpretação do fato histórico depende do conjunto de documentos de que se dispõe, do mesmo modo que a interpretação dos documentos históricos depende do conhecimento paleográfico do historiador. Para que o documento seja bem interpretado, é necessário que antes tenha sido bem analisado e criticado sob o ponto de vista paleográfico (ACIOLI, 1994, p. 1).

O *corpus* manuscrito explica a proximidade entre a Paleografia e a História, ciências complementares e importantes para o entendimento do passado, pois uma boa interpretação dos documentos históricos está vinculada aos conhecimentos paleográficos do historiador, como veremos no capítulo 2. Descreveremos também os principais aspectos da obra impressa do *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*, editada pelos autores Pinheiro e Coelho em 2006, pela Editora Trilhas Urbanas, na cidade de Goiânia – Goiás e alguns traços paleográficos que perpassam pelo manuscrito.

## 2. O DIÁRIO DE VIAGEM DO BARÃO DE MOSSÂMEDES

Doce amigo. Suave amigo. Companheiro silencioso que nos acompanha por toda a vida. Lenitivo e arrimo nas dificuldades, no acúmulo do conhecimento que se propaga no pensamento. Luz na escuridão da ignorância. Tanta importância tem você, amigo. Na sua humildade, na sua aparente solidão e abandono, você esconde um mundo bem profundo de segredos e magias nas quimeras de todos os tempos. Seara de luz. Só mesmo você, amigo livro, me conduz com segurança em meio aos meus tropeços. Queria louvá-lo com doces e infintas palavras para ilustrar o seu legado tão pleno. Assim eu me calo e, sereno, evoco a magia de todos os luares e as manhãs infinitas, da cor do diamante, para expressar a sua eternidade. (CURADO, 2009, p. 10)



Apresentamos, neste capítulo, uma descrição do livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*, organizado por Pinheiro e Coelho (2006), e uma revisão e análise da edição realizada pelos mesmos, destacando alguns aspectos de ordem filológica e paleográfica, como os erros de leitura, a falta de rigor dos critérios adotados para a edição dos manuscritos, as abreviaturas que não foram contempladas no livro e, por fim, proporcionamos um breve estudo das consoantes geminadas.

## **2.1 Descrição da obra impressa**

O *corpus* deste trabalho é constituído por um Diário com 63 fólios (somente frente, denominado na Filologia de recto), que descreve as viagens realizadas pelo Barão de Mossâmedes. Para que assumisse o cargo de governador, Dom José de Almeida visitou e conheceu toda a região que seria administrada por ele. Sendo assim, através desse Diário, podemos conhecer alguns aspectos da região de Goiás nas últimas décadas do século XVIII, como os caminhos, os arraiais, a organização militar, a divisão civil, os embates com os indígenas, o estado das minas, a situação econômica em relação à produção aurífera e à produção agrícola.

Conforme Pinheiro e Coelho (2006), os organizadores do livro, há uma considerável diferença na grafia empregada no Diário. Por isso, segundo os autores mencionados, o Diário foi escrito por dois escribas, o ajudante-de-ordens Thomas de Souza Villa Real, geógrafo e autor de um mapa dos julgados da capitania de Goiás, que acompanhou o governador nas viagens; e, sobre o outro escriba, não há dados que possam identificá-lo. A respeito da cópia original do Diário, se tem notícia de uma no Arquivo da Biblioteca da Universidade de Coimbra, em Portugal, e outra cópia no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

O Diário é dividido em duas partes. A primeira inicia-se no fólio 1r até o fólio 26r e relata a viagem do Barão de Mossâmedes da cidade do Rio de Janeiro à capital de Goiás, na companhia do governador mato-grossense Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em que há uma descrição do percurso realizado, com menção a pousos, rios e acidentes geográficos mais relevantes.

A segunda parte, dos fólios 27r ao 61r, descreve a região de Goiás que seria administrada pelo Barão. Por isso, são apresentados os arraiais, as organizações militares, a administração temporal e eclesiástica e a situação econômica da capitania. O fólio 62r faz menção à localização de Goiás, indicando os estados de confronto geográfico desta capitania,

e o fólho 63r traz o juramento de vassalagem de Abué Noná e Acabidu Ani, respectivamente das tribos Karajá e Javaé.

O livro de Pinheiro e Coelho (2006) apresenta uma análise paleográfica do Diário, a edição *fac-símile* na página esquerda e a edição semidiplomática justalinear dos manuscritos na página direita (Anexo A, p. 216), e um Glossário de algumas abreviaturas que constam neste documento. Esta análise paleográfica traz, além de um breve comentário histórico, alguns aspectos referentes à autoria do Diário, aos aspectos gráficos da escrita do escriba Thomas de Souza Villa Real e do outro escriba, e as normas técnicas utilizadas na transcrição.

Pinheiro e Coelho (2006) escolheram esta edição porque não são filólogos e o viés linguístico e filológico não é tão relevante para o trabalho dos mesmos, os acontecimentos é que merecem destaque nos estudos da História. A nossa pesquisa parte de um estudo realizado por historiadores, porém é um estudo de língua e, por este fato, surge a necessidade de um olhar linguístico e filológico para o mesmo *corpus*.

É oportuno salientar que o livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*, de Pinheiro e Coelho (2006), se diferencia do Diário em si, pois aquele é uma análise deste realizada pelos historiadores que organizaram a obra. E o nosso objetivo é estudar especificamente o Diário.

Em relação ao gênero Diário, Blanchot (1987, p. 19) afirma que “quem fala conserva um nome e fala em seu nome, e a data que se inscreve é a de um tempo comum em que o que acontece acontece verdadeiramente”. Sendo assim, o Diário não é apenas confissão, relato de primeira pessoa, é comparado a um memorial. “O Diário enraíza o movimento de escrever no tempo, na humildade do cotidiano datado e preservado por sua data” (BLANCHOT, 1987, p. 20). Dessa forma, o Diário analisado nos possibilita adentrar no tempo e na região a que ele faz menção, trazendo a memória daqueles que vivenciaram os acontecimentos registrados nos textos.

## **2.2 Problemas de leitura paleográfica em edições viciadas**

A edição de manuscritos facilita a leitura dos textos, tornando-os mais acessíveis às pessoas que desejam conhecer a história neles descrita. Dentre as edições existentes, consideramos a edição diplomática, a semidiplomática, a justalinear e a modernizada que podem concorrer em um mesmo documento. As edições diplomática e semidiplomática têm como objetivo manter as características originais do documento. Mesmo assim, a primeira é

mais conservadora e fiel linguisticamente ao texto original. A versão semidiplomática pode conter algumas intervenções do editor, por exemplo, o desenvolvimento de abreviaturas, que é marcado em itálico ou sublinhado; e interferências explicativas no interior do texto.

A edição justalienar conserva o alinhamento original do texto, respeitando o final da linha e o início da linha seguinte, oferecendo um formato semelhante ao manuscrito. Já na edição modernizada, temos algumas adaptações com o intuito de amenizar as dificuldades de leitura; por isso, alguns caracteres e aspectos do documento são atualizados.

Como já foi citado, o livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773* traz a edição semidiplomática justilinear dos documentos, realizada pelos autores Pinheiro e Coelho (2006). As normas técnicas utilizadas para a edição desses manuscritos foram fundamentadas nas “Normas técnicas para transcrição paleográfica de textos brasileiros”, elaborada por João Eurípedes Franklin Leal, e em outras normas descritas no livro:

1. A transcrição obedeceu ao modelo de translineação, com numeração sequencial de cinco em cinco, seguindo o escrito em cada folha;
2. As páginas foram numeradas com numeração entre colchetes;
3. A grafia foi mantida fiel ao manuscrito;
4. A divisão paragrafada do original foi respeitada;
5. As abreviaturas foram mantidas, sendo contempladas em um glossário aquelas de maior dificuldade;
6. A acentuação e a pontuação foram mantidas conforme o original, excetuando-se aquelas para as quais não havia caracteres adequados;
7. As palavras indevidamente grafadas unidas foram separadas, mantendo-se apenas aquelas que não dificultassem a leitura, como, por exemplo, os pronomes enclíticos;
8. As letras maiúsculas foram mantidas tais como no original, mesmo em lugares indevidos;
9. Foram mantidas, como no original, as palavras indevidamente escritas com letras minúsculas;
10. As palavras de leitura duvidosa foram transcritas seguidas de interrogação entre colchetes [?];
11. As anotações autógrafas presentes na margem foram inseridas no texto entre os sinais < >, esclarecendo-as, quando possível, em notas de rodapé;

12. As palavras grafadas com omissão de letras, supressão ou troca de sílabas, omissões e repetições, foram transcritas exatamente como no original por mais estranhas que fossem, colocando-se à sua frente, entre colchetes, a palavra latina [sic].

Considerando as normas acima, a edição de Pinheiro e Coelho (2006) contém algumas características que não são confiáveis para um estudo linguístico e lexical, já que percebemos na transcrição alguns desvios na grafia, na acentuação e na pontuação do documento original. Acioli (1994) destaca a respeito das edições viciadas que trazem muitos erros de leitura paleográfica:

Problemas sérios têm sido enfrentados por historiadores que se fiam cegamente nas publicações de textos raros, comuns nos livros e revistas de História. O confronto dos originais com as suas transcrições tem demonstrado quão viciadas são muitas dessas edições, por vários erros de leitura paleográfica. Por isso, julga-se como o melhor processo de divulgação de textos manuscritos as edições em fac-símile por oferecerem, ao pesquisador escrupuloso, oportunidade de análise; este, quando acostumado à prática de leitura do manuscrito, poderá discernir, mesmo numa cópia impressa de um texto, os erros introduzidos na transcrição em consequência da má interpretação na leitura de um documento (ACIOLI, 1994, p. 1).

Por isso, fizemos uma análise dessa edição conforme as “Normas para Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil”, elaboradas pelos filólogos Heitor Megale, César Nardelli Cambraia, Gilvan Muller de Oliveira, Marcelo Módolo, Permínio Ferreira, Sílvio de Almeida Toledo Neto, Tânia Lobo e Valdemir Klamt, no segundo Seminário para a História do Português do Brasil, em 1999, e publicadas em Megale e Toledo Neto (2005). A análise teve o intuito de levantar os possíveis problemas de digitação e edição encontrados.

Faz-se mister esclarecer que não temos a cópia original, o manuscrito em si, mas uma edição limpa, sem qualquer marca do tempo e dos aspectos codicológicos, porque os organizadores do livro assim o fizeram por também não terem contato com o original.

### **2.3 Filologia e crítica textual**

A Filologia é uma ciência que se propõe a resgatar a história descrita em manuscritos, de modo a apresentar o estado de língua dos documentos para que possa servir aos estudos e

às investigações na Linguística Histórica e na Filologia. Os estudos filológicos podem ser compreendidos como todos os esforços para se fixar, interpretar, comentar, isto é, aproximar um texto de seu autor aos leitores, facilitando uma maior compreensão da palavra escrita em um determinado espaço temporal por um público localizado em outro espaço de tempo. Por isso, esses estudos exigem rigor e exaustividade.

Acioli (1994, p. 2) evidencia as múltiplas dificuldades de leitura inerentes ao texto manuscrito que comprovam o trabalho exaustivo do filólogo: “forma gráfica diversa da atual; descuidos de redação; falta de clareza na exposição do assunto; abreviaturas; sistemas de numeração, unidades de peso e medida e sistema monetário pouco conhecidos”. Além disso, a autora também cita “as manchas, corrosão por traças e pela tinta, ação do calor, água, umidade e manuseio” como obstáculos para a precisão dos estudos de documentos manuscritos.

É necessário “olhar a linguagem como uma realidade histórica e, portanto, vinculada intimamente à vida social e cultural dos falantes” (FARACO, 1991, p. 06). A Filologia permite ao filólogo reconstituir, baseado em documentos, a cultura de um povo em determinado período. Sendo assim, podemos afirmar que a Filologia aproxima-se da História, conforme discutido por Fachin (2008):

a leitura de documentos manuscritos com vistas à edição semidiplomática, que preserva o estado de língua em que foram escritos, ao mesmo tempo, que tenta facilitar a sua leitura, reparando problemas decorrentes de cópias ou de deteriorações diversas, supõe conhecimentos filológicos e critérios rigorosos (FACHIN, 2008, p. 19).

O filólogo é responsável por “habituar-se às características materiais do documento, pois o estado de conservação do papel, da qualidade da tinta utilizada e da caligrafia empregada pode variar o seu grau de legibilidade, acarretando grandes dificuldades no processo de leitura e edição” (FACHIN, 2008, p. 19). Devido a essas características de um documento manuscrito, o trabalho do filólogo é árduo e exaustivo. Para comprovar o trabalho intenso de um filólogo, destacamos as palavras de Melo (1952):

Urge que o filólogo e o linguísta procurem conhecer a língua, isto é, os textos, e não os gramáticos, muito menos os gramatiqueros: conhecer a língua, estudando-a com olhos de técnico e com olhos de artista. Sem dúvida é muito mais fácil conhecer meia dúzia de compêndios rançosos e sonolentos do que conhecer a língua diretamente, pelos seus documentos e

monumentos, - o que demanda uma vida inteira de devoção, - *mas é este o único e verdadeiro caminho do filólogo* (MELO, 1952, p. 53 *apud* CAMBRAIA, 2005, p. 34) (grifo do autor).

O filólogo necessita de um olhar atento e minucioso sobre cada aspecto do documento para não cometer erros de edição e comprometer os estudos de outros pesquisadores. O editor não deve, portanto, interferir e corrigir descuidos ou erros verificados nos manuscritos. Cabe ao filólogo apenas advertir em uma nota de rodapé os deslizamentos linguísticos do autor.

Santiago-Almeida *et al.* (2011, p. 236) resume o conceito de Filologia em dois caminhos, que não são necessariamente contraditórios entre si. No primeiro, mais amplo, “a Filologia se dedica ao estudo da língua em toda a sua plenitude – linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc. E tem como objeto o texto escrito, literário e não literário”. No segundo, mais estreito, a ciência “se concentra no texto escrito, primordialmente literário, para estabelecê-lo, fixá-lo, restituindo-lhe à sua genuidade e prepará-lo para publicação”.

É neste último que se constitui o conceito de crítica textual, que tem como objeto de estudo o texto escrito, manuscrito ou impresso. E as duas perspectivas estão presentes em nosso estudo, mesmo que de maneira preliminar, para que possa ser posteriormente aprofundado.

Para Cambraia (2005, p. 19), o objetivo primordial da crítica textual é a restituição da forma genuína dos textos, sendo que “a contribuição mais evidente e importante da crítica textual é a *recuperação do patrimônio cultural escrito* de uma dada cultura” (grifo do autor). Dessa forma, a edição de manuscritos serve como instrumento de preservação e testemunho de existência cultural, pois permite a recuperação das tradições, da história e da cultura de determinada comunidade em um dado período, constituindo, assim, sua identidade, um retrato linguístico de um povo.

Seguindo os estudos de Santiago-Almeida *et al.* (2011), os *corpora* primários da crítica textual são os textos literários e os *corpora* secundários são os textos não literários (históricos, religiosos, jurídicos), e é nesse viés que a Filologia ou a Crítica Textual entrelaça com a História e a Literatura. Ademais, a Codicologia (estudo dos documentos manuscritos ou impressos, em pergaminho, papel ou outros suportes, em formato de códice ou folhas soltas), a Diplomática (analisa os aspectos formais dos documentos solenes: autenticidade, data em que foi escrito) e a Paleografia (estudo da escrita antiga, a arte de decifrar e transcrever manuscritos) são ciências complementares e auxiliam o trabalho do filólogo e do editor crítico.

No entanto, a Paleografia é essencial para a compreensão da história e da cultura das comunidades antigas, porque a partir da decifração conseguimos dados importantes dos documentos manuscritos. Spina (1977) cita quatro formas de reprodução de um texto: reprodução mecânica, diplomática, transcrição diplomático-interpretativa e texto crítico.

Segundo Acioli (1994), os estudos paleográficos surgiram no século XVII, na Alemanha. Entretanto, no Brasil, somente no século XX ganharam força e espaço dentro das universidades, quando foi incluída a disciplina Paleografia como disciplina complementar na graduação em História. Mesmo assim, ainda há uma carência do aprofundamento desta ciência no curso de Letras, já que os estudos paleográficos são importantes para a pesquisa da língua em épocas distantes no tempo.

Acioli (1994, p. 6) enumera as condições para a leitura perfeita de um documento: conhecer as letras e todas as formas gráficas antigas – sinais braquiográficos (classes de abreviaturas), sinais etimológicos (ortografia e pontuação), sinais diacríticos (acentuação), numerais, sinais criptográficos (sinais ocultos, escrita cifrada); determinar o tempo e o lugar onde foi redigido o documento; anotar os erros e adulterações que possa conter o manuscrito.

Em relação aos aspectos de ordem gráfica, a escrita do *corpus* em estudo é cursiva, denominada por Acioli (1994) como *littera epistolaria*, letras corridas traçadas sem folga da mão, dessa maneira, a leitura se torna mais complicada por haver lexias ligadas umas na outra e lexias escritas separadamente. Observamos nos sinais etimológicos, sinais de pontuação, a presença de pausas na leitura indicadas por um travessão oblíquo ( / ) no fólio 2r e por travessões duplos ( // ) no fólio 27r, Anexo B (p. 217).

Dentro da amplitude filológica, notamos a utilização de reclames, também denominados reclusos ou chamadeiras por Acioli (1994), técnica que consistia em escrever a última lexia da página ou as letras iniciais da lexia no início da página seguinte com o intuito de organizar os fólhos. Esse procedimento auxiliava o leitor a não perder a sequência do texto ao mudar de página, haja vista que o reclame servia como continuação do assunto tratado na última página. O emprego de reclames pode ser observado nos fólhos 2r-3r, 40r-41r, 46r-47r – Anexo C (p. 218).

Tendo em vista a preservação fiel da história da cultura goiana contida nesse Diário, apontamos os possíveis erros de digitação e edição, organizados em uma tabela para a melhor visualização dessas falhas. A marcação dos fólhos é sempre representada pela letra “r”, recto, já que o documento não apresenta verso. Na primeira coluna estão as grafias das lexias

conforme o manuscrito, na segunda reproduzimos as grafias segundo a edição de Pinheiro e Coelho (2006) e na terceira indicamos a página do livro, o fólho do manuscrito.

Apesar de ser um conceito postulado por Megale e Toledo Neto (2005), as linhas não serão identificadas, haja vista que a edição fez a numeração das mesmas de 5 em 5, contudo encontramos algumas que não condizem com a computação adequada. Dessa forma, optamos por não fazer a localização das lexias através das linhas, pois embora seja importante ressaltar alguns aspectos filológicos do nosso *corpus*, por se tratar de um Diário manuscrito que serve para outros estudos linguísticos, este não é o foco desta pesquisa.

<b>Grafia no manuscrito</b>	<b>Grafia na edição</b>	<b>Página, fólho</b>
Particulares	particulares	p. 23, fólho 1r
de duzidas	de duzida	p. 23, fólho 1r
Sua	sua	p. 23, fólho 1r
bóa	boa	p. 23, fólho 1r
offícios	officios	p. 23, fólho 1r
copias	cópias	p. 23, fólho 1r
Diario	Diário	p. 23, fólho 1r; p. 75, fólho 27r
ordinarias	ordinárias	p. 23, fólho 1r
habil	hábil	p. 25, fólho 2r
pestiferos	pestíferos	p. 25, fólho 2r
Áres	áres	p. 25, fólho 2r
Excellentissimos	excellentissimos	p. 25, fólho 2r
aonde	aonda	p. 25, fólho 2r
visse	Visse	p. 25, fólho 2r
he	hé	p. 27, fólho 3r
familia	família	p. 27, fólho 3r
Vigario	Vigário	p. 27, fólho 3r
decem-s.	decem	p. 27, fólho 3r
Morros	morros	p. 29, fólho 4r; p. 69, fólho 24r
Paraiba	Paraíba	p. 29, fólho 4r

Barca	Bárca	p. 29, fólio 4r
hé	he	p. 29, fólio 4r; p. 55, fólio 17r; p. 95, fólio 37r
tambem	também	p. 29, fólio 4r; p. 41, fólio 10r; p. 81, fólio 30r; p. 83, fólio 31r
capitania	Capitania	p. 31, fólio 5r
aqui	Aqui	p. 31, fólio 5r; p. 43, fólio 11r
dE	de	p. 31, fólio 5r
renda	rende	p. 31, fólio 5r
citio	Citio	p. 33, fólio 6r
acompanharam	acompanhavam	p. 35, fólio 7r
foy	foý	p. 35, fólio 7r; p. 45, fólio 12r; p. 49, fólio 14r; p. 77, fólio 28r; p. 89, fólio 34r; p. 91, fólio 35r
eaqui	ea qui	p. 35, fólio 7r
ja	já	p. 35, fólio 7r; p. 81, fólio 30r; p. 113, fólio 46r
fazenda	Fazenda	p. 37, fólio 8r
Caranday <sup>3</sup>	Carandaý	p. 37, fólio 8r
Ribeyram	Ribeiram	p. 37, fólio 8r
Ribeyrao	Ribeyra	p. 37, fólio 8r
Bandeyrinha	Bandeirinha	p. 37, fólio 8r
maú	máu	p. 39, fólio 9r
Ranchos	ranchos	p. 39, fólio 9r
Missa	missa	p. 39, fólio 9r
tres	seis	p. 39, fólio 9r
boas	Boas	p. 41, fólio 10r
Fundicão	Fundição	p. 41, fólio 10r; p. 43, fólio

<sup>3</sup> A letra y, da palavra Caranday, apresenta acento circunflexo na grafia do manuscrito.

		11r; p. 101, fólio 40r
dali	dalli	p. 41, fólio 10r
estár	estar	p. 41, fólio 10r
Em	em	p. 41, fólio 10r
tres	trés	p. 41, fólio 10r; p. 43, fólio 11r; p. 45, fólio 12r; p. 49, fólio 14r; p. 51, fólio 15r; p. 53, fólio 16r; p. 57, fólio 18r; p. 59, fólio 19r; p. 61, fólio 20r; p. 63, fólio 21r; p. 65, fólio 22r; p. 67, fólio 23r; p. 69, fólio 24r; p. 71, fólio 25r; p. 87, fólio 33r
branca	Branca	p. 41, fólio 10r
terrivel	terrível	p. 41, fólio 10r
passa-se	pássa-se	p. 43, fólio 11r; p. 55, fólio 17r
sáber	saber	p. 45, fólio 12r
encontrou	emcontrou	p. 45, fólio 12r
Janeyro	Janeiro	p. 45, fólio 12r
Jagoará	Jágoará	p. 45, fólio 12r
magnifica	magnífica	p. 45, fólio 12r
varios	vários	p. 45, fólio 12r
óras	oras	p. 47, fólio 13r
as	á	p. 47, fólio 13r
ves	vez	p. 47, fólio 13r
pello	pelo	p. 47, fólio 13r
novaecitio	Nova, citio	p. 47, fólio 13r
Criam	criam-se	p. 51, fólio 15r
grandissimos	grandíssimos	p. 51, fólio 15r
a	á	p. 55, fólio 17r; p. 109, fólio 44r

verdadeyramente	verdadeýramente	p. 55, fólio 17r
da	das	p. 55, fólio 17r
de	des	p. 55, fólio 17r
náo	não	p. 55, fólio 17r
quatro	quatrto	p. 57, fólio 18r
Vomitorio / vomitorio	Vomitório / vomitório	p. 57, fólio 18r
vay	vaý	p. 57, fólio 18r
effluvios	efflúvios	p. 57, fólio 18r
munto	muito	p. 57, fólio 18r
tera	terá	p. 57, fólio 18r; p. 65, fólio 22r
agente	a gente	p. 57, fólio 18r
delargo	de largo	p. 57, fólio 18r
maús	máus	p. 57, fólio 18r
Arrayal	Arraial	p. 59, fólio 19r
mas	más	p. 59, fólio 19r
as	ás	p. 59, fólio 19r
magnificas	magníficas	p. 59, fólio 19r
horas	Horas	p. 59, fólio 19r
manhaâ	Manhaâ	p. 59, fólio 19r
pella	pela	p. 59, fólio 19r
Lopes	Lópes	p. 61, fólio 20r
sufficiente	suficiente	p. 61, fólio 20r
Regueyro	Regueiro	p. 63, fólio 21r
são	sao	p. 63, fólio 21r
ha	há	p. 63, fólio 21r; p. 95, fólio 37r
sómente	só mente	p. 63, fólio 21r
com	Com	p. 65, fólio 22r
Madeyra	Madeýra	p. 65, fólio 22r
Tapurá	Tapuvá	p. 65, fólio 22r
ao	ap	p. 65, fólio 22r

Furriel mor	Furriel-mor	p. 67, fólio 23r
pellos	pelos	p. 67, fólio 23r
Ponte	Pontes	p. 67, fólio 23r
antecedente	ántecedente	p. 67, fólio 23r
chaveyro	Chaveyro	p. 67, fólio 23r
Meyaponte	Meýaponte	p. 69, fólio 24r
Jeragoâ	Jeragoá	p. 69, fólio 24r
por	por por	p. 69, fólio 24r
destes	desses	p. 71, fólio 25r
Orúu	Oruû	p. 71, fólio 25r
villa Boa	Vill Boa	p. 71, fólio 25r
Brigadeyro	Brigadeiro	p. 71, fólio 25r
Na	na	p. 71, fólio 25r
Camera	Cámara	p. 73, fólio 26r
debayxo	debaixo	p. 73, fólio 26r; p. 83, fólio 31r; p. 93, fólio 36r; p. 99, fólio 39r
Pallacio	Pallácio	p. 73, fólio 26r
Emcamizada	Encamizada	p. 73, fólio 26r
Poeticas	Poéticas	p. 73, fólio 26r
dancas	danças	p. 73, fólio 26r
Saráu	sarau	p. 73, fólio 26r
Inspeccoens	Inspecçoens	p. 75, fólio 27r
Capitania	Capitânia	p. 75, fólio 27r
Povoacam	Povoaçam	p. 75, fólio 27r
antiquissimo	antiquíssimo	p. 75, fólio 27r
metál	metal	p. 75, fólio 27r
anno	nano	p. 77, fólio 28r
villa	Villa	p. 77, fólio 28r
conducam	conduçam	p. 79, fólio 29r
Corrego	Córrego	p. 79, fólio 29r
aquelle	daquelle	p. 79, fólio 29r

País	Paíz	p. 79, fólio 29r
motivos	motivo	p. 81, fólio 30r
ali	alí	p. 81, fólio 30r; p. 83, fólio 31r
Excelencia	Excellencia	p. 81, fólio 30r; p. 83, fólio 31r; p. 87, fólio 33r; p. 89, fólio 34r; p. 91, fólio 35r; p. 93, fólio 36r; p. 95, fólio 37r; p. 101, fólio 40r
familias	famílias	p. 83, fólio 31r
dezejavam	desejavam	p. 83, fólio 31r
vinte hum	vinte e hum	p. 83, fólio 31r
Matrís	Matrîz	p. 83, fólio 31r
alistár	alistar	p. 83, fólio 31r
reformou-a	reformou-as	p. 83, fólio 31r
Pracas	Praças	p. 83, fólio 31r
crixás	Crixás	p. 85, fólio 32r
Ouvio	Ouviu	p. 85, fólio 32r
emcamizadas	encamizadas	p. 85, fólio 32r
direçcam	direçam	p. 87, fólio 33r
notavel	notável	p. 87, fólio 33r
Equinopcial	Equinocial	p. 87, fólio 33r
Belem	Belém	p. 89, fólio 34r
Intendencia	Intendência	p. 89, fólio 34r
Villa boa	Villa Boa	p. 89, fólio 34r
da	na	p. 89, fólio 34r
Fazenda	fazenda	p. 91, fólio 35r
vezinhancas	vezinhanças	p. 91, fólio 35r
dicerao	dicerão	p. 91, fólio 35r
e outros	e o outros	p. 91, fólio 35r
Republicáños	Republicanos	p. 93, fólio 36r
Matris	Matriz	p. 93, fólio 36r

consentimento	consentimento	p. 93, fólio 36r
minima	mínima	p. 93, fólio 36r
oração	oração	p. 93, fólio 36r
officiaes	Officiaes	p. 93, fólio 36r
chegar	chegar	p. 97, fólio 38r
Córrego	Corrego	p. 97, fólio 38r
preto	Preto	p. 99, fólio 39r
espírito	Espírito	p. 99, fólio 39r
neste	nesse	p. 99, fólio 39r
cavalos	cavalços	p. 103, fólio 41r
disposição	diposição	p. 103, fólio 41r
quasi	quase	p. 103, fólio 41r
cauzou	Cauzou	p. 103, fólio 41r
Alves	Alvés	p. 105, fólio 42r
fes	fés	p. 105, fólio 42r; p. 109, fólio 44r; p. 121, fólio 50r; p. 129, fólio 54r; p. 139, fólio 59r
praticam	particam	p. 105, fólio 42r
Ferras	Ferrás	p. 107, fólio 43r
fés	fez	p. 107, fólio 43r
foi	fou	p. 107, fólio 43r
ordens	Ordens	p. 109, fólio 44r
huá	hua	p. 109, fólio 44r
continente	Continente	p. 109, fólio 44r
Arrayaes	Arrayais	p. 109, fólio 44r
poder	Poder	p. 111, fólio 45r
deconhecida	de conhecida	p. 111, fólio 45r
satisfação	satisfação	p. 111, fólio 45r
trem	trém	p. 111, fólio 45r
delegoa e meia	de legoa	p. 113, fólio 46r
the	thé	p. 113, fólio 46r

comp. <sup>a</sup>	comap. <sup>a</sup>	p. 113, fólio 46r
á	a	p. 117, fólio 48r
areza	a rezão	p. 117, fólio 48r
se	de	p. 119, fólio 49r
demoradores	de moradores	p. 119, fólio 49r
pella	plla	p. 119, fólio 49r
Arraias	Arrayás	p. 121, fólio 50r
Extravio	Extravîo	p. 123, fólio 51r
Tagatinga	Tagoatinga	p. 123, fólio 51r
chapéo	chapeo	p. 125, fólio 52r
agoa	água	p. 125, fólio 52r
confecou	confeçou	p. 127, fólio 53r
decorreição	de correição	p. 131, fólio 55r
nomes	no mês	p. 131, fólio 55r
nome	o nome	p. 133, fólio 56r
situação	situação	p. 135, fólio 57r
alguma ortalice	ortalice	p. 143, fólio 61r
Esta	Está	p. 143, fólio 61r
imformado	informado	p. 143, fólio 61r
Grán	Grám	p. 145, fólio 62r
e	w	p. 145, fólio 63r
fala	fla	p. 145, fólio 63r

Tabela 1 – Erros de digitação na edição do *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes*.

Por não existir ainda àquela época um acordo ortográfico formalizado, foi possível encontrar no *corpus*, na edição *fac-símile*, duas grafias distintas para a mesma lexia, como, por exemplo, em *cavalleyros* (p. 87, fólio 33r) e *cavalleiros* (p. 103, fólio 41r), *Citio* (p. 33, fólio 6r) e *Sitio* (p. 105, fólio 42r), *Arraias* (p. 103, fólio 41r) e *Arrayal* (p. 35, fólio 7r), *Excellencia* (p. 73, fólio 26r) e *Excelencia* (p. 91, fólio 35r), *Justiça* (p. 101, fólio 40r) e *Justissas* (p. 65, fólio 22r), *Ribeyram* (p. 95, fólio 37r) e *Ribeirão* (p. 59, fólio 19r), *Ordemnanças* (p. 35, fólio 7r) e *Ordenanças* (p. 85, fólio 32r), *Ministro* (p. 103, fólio 41r) e *Menistros* (p. 25, fólio 2r), *oficiaes* (p. 105, fólio 42r) e *officiaes* (p. 25, fólio 2r), *marge* (p. 107, fólio 43r) e *margem* (p. 109, fólio 44r), *mediannas* (p. 61, fólio 20r) e *medianas* (p. 63,

fólio 21r), *manham* e *manhaâ* (p. 57, fólio 18r), *providencias* (p. 93, fólio 36r) e *providência* (p. 93, fólio 36r), *Riachos* (p. 67, fólio 23r) e *Reachos* (p. 65, fólio 22r), *socego* (p. 111, fólio 45r) e *sucego* (p. 93, fólio 36r), *ocupavam* (p. 83, fólio 31r) e *ocupavaõ* (p. 83, fólio 31r). Estas ocorrências comprovam a inconstância da grafia daquela época. Faria (1970) ressalta que:

Pela relativa pouca importância dada no período clássico às questões de ortografia, não havia ainda neste tempo um sistema uniforme de escrita seguido por todos os escritores, o que, aliás, jamais se verificou em latim. Segundo o testemunho de inscrições desta época, consignam-se não só variantes de grafia de uma epígrafe para outra, mas até numa única e mesma inscrição. Em geral, eram dois os critérios adotados em matéria ortográfica, como ainda acontece nos tempos modernos: ou se procurava grafar o vocábulo atendendo-se à sua origem (critério etimológico), ou se tinha a preocupação de reproduzir pura e simplesmente a pronúncia corrente (critério fonético) (FARIA, 1970, p. 118).

Portanto, as grafias diferentes para a mesma lexia no Diário analisado estão justificadas no fato de a ortografia naquela época não ter tanta relevância e, por isso, não existir um acordo de escrita uniforme, o que fez com que os escribas grafassem as lexias ora conforme o critério etimológico (origem da lexia), ora segundo o critério fonológico (pronúncia da lexia). Enfim, embora houvesse um conhecimento normativo da língua, essas ocorrências e oscilações eram previstas na época.

É válido fazermos uma ressalva em relação às normas utilizadas por Pinheiro e Coelho (2006) para a edição dos manuscritos, já que na edição algumas normas não foram respeitadas. Os autores utilizaram a norma “4 – A divisão paragrafada do original foi respeitada” para a edição do Diário, porém encontramos uma alteração na página 31, fólio 5r, em que a lexia “e” na edição é transposta para o início da próxima linha. Localizamos outro exemplo que desvia desta norma na página 37, fólio 8r, em que a lexia *Carijôs*, separada em duas linhas, foi unida na mesma linha, alterando a paragrafação do manuscrito.

Observamos, ainda, um desvio em relação à Norma “6 – A acentuação e a pontuação foram mantidas conforme o original, excetuando-se aquelas para as quais não havia caracteres adequados” quando a lexia foi acentuada na edição e no manuscrito não havia acento, como em *cópias* (p. 23, fólio 1r), *Diário* (p. 23, fólio 1r; p. 75, fólio 27r), *ordinárias* (p. 23, fólio 1r), *hábil* (p. 25, fólio 2r), *pestíferos* (p. 25, fólio 2r), *hé* (p. 27, fólio 3r), *família* (p. 27, fólio 3r), *Vigário* (p. 27, fólio 3r), *Paraíba* (p. 29, fólio 4r), *Bárca* (p. 29, fólio 4r), *também* (p. 29, fólio 4r; p. 41, fólio 10r; p. 81, fólio 30r; p. 83, fólio 31r), *foý* (p. 35, fólio 7r; p. 77, fólio 28r;

p. 89, fólio 34r), *já* (p. 35, fólio 7r; p. 81, fólio 30r; p. 113, fólio 46r), *três* (p. 41, fólio 10r; p. 43, fólio 11r; p. 45, fólio 12r; p. 49, fólio 14r; p. 51, fólio 15r; p. 53, fólio 16r; p. 57, fólio 18r; p. 59, fólio 19r; p. 61, fólio 20r; p. 63, fólio 21r; p. 65, fólio 22r; p. 67, fólio 23r; p. 69, fólio 24r; p. 71, fólio 25r; p. 87, fólio 33r), *terrível* (p. 41, fólio 10r), *pássa-se* (p. 43, fólio 11r; p. 55, fólio 17r), *magnífica* (p. 45, fólio 12r), *vários* (p. 45, fólio 12r), *grandíssimos* (p. 51, fólio 15r), *á* (p. 55, fólio 17r; p. 109, fólio 44r), *verdadeýramente* (p. 55, fólio 17r), *Vomitório/vomitório* (p. 57, fólio 18r), *vay* (p. 57, fólio 18r), *efflúvios* (p. 57, fólio 18r), *terá* (p. 57, fólio 18r; p. 65, fólio 22r), *más* (p. 59, fólio 19r), *ás* (p. 59, fólio 19r), *magníficas* (p. 59, fólio 19r), *Lópes* (p. 61, fólio 20r), *há* (p. 63, fólio 21r; p. 95, fólio 37r), *Madeýra* (p. 65, fólio 22r), *ántecedente* (p. 67, fólio 23r), *Meýaponte* (p. 69, fólio 24r), *Cámera* (p. 73, fólio 26r), *Pallácio* (p. 73, fólio 26r), *Poéticas* (p. 73, fólio 26r), *Capitânia* (p. 75, fólio 27r), *antiquíssimo* (p. 75, fólio 27r), *Córrego* (p. 79, fólio 29r), *alí* (p. 81, fólio 30r; p. 83, fólio 31r), *famílias* (p. 83, fólio 31r), *notável* (p. 87, fólio 33r), *Belém* (p. 89, fólio 34r), *Intendência* (p. 89, fólio 34r), *dicerão* (p. 91, fólio 35r), *mínima* (p. 93, fólio 36r), *Alvés* (p. 105, fólio 42r), *fés* (p. 105, fólio 42r; p. 109, fólio 44r; p. 121, fólio 50r; p. 129, fólio 54r; p. 139, fólio 59r), *Ferrás* (p. 107, fólio 43r), *trém* (p. 111, fólio 45r), *thé* (p. 113, fólio 46r), *Arayás* (p. 121, fólio 50r), *Extravão* (p. 123, fólio 51r), *Está* (p. 143, fólio 61r).

A Norma “8 – As letras maiúsculas foram mantidas tais como no original, mesmo em lugares indevidos” também não foi seguida à risca, já que algumas lexias grafadas com letra maiúscula no manuscrito foram transcritas na edição com letra minúscula, tais como *particulares* (p. 23, fólio 1r), *sua* (p. 23, fólio 1r), *jornada* (p. 23, fólio 1r), *áres* (p. 25, fólio 2r), *excellentíssimos* (p. 25, fólio 2r), *morros* (p. 29, fólio 4r), *missa* (p. 39, fólio 9r), *em* (p. 41, fólio 10r), *sarau* (p. 73, fólio 26r), *fazenda* (p. 91, fólio 35r).

## 2.4 Estudo Paleográfico: Abreviaturas

Realizamos, também, uma análise em relação às abreviaturas encontradas no documento. Algumas das explicações para tais ocorrências seriam a falta de espaço, a escassez de papel ou pelo próprio hábito. Era e ainda é bastante comum as abreviações na escrita, não só por falta de papel ou espaço, mas além disso por outras razões, como o costume ou o estilo do escriba. Observamos que naquela época, embora já existisse um hábito e uma norma tácita, ainda não havia uma normatização ortográfica. Por isso, os escribas

abreviavam uma mesma palavra de duas maneiras e, também, abreviavam duas palavras distintas da mesma forma.

Segundo Gonçalves (2003, p. 40 *apud* Fachin, 2011, p. 32), das teorias e práticas em setecentos, “emergem quatro tipos de sistema ortográfico – etimológico, misto, filosófico e simplificado” visando a normatização da grafia da língua portuguesa. Porém, Fachin (2011, p. 32) afirma que ao se analisar as obras metaortográficas com a escrita de algumas pessoas, como “escrivães, tabeliães e de literatos quanto no de pessoas que não tinham habilidade, mas que faziam uso dessa prática casualmente, refletem a multiplicidade gráfica existente que perdurou por outros séculos”.

Por não ser o objetivo do nosso trabalho, não nos atentaremos de uma forma complexa neste estudo, contudo faz-se necessário mostrarmos mesmo que superficialmente alguns aspectos filológicos do *corpus*, já que se trata de um manuscrito do século XVIII. Assim, concordamos com Costa (2007) que:

O estudo das abreviaturas, um tema bastante relevante, principalmente para os estudiosos de textos manuscritos antigos, uma vez que é um recurso muito utilizado na escrita, é necessário e importantíssimo, já que uma boa leitura paleográfica faz-se mediante um conhecimento preciso do sistema abreviativo (COSTA, 2007, p. 83).

Para o desdobramento das abreviaturas constantes no *corpus*, nos baseamos no livro de Flexor (1991), que agrupa lexias de documentos do século XVI ao XIX e serviu como suporte para decifrar as abreviaturas. Ao realizarmos o processo de desenvolvimentos das abreviaturas, pretendemos simplificar a leitura daqueles que não conseguem identificar as lexias recorrentes no Diário, pois mesmo para aqueles com o hábito de manusear documentos setecentistas pode ser complicada a interpretação de determinadas abreviações.

Essa é uma das dificuldades do estudo em manuscritos antigos, pois o pesquisador “defronta-se com várias dificuldades referentes não só ao estado de conservação do papel e à qualidade da tinta de base, mas também com outras relativas ao vocabulário, grafia, caligrafia, bem como aquelas concernentes às abreviaturas” (FLEXOR, 1991, p. IX). Portanto, é uma pesquisa que demanda prática e familiarização com os documentos antigos, assim como concentração e dedicação às leituras e análises realizadas.


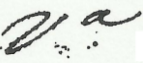



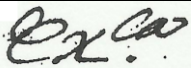
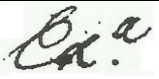
Ainda que não existam normas nos manuscritos dos séculos XVI ao XIX, Flexor (1991) faz uma sistematização das abreviaturas, dividindo-as em: Notas Tironianas, Siglas e Abreviaturas propriamente ditas, denominadas de Breves. Em nosso *corpus*, notamos a

presença apenas da última, que está subdividida em: Abreviaturas por suspensão ou apócope, Abreviaturas por contração ou por síncope, Abreviaturas com letras superpostas, Sinais de significado fixo e Sinais de significado relativo.

Algumas abreviaturas são utilizadas com certa frequência, o que facilita o trabalho do leitor ao decifrá-las, outras são resultado da individualidade e da inconstância gráfica dos escribas. Nesse caso, entender e decodificar as lexias abreviadas se torna difícil. Por isso, Flexor (1991) nos forneceu subsídio necessário para o desenvolvimento e a classificação das lexias abreviadas.

O livro organizado por Pinheiro e Coelho (2006) apresenta um glossário das abreviaturas recorrentes no Diário. Porém, neste glossário, não são inventariadas todas as ocorrências, apenas aquelas de maior dificuldade de leitura, visto que o aspecto filológico não era o propósito dos autores, como pode ser constatado na norma 5, citada no subcapítulo Problemas de leitura e impressão no manuscrito, e utilizada para a edição desses manuscritos.

Sendo assim, elaboramos uma tabela com três colunas para ilustrar essas ocorrências. Na primeira coluna, trouxemos a imagem das abreviaturas, na segunda, marcamos o desenvolvimento das mesmas em itálico e, na terceira coluna, indicamos a página do livro e o número do fólio correspondente ao manuscrito.

Excerto com a abreviatura	Desenvolvimento da abreviatura	Página, fólio
	<i>Regimento</i>	p. 47, fólio 13r; p. 123, fólio 51r
	<i>Villa</i>	p. 71, fólio 25r; p. 135, fólio 57r
	<i>São</i>	p. 79, fólio 29r; p. 103, fólio 41r; p. 105, fólio 42r
	<i>para</i>	p. 103, fólio 41r; p. 105, fólio 42r
	<i>Sua</i>	p. 103, fólio 41r; p. 105, fólio 42r
	<i>Excelencia</i>	p. 103, fólio 41r; p. 105, fólio 42r
	<i>Excelencia</i>	p. 103, fólio 41r; p. 105, fólio 42r

<i>amigo</i>	amigo	p. 103, fólho 41r
<i>venerador</i>	venerador	p. 103, fólho 41r
<i>que</i>	que	p. 103, fólho 41r; p. 105, fólho 42r
<i>sentimto</i>	sentimento	p. 103, fólho 41r
<i>Doutor</i>	Doutor	p. 103, fólho 41r
<i>seguinte</i>	seguinte	p. 103, fólho 41r
<i>quando</i>	quando	p. 103, fólho 41r
<i>principalmente</i>	principalmente	p. 103, fólho 41r
<i>Igreja</i>	Igreja	p. 105, fólho 42r
<i>Reverendo</i>	Reverendo	p. 105, fólho 42r
<i>providencias</i>	providencias	p. 105, fólho 42r
<i>cidade</i>	cidade	p. 105, fólho 42r
<i>primeiro</i>	primeiro	p. 107, fólho 43r
<i>Agosto</i>	Agosto	p. 107, fólho 43r
<i>instrumentos</i>	instrumentos	p. 109, fólho 44r
<i>animozamente</i>	animozamente	p. 109, fólho 44r
<i>impedimento</i>	impedimento	p. 109, fólho 44r
<i>necessario</i>	necessario	p. 109, fólho 44r
<i>continente</i>	continente	p. 109, fólho 44r

<i>barbarid.</i>	barbaridade	p. 111, fólio 45r
<i>muítas</i>	muítas	p. 111, fólio 45r
<i>primeira</i>	primeira	p. 111, fólio 45r
<i>segunda</i>	segunda	p. 111, fólio 45r
<i>comand.</i>	comandante	p. 111, fólio 45r
<i>N. S. Inra</i>	Nossa Senhora	p. 111, fólio 45r
<i>Antonio</i>	Antonio	p. 111, fólio 45r
<i>verdade</i>	verdade	p. 111, fólio 45r
<i>sugeito</i>	sugeito	p. 111, fólio 45r
<i>companha</i>	companhia	p. 113, fólio 46r
<i>liberalid.</i>	liberalidades	p. 115, fólio 47
<i>inteiramente</i>	inteiramente	p. 117, fólio 48r
<i>quantid.</i>	quantidade	p. 119, fólio 49r
<i>parcialid.</i>	parcialidades	p. 119, fólio 49r
<i>ocularm.</i>	ocularmente	p. 121, fólio 50r
<i>formalid.</i>	formalidade	p. 121, fólio 50r
<i>Magest.</i>	Magestade	p. 123, fólio 51r
<i>semelh.</i>	semelhante	p. 123, fólio 51r
<i>caminho</i>	caminho	p. 123, fólio 51r
<i>Regim.</i>	Regimento	p. 123, fólio 51r
<i>sociedade</i>	sociedade	p. 125, fólio 52r

<i>Aranchamentos</i>	Aranchamentos	p. 127, fólio 53r
<i>Senhor</i>	Senhor	p. 127, fólio 53r
<i>novamente</i>	novamente	p. 127, fólio 53r
<i>fazenda</i>	fazenda	p. 129, fólio 54r
<i>recebimento</i>	recebimento	p. 131, fólio 55r
<i>publicamente</i>	publicamente	p. 131, fólio 55r
<i>humildemente</i>	humildemente	p. 131, fólio 55r
<i>bondade</i>	bondade	p. 131, fólio 55r
<i>concauidade</i>	concauidade	p. 131, fólio 55r
<i>Janeiro</i>	Janeiro	p. 135, fólio 57r
<i>utilidades</i>	utilidades	p. 135, fólio 57r
<i>Santa</i>	Santa	p. 135, fólio 57r
<i>liberdade</i>	liberdade	p. 139, fólio 59r
<i>encorporamento</i>	encorporamento	p. 139, fólio 59r
<i>diligencias</i>	diligencias	p. 139, fólio 59r
<i>numero</i>	numero	p. 141, fólio 60r
<i>porque</i>	porque	p. 141, fólio 60r
<i>docelidade</i>	docelidade	p. 143, fólio 61r
<i>pela</i>	pela	p. 145, fólio 62r
<i>Juramentos</i>	Juramentos	p. 145, fólio 63r

	Substitutos	p. 145, fólho 63r
	Descendentes	p. 145, fólho 63r
	Portugal	p. 145, fólho 63r
	Portoguezes	p. 145, fólho 63r
	Pinto	p. 145, fólho 63r
	Fonseca	p. 145, fólho 63r
	Frei	p. 145, fólho 63r
	Francisco	p. 145, fólho 63r
	Azevedo	p. 145, fólho 63r

Tabela 2 – Abreviaturas no manuscrito.

Para Costa (2007), abreviatura pertence ao étimo grego *braqui* (curto) e *graphein* (escrever), e é uma forma sintetizada de se escrever uma lexia. Costa (2007, p. 76) salienta que, embora exista um sistema de abreviações baseado na tradição latina, algumas abreviaturas seguem características próprias, o que dificulta o trabalho de paleógrafos, filólogos e historiadores no manejo com o texto, tornando a leitura mais complexa.

Seguindo a divisão de Flexor (1991) e Acioli (1994) a respeito da tipologia das abreviaturas, encontramos em nosso *corpus* as Abreviaturas propriamente ditas ou Breves e inventariamos o número de ocorrências. Efetuamos a quantificação destas manualmente, por desconhecermos a existência de programas, na Filologia ou na Linguística Computacional, que pudessem nos auxiliar.

- Abreviaturas por suspensão ou apócope: supressão de grafemas no final da lexia: 4 ocorrências de lexias.

	Frei
	porque
	São
	Sua

Quadro 1 – Exemplos de abreviaturas por suspensão ou apócope presentes no *corpus*.

- Abreviaturas por contração ou síncope: supressão de grafemas no meio da lexia: 2 ocorrências de lexias.

	diligências
	Azevedo

Quadro 2 – Abreviaturas por contração ou síncope presentes no *corpus*.

- Abreviaturas por letras superpostas: geralmente é colocada a letra inicial ou prefixo e, em suspensão, a última ou últimas letras da lexia: 63 ocorrências de lexias.

	Sentimento
	bondade
	Regimento
	Villa

Quadro 3 – Exemplos de abreviaturas por letras superpostas presentes no *corpus*.

Nos estudos de Costa (2007), encontramos as abreviaturas mistas, quando há na mesma lexia abreviatura por suspensão (apócope) e por contração (síncope): 5 ocorrências de lexias.

	Nossa Senhora
	Janeiro
	fazenda
	quando

Quadro 4 – Exemplos de abreviaturas mistas presentes no *corpus*.

Ademais, também localizamos no *corpus*:

- Notas Tironianas ou taquigráficas: 1 ocorrência de *lexia*.

	<i>que</i>
--	------------

Quadro 5 – Nota Tironiana ou Taquigráfica presente no *corpus*.

- Abreviaturas numéricas, quando reduzem as numerações correspondentes a ordem, divisão e meses do ano: 4 ocorrências de *lexias*.

	<i>outubro</i>
	<i>oitavas</i>
	<i>setembro</i>
	<i>quintos</i>

Quadro 6 – Exemplos de abreviaturas numéricas presentes no *corpus*.

Constatamos no *corpus*, a partir da tabela de abreviaturas que não foram contempladas no glossário do livro, 76 *lexias* abreviadas, das quais a maioria corresponde a abreviaturas por letras superpostas. Consoante com Flexor (1991, p. XI), a explicação para as abreviações está



no fato de ocupar menos espaço, graças à carência e ao alto custo do material de escrita, e economizar tempo reduzindo as lexias. O recurso à abreviação era recorrente nos manuscritos, por agilizar a escrita, e continua sendo usual entre os usuários da internet, tais como em redes sociais, e-mails.

Percebemos que algumas lexias foram abreviadas de duas formas:  e



. Já as formas léxicas “parte” e “ponte” foram abreviadas da mesma maneira:



; assim como “São” e “Sua” tiveram a mesma abreviação: , .

Dessa maneira, foi possível distinguir estas lexias abreviadas da mesma forma através do contexto. As diferentes grafias e formas de abreviação no mesmo texto comprovam a incerteza ortográfica na época.

## 2.5 Consoantes geminadas

Observa-se a presença da duplicação de consoantes nos manuscritos, que também é denominada de consoante geminada. Enumeramos, a seguir, de acordo com Williams (1961), as lexias que apresentam este processo no documento nas consoantes intervocálicas longas labiais (ff, pp), palatais (cc, gg), dentais (tt), líquidas (ll), nasais (mm, nn). Na primeira coluna, evidenciamos a lexia com duplicação de consoantes e, na segunda coluna, trouxemos a página do livro e o número do fólio correspondente à localização da lexia no *corpus*.

Dupla grafia	Página, fólio
Colleccão	p. 23, fólio 1r
offício	p. 23, fólio 1r
Excellentissimo	p. 23, fólio 1r; p. 31, fólio 5r
villa	p. 23, fólio 1r
delle	p. 23, fólio 1r
daquelle	p. 23, fólio 1r
Pellas/pellas/pella	p. 25, fólio 2r
officiaes	p. 25, fólio 2r
Estrella	p. 25, fólio 2r

Paullo	p. 25, fólio 2r
oditto	p. 25, fólio 2r
summamente	p. 27, fólio 3r
Cappitam	p. 27, fólio 3r
Villaboa	p. 27, fólio 3r
Matto	p. 27, fólio 3r
epello	p. 27, fólio 3r
dellas	p. 31, fólio 5r
annualmente	p. 31, fólio 5r
cavallaria	p. 39, fólio 9r
dalli	p. 41, fólio 10r
commodidade	p. 47, fólio 13r
apparecerem	p. 49, fólio 14r
effluvios	p. 57, fólio 18r
sufficiente	p. 61, fólio 20r
excellente	p. 61, fólio 20r
Cappitania	p. 63, fólio 21r
Auxilliares	p. 65, fólio 22r
pellos/pello	p. 65, fólio 22r
Pallio	p. 73, fólio 26r
Excellencia	p. 73, fólio 26r
Pallacio	p. 73, fólio 26r
cavallo	p. 73, fólio 26r
effectuara	p. 75, fólio 27r
anno	p. 75, fólio 27r
aquella	p. 79, fólio 29r
commetiva	p. 79, fólio 29r
Commandante	p. 79, fólio 29r
innumeravel	p. 83, fólio 31r
janellas	p. 83, fólio 31r
aggregou	p. 85, fólio 32r
attemçam	p. 85, fólio 32r

cavalleyros	p. 87, fólio 33r
aggregado	p. 87, fólio 33r
Occéano	p. 87, fólio 33r
naquellas	p. 91, fólio 35r
effeytos	p. 91, fólio 35r
aquelle	p. 91, fólio 35r
effectuaram	p. 95, fólio 37r
commodo	p. 97, fólio 38r
nellas	p. 99, fólio 39r
officinas	p. 101, fólio 40r
ellas	p. 101, fólio 40r
alli	p. 103, fólio 41r
elle	p. 107, fólio 43r
daquelles/daquele	p. 109, fólio 44r
Pilloto	p. 111, fólio 45r
falla	p. 113, fólio 46r
cappella	p. 139, fólio 59r

Tabela 3 – Lexias com consoantes geminadas.

Conforme Said Ali (1964, p. 32 *apud* ASSALIM, 2007, p. 147), a duplicação das consoantes <l> e <f>, frequentemente encontradas em documentos, como pode ser comprovado a partir do gráfico acima, não se deve a fatores etimológicos. A explicação se deve, provavelmente, ao desejo dos “antigos escriptores significar que em alguns vocábulos, ou em algumas ocasiões, a vogal junto a *ll* ou *ff* recebia intonação ou icto forte, mas muito rápido. Os demais casos de consoantes geminadas dever-se-iam explicar pela etimologia”.

Ademais, Faria (1970, p. 117) acrescenta que “a grafia das geminadas em latim vai aparecer pela primeira vez no decreto de Paulo Emílio de 189 a. C.”, antes elas não eram representadas na escrita. Segundo o autor, a prática das consoantes duplicadas iniciaram com Ênio: “nessa ocasião não se dobrava nenhuma consoante na escrita; hábito êsse que foi mudado, ao que dizem, por Ênio, tendo-o feito segundo o hábito grego, como grego que era” (FARIA, 1970, p. 117).

Da mesma forma, não havia marcação ou atenção detalhada para as vogais longas. Porém, a utilização da vogal duplicada também era comum nos tempos primitivos com o

intuito de evidenciar a pronúncia longa. A prática das vogais geminadas é atribuída ao poeta Ácio: “Ácio quis que se escrevessem as sílabas longas por natureza com vogais geminadas” (FARIA, 1970, p. 117). Diante do exposto, além do fator etimológico, as consoantes geminadas encontradas no *corpus* se explicam pela representação das sílabas longas. As consoantes *m* e *n* dobradas se explicam pela marcação de nasalidade da vogal anterior.

Analisando o número de ocorrências das consoantes geminadas, contabilizamos um total de 61 lexias, das quais 37 estão representadas por consoantes líquidas (ll), 10 por consoantes labiais: 7 (ff) e 3 (pp), 8 por consoantes nasais: 5 (mm) e 3 (nn), 3 por consoantes dentais (tt), 3 por consoantes palatais: 2 (gg) e 1 (cc). Esta distribuição pode ser visualizada no gráfico a seguir:

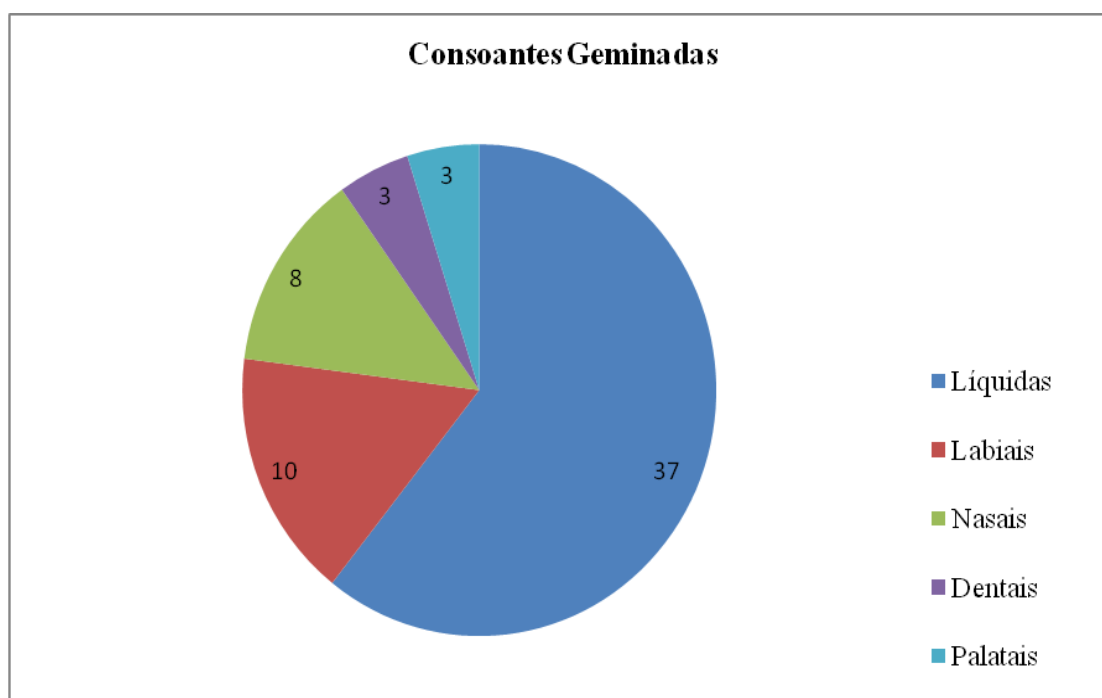


Gráfico 1 – Distribuição das consoantes geminadas.

### 3. EMBASAMENTO TEÓRICO E OS CAMINHOS PERCORRIDOS

As palavras dos antigos erão claras como a luz, e ellas mesmas eraõ luzes, emanadas do sol da verdade. Hoje as palavras são faiscas, que com instantaneo movimento scintillaõ, ou relampagos, que com trovões de estrondosas metáforas, e hyperbolicos estampidos desvanecem. (BLUTEAU, 1712-1728, p. 5)

Este capítulo tem o intuito de discutir os aspectos teóricos que norteiam nossa pesquisa. Da leitura do *corpus*, foram inventariadas as lexias recorrentes nos manuscritos, levando em consideração a relação existente entre léxico, cultura, ambiente e sociedade. Tentamos verificar como o léxico pode refletir as relações língua-cultura-sociedade, no nosso caso, as que se referem à organização militar, à viagem em si, à religiosidade, às festividades, aos acidentes geográficos e ao trabalho. Sendo assim, é imprescindível considerar a língua e seu caráter social, a influência de aspectos linguísticos e não-linguísticos.

#### 3.1 Léxico e cultura

O livro *Conversas com Linguistas – virtudes e controvérsias da Linguística*, organizado pelos autores Xavier e Cortez (2003), foi construído através das respostas de especialistas da Linguística que procuram revelar algumas ideias polêmicas dessa área, divulgando assuntos desconhecidos entre os não-especialistas. Para o presente trabalho, observamos principalmente as três primeiras perguntas: Que é língua?; Qual a relação entre língua, linguagem e sociedade?; Há vínculos necessários entre língua, pensamento e cultura?. Estas questões são muito discutidas e, por isso, as opiniões são bastante divergentes.

Abaurre (2003, p. 14) acredita que há uma forte relação entre língua, linguagem e sociedade, já que a autora vê a linguagem como uma atividade de homens que estão histórica, social e culturalmente situados. Sendo assim, a língua é um sistema estruturado que, por estar no campo da linguagem, caracteriza-se por constante instabilidade e mutabilidade. A autora afirma que a cultura e os modos de pensamento recebem influência da linguagem e, de certa forma, a influenciam:

Não seria possível a existência da linguagem, não fosse a existência de sujeitos. Por outro lado, é também importante pensar no papel da própria linguagem na constituição da subjetividade, pois é através do exercício da

linguagem que damos forma às nossas experiências e as individualizamos (ABAURRE, 2003, p. 16).

Aderimos à essa perspectiva de que a língua é fundamental para a constituição da cultura, em virtude de tal aspecto ser importante para o nosso trabalho, ou seja, o vínculo entre língua e sociedade e como a língua pode transmitir as experiências de uma determinada comunidade. Isto pode ser comprovado nos fragmentos a seguir, pois a partir das lexias é possível conhecer as tradições festivas e religiosas das pessoas de Goiás do século XVIII, nos lugares percorridos pelo governador José de Almeida: “...seguiram-se tres dias de Cavalhadas...”, (fólio 26r, p. 73); “...que receberam a Sua Excellencia com hum Te Deum Laudamus, efeytas a seremonias do uso, se recolheo a caza da Sua apouzentadoria: mandou que se recolhessem todas as tropas com as ordenanças, que tinham bordado ás ruas...” (fólio 31r, p. 83). Essas práticas serão esclarecidas na seção de análise, no capítulo 4.

Fiorin (2003, p. 72) afirma que “a linguagem dá ao homem uma possibilidade de criar mundos, de criar realidades, de evocar realidades não presentes. [...] A língua, nesse sentido, é a concretização de uma experiência histórica. Ela está radicalmente presa à sociedade”. Por isso, ao nomear as canoas e a serra com denominações divinas, as pessoas da região de Goiás abarcadas pelo recorte temporal do Diário estudado invocavam as divindades para protegê-los e livrá-los dos contratemplos que os rodeavam, concretizando, desta forma, as experiências históricas e coletivas que os constituem e os individualizam em seus costumes.

Nesse mesmo livro já mencionado, de Xavier e Cortez (2003), os autores Borges Neto, Geraldi, Matos, Ilari e Koch também enxergam a existência dessa interrelação entre língua, linguagem, cultura e sociedade. A língua pode ser definida como um sistema que só se realiza efetivamente na prática social, portanto, não existe sociedade sem língua, sem um conjunto de símbolos que a represente e permita a comunicação entre os seus indivíduos. Neste sentido, concordamos com Koch (2003):

Então, a língua se configura dentro do meio social, lugar de interação entre os membros de uma sociedade e nesse lugar de interação é que se constituem as formas lingüísticas e todas as maneiras de falar que existem numa determinada época, numa determinada sincronia (KOCH, 2003, p. 124).

Língua, sociedade e cultura estão fortemente vinculadas apesar de possuir estruturas diferentes. A língua é a face que melhor representa social e culturalmente uma dada

comunidade. Entendemos a língua como uma forma de apresentação, de projeção da realidade.

Assim, falamos porque somos seres sociais e falamos desta ou daquela maneira porque mantemos, mantivemos e manteremos estas ou aquelas relações sociais específicas. Em resumo, todos temos potencialmente a capacidade da linguagem, mas são as relações sociais que mantemos, além das relações que mantemos com os objetos da cultura ou não, com tudo o que nascemos, que determinam que nossa capacidade de linguagem venha a se constituir dessa ou daquela forma. Em outras palavras, é o conjunto das relações sociais mantidas pelo indivíduo no decorrer de sua existência desde o nascimento, conjunto de relações sociais absolutamente único, na medida em que duas pessoas jamais podem ter exatamente as mesmas experiências. É esse conjunto que determina o idioleto desse indivíduo, logo a relação do social com o lingüístico não pode ser, de jeito nenhum, ignorado (NETO, 2003, p. 41-42).

Portanto, se uma pessoa mantém relações sociais e faz parte de um grupo que acredita e segue determinada doutrina religiosa, provavelmente na sua maneira de falar encontraremos lexias que se referem às divindades e ao poder que estas exercem na sua vida, pois esta é a sua crença sócio-cultural que se materializa linguisticamente. Por conseguinte, cada pessoa se manifestará através da linguagem de forma particular, tendo em vista que os seres humanos têm experiências diversificadas ao longo da sua existência.

Conforme Marcuschi (2003), não existe uma relação direta entre linguagem e sociedade, estas “mantêm uma relação não simétrica, mas complexa que passa por uma série de outros aspectos, entre eles, a cognição, os interesses... enfim, processos de interação entre os indivíduos” (MARCUSCHI, 2003, p. 133). Ou seja, acreditamos que a sociedade não é o reflexo de uma língua. Barros (2003) afirma que seu interesse está na língua como um fato social, defendendo a existência de vínculos estreitos entre linguagem, cognição e cultura:

Então, a meu ver, a língua e a linguagem têm uma relação de ir e vir com a sociedade. Elas são elementos sem os quais o homem não se organiza em sociedade. Quer dizer, a organização social depende da linguagem e os fatos da língua dependem dessa organização social e vão variando, mudando, construindo discursos, trabalhando com questões de ideologia e com todos esses elementos que estão ligados ao fato de que o homem é um ser lingüístico e social, e de que essas duas coisas não se separam (BARROS, 2003, p. 151).

Segundo Sapir (1969, p. 45), o léxico total de uma língua é o inventário de todas as ideias e os interesses que fazem parte de uma comunidade, e, devido a isso, é possível fazer inferências do ambiente físico e dos aspectos culturais dessa sociedade a partir de todo patrimônio linguístico de que esse grupo dispõe. Esse conjunto de signos constitui o inventário lexical de uma língua, e é formado pela convivência dos falantes com suas regras, e se submete, portanto, aos interesses do homem em coletividade.

Língua e cultura existem na sociedade, por meio do convívio e do contato dos homens com o mundo. A língua é abstrata, está na memória dos indivíduos. E para que haja comunicação entre as pessoas, é necessário um sistema linguístico, signos lexicais que simbolizem o mundo. O homem utiliza a linguagem para representar o mundo e expressar seus sentimentos, suas ideias e experiências, possibilitando uma interação entre os indivíduos de uma comunidade. Sendo assim, as línguas têm grande importância no conhecimento do falante, e cada indivíduo enxerga e idealiza o mundo de forma particular. Por isso, é preciso considerar o aspecto social e a influência exercida pelo ambiente nos atos linguísticos.

Benveniste (1989, p. 27) afirma que “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”. Isto quer dizer que a língua interfere nas relações sociais, ela influencia as relações sociais e estas a influenciam. Assim, pode-se dizer que a língua transmite os modelos de vida de cada comunidade falante e por meio dela se aprendem as normas que regem uma sociedade, compreendendo, assim, as crenças, os valores e o modo de agir dessas pessoas.

Apesar da estreita relação entre língua e cultura, Sapir (1969) considera que não existe um paralelismo direto entre as mesmas, pois designam coisas diferentes, porém, há algo que as amarra, que as faz se interrelacionarem. E a relação mais visível entre elas se dá pelo léxico, isto é, conjunto de símbolos referentes às manifestações culturais de um determinado grupo. Sendo assim, nas escolhas lexicais feitas pelos falantes, podem estar expressões reveladoras de uma cultura. Em pesquisa que tomou como fundamental a relação entre língua e cultura, no nível léxico, Paula (2007) fundamenta que:

O modo como se estrutura política e economicamente uma sociedade diz muito de suas estruturas culturais; estas, por sua vez, só se fazem possíveis graças à elaboração cotidiana do arcabouço de memória coletiva, ao modo como é concebida e ao estatuto que lhe é dado. Expressando estas inter-relações, servindo a elas no cotidiano da comunicação humana e carregando em seu funcionamento muito do modo com a sociedade se faz e se refaz está a língua (PAULA, 2007, p. 88).

O léxico é uma das formas de expressar a cultura, mas não a única. Qualquer signo de uma língua carrega o fator cultural, social, histórico, político e a memória. Nas palavras de Sapir (1969, p. 47), o interesse social determina a natureza do léxico e tudo depende do ponto de vista em que se coloca tal interesse. O autor ainda destaca que “o ambiente físico só se reflete na língua na medida em que atuaram sobre ele as forças sociais” (SAPIR, 1969, p. 45). É preciso, portanto, que um objeto seja conhecido por todos os membros da comunidade, sendo de interesse comum, para surgir um símbolo linguístico que o represente. Assim, toda influência ambiental está vinculada à influência da parte social do ambiente.

Percebemos que através do léxico podem-se inferir diversas implicações culturais de determinada comunidade e que a cultura materializa linguisticamente os seus objetos, seus hábitos e suas ações. Afinal, “todo signo se constitui também de um significado, convencionalmente estabelecido e dado no âmbito da cultura. Este significado se faz elemento de cultura, transmite cultura e é transmitido por cultura, porque tem uma forma lingüística que o permite realizar-se” (PAULA, 2007, p. 95). Dessa forma, a sabedoria, as crenças e os costumes de um povo são transmitidos como cultura através da repetição pelos indivíduos, assegurados e reforçados na configuração linguística.

### **3.2 Dinâmica lexical**

Segundo Biderman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar e armazenar o conhecimento do universo”. Atualmente, graças ao desenvolvimento tecnológico, o léxico precisa se renovar com rapidez para acompanhar as transformações da sociedade. Devido a esse processo constante, o lexicógrafo tem seu trabalho intensificado, pois este não consegue produzir um dicionário que acompanhe as mudanças no léxico, já que é impossível registrar todas as palavras existentes no mundo.

Biderman (2001) ainda enfatiza que a nomeação da realidade é a primeira etapa do conhecimento do universo, quando o indivíduo identifica semelhanças e consegue discernir os aspectos diferentes que individualizam os referentes em lexias distintas. A partir das interações sócio-culturais, surgem as variedades dentro de uma língua, vocabulários distintos criados na medida em que o ser humano produz novas realidades. Benveniste (1989) afirma que:

é na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos, pois o homem é ainda e cada vez mais um objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele (BENVENISTE, 1989, p. 104).

Nesse sentido, Biderman (1978, p. 139) ressalta que “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”, ou seja, à medida que fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras em um processo incessante. Dessa forma, o léxico vai assumindo dimensões gigantescas, sendo praticamente impossível registrá-lo e descrevê-lo por meio de um dicionário em sua totalidade.

Quanto mais evolui a tecnologia, tanto mais evoluirá o léxico e, por esse motivo, ele é considerado um inventário aberto. Por ser tão amplo, os homens criam analogias por associações a outros significantes, reutilizando palavras já existentes para gerar os neologismos, palavras novas. Esse processo pode ser denominado de ressemantização, a apropriação de um sema para formar outro.

Apesar da relação entre léxico e cultura, se faz necessário ressaltar que o sistema linguístico é mais conservador do que a cultura. Conforme Sapir (1969, p. 60), os elementos culturais que têm uma necessidade imediata para a sociedade vão mudar mais rápido que os elementos linguísticos, pois a própria forma da cultura a qual dá significação a cada termo está num processo de remodelação contínuo. Já os itens linguísticos, apesar de sofrerem algumas mudanças, não se submetem a reformulações constantemente, pelo seu caráter de fixidez, por meio das regras gramaticais que conservam mais os signos, facilitando a comunicação das massas falantes. Segundo Silva (2000):

O léxico de todas as línguas vivas é essencialmente marcado pela mobilidade; as palavras e expressões com elas construídas surgem, desaparecem, perdem ou ganham significações, de sorte a promover o encontro marcado do falante com a realidade do mundo bio-social que acolhe: o homem e o mundo encontram-se no signo (SILVA, 2000, p. 142).

A língua é um processo que está em constante reformulação. Os membros de qualquer comunidade adquirem, gradativamente, as competências comunicativa e sociolinguística, em relação ao uso apropriado da língua, e o dicionário é um objeto importante para auxiliar no uso da norma padrão. Conforme o lugar, quem fala, com quem fala e outros fatores, o falante selecionará determinadas formas de expressão, adotando alguns dos estilos disponíveis na

língua: formal, informal, familiar, pessoal. Enfim, o indivíduo seleciona a variedade mais adequada ao se expressar.

Entendemos que a escolha da variedade é determinada pela situação de comunicação. Segundo Alkmim (2005), apesar da coexistência de diversos usos linguísticos em uma mesma comunidade linguística, não existe hierarquia entre eles, não há um que possa ser considerado melhor ou superior a outro. As variações linguísticas são o resultado da convivência dos falantes na história da linguagem, e, portanto, não há língua simples, inferior, feia ou pobre no vocabulário, são apenas diferentes maneiras de expressão linguística de determinada comunidade.

Sendo assim, a cada geração e em cada situação de fala e escrita, o falante pode recriar a língua. As mudanças linguísticas podem variar de acordo com a faixa etária, sexo, contexto social, nível de escolaridade, classe social, dentre outros fatores; e essas variações podem ocorrer no nível fonético, morfológico, sintático, lexical e semântico. No que se refere à heterogeneidade da língua, Coseriu (1980, p. 125) ressalta que o sistema linguístico possui uma dimensão de futuro, pois permite algumas variações dentro de um sistema de possibilidades.

Devido ao aspecto social e heterogêneo da língua, é importante destacarmos o fato de as normas linguísticas serem passíveis de alterações através do uso e que toda comunidade de fala apresenta variedades linguísticas, diferentes modos de falar. Nesse sentido, toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema organizado e coerente de regras que permitem um povo expressar o mundo em que vive. Desse modo, língua e sociedade são termos que implicam um ao outro, já que:

É justamente no nível lexical que as formas se articulam de maneira a possibilitar a representação e a configuração das experiências do grupo, visto ser o léxico o elemento que revela a história social e cultural do grupo, sua experiência de vida e o modo como organiza simbolicamente o mundo (ISQUERDO, 1993, p. 825, *apud* ALVES, 2004, p. 79).

Percebemos assim, que através do léxico pode-se ter uma pista de como a comunidade encontra-se estruturada, as características sociais e culturais que identificam os grupos. Então, a partir da análise lexical da memória escrita de uma comunidade do século XVIII, mais especificamente de um Diário de Viagem, é possível inferir certos aspectos da cultura dessas pessoas, os costumes, a religiosidade, o modo de vida rural, dentre outros.

### 3.3 Léxico e glossário

Apesar de terem suas especificidades, dentro do sistema linguístico, é possível observar uma relação de interdependência, de complementaridade entre léxico e gramática, elementos abstratos da língua materializados concretamente pela escrita. O dicionário “apresenta em ordem alfabética uma parcela representativa dos signos constantes do léxico de uma língua, e a gramática [...] apresenta um conjunto de regras combinatórias dos signos com que se procura orientar a conduta do falar e do escrever segundo a norma da cultura letrada” (COELHO, 2008, p. 15).

A partir do inventário das lexias em campos lexicais, pretende-se construir um glossário que possa auxiliar o entendimento do texto do Diário. Segundo o Dicionário de Linguística e Gramática, de Câmara Jr. (1985), um glossário é um dicionário peculiar em que relacionam vocábulos antigos, estrangeiros, técnicos. Por isso, em uma edição moderna de uma obra antiga, é comum acrescentar-se um glossário como aparato crítico. Nesse sentido, almeja-se a construção do glossário para a explicação do significado de lexias não conhecidas, facilitando a compreensão.

Corroboramos com Coelho (2008) que assim como o dicionário, o vocabulário e a enciclopédia, o glossário é um produto da Lexicografia e, por isso, é denominado instrumento ou obra lexicográfica. Embora apresentem algumas semelhanças, cada uma possui um caráter e se destina a um público diferenciado. As palavras ou expressões listadas em um vocabulário e em um glossário aparecem em ordem alfabética da mesma forma que estão dispostas em um dicionário, porém, aquelas obras lexicográficas são mais restritas que este por recolherem um número consideravelmente menor de lexias para sua composição.

Nos dizeres de Menendez Pidal, citado por Murakawa (1998, p. 157), “o dicionário, fotografia instantânea, no mesmo dia em que acaba de ser impresso, começa a ficar antiquado, mas levará sempre consigo, nas explicações do passado e na exata descrição do presente, a razão de ser das inovações futuras”.

O glossário engloba um conjunto de lexias de um determinado autor ou obra. Devido ao seu formato mais sucinto, as informações contidas nele se resumem na entrada do verbete, o lema, seguida de sua definição e, às vezes, de abonação. Sendo assim, os verbetes dessas obras não apresentam informações como classe gramatical e marcas de uso. A origem desse tipo de instrumento lexicográfico ocorreu na Antiguidade, com as glosas, quando os estudiosos faziam pequenos comentários ao lado do texto a respeito dos significados de

algumas palavras de difícil compreensão. Concordamos com Coelho (2008, p. 22) que glossário é:

um elucidário de significados cuja obscuridade, quer por se tratar de arcaísmos, quer por se tratar de palavras de pouquíssimo uso, ou de cunho muito restrito como o são os regionalismos, necessitam explicações a fim de que o texto em que aparecem possa ser entendido (COELHO, 2008, p. 22).

Já que o Diário em análise trata-se de uma obra referente à história de Goiás no século XVIII, com algumas lexias distantes de nós em relação à significação ou não utilizadas atualmente, é pertinente a elaboração de um glossário como resultado do nosso trabalho que torne o texto mais claro.

Para a construção desse glossário, utilizaremos como referências o “Vocabulario Portuguez & Latino (1712-1728)”, de Raphael Bluteau, e o “Diccionario da Lingua Portugueza” (1813), de Antonio de Moraes Silva. O glossário definido para este trabalho será estruturado pela apresentação do lema na entrada do verbete, seguida da explicação de seu significado pelo que está registrado nos dicionários consultados ou do seu sentido depreendido pelo contexto, e, por fim, seguirá a abonação retirada do *corpus* em estudo, obedecendo a seguinte sistematização:

**ENTRADA:** classe gramatical, gênero. “Acepção se encontrada em dicionários” (Fonte da acepção). Acepção se construída a partir das informações do *corpus*. “Trecho do *corpus* que comprove a acepção” (indicação do número do fólho e da página).

Quadro 7 – Exemplificação do verbete.

1. A redação do verbete se inicia com a entrada em negrito e em caixa alta, se verbo, o lema será apresentado na forma infinitiva, se nome, estará no masculino e no singular;
2. em seguida virá a classe gramatical a que pertence a lexia, conforme a lista de abreviaturas que aparece no início deste estudo;
3. mostraremos entre aspas as acepções encontradas nos dicionários, seguindo entre parênteses a fonte de onde foram retiradas. Não indicaremos o número da página, pois ambos dicionários foram consultados pela versão eletrônica;
4. quando não encontradas nos dicionários, constarão sem aspas as acepções que forem construídas a partir das informações (contexto) do *corpus*;

5. por fim, evidenciaremos entre aspas, em itálico, o trecho extraído do *corpus* para comprovar o sentido da aceção e, entre parênteses, o número do fôlio e da página a que se refere no livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*.

Dessa forma, as abonações serão apresentadas de acordo com contextos breves que possibilitem a compreensão do sentido da lexia. Uma vez que estudos sobre o *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes* são escassos, este glossário se faz importante por registrar algumas lexias que já não são mais utilizadas atualmente e outras que ainda existem no léxico de homens e mulheres que vivem no ambiente rural.

Ademais, o glossário traz o registro de lexias selecionadas segundo afinidades semânticas, nos domínios da Organização Militar, Viagem, Festas, Religião, Acidentes Geográficos e Trabalho, a fim de elucidar os significados e, a partir disso, retratar aspectos históricos, políticos e culturais específicos da comunidade goiana em pleno século XVIII.

### **3.4 Campos lexicais**

Acerca da natureza lexical da pesquisa, propomos o estudo dos campos lexicais em relação aos aspectos geográficos, as descrições dos lugares, das festas e muitos outros aspectos culturais presentes no Diário, fazendo o levantamento e análise das unidades lexicais pertinentes ao estudo. Segundo Lopes e Rio-Torto (2007, p. 34), “um campo lexical compreende lexemas da mesma classe sintáctica de palavras (Nome, Adjectivo, Verbo), que têm significações em comum e que estão interrelacionados entre si por nexos de significação perfeitamente determináveis”. Para o nosso trabalho, incluímos as expressões e as locuções que se mostram fundamentais para o entendimento das relações sociais.

Foram contempladas para o agrupamento em campos léxicos as lexias simples e complexas referentes a itens culturais e também aquelas cujas aceções acarretam, hoje, dificuldades de compreensão, o que dificulta a leitura do documento. Notamos que os substantivos aparecem com o maior número de ocorrências, totalizando 195 lexias no documento, devido ao fato de ser, segundo Rey-Debove (1984), a classe mais representativa do léxico. Esta inventariação das lexias foi realizada a partir das suas oposições semânticas, as identidades e diferenças, como afirma Coseriu (1977).

Conforme Coseriu (1977), as escolhas lexicais obedecem a paradigmas no conjunto lexical da língua e são realizadas de acordo com o conhecimento que se tem das

possibilidades significativas e das intenções comunicativas nas interações verbais. O autor ressalta que:

O *campo léxico* é uma estrutura paradigmática primária do léxico; mais ainda: é, neste domínio, a estrutura paradigmática por excelência. Pode definir-se como paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo (lexemas) que se distribuem em uma zona de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras (COSERIU, 1977, p. 210)<sup>4</sup>.

Segundo Ullmann (1977, p. 495), o vocabulário de qualquer língua possui uma norma, uma organização, e a forma mais eficiente de sistematizar as unidades da semântica é através de um dicionário alfabético. Um falante pode aprender de forma relativamente rápida a gramática de uma língua, mas o mesmo não pode conhecer mais do que 10% das palavras existentes em sua língua, já que o léxico total de qualquer sistema linguístico é bastante amplo. Apesar disso, o vocabulário de uma língua possui algumas normas e organizações que são encontradas em sua estrutura semântica.

Todas as palavras de uma língua são ligadas por uma rede de associações que as relacionam umas as outras. Daí, surgem os campos associativos das palavras que são formados “por uma intrincada rede de associações, baseadas algumas na semelhança, outras na contigüidade, surgindo umas entre sentidos, outras entre nomes, outras ainda entre ambos” (ULLMANN, 1977, p. 500-501). Devido a isso, é preciso buscar toda a história da significação da palavra para encontrar uma explicação para a mudança de significado.

Cada língua é distinta de todas as outras e manifesta a individualidade do povo que a fala, sendo considerada a mentalidade de uma sociedade, exprimindo o modo característico de como esse povo enxerga e vive suas experiências. Nesse sentido, os campos semânticos exercem uma importante influência na organização das experiências humanas. Essa interrelação entre linguagem e sociedade pode ser comprovada pela afirmação de Whorf:

As suas investigações convenceram-no de que cada língua contém uma metafísica oculta, que se concretiza numa maneira peculiar de ver o mundo e que impõe esta perspectiva a todos os que a falam. O sistema linguístico de cada língua, afirmava, não é apenas um sistema reprodutor para dar voz às

---

<sup>4</sup> Tradução nossa: “El *campo léxico* es una estructura paradigmática primaria del léxico; más aún: es, en este dominio, la estructura paradigmática por excelencia. Puede definirse como ‘paradigma constituído por unidades léxicas de contenido (lexemas) que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran en oposición inmediata unas com otras’”.

idéias, será antes ele próprio o modelador das idéias, o programa e o guia para a actividade mental do indivíduo, para a sua análise das impressões, para a síntese de toda a sua bagagem mental (WHORF *apud* ULLMANN, 1977, p. 524).

Trier elaborou a concepção de campos como domínios “entrelaçados do vocabulário, no qual uma esfera particular está dividida, classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitados” (TRIER *apud* ULLMANN, 1977, p. 510-511). A teoria dos campos foi bastante criticada, e, apesar das limitações recebidas, tal teoria fornece um método valioso para abordar o problema da influência da linguagem no pensamento, já que:

um campo semântico não reflecte apenas as ideias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha que ser refeito (ULLMANN, 1977, p. 523).

Georges Matoré desenvolveu um novo conceito de campos semânticos semelhantes aos de Trier, porém se diferenciam na relevância maior dada aos aspectos sociais. Por isso, a partir do vocabulário podemos descrever a estrutura social de uma sociedade em um determinado período. Consideramos que “para o estudo do léxico de uma língua, então, evidencia-se que primeiramente deve-se entender como ela recorta o mundo físico, depois como ela significa o homem e, por fim, como conceitua as relações do homem com o mundo” (PAULA, 2007, p. 121).

A distribuição das lexias comprova que os conceitos são interdependentes, um conceito decorre de outro e, por isso, está diretamente relacionado a ele. Dessa forma, as lexias recorrentes no *corpus* foram organizadas através da sua relação conceitual, baseada no carácter onomasiológico, representando as relações do homem com o mundo em que vive. Por isso, nossa análise não seguirá uma ordem alfabética, pois o que importa ao nosso estudo são essas associações conceituais.

Realizamos, inicialmente, uma classificação geral das lexias que fizeram parte da vida, do trabalho, das festas e de outras relações sociais estabelecidas com o mundo, referente às pessoas e aos lugares retratados no Diário em estudo, e compreendemos, desse modo, como

o ser humano da segunda metade do século XVIII percebia e organizava sua vida, em Vila Boa, Goiás.

O interesse do Barão de Mossâmedes era averiguar a situação em que se encontrava a região e, por isso, como perceberemos na distribuição das lexias, são relatadas apenas as situações referentes aos caminhos, às tradições culturais e religiosas, à estrutura geográfica e econômica da capitania de Goiás. A partir desses campos lexicais, pode-se ter uma ideia das manifestações culturais, dos acidentes geográficos, dos alimentos e dos cargos públicos exercidos, enfim, de uma parte da cultura goiana do século XVIII.

### **3.5 Metodologia das fichas lexicográficas**

Apresentaremos, neste momento, a metodologia adotada para o desenvolvimento das fichas lexicográficas. Foi realizada uma busca no *Diário*, de lexias, cujos significados causam, atualmente, dificuldades de entendimento e que se referem a itens culturais. Montamos, então, fichas lexicográficas de cada lexia selecionada, apresentando a abonação e o respectivo significado nas duas obras lexicográficas consultadas *online*: Dicionário da Língua Portuguesa (1813), de Antonio de Moraes Silva; e Vocabulário Portuguez & Latino (1712-1728), de Raphael Bluteau.

Pelo fato de algumas lexias aparecerem diversas vezes no documento, limitamos o número de abonações (uma) para facilitar e não tornar nosso trabalho repetitivo. Quando a definição da lexia não foi encontrada em uma das obras, ou nas duas, marcamos com n/e, o que significa “não encontrado”.

A abonação está grafada em itálico e entre aspas e, no final, entre parênteses para facilitar a leitura, o número do fólio e a página em que aparece a lexia. Nos casos em que o significado encontrado nos dicionários não corresponder ao sentido da lexia no contexto do Diário, elaboramos abaixo como observação uma definição adequada. As fichas lexicográficas foram de grande relevância na organização dos campos lexicais, no capítulo 4, e na elaboração do Glossário, no capítulo 5.

### 3.6 Fichas lexicográficas

Ficha 01
Lexia: Particulares
Abonação: “ <i>Colleccão de notissias da capitania de Goyaz / vindas a mãos de Particulares...</i> ” (1r, p. 23)
Definição: <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Hum particular. Homem que não tem officio publico. Que vive particularmente comsigo, sem cargo, nem dignidades na Republica” (v. 6, p. 288)</li><li>2. Silva: “Um particular; i.e., homem sem officio publico” (v. 2, p. 402)</li></ol>

Ficha 02
Lexia: Ajudante das ordens
Abonação: “ <i>Por Thomás de Souza, Ajudante das ordens do Governo Referido</i> ” (1r, p. 23)
Definição: <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Official de guerra, que serve ao ditto Tenente General, levando as ordens, que lhe der, ou vocaes, ou por escrito” (v. 1, p. 197)</li><li>2. Silva: “Official militar, há ajudante dos Maiores, que suprem as vezes destes” (v. 1, p. 74)</li></ol>

Ficha 03
Lexia: Juntas ordinarias
Abonação: “ <i>...em todos estes assistio ali ás Juntas ordinarias da Real Fazenda...</i> ” (1r, p. 23)
Definição: <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Junta. Ajuntamento, ou congresso de pessoas no mesmo lugar para consultar alguma materia” (v. 4, p. 225)</li><li>2. Silva: “Junta dos Tres Estados: Tribunal que representa, ou se substituiu às Cortes: hoje trata da arrecadação do imposto para a guerra” (v. 2, p. 194)</li></ol>

Ficha 04
Lexia: Real Fazenda / Fazenda Real
Abonação: “ <i>...em todos estes assistio ali ás Juntas ordinarias da Real Fazenda...</i> ” (1r, p. 23)
Definição: <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “O Conselho da Fazenda. Na Corte de Portugal he hum Tribunal, composto de tres Titulos, ou Fidalgos de grãde satisfação, com nomes de Vedores da Fazenda, &amp; outros tantos Desembargadores, que chamaõ Conselheiros, que todos tem voto, &amp; hum Procurador da Fazenda, &amp; quatro Escrivaens, onde se despachaõ todos os negócios, tocantes á Fazenda Real, &amp; bens da Coroa, &amp; Conquistas, &amp; os contratos, &amp; arrendamentos, que a ella pertencem. Fazenda de ley. A que não he sogeita a corrupção, nem a modas” (v. 4, p. 48 e 49)</li><li>2. Silva: “Concelho da Fazenda: Tribunal composto de tres Védores Fidalgos, e 3 Desembargadores ditos Conselheiros, e outros officiaes, no qual se</li></ol>

despachão os negocios da Fazenda Real, e bens da Coroa, e Conquistas, os contratos, e arrendamentos, que a ella pertencem; tem tratamento de Magestade. Fazenda de lei: a que se gasta sempre, e não está sujeita á variação das modas” (v. 2, p. 16)

Ficha 05

Lexia: General

Abonação: “...fes o Excellentissimo General e Cappitam Governador de Goyaz Joze de Almeyda de Vasconcelos de Soveral e Carvalho...” (1r, p. 23)

Definição:

1. Bluteau: “Dignidade militar. Capitão General” (v. 4, p. 49)
2. Silva: “Official em chefe de algum exercito, ou armada, ou província, das galés, da artelharía” (v. 2, p. 84)

Ficha 06

Lexia: Escaleres

Abonação: “...se partio para o Rancho de Paullo Pereyra, e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeiro...” (2r, p. 25)

Definição:

1. Bluteau: “Embarcação, que serve para andar no rio, com toldo na popa, à maneira de falua” (v. 9, p. 391)
2. Silva: “Embarcação pequena de remos, e vela, com toldo” (v. 1, p. 734)

Ficha 07

Lexia: creados

Abonação: “...chégarão pella huma hora da tarde ao porto da Estrella, aonde os creados dos dous senhores Generaes...” (2r, p. 25)

Definição:

1. Bluteau: “Servo” (v. 2, p. 609)
2. Silva: “Amos, caseiros, e lavradores” (v. 1, p. 494)

Ficha 08

Lexia: pestiferos Áres

Abonação: “...para a passáge perigoza do grande Rio de Sam Francisco, e outros; e para os pestiferos Áres destas, e demais algumas situaçoens” (2r, p. 25)

Definição:

1. Bluteau: “De ordinario se diz no Moral, por summamente maligno” (v. 6, p. 469)
2. Silva: “Que traz ou causa peste. Ares pestiferos á saude: perniciosos” (v. 2, p. 444)

Ficha 09

Lexia: Menistros

Abonação: “...com o Excellentissimo Marques Visse Réy do Estado, Menistros, e officiaes mais graduados...” (2r, p. 25)

Definição:

1. Bluteau: “Aquelle que tem qualquer officio na Republica” (v. 5, p. 499)
2. Silva: “O que exerce emprego e officio de Justiça, ou Politico, ou Evangelico; debaixo da subordinação aos Soberanos e Prelados. Ministros de Estado” (v. 2, p. 302)

Ficha 10

Lexia: Legoas

Abonação: “...e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeyro distando do dito porto outo Legoas, seis de Bahia...” (2r, p. 25)

Definição:

1. Bluteau: “Espaço de caminho, que tem differente comprimento, conforme as differentes medidas itinerarias das nações. A cada legoa Portugueza se atribuem em Portugal tres mil braças de duas varas, ou dez palmos craveiros cada braça, que fazem passos quatro mil, de cinco pés cada passo., & cada pè de palmo & meyo” (v. 5, p. 66)
2. Silva: “Medida itineraria, que contém 3&755 11/15 passos geométricos” (v. 2, p. 212)

Ficha 11

Lexia: Bahia

Abonação: “...e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeyro distando do dito porto outo Legoas, seis de Bahia...” (2r, p. 25)

Definição:

1. Bluteau: “Porto de mar, muito mais largo por dentro, que na entrada, à differença das enseadas, que são mais largas na entrada, que por dentro” (v. 2, p. 15)
2. Silva: n/e

Ficha 12

Lexia: porto

Abonação: “...e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeyro distando do dito porto outo Legoas, seis de Bahia...” (2r, p. 25)

Definição:

1. Bluteau: “Portos seccos, & molhados, chamão em Portugal às Alfandegas dos lugares, aonde as mercadorias, que entrão por água, ou por terra, pagão certos direyts a El Rey, ou as que tomáraõ este contrato” (v. 6, p. 636)
2. Silva: “Porto de mar, ou rio: lugar capaz á borda de mar, ou rio, que dá passada para terra, e pode receber navios, e abrigá-los de temporaes. Portos seccos; entradas por terra: portos molhados; entradas por mar” (v. 2, p. 475)

Ficha 13

Lexia: serra

Abonação: “...e as onze se chegou ao de Manoel Correya, passando-se a grande serra chamada, dos orgaonz, ou da Boavista...” (3r, p. 27)

Definição:

1. Bluteau: “Monte de penedia. Este nome se appropriou de certos môtos, em razão dos picos, quebradas, caminhos asperos, & escabrosos, que em certo

<p>modo os cortão em muytas partes” (v. 7, p. 609)</p> <p>2. Silva: “Monte de penedia, com picos, e quebradas, ou boqueirões” (v. 2, p. 692)</p>
--

Ficha 14
Lexia: cometiva
Abonação: “ <i>Aqui se contarão as pessoas de que toda a cometiva se compunha, e se achou...</i> ” (3r, p. 27)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Acompanhamento de gente, que segue a hum Principe, ou Cavalheyro grande para o cortejar, &amp; honrar” (v. 2, p. 400)</li> <li>2. Silva: “Acompanhamento de gente por cortejo, obsequio; pompa” (v. 1, p. 420)</li> </ul>

Ficha 15
Lexia: Cappitam de Dragoens
Abonação: “ <i>...que a família do General de Goyaz; a do Cappitam de Dragoens Joze de Mello, e Castro...</i> ” (3r, p. 27)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ul> <p>Obs: De acordo com o contexto, significa oficial militar que ocupa uma posição hierárquica abaixo do Capitão General. Tipo de Capitão.</p>

Ficha 16
Lexia: Escrivão
Abonação: “ <i>...que a família do General de Goyaz; a do Cappitam de Dragoens Joze de Mello, e Castro; do Escrivão do Erario Manoel Rodrigues da Costa...</i> ” (3r, p. 27)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O que escreve actos públicos. Official de penna, que ganha a vida com as pontas dos dedos” (v. 3, p. 228)</li> <li>2. Silva: “Official de Justiça, que escreve os Autos perante algum Magistrado, ou Tribunal” (v. 1, p. 743)</li> </ul>

Ficha 17
Lexia: Erario
Abonação: “ <i>...que a família do General de Goyaz; a do Cappitam de Dragoens Joze de Mello, e Castro; do Escrivão do Erario Manoel Rodrigues da Costa...</i> ” (3r, p. 27)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Tesouro Real, tesouro publico” (v. 3, p. 187)</li> <li>2. Silva: “Thesouro publico, Junta da arrecadação dos contos, ou dinheiro reaes” (v. 1, p. 729)</li> </ul>

Ficha 18
Lexia: officiaes
Abonação: “ <i>...e do Vigario da vara de Villaboa, com a do General do Matto Grosso. E</i>

*de dous officiaes, que o acompanhavão...*” (3r, p. 27)

Definição:

1. Bluteau: “Official de justiça. Official da Fazenda” (v. 6, p. 47)
2. Silva: “Officiaes de Justiça, ou Fazenda: os ministros occupados na administração da Justiça, recadação, e despesa da Fazenda Real” (v. 2, p. 360)

Ficha 19

Lexia: Barca

Abonação: “...se passa o grande Rio Parahiba, que he mui profundo, ea celerado, e sepassa em Barca...” (4r, p. 29)

Definição:

1. Bluteau: “Embarcação mayor que Barco. Embarcação chata, em que coches, carros & cavallos passaõ os rios. Serve como de ponte para passar o rio” (v. 2, p. 48)
2. Silva: “Embarcação mayor que Barco; serve de carga, e transporte” (v. 1, p. 264)

Ficha 20

Lexia: bocados

Abonação: “...e hé hum dos peores bocados de caminho que se pode incontrar; tambem se passa o Rancho...” (4r, p. 29)

Definição:

1. Bluteau: n/e
2. Silva: “Porção pequena, de tempo, caminho” (v. 1, p. 285)

Ficha 21

Lexia: Guarda

Abonação: “...aqui se acha huma fraca Guarda destinada a reconhecer os passageyros, e as condússuens deFazenda que sefazem.” (4r, p. 29)

Definição:

1. Bluteau: n/e
2. Silva: “Pessoa que tem á sua conta vigiar alguma coisa, ou outra pessoa, e pela sua conservação” (v. 2, p. 104)

Ficha 22

Lexia: capitania

Abonação: “...oRio Parahibuna divide por esta parte a capitania do Rio de Janeyro da de Minas Geraes...” (5r, p. 31)

Definição:

1. Bluteau: “Capitania do Brasil vem a ser o mesmo, que Provincia. São estas Capitancias quatorze. Comprehende em particular cada huma dellas até cincoenta legoas de costa, & quanto se quer alargar ao Sertão” (v. 2, p. 125 e 126)
2. Silva: “Destructo dos em que se dividirão a principio as Terras” (v. 1, p. 342)

Ficha 23
Lexia: partida
Abonação: “... <i>aqui se achava hum Tenente de Dragoens com huma partida, de ordem do Excellentissimo Conde General...</i> ” (5r, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Certo numero de Soldados, a que se comette alguma expedição” (v. 6, p. 289)</li> <li>2. Silva: “Divisão de tropas” (v. 2, p. 403)</li> </ol>

Ficha 24
Lexia: Conde General
Abonação: “... <i>aqui se achava hum Tenente de Dragoens com huma partida, de ordem do Excellentissimo Conde General...</i> ” (5r, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Generaes dos exercitos” (v. 2, p. 444)</li> <li>2. Silva: “Titulo de honra, e dignidade, com que os Soberanos condecorão seus principaes vassallos; tem a sua graduação entre os Viscondes, e Marquezes: antigamente tinhamo tratamento de Senhor” (v. 1, p. 438)</li> </ol>

Ficha 25
Lexia: Tenente de Dragoens
Abonação: “... <i>aqui se achava hum Tenente de Dragoens com huma partida...</i> ” (5r, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ol> <p>Obs: Significa, pelo contexto, um oficial militar.</p>

Ficha 26
Lexia: escoltar
Abonação: “... <i>Aqui se achava um Tenente de Dragoens com huma partida, de ordem do Excelentissimo Conde General, destinada a escoltar os Generaes por toda a extenção do seu governo.</i> ” (5r, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Fazer escolta a alguém. He a guarda, que se dá para a segurança de hum General, ou de qualquer outra cousa, em que possa haver perigo” (v. 3, p. 218)</li> <li>2. Silva: “Fazer, ou dar escolta. Troço militar, que vai dando guarda a alguma pessoa, ou coisa” (v. 1, p. 741)</li> </ol>

Ficha 27
Lexia: Registo
Abonação: “ <i>O Registo que aqui se acha estabelecido rende a Sua Magestade quatro centos mil cruzados.</i> ” (5r, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O livro em que se registra qualquer cousa. Registro de mercadorias, de fazendas. Registro da despeza. Registro dos nomes” (v. 7,</li> </ol>

<p>p. 201)</p> <p>2. Silva: “Manifestar qualquer coisa que deve passar por alfândega; ou casa d’officio onde se deve manifestar” (v. 2, p. 585)</p> <p>Obs: É o mesmo que Registro, repartição onde são feitos os registros.</p>
--

Ficha 28
Lexia: Provedor
Abonação: “... <i>tem dous maûs Ranchos em ambas suas margens; em huma dellas esta o Registo, e seu Provedor, e Guarda correspondente...</i> ” (5r, p. 31)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Em Portugal se dá este titulo a muytos, &amp; muytos diversos Magistrados” (v. 6, p. 801)</li> <li>2. Silva: “Official del-Rei, que provè , e examina o estado de alguma arrecadação, fabricas, provimentos, bens, e administrações, e dirige, e corrige o que não conforme ás Leis respectivas” (v. 2, p. 521)</li> </ol>

Ficha 29
Lexia: Pantanal
Abonação: “... <i>ou caminho deMadeyra sobre hum Pantanal que tera outenta braças de comprido</i> ” (6r, p. 33)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: “Atoleiro espaçoso” (v. 2, p. 193)</li> </ol>

Ficha 30
Lexia: estiva
Abonação: “... <i>e se passa por huma estiva, ou caminho deMadeyra sobre hum Pantanal...</i> ” (6r, p. 33)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “He o contrapeso da carga do navio, que se dá a cada lado delle, para o ter em equilibrio” (v. 3, p. 324)</li> <li>2. Silva: “O contrapeso que se põe ao navio, para ir em equilibrio, se vai mais carregado de alguma parte” (v. 1, p. 777)</li> </ol> <p>Obs: No contexto, significa um tipo de passagem feita de paus sobre um atoleiro.</p>

Ficha 31
Lexia: braças de comprido
Abonação: “... <i>ou caminho deMadeyra sobre hum Pantanal que tera outenta braças de comprido</i> ” (6r, p. 33)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Medida, que contem o comprimento dos dous braços abertos, &amp; estendidos, juntamente com a parte do corpo, que està no meyo delles atè à extremidade dos dedos do meyo de cada mão” (v. 2, p. 174)</li> <li>2. Silva: “Medida londa de 7. pés geométricos e 10. palmos de craveira” (v. 1, p. 296)</li> </ol>

Ficha 32
Lexia: Patrulhas
Abonação: “... <i>aqui andão Patrulhas por evitar o extravio dos Diamantes...</i> ” (6r, p. 33)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “As vigias que andaõ de noyte correndo a campanha para descobrir o que passa” (v. 6, p. 324)</li> <li>2. Silva: “Esquadra de soldados, que ronda de noite nas Praças, para aquietação dellas, impedindo as desordens; ou fora da Praça em tempo de guerra, para impedir as interpresas, e descobrir o que passa na campanha” (v. 2, p. 412)</li> </ol>

Ficha 33
Lexia: citios
Abonação: “... <i>passa-se por varios citios, e Ranchos munto bons...</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Espaço de terra descuberto. O chaõ, em que se póde levantar edificio” (v. 7, p. 665)</li> <li>2. Silva: “Uma habitação rustica” (v. 2, p. 704)</li> </ol>

Ficha 34
Lexia: Rancho
Abonação: “... <i>passa-se mais por algum Rancho, e Ribeyra...</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e (faltando páginas – v. 7, p. 103 e 104)</li> <li>2. Silva: “A divisão em que se ajuntaõ, dormem e comem os da mesma camarada. Casa, ou tenda movivel, que se faz pelos caminhos” (v. 2, p. 550)</li> </ol>

Ficha 35
Lexia: Cavalaria Auxiliar e Ordemnanças
Abonação: “... <i>aqui estavam varias companhias de Cavalaria Auxiliar e Ordemnanças...</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Soldados de cavallo, gente de cavallo. Ordem militar de Cavalleiros” (v. 2, p. 205)</li> <li>2. Silva: “A qualidade do que servia na guerra com cavallo, e não de pé, opposto a peão, e tinha certos privilégios se não era mecanico. Tropa de soldados de cavallos” (v. 1, p. 365)</li> </ol>

Ficha 36
Lexia: Arrayal
Abonação: “ <i>O Arrayal da Igreja nova terá sincoenta moradores.</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “He pois Arraial o alojamento de hum Exercito na campanha. Hoje com moderna elegancia, mas não sem perigo de equivocação os Cultos lhe chamão, campo, à imitação dos Franceses, q lhe chamão Camp, como tambem porque o Arrayal se assenta no campo” (v. 1, p. 544)</li> <li>2. Silva: “Alojamento do Exercito em campanha.” (v. 1, p. 183)</li> </ol>

Ficha 37
Lexia: Pereyras
Abonação: “ <i>Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Arvore conhecida. O mesmo, que fogo, porque o fruto que dá esta arvore, he de fôrma piramidal, como o fogo, &amp; porque se gera na potencia irascivel, a pera he o symbolo da ira” (v. 6, p. 417)</li> <li>2. Silva: “Arvore, que dá peras” (v. 2, p. 432)</li> </ul>

Ficha 38
Lexia: Pessegueyros
Abonação: “ <i>Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Arvore conhecida. Pecego molar, miraolho, maracotão. Pecego calvo. Pecegos de Janeyro. Pecegos Gil Mendes. Pecegos Venezianos” (v. 6, p. 341)</li> <li>2. Silva: “Arvore, que dá pecegos. Persica” (v. 2, p. 416)</li> </ul>

Ficha 39
Lexia: Macieyras
Abonação: “ <i>Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ul> <p>Obs: Significa árvore da família das rosáceas, cujo fruto é a maçã.</p>

Ficha 40
Lexia: Marmeleyros
Abonação: “ <i>Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...</i> ” (7r, p. 35)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Arvore, que dà marmelos. Tem a madeira torta, dura, alvadia, &amp; cuberta de uma casca, cinzenta por fora, &amp; tirante a vermelho por dentro. As folhas são lanuginosas, &amp; inteiras sem incisaõ, as flores são de cinco folhas, de cor de carne, &amp; na figura a modo de rosas” (v. 5, p. 337)</li> <li>2. Silva: “Arvore que dá marmelos” (v. 2, p. 271)</li> </ul>

Ficha 41
Lexia: Rossas
Abonação: “ <i>...passa-se pellas Caveyras, pello Cangalheyro, e outros diversos pequenos, Rossas, e Fazendas.</i> ” (8r, p. 37)
Definição:

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Porção de mato, que sendo alta se corta, ou queyma. Roça no Brasil, he a horta, ou quinta, que se semea a mandioca, chamão-se assim as quintas do Brasil, porque saõ em terras, em que fercçou o mato, queymando, cortando &amp; arrancando as arvores” (v. 7, p. 350)</li> <li>2. Silva: “Terra roçada do mato. A roça, a sementeira plantada nelle. Granja, terra de lavoira no Brazil. Diz rossa: commummente se entende da lavoira da mandioca” (v. 2, p. 636)</li> </ol>
---

Ficha 42
Lexia: ouvio Missa
Abonação: “... <i>mais adiante pello Arrayal do Ouro branco aonde ouvio Missa.</i> ” (9r, p. 39)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Missa cantada. Ouvir missa. Sacro ou sacris, ou rei divino interesse” (v. 5, p. 510 e 511)</li> <li>2. Silva: “Sacrificio incruento, e Eucharistico da Lei da Graça, em que por virtude das palavras da Consagração a hostia, e o vinho, e a água se convertem no Corpo, Sangue, Alma, e Divindade do Christo, do mesmo modo que está nos Ceos: nelle se dizem varias preces, e se recitão Evângelhos, cantando ou recitando” (v. 2, p. 304)</li> </ol>

Ficha 43
Lexia: Regimento
Abonação: “... <i>e pouco mais adiante estava portado oRegimento, chamado da Nobreza, fardado de emcarnado, e verde com boa Muzica...</i> ” (9r, p. 39)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Certo numero de companhias de Soldados. Regimento de Infantaria tem 600 praças, &amp; faz um Batalhão. Regimento de Cavallaria tem 480 praças, que fazem quatro Esquadrões Portuguezes” (v. 7, p. 200)</li> <li>2. Silva: “Consta de varias companhias” (v. 2, p. 584)</li> </ol>

Ficha 44
Lexia: Nobreza
Abonação: “... <i>e pouco mais adiante estava portado oRegimento, chamado da Nobreza, fardado de emcarnado, e verde com boa Muzica...</i> ” (9r, p. 39)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Os nobres. Os Principes, &amp; a nobreza he o tudo dos Reynos” (v. 5, p. 732)</li> <li>2. Silva: “O ser nobre; distincto por Carta que ennobrece, ou por nascer de pais, que o erão. A nobreza do estilo, das acções, a elevação, que o distingue do vulgar, e plebeu, ou pedestre” (v. 2, p. 344)</li> </ol>

Ficha 45
Lexia: Esquadram
Abonação: “... <i>se achava hum luzido Esquadram de cavallaria Auxiliar: junto da venda nova havia outro Esquadrão...</i> ” (9r, p. 39)
Definição:

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Corpo de Infantaria assi chamado, porque de ordinario tinha forma quadrada, segundo a antiga phrase militar deste Reino, que chamava ao corpo de Cavallaria <i>Batalhão</i>. Os Esquadroens Portuguezes são de cento e vinte cavallos cada hum” (v. 3, p. 292)</li> <li>2. Silva: “Antigamente era corpo de Infantaria, e Cavallaria, em que o Exercito se dividia. Esquadrão hoje é de cento e vinte cavallos. Muitos cavalleiros postos em forma de peleja em fileiras” (v. 1, p. 765)</li> </ol>
---

Ficha 46
Lexia: fardado de emcarnado
Abonação: “...e pouco mais adiante estava portado oRegimento, chamado da Nobreza, fardado de emcarnado, e verde com boa Muzica...” (9r, p. 39)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “De côr de rosa” (v. 3, p. 84)</li> <li>2. Silva: “Còr de carne, vermelho como carne viva” (v. 1, p. 680)</li> </ol>

Ficha 47
Lexia: descargas
Abonação: “...depois de ter mandado dar muntas descargas, e fazer outras demonstraçoens mais na sahida da villa.” (10r, p. 41)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Descarga de hu peso. Descarga de humores. Descarga de culpa” (v. 3, p. 104)</li> <li>2. Silva: “Descargas de tiros de espingardas, ou canhão, dando-lhe fogo” (v. 1, p. 557)</li> </ol>

Ficha 48
Lexia: Minas de ouro
Abonação: “...he a rezidencia do General de Minas Geraes; tem Intendente e Fundicão tem abundantes Minas de ouro a roda de toda a villa” (10r, p. 41)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O lugar que se cava para delle tirar qualquer metal, ou mineral” (v. 5, p. 491)</li> <li>2. Silva: “Abertura soterranea, feita para se tirarem mineráes” (v. 2, p. 300)</li> </ol>

Ficha 49
Lexia: Negros
Abonação: “...quatro diferentes corpos, tambem de Auxiliares brancos, Mulatos, e Negros luzidos.” (10r, p. 41)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Homem da terra dos negros, ou filho de pays negros. Tomamos motivo para chamarmos negro toda a cousa que nos enfada, molesta e entristece”(v. 5, p. 703)</li> <li>2. Silva: “Còr negra. Homem preto” (v. 2, p. 340)</li> </ol>

Ficha 50
Lexia: Mulatos
Abonação: “... <i>quatro diferentes corpos, tambem de Auxiliares brancos, Mulatos, e Negros luzidos.</i> ” (10r, p. 41)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Filho de branca, &amp; negra, ou de negro, &amp; de mulher branca” (v. 5, p. 628)</li> <li>2. Silva: “Filho, ou filha de preto com branca, ou ás avessas, ou de mulato com branca até certo gráo” (v. 2, p. 327)</li> </ul>

Ficha 51
Lexia: Coronel
Abonação: “ <i>Pelas seis horas da manhaã sahio dafazenda do Coronel Luis Joze...</i> ” (11r, p. 43)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Official de guerra. Coronel he o mesmo que Mestre de Campo, só differem em que o Coronel provê livremente as companhias do seu Terço, ou Regimento, &amp; o Mestre de Campo não, &amp; com esta differença he muyto mais aventajado” (v. 2, p. 557)</li> <li>2. Silva: “O official de mayor patente, e chefe de um Regimento” (v. 1, p. 473 e 474)</li> </ul>

Ficha 52
Lexia: servissos de Roda
Abonação: “... <i>de huma e outra parte tem Lavras de Ouro, com servissos de Roda...</i> ” (11r, p. 43)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Lavrar em roda. Roda de escachar, ao ourives serve de fazer o ouro, como palheta. Roda de torcer, tambem na officina do ourives, he a que torce dous fios de ouro” (v. 7, p. 354 e 355)</li> <li>2. Silva: “Roda d’agua: a que se move com agua, e faz mover as moendas: a que serve de esgotar as minas” (v. 2, p. 637)</li> </ul>

Ficha 53
Lexia: Engenho de Agoa
Abonação: “... <i>passa-se pello Engenho de Agoa...</i> ” (11r, p. 43)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “he de tres maieras, porque ou a agoa não chega se não à parte interior da roda, ou toma a roda pelo meyo, ou cahe de cima sobre a roda, anda este moinho, ou engenho de agoa, com a ajuda tres rodas, que tem dentes, os rayos da roda maior sao dobrados” (v. 1, p. 117)</li> <li>2. Silva: “Maquina, de fazer papel; de moer canas, e fazer assucar” (v. 1, p. 698)</li> </ul>

Ficha 54
Lexia: Ouvidor
Abonação: “ <i>O Sabará terá seis, ou sete mil vezinhos; tem Ouvidor e Intendente e</i>

<i>Fundição...</i> ” (11r, p. 43)
Definição:
1. Bluteau: “Official de justiça que ouve, & despacha, conforme o Regimento da sua Ouvidoria” (v. 6, p. 161 e 162)
2. Silva: “Juiz posto pelos Donatarios em suas Terras” (v. 2, p. 377)

Ficha 55
Lexia: Intendente
Abonação: “ <i>O Sabará terá seis, ou sete mil vezinhos; tem Ouvidor e Intendente e Fundição...</i> ” (11r, p. 43)
Definição:
1. Bluteau: n/e
2. Silva: “Inteligente. Pessoas virtuosas” (v. 1, p. 709)
Obs: No sentido do texto significa Administrador, função de Prefeito.

Ficha 56
Lexia: Fundição
Abonação: “ <i>O Sabará terá seis, ou sete mil vezinhos; tem Ouvidor e Intendente e Fundição...</i> ” (11r, p. 43)
Definição:
1. Bluteau: “A officina, em que se fundem metaes” (v. 4, p. 232)
2. Silva: “Fabrica de fundir obras de bronze, e ferro, como canhões, sinos” (v. 2, p. 68)

Ficha 57
Lexia: lavras de Ouro
Abonação: “ <i>Na Jagoará há huma magnifica fazenda com varios Engenhos, lavras de Ouro</i> ” (12r, p. 45)
Definição:
1. Bluteau: “Pedras que se podem lavar. Lavar hu diamante bruto” (v. 5, p. 57)
2. Silva: “Lavras pedras preciosas (lapidar). Lavar (o oiro) em joias, em moedas. Ouro lavrado; feito em obra de ourives” (v. 2, p. 210)

Ficha 58
Lexia: abarracou
Abonação: “ <i>...neste citio se abarracou pella primeyra vez por conta da má commodidade do Rancho.</i> ” (13r, p. 47)
Definição:
1. Bluteau: n/e
2. Silva: “Recolher em barracas, aquartelar nellas” (v. 1, p. 4)

Ficha 59
Lexia: commodidade
Abonação: “ <i>...neste citio se abarracou pella primeyra vez por conta da má commodidade do Rancho.</i> ” (13r, p. 47)

Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Occasiaõ, lugar, tempo commodo” (v. 2, p. 404)</li> <li>2. Silva: “Facilidade, oportunidade, vagar, meyo de fazer alguma coisa sem incommodo” (v. 1, p. 422)</li> </ol>

Ficha 60
Lexia: Bispado
Abonação: “...a Ribeyra Taboca se passa o Bispado de Mariana por este lado do Arcebispado da Bahya...” (13r, p. 47)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “A dignidade Episcopal, ou beneficio, ou o territorio, &amp; diocese do Bispo” (v. 2, p. 128)</li> <li>2. Silva: “O officio, e dignidade, e jurisdicções episcopâes. O território do Bispo” (v. 1, p. 283)</li> </ol>

Ficha 61
Lexia: Arcebispado
Abonação: “...a Ribeyra Taboca se passa o Bispado de Mariana por este lado do Arcebispado da Bahya...” (13r, p. 47)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Esta palavra significa a dignidade, &amp; juntamente o beneficio de hum Arcebispo, &amp; as vezes a sua Diocese” (v. 1, p. 473)</li> <li>2. Silva: “A dignidade, e o território do Arcebispo; os seus Direitos, Offícios” (v. 1, p. 172)</li> </ol>

Ficha 62
Lexia: bestas
Abonação: “...aqui se falhou o dia dezanove por nam apparecerem seis bestas das que conduzião mantimentos.” (14r, p. 49)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Animal irracional. Bestas de carga. Besta de quatro pès” (v. 2, p. 110 e 111)</li> <li>2. Silva: “Animal bruto, irracional, quadrupede, em geral domestico” (v. 1, p. 279)</li> </ol>

Ficha 63
Lexia: mantimentos
Abonação: “...aqui se falhou o dia dezanove por nam apparecerem seis bestas das que conduzião mantimentos.” (14r, p. 49)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Alimentos necesarios para o sustento da vida. Provisaõ de mantimentos, ou munições de boca, que se levão a hum exercito” (v. 5, p. 302)</li> <li>2. Silva: “Os comereres, viveres, virtualhas, alimento” (v. 2, p. 263)</li> </ol>

Ficha 64
Lexia: braças de largo
Abonação: “...o Rio de Sam Francisco he o mayor que se passa ma jornada; terá seiscentas bracas deLargo...” (15r, p. 51)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Medida, que contem o comprimento dos dous braços abertos, &amp; estendidos, juntamente com a parte do corpo, que està no meyo deles, até a extremidade dos dedos do meyo de cada mão, se esta medida he de sete pès geométricos, como se vê na taboada de combinação de varias medidas, composta por Luis Serrão Pimentel, poderemos chamar huma braça” (v. 2, p. 174)</li> <li>2. Silva: “Medida longa de 7 pès geométricos, e 10 palmos de craveira” (v. 1, p. 296)</li> </ul>

Ficha 65
Lexia: sezoens
Abonação: “...e sam citios de muntas sezoens, principalmente no tempo das agoas...” (15r, p. 51)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “o mesmo que Tempo, ou Estação do tempo” (v. 7, p. 518)</li> <li>2. Silva: “Estação do anno” (v. 2, p. 672)</li> </ul> <p>Obs: Dentro do contexto significa febres, tipo maleita.</p>

Ficha 66
Lexia: Sam João
Abonação: “Neste rancho do Abayté se mandam fazer Fogueyras edar descargas em obzequio de Sam João.” (15r, p. 51)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ul> <p>Obs: Um dos santos de devoção de determinada doutrina religiosa.</p>

Ficha 67
Lexia: jornada
Abonação: “...o Rio de Sam Francisco he o mayor que se passa ma jornada; terá seiscentas bracas deLargo...” (15r, p. 51)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Significa todo o caminho, que se anda em hum, ou mais dias, athe chegar ao termo da viagem” (v. 4, p. 193)</li> <li>2. Silva: “Caminho, marcha” (v. 2, p. 191)</li> </ul>

Ficha 68
Lexia: serobis
Abonação: “...criam grandíssimos Peyxes mayores do que hum homem, alguns chamados serobis, Dourados, Matrinchans, e outros.” (15r, p. 51)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> </ul>

2. Silva: n/e Obs: Tipo de peixe de água doce.
---

Ficha 69
Lexia: Matrinchans
Abonação: “... <i>criam grandíssimos Peyxes maiores do que hum homem, alguns chamados serobis, Dourados, Matrinchans, e outros.</i> ” (15r, p. 51)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ol> Obs: Tipo de peixe de água doce.

Ficha 70
Lexia: Dourados
Abonação: “... <i>criam grandíssimos Peyxes maiores do que hum homem, alguns chamados serobis, Dourados, Matrinchans, e outros.</i> ” (15r, p. 51)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ol> Obs: Tipo de peixe de água doce.

Ficha 71
Lexia: Fogueyras
Abonação: “ <i>Neste rancho do Abayté se mandam fazer Fogueyras edar descargas em obzequio de Sam João.</i> ” (15r, p. 51)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Fogo, que se faz com carqueja, ou com outra lenha, que faz muyta lavareda” (v. 4, p. 155)</li> <li>2. Silva: “Materia acceza em ala, e grande labareda, ou brazido, de rama, lenha” (v. 2, p. 42)</li> </ol>

Ficha 72
Lexia: tiros de Bêsta
Abonação: “ <i>Tres tiros deBêsta daboaEsperança passa-se a grande Ribeyra...</i> ” (17r, p. 55)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Tiro, termo de carro. He hum calebre, que serve de puxarem os boys pelo arado, quando lavraõ mais de dous” (v. 9 suplemento, p. 255)</li> <li>2. Silva: “O calebre com que se ajunta mais hum boi, ou bêsta ao arado, ou coche. São juntas, ou parelhas de bois, ou bêstas de puxar carros, carretas, coches, &amp;c. às vezes os tiros são singelos enfiados uns atras do outro, e cada tiro é um animal” (v. 2, p. 778)</li> </ol>

Ficha 73
Lexia: campo
Abonação: “... <i>em cujo citio se dormio no campo...</i> ” (18r, p. 57)

Definição:
1. Bluteau: “Pedaço de terra cultivada. Terra fora da Cidade, & do povoado” (v. 2, p. 86)
2. Silva: “Pedaço de terra baixa, e plana. Terra: fora da Cidade” (v. 1, p. 333)

Ficha 74
Lexia: effluvios
Abonação: “ <i>o rio Paracatú; cujos effluvios sam munto nocivos tera trezentas bracas delargo...</i> ” (18r, p. 57)
Definição:
1. Bluteau: n/e
2. Silva: “Vapores subtilissimos, que se exhalão de todos os corpos, principalmente dos viventes, e odoríferos, em consequencia do moto intestino delles” (v. 1, p. 648)
Obs: Pelo sentido do texto, significa fluido sutil que emana do rio.

Ficha 75
Lexia: canoas
Abonação: “ <i>...Passa agente em canoas, e as bestas a nado: bom caminho.</i> ” (18r, p. 57)
Definição:
1. Bluteau: “Embarcação de que usaõ os Gentios da America para a guerra, de que mais se aproveitaõ os moradores para o serviço. Cada qual se fóрма de hum só pao comprido, & boleado, a que, tirada a face de cima, arrancaõ todo o âmago, & fica a modo de lançadeira de tear, & capaz para vinte, ou trinta remeiros” (v. 2, p. 106)
2. Silva: “Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça: ou com accrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formão o costado e as bordas” (v. 1, p. 338)

Ficha 76
Lexia: lagoa
Abonação: “ <i>...e perto de huma lagoa que da principio a hum Ribeyrão que tem munto peyxe...</i> ” (18/19r, p. 57/59)
Definição:
1. Bluteau: “Ajuntamento de aguas, que não tem sahida: ou Lagoa he huma especie de Lago, formado das aguas vertentes, com esta differença, que no Lago nunca falta agua, porque nasce nelle, mas muitas vezes no Estio a lagoa se seca” (v. 5, p. 21)
2. Silva: “Grande lago d’aguas vertentes” (v. 2, p. 200)

Ficha 77
Lexia: Arrebaldes
Abonação: “ <i>...este Arrayal terá sinco mil habitantes comprehendidos os Arrebaldes, he bem cituado, e tem muntas lavras de Ouro...</i> ” (19r, p. 59)
Definição:
1. Bluteau: n/e
2. Silva: n/e

Obs: Significa, pelo contexto, os arredores do Arrayal.

Ficha 78

Lexia: Engenhos de assucar

Abonação: “...*passa-se a vista de varios Engenhos de assucar...*” (20r, p. 61)

Definição:

1. Bluteau: “Machina mecanica com engenhoso artificio” (v. 3, p. 118)
2. Silva: “Maquina de moer canas, e fazer assucar” (v. 1, p. 698)

Ficha 79

Lexia: Pontes de Madeyras

Abonação: “...*passão-se tres pequenas Ribeyras com Pontes de Madeyras...*” (20r, p. 61)

Definição:

1. Bluteau: “Obra de Architectura, ou Carpinteria, que atravessa rios, ou fossos, ou aguas encharcadas, para a passagem da gente” (v. 6, p. 596)
2. Silva: “e de madeira, que atravessa fossos, e é fixa” (v. 2, p. 468)

Ficha 80

Lexia: Brigadeyro

Abonação: “...*aqui se achava huma partida de cavallaria e hum Tenente do Regimento doBrigadeyro Antonio Carlos.*” (20r, p. 61)

Definição:

1. Bluteau: “Official de guerra, que manda huma Brigada... he hum posto mais que Coronel, & menos que Sargento Mòr de Batalha; governa quatro ou cinco regimentos, conforme o numero das tropas, e destes officiaes há huns, que tem hum seu proprio regimento, que governa hum Tenente Coronel, & tem o mesmo predicamento, & o mesmo nome na Cavallaria, que na Infantaria” (v. 2, p. 192)
2. Silva: “Posto militar superior ao de Coronel; o Official deste nome é o que commanda uma brigada” (v. 1, p. 301)

Ficha 81

Lexia: Regueyro

Abonação: “...*o Rio deSam Bartholomeu passa antes de chegar ao Regueyro hum quarto de Legoa*” (21r, p.63)

Definição:

1. Bluteau: “Rigueira. Abertura na terra, por onde corre a agua da chuva a modo de ribeyrinho” (v. 7, p. 336)
2. Silva: “Sulco. Arroio” (v. 2, p. 586)

Ficha 82

Lexia: Justissas

Abonação: “...*as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...*” (22r, p. 65)

Definição:

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Os officiaes, que administraõ justiça. Justiça mayor. Os principaes ministros, as cabeças da justiça” (v. 4, p. 233)</li> <li>2. Silva: “O Juiz, ou Magistrado, que faz justiça, e executa as Leis” (v. 2, p. 196)</li> </ol>
---

Ficha 83
Lexia: agentes principaes
Abonação: “...as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...” (22r, p. 65)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Qualquer, que por comissão de superior solicita publicamente os negocios de huma commuidade” (v. 1, p. 166)</li> <li>2. Silva: “Procurador de alguma corporação, ou de particulares” (v. 1, p. 63)</li> </ol>

Ficha 84
Lexia: Auxilliares
Abonação: “...as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...” (22r, p. 65)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Gente auxiliar. Os a que em Portugal se dá este nome se differença da gente da Ordenança, em que esta não recebe foldo algum, &amp; aquella tem meya paga, &amp; acompanhando a El Rey quando vay à guerra, tem paga inteira” (v. 1, p. 686)</li> <li>2. Silva: “Gente, milicia auxiliar, a que vem de fóra em socorro; e tambem a tropa alistada, e menos exercitada, sem soldo, que só serve em necessidades de guerra” (v. 1, p. 234)</li> </ol>

Ficha 85
Lexia: Palio
Abonação: “...as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...” (22r, p. 65)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “He a modo de sobrecéo de hú leyto, cercado de suas janelas, &amp; prezo no alto de huas varas, debayxo do qual leva o Sacerdote o Santissimo Sacramento em procissoens, &amp; outras funções Ecclesiasticas. Tambem em certas occasioens se vão receber Principes Ecclesiasticos, ou seculares debayxo do pallio” (v. 6, p. 205)</li> <li>2. Silva: “Sobrecéo portatil em varas levadas por homens, debaixo do qual vai o Sacramento, à rua, ou Santo Lenho; e talvez os Soberanos” (v. 2, p. 387)</li> </ol>

Ficha 86
Lexia: uvas
Abonação: “...o Arrayal tem lavras de Ouro: tera mil eseycentos habitantes; he citio boas uvas.” (22r, p. 65)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Fruto da videyra, composto de muitos grãos, que formão hum cacho pendente, bom de comer, &amp; fazer vinho” (v. 8, p. 601)</li> </ol>

2. Silva: “Fruto da videira, que nasce em cachos” (v. 2, p. 825)

Ficha 87

Lexia: febre catarral

Abonação: “...*aqui teve o General deMatto Grosso huma febre catarral que o obrigou a demorar neste citio todo o dia dezasete.*” (23r, p. 67)

Definição:

1. Bluteau: “Cousa de catarro, ou procedida de catarro. Nas doenças, em que há dor de, cabeça, ou fluxo Catarral” (v. 2, p. 197)
2. Silva: “Procedido de catarro. Febre de catarro” (v. 1, p. 360)

Ficha 88

Lexia: regatos

Abonação: “...*passa-se mais hum rancho e tres diverssos regatos todos com ponte.*” (23r, p. 67)

Definição:

1. Bluteau: “He mais que ribeyrinho, & menos que ribeyro” (v. 7, p. 195)
2. Silva: “He mais que ribeirinho, e menos que ribeiro” (v. 2, p. 583)

Ficha 89

Lexia: Riachos

Abonação: “...*passa-se pello citio do Chaveyro, pello Rio Columba, Ribeyram do chaveyro, e dous Riachos...*” (23r, p. 67)

Definição:

1. Bluteau: “Rio pequeno” (v. 7, p. 327)
2. Silva: “Rio pequeno” (v. 2, p. 631)

Ficha 90

Lexia: Ribeyros

Abonação: “...*passam-se mais cinco pequenos Ribeyros, e pello Rancho do Raymundo.*” (24r, p. 69)

Definição:

1. Bluteau: “A agua de hum manancial, que corre pelo caminho, que se tem aberto” (v. 7, p. 329)
2. Silva: “Agua que corre derivada de algum olho, ou fonte” (v. 2, p. 631)

Ficha 91

Lexia: Bosque deMatto virgem

Abonação: “...*sam cinco legoas o caminho he todo por entre hum Bosque deMatto virgem...*” (24r, p. 69)

Definição:

1. Bluteau: “Virgem. Diz-se de muitas cousas, que não servirão, & conservão sua nativa integridade, & pureza” (v. 8, p. 515 e 516)
2. Silva: “Coisa que não serviu naquilo para que he feita, ou nascida, que não teve ainda feitio algum. Terra virgem” (v. 2, p. 857)

Ficha 92
Lexia: Bosques
Abonação: “... <i>sam seis legoas debom caminho, porentre Bosques...</i> ” (24r, p. 69)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Bosque de arvores silvestres. Bosque de arvores altas” (v. 2, p. 166)</li> <li>2. Silva: “Sitio povoado de arvores, e mata, que serve para caça” (v. 1, p. 294)</li> </ol>

Ficha 93
Lexia: Morros
Abonação: “... <i>sobem-se, e descem-se muntos Morros, passa-se pello Ribeyram...</i> ” (24r, p. 69)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Terra, que topão dura, a modo de piçarra, ou rocha” (v. 5, p. 587)</li> <li>2. Silva: “Terra dura a modo de piçarra” (v. 2, p. 320)</li> </ol>

Ficha 94
Lexia: caza de telha
Abonação: “... <i>e da caza de telha que he junto ao Rancho; nenhum destes Ribeyros tem Ponte.</i> ” (25r, p. 71)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Telha de barro, com que se cobrem as casas. Casas de telha vã. A em que só aparecem telhas, &amp; ripas, sem forro” (v. 8, p. 68)</li> <li>2. Silva: “Peças de barro de certa grossura, cosidas em torno, que servem de cobrir o tecto das casas, sobre ripas ou taboas” (v. 2, p. 760)</li> </ol>

Ficha 95
Lexia: Corgozinhos
Abonação: “... <i>com seu Rio do mesmo nome e se passam mais quatro Corgozinhos sem Ponte.</i> ” (25r, p. 71)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ol> <p>Obs: É o diminutivo (variante) de Corgo, forma abreviada através de síncope da lexia Córrego.</p>

Ficha 96
Lexia: pessoas graves
Abonação: “... <i>se havia encontrado o Brigadeyro Antonio Carlos com os Menistros e mais pessoas graves de VillaBoa...</i> ” (25r, p. 71)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Serio. Que tem autoridade no andar, no gesto, nas palavras” (v. 4, p. 128)</li> <li>2. Silva: “Serio, sisudo, decoroso” (v. 2, p. 100)</li> </ol>

Ficha 97
Lexia: recebimentos
Abonação: “...antes de chegar a este citio se havia encontrado o Brigadeyro Antonio Carlos com os Menistros e mais pessoas graves de VillaBoa aonde sefizerão os recebimentos competentes aos Generaes...” (25r p. 71)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Recebimento de algum Principe, quando chega a algu Reyno, ou Cidade. Recepção” (v. 7, p. 147)</li> <li>2. Silva: “O acto de receber, o recebimento cortez da visita, consiste em sahir fora da sala para dar a entrada primeira ao hospede” (v. 2, p. 563)</li> </ul>

Ficha 98
Lexia: Camera
Abonação: “...se acha a Camera e os Nobres da terra e feyta a oraçam do recebimento...” (26r, p. 73)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “As casas, &amp; o Tribunal, em que o Presidente, Vereadores, se ajuntaõ para tratar dos negócios concernentes ao bem publico de hua Cidade” (v. 2, p. 68)</li> <li>2. Silva: “O corpo do Senado. A casa onde ele se ajunta. Casa de expediente, e officiaes de despacho dos Bispos e da Sé Apostolica” (v. 1, p. 328)</li> </ul>

Ficha 99
Lexia: oraçam do recebimento
Abonação: “...e feyta a oraçam do recebimento condurizão debayxo doPallio a sua Excellencia...” (26r, p. 73)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Oração mais particularmente se chama, a que reza no Officio do dia, ou na commemoração das festas, &amp; Ferias” (v. 6, p. 94)</li> <li>2. Silva: “Preces, supplica a Deus” (v. 2, p. 368)</li> </ul>

Ficha 100
Lexia: Emcamizada
Abonação: “...as quaes se principiaram por huma Emcamizada, com bastante asseyo, e luzimento em que correram a cavallo para sima...” (26r, p. 73)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Assalto, que se dá de noyte, ou pouco antes de amanhecer, vestindos os soldados as camisas, ou outros pannos de linho sobre as armas para se distinguirem dos contrarios na escuridade. Que se faz de noyte a cavallo com tochas, em occasião de festas” (v. 3, p. 79)</li> <li>2. Silva: “Assalto nocturno, em que as tropas vão vestidas de camisões sobre as armas, para se conhecerem dos contrarios. Dar huma encamisada aos Mouros. Fazem-se tambem por festa, com tochas” (v. 1, p. 677)</li> </ul>

Ficha 101
Lexia: Cavalhadas
Abonação: “...seguiram-se tres dias de Cavalhadas, entrepolados com outros tantos de

<i>Touros que foram sorteados de pé...</i> ” (26r, p. 73)
Definição:
1. Bluteau: “Feitas de cavalos, jogos de cavallos” (v. 9, p. 209)
2. Silva: “Festa de cavalgada” (v. 1, p. 364)

Ficha 102
Lexia: Saráu
Abonação: “...e na seguinte hum grandiozo Saráu que seexecutou em Pallacio.” (26r, p. 73)
Definição:
1. Bluteau: n/e
2. Silva: “baile nocturno entre pessoas nobres” (v. 2, p. 669)

Ficha 103
Lexia: Touros
Abonação: “...seguiram-se tres dias de Cavalladas, entrepolados com outros tantos de Touros que foram sorteados de pé...” ( 26r, p. 73)
Definição:
1. Bluteau: “Animal quadrúpede, cornigero, robusto, feroz, & macho da vaca” (v. 8, p. 225)
2. Silva: “Boi novo, não capado” (v. 2, p. 791)

Ficha 104
Lexia: Igreja
Abonação: “...conduzirão debayxo doPallio a Sua Excellencia á Igreja Matris, e della para Pallacio...” (26r, p. 73)
Definição:
1. Bluteau: “Templo. Lugar sagrado em que os Fieis se ajuntaõ para orar, pedir a Deos graças, & assistir aos officios de Divinos” (v. 4, p. 44)
2. Silva: “O Templo, ou Casa de oração” (v. 2, p. 128)

Ficha 105
Lexia: fogo artificial
Abonação: “...e a praça bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas dancas finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto...” (26r, p. 73)
Definição:
1. Bluteau: “Fogos de festa. Fogos artificiaes, ou Artificios de fogo. Fazemse com polvora, que moida com outros ingredientes, & variamente distribuida, & apertada faz estourar foguetes” (v. 4, p. 154)
2. Silva: “Fogos artificiaes, os que se fazem com polvora, por brinco, e festa” (v. 2, p. 42)

Ficha 106
Lexia: Nossa Senhora
Abonação: “...e a praça bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas dancas

*finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto...*” (26r, p. 73)

Definição:

1. Bluteau: n/e
2. Silva: n/e

Obs: Uma das santas de devoção da doutrina católica.

Ficha 107

Lexia: festas

Abonação: “...*passados os tres dias para os cumprimentos, e descanso, se entraram a mover as gentes da terra para porem em publico as festas para que se tinha preparado de munto tempo...*” (26r, p. 73)

Definição:

1. Bluteau: “Festas publicas, como jogos, torneos, cana, fogos. Celebrar com festas a boa vinda de alguém. Demonstraçãõ de amizade, benevolencia” (v. 4, p. 95)
2. Silva: “Acção, ou funcção feita em honra, e obsequio religioso, ou urbano. Festas: demonstrações de alegria, gosto, amisade, com que se agasalha alguém, ou alguma boa nova, e sucesso” (v. 2, p. 27)

Ficha 108

Lexia: obras Poeticas

Abonação: “...*as quaes se principiaram por huma Emcamizada, com bastante asseyo, e luzimento em que correram a cavallo para sima de cem pessoas e na mesma ocazian se recitaram varias obras Poeticas...*” (26r, p. 73)

Definição:

1. Bluteau: “Obra de engenho, composição, poema, oração, livro. Obra em versos. Obras poeticas, Versos” (v. 6, p. 15)
2. Silva: “Productõ, effeito da natureza ou arte, ou da Graça sobrenatural. Arte poetica” (v. 2, p. 355)

Ficha 109

Lexia: Pallacio

Abonação: “...*finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto, e na seguinte hum grandiozo Saráu que se executou em Pallacio.*” (26r, p. 73)

Definição:

1. Bluteau: “Palacio propriamente se diz das casas dos Reys, & Principes, & permissivamente dos sumptuosos, & magnificos domicilios de senhores grandes” (v. 6, p. 190)
2. Silva: “Casa grande, e nobre, de boa traça, e bons edificios” (v. 2, p. 384)

Ficha 110

Lexia: gentio

Abonação: “...*vinha a estes sertoes captivar gentio da domestica naçam Goyâ...*” (27r, p. 75)

Definição:

1. Bluteau: “Pagão. Gente baixa, popular” (v. 4, p. 57)
2. Silva: “Barbaro idolatra, Pagão. A gentalha, plebe” (v. 2, p. 85)

Ficha 111

Lexia: Julgado

Abonação: “*Marcha sua Excellencia da Villa para o Julgado de Pillar*” (28r, p. 75)

Definição:

1. Bluteau: “Povoação que não tem Pelourinho, nem goza dos privilegios de Villa, mas tem justiças, & juizes, que julgaõ” (v. 4, p. 221 e 222)
2. Silva: “Povoação sem pellourinho nem privilegio de Villa; posto que tenha juiz e justiça propria” (v. 2, p. 193)

Ficha 112

Lexia: Marcha

Abonação: “*Sahio sua Excellencia de Villa boa para o Arraal de Pillar, e deu principio a sua Marcha no dia 2 de Junho de 1773...*” (28r, p. 77)

Definição:

1. Bluteau: “Marcha, ou caminho do exercito” (v. 5, p. 324)
2. Silva: “O caminho, que o exercito vai fazendo, ou fez” (v. 2, p. 268)

Ficha 113

Lexia: urbanidade

Abonação: “*...acompanharam-no todas as pessoas que poderão montar a cavallo: a sua urbanidade, sempre agradecida, despedio de pouca distancia...*” (28r, p. 77)

Definição:

1. Bluteau: “vem a ser o mesmo que o comedimento, & bom modo dos que vivem na Cidade, em diferença da rusticidade, & grosseria dos que vivem nas Aldeas, & no campo” (v. 8, p. 587)
2. Silva: n/e

Ficha 114

Lexia: aquartelou em barracas

Abonação: “*...marchou para a ponte do Rio dos Bugres, onde se aquartelou em barracas, tendo marchado neste dia cinco legoas.*” (28r, p. 77)

Definição:

1. Bluteau: “Tomar quartéis” (v. 1, p. 456)
2. Silva: “Recolher, alojar em barracas” (v. 1, p. 167)

Ficha 115

Lexia: Vigario

Abonação: “*...se despedio sua Excellencia do Doutor Intendente, do Reverendo Vigario, e dos Deputados da Junta da Fazenda...*” (28r, p. 77)

Definição:

1. Bluteau: “O que faz as vezes, & funções do Prelado na sua ausencia” (v. 9 suplemento, p. 485)
2. Silva: “Principe que faz as vezes do Imperador ou pertende ter esse direito.

Official de justiça quasi juiz ordinário” (v. 2, p. 851)  
Obs: De acordo com o contexto, é o Padre responsável ou pároco de determinado local.

Ficha 116  
Lexia: Deputados da Junta da Fazenda  
Abonação: “...se despedio sua Excellencia do Doutor Intendente, do Reverendo Vigario, e dos Deputados da Junta da Fazenda...” (28r, p. 77)  
Definição:  
1. Bluteau: “Entre nos se chamaõ Deputados certos ministros, subalternos de varios Tribunaes” (v. 3, p. 74)  
2. Silva: “Aquelle a quem se deu alguma comissão de jurisdicção, ou conhecimento. O que tem comissão do ministro proprio” (v. 1, p. 534)

Ficha 117  
Lexia: Conde dos Arcos  
Abonação: “...e ficou sendo sugeyta a Cappitania deSam Paulo the o anno de 1751// sendo o primeyro Governador que a separou o Senhor Conde dos Arcos Dom Marcos deNoronha.” (28r, p. 77)  
Definição:  
1. Bluteau: “Este nome se deu aos que acompanhavaõ os Emperadores Romanos, & aos Generaes dos exercitos, & no tempo do Emperador Justiniano, aos que tinhaõ algum cargo conspícuo na Corte, particularmente nos tribunaes da Justiça” (v. 2, p. 444)  
2. Silva: “Titulo de honra, e dignidade, com que os Soberanos condecorão seus principaes vassalos; tem a sua graduação entre os Viscondes, e Marquezes” (v. 1, p. 438)

Ficha 118  
Lexia: Alferes  
Abonação: “...com toda a sua commetiva, que constou de hum Ajudante das Ordens, hum, Cappitam, hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados...” (29r, p. 79)  
Definição:  
1. Bluteau: “Na antiga milicia Romana era o que levava as alas, ou azas de huma Aguia, ou huma Aguia por bandeira” (v. 1, p. 244)  
2. Silva: “Official militar que levava o pendão, insignia, e hoje a bandeira, quando a não tem os Portabandeiras” (v. 1, p. 91)

Ficha 119  
Lexia: soldados  
Abonação: “...com toda a sua commetiva, que constou de hum Ajudante das Ordens, hum, Cappitam, hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados...” (29r, p. 79)  
Definição:  
1. Bluteau: “Homem de guerra, que recebe soldo de Principe. O bom Soldado ha de ser homem de bem, & valente” (v. 7, p. 700)

- |  |
|--|
| 2. Silva: “Homem alistado para serviço militar, e exercitado nelle, na graduação he a ultima classe, abaixo dos anspeçadas” (v. 2, p. 716) |
|--|

Ficha 120
-----------

Lexia: cabo
-------------

Abonação: “ <i>hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados, e hum cabo, hum cyrurgiam, dous creados...</i> ” (29r, p. 79)
---

Definição:
------------

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “O que tem hum dos primeiros lugares no exercito, que não tem tanto mando” (v. 2, p. 17)</li><li>2. Silva: “Official militar” (v. 1, p. 313)</li></ol> |
|--|

Ficha 121
-----------

Lexia: cyrurgiam
------------------

Abonação: “ <i>hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados, e hum cabo, hum cyrurgiam, dous creados...</i> ” (29r, p. 79)
---

Definição:
------------

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “O que exercita a Arte da Cirurgia. Que faz particular profissão de curar as chagas, &amp; as feridas” (v. 2, p. 329)</li><li>2. Silva: “O que sabe e pratica a Cirurgia” (v. 1, p. 400)</li></ol> |
|--|

Ficha 122
-----------

Lexia: tomou quartel
----------------------

Abonação: “ <i>...e marchando seis legoas tomou quartel no Corrego de São Joze...</i> ” (29r, p. 79)
--

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Aquartelarse no aposento do Soldado” (v. 7, p. 21)</li><li>2. Silva: “Aquartellar-se na casa de aposentadoria propria dos soldados” (v. 2, p. 534)</li></ol> |
|---|

Ficha 123
-----------

Lexia: arxotes
----------------

Abonação: “ <i>...marchava sua Excellencia huma grande parte da madrugada, utilizando-se da Lua se a havia, e se nam uzava de arxotes, quepara isso levava provimento, e desta forma se livrava do ardor do Sol...</i> ” (29r, p. 79)
---

Definição:
------------

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Vela grande de cera, redonda, &amp; com muytos pavios, no que se differença da Tocha, que só tem quatro pavios, nos quatro cantos” (v. 1, p. 477)</li><li>2. Silva: “Faixa de esparto banhada em pez, que se accende para alumiar o caminho” (v. 1, p. 174)</li></ol> |
|--|

Ficha 124
-----------

Lexia: provimento
-------------------

Abonação: “ <i>...marchava Sua Excellencia huma grande parte da madrugada, utilizando-se da Lua se a havia, e se nam uzava de arxotes, que para isso levava</i> ”
---

<i>provimento, e desta forma selivrava do ardor do sol...</i> ” (29r, p. 79)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Provimento de cousas de comer. Provisaõ. Provimento de qualquer cousa” (v. 6, p. 807)</li> <li>2. Silva: “Provisão. Viveres, mantimentos, exercicios, e provimentos de guerra. Recursos” (v. 2, p. 522)</li> </ol>

Ficha 125
Lexia: cortezias
Abonação: “...e feytas as cortezias segui a rectaguarda por ordem de Sua Excelencia.” (30r, p. 81)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Bom modo dos que vivem na corte em differença dos rusticos” (v. 2, p. 578)</li> <li>2. Silva: “Policia no fallar, no modo de portar-se, fallar, e obrar. Gente bem educada” (v. 1, p. 482)</li> </ol>

Ficha 126
Lexia: ortalice
Abonação: “...e tomou quartel no Córrego do Refresco, que pello munto que ali mandou o Doutor Ouvidor, de frutas, e ortalice assim se chamou” (30r, p. 81)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “As ervas das hortas” (v. 4, p. 63)</li> <li>2. Silva: “Couves, alfaces, legumes, &amp;c., que se cultivão nas hortas” (v. 2, p. 120)</li> </ol>

Ficha 127
Lexia: frutas
Abonação: “...e tomou quartel no Córrego do Refresco, que pello munto que ali mandou o Doutor Ouvidor, de frutas, e ortalice assim se chamou.” (30r, p. 81)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Os frutos das arvores” (v. 4, p. 222)</li> <li>2. Silva: “Os frutos das arvores, pomos, abrunhos, e todos os que tem caroço, ou pevide: limões, laranjas” (v. 2, p. 64)</li> </ol>

Ficha 128
Lexia: Juizes Ordinarios
Abonação: “...a este lugar veyo oDoutor Ouvidor que se achava em Pillar decorreyçam, com os Juizes Ordinarios daquelle Julgado comprimentarem a Sua Excellencia.” (30r, p. 81)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Aquelle, que em primeyra instancia géralmente conhece de todas as causas do termo, ou territorio, em que reside. O Juiz Ordinario traz sempre vara vermelha, vay sempre á vereação da Camera, donde não ha Juiz dos Orfaos, cumpre o seu regimento, constringe os Alcaydes que tragão os prezos à audiencia, &amp; faz duas vezes audiencia na semana, salvo se no lugar donde assiste houver outro costume” (v. 6, p. 108 e 109)</li> </ol>

2. Silva: “Juiz Ordinario, é Juiz leigo da Terra, e oppõe-se aos Juizes de Fóra. Oppõe-se ao Delegado” (v. 2, p. 193 e 370)

Ficha 129

Lexia: Praças

Abonação: “...e no segundo dia da sua estada passou mostra á Companhia da Cavallaria Auxiliar reformou-a de alguns Praças que lhe faltavam...” (31r, p. 83)

Definição:

1. Bluteau: “Em termos Militares, he a palavra genérica, com que se significa qualquer lugar fortificado com muros, reparos, baluartes flanqueados, em que a gente se póde defender do inimigo” (v. 6, p. 666)
2. Silva: “Lugar fortificado de muros, baluartes” “Officio, posto, ministerio” (v. 2, p. 482)

Obs: No texto, a lexia significa oficiais que pertencem a uma categoria inferior na hierarquia militar.

Ficha 130

Lexia: Clero

Abonação: “...onde estava o Vigario, e todo o Clero, que receberam a Sua Excellencia...” (31r, p. 83)

Definição:

1. Bluteau: “Clerigos, & Ecclesiasticos, começando dos que tem ordens menóres até os Sacedórtes” (v. 2, p. 343)
2. Silva: “A Corporação dos Clerigos, homem chamado para a Igreja, e para os Ministerios da Religião” (v. 1, p. 404)

Ficha 131

Lexia: tropas

Abonação: “...mandou que se recolhesem todos as tropas com as ordenanças, que tinham bordado ás ruas por honde Sua Excelencia passou.” (31r, p. 83)

Definição:

1. Bluteau: “Companhia de Soldados de Cavallo, hoje em Portugal cada tropa he de oytenta cavallos. Tropas. Muita cavallaria junta” (v. 8, p. 308 e 309)
2. Silva: “Soldados de cavallaria” (v. 2, p. 814)

Ficha 132

Lexia: Te Deum Laudamus

Abonação: “...onde estava o Vigario, e todo o Clero, que receberam a Sua Excellencia com hum Te Deum Laudamus, efeytas as seremonias do uso, se recolheo a caza da Sua pouzentadoria...” (31r, p. 83)

Definição:

1. Bluteau: n/e
2. Silva: n/e

Obs: No texto, é a oração latina cantada, que significa Louvamos a ti, ó Deus.

Ficha 133
Lexia: bordado ás ruas
Abonação: “...mandou que se recolhesem todos as tropas com as ordenanças, que tinham bordado ás ruas por honde Sua Excelencia passou.” (31r, p. 83)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ul> <p>Obs: Dentro do contexto, são as ruas ornamentadas para a procissão de <i>Corpus Christi</i>, evento religioso que ocorre sessenta dias após o domingo de Páscoa ou na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade. São os desenhos confeccionados com borras de café, serragens e areias coloridas, formando os conhecidos tapetes de rua.</p>

Ficha 134
Lexia: mulheres
Abonação: “...as mulheres ocupavão as janelas de forma que nas cazas de grandes familias se pertubavam, e todos anciozos dezejavam ver a Sua Excellencia...” (31r, p. 83)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Creatura racional do sexo feminino” (v. 5, p. 543)</li> <li>2. Silva: “Femea da especie humana” (v. 2, p. 327)</li> </ul>

Ficha 135
Lexia: homens
Abonação: “Os homens de todas as qualidades, ocupavam as ruas com tal excesso que impediam a passage huns aos outros...” (31r, p. 83)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Criatura, que tem natureza humana, Animal racional, capaz da Graça Divina, &amp; da Gloria eterna” (v. 4, p. 43)</li> <li>2. Silva: “Individuo da especie humana, dotado de corpo organico, e alma racional imortal, capaz de aperfeiçoar suas faculdades por estudo, e observação, ou ensino” (v. 2, p. 117)</li> </ul>

Ficha 136
Lexia: atençaam
Abonação: “Ouvio a todos com munta atençaam, e prudencia, animou os moradores para novos descobertos de ouro...” (32r, p. 85)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Applicação do juizo ao que se diz, ou ao que se faz” (v. 1, p. 646)</li> <li>2. Silva: “A acção de attender. Ponderação. Urbanidade, cortezia, com que se attende ao que nos dizem, e propõem. Consideração, respeito” (v. 1, p. 228)</li> </ul>

Ficha 137
Lexia: Furriel
Abonação: “...provendo nesta companhia o Posto de Alferes, e naquela o de Furriel, que estavam vagos.” (32r, p. 85)
Definição:

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O aposentador mayor do exercito, que he o mesmo, he o official, ao qual toca executar por menor a distribuição dos alojamentos feita pelo Mestre de Campo general, repartindo a cada terço seu Quartel, &amp; as boletas para cada terço, conforme a quantidade de gente” (v. 4, p. 181 e 182)</li> <li>2. Silva: “Posto de official, inferior ao Sargento; é o que cobra os soldos, munições, e os distribue pela companhia” (v. 2, p. 51)</li> </ol>
--

Ficha 138
Lexia: benemeritos
Abonação: “ <i>Dos moradores alistados formou duas companhias de Ordenanças com seus officiaes attendendo aos mais benemeritos: agregou os Pardos forros ás duas Companhias por Esquadras...</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O que por obrar bem, merece honra, estimação, &amp;c. O que tem merecimentos. Benemerito da patria” (v. 2, p. 102)</li> <li>2. Silva: “Que é digno de honra, officio, beneficio, em consideração de serviços, ou boas obras feitas áquelle de quem se diz benemerito” (v. 1, p. 277)</li> </ol>

Ficha 139
Lexia: Pardos forros
Abonação: “ <i>Dos moradores alistados formou duas companhias de Ordenanças com seus officiaes attendendo aos mais benemeritos: agregou os Pardos forros ás duas Companhias por Esquadras...</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Cor entre branco, &amp; preto, propria do pardal” (v. 6, p. 265). “Aquelle a quem o seu proprio Senhor tem dado liberdade. Livre” (v. 4, p. 182)</li> <li>2. Silva: “De cor entre branco, e preto, como a do pardal. Mulato” (v. 2, p. 398). “Que saiu da escravidão, liberto. Que não paga for, nem direitos, livre” (v. 2, p. 51)</li> </ol>

Ficha 140
Lexia: Operas
Abonação: “ <i>Estes moradores festejaram a sua Excellencia nas noutes da sua estada neste Arrayal com duas emcamizadas munto lustrozas, e duas Operas que representaram em Theatro publico...</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Hoje he usada nesta Corte, quando se falla nas celebres Comedias, inventadas dos Venezianos, as quaes se recitaõ em tom musical, &amp; se representaõ com deliciosas symphonias, notaveis maquinas, &amp; admiraveis apparencias” (v. 6, p. 83)</li> <li>2. Silva: “Drama tragico ou comico; que os Italianos recitaõ em voz cantante, e assim o usão os Francezes; com arias em vez de córos, e outras irregularidades, ou differenças da Tragedia, e Comedia regular” (v. 2, p. 366)</li> </ol>

Ficha 141
Lexia: arrobas de Ouro
Abonação: “ <i>Deu-se ao manifesto, e se tirarão muntas arrobas de Ouro...</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Peso de trinta, &amp; dous arrateis. Dizemos proverbialmente, que nesta vida os prazeres são por onças, &amp; os pesares por arrobas” (v. 1, p. 566). “O mais precioso dos metaes” (v. 6, p. 148)</li> <li>2. Silva: “Peso de trinta e dois arrateis” (v. 1, p. 195). “Metal mui compacto, pesado, e dúctil, amarello, e o mais precioso de todos” (v. 2, p. 376)</li> </ul>

Ficha 142
Lexia: luzimento
Abonação: “ <i>...e duas Operas que representaram em Théâtre publico, com excelentes figuras com munto luzimento.</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Diz-se das cousas magnificas, &amp; sumptuosas, &amp; algumas vezes das açções, em que luz o engenho” (v. 5, p. 218)</li> <li>2. Silva: “O esplendor: luzimento das galas, da Corte” (v. 2, p. 242)</li> </ul>

Ficha 143
Lexia: prudencia
Abonação: “ <i>Ouvio a todos com munta attençam, e prudencia, animou os moradores para novos descobertos de ouro...</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Virtude intellectual, que ensina ao homem o recto modo de obrar, &amp; o que he moralmente bom, ou mão, para abraçallo, ou fugillo” (v. 6, p. 811)</li> <li>2. Silva: “Virtude, que faz conhecer, e praticar o que convêm na ordem da vida politica, ou moral” (v. 2, p. 523)</li> </ul>

Ficha 144
Lexia: Théâtre publico
Abonação: “ <i>...e duas Operas que representaram em Théâtre publico, com excelentes figuras com munto luzimento.</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “He o lugar em que se ajuntão os que querem ver Tragedias, Comedias e outros semelhantes espectaculos” (v. 8, p. 149)</li> <li>2. Silva: “Lugar onde se representão dramas, e onde se assiste á representação delles” (v. 2, p. 773)</li> </ul>

Ficha 145
Lexia: cuidado
Abonação: “ <i>Ouvio a todos com munta attençamm e prudencia, animou aos moradores para novos Descobertos de ouro, e domesticar o gentio, tanto do cuidado de Sua Excellencia...</i> ” (32r, p. 85)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Aplicação do juizo para fazer, para guardar ou para dar ordem a</li> </ul>

alguma cousa” (v. 2, p. 629)
2. Silva: “Atenção do espirito em algum negocio, acção. Diligencia” (v. 1, p. 501)

Ficha 146
Lexia: agregado de Agoas
Abonação: “...com o celebre Rio das Amazonas; todo este notavel agregado de Agoas, corre ao Mar Occeáno...” (33r, p. 87)
Definição:
1. Bluteau: “Ajuntameto ou uniaõ de muitas cousas para a composiçãõ de huma só” (v. 1, p. 168)
2. Silva: “União, ajuntamento de partes em um todo. Ao agregado das aguas chamou Deus maria” (v. 1, p. 65)
Obs: No contexto significa bacia fluvial.

Ficha 147
Lexia: Reaes Quintos
Abonação: “...e no mesmo perigo se vem os Reaes quintos de sua Magestade quando todos os annos sam conduzidos da Intendencia...” (34r, p. 89)
Definição:
1. Bluteau: “A quinta parte” (v. 7, p. 68)
2. Silva: “A quinta parte” (v. 2, p. 543)

Ficha 148
Lexia: folhetas de ouro
Abonação: “Este Arrayal foy no seu Descuberto, tam abundante de folhetas de ouro, que no anno de 1737., se achou huma...” (34r, p. 89)
Definição:
1. Bluteau: “Folha pequena de qualquer metal” (v. 4, p. 160)
2. Silva: “Folha pequena de metal, ordinariamente da que se pói por baixo das pedras engastadas” (v. 2, p. 44)

Ficha 149
Lexia: palmos
Abonação: “...corre sem éstas por hum encanado que eu julgueý ser de sincoenta palmos, aberto em hum notavel Rochedo...” (34r, p. 89)
Definição:
1. Bluteau: “Cousa de comprimento, altura, ou largura de hum pé, & mais hum palmo; ou mais quatro dedos; ou cousa de cinco palmos, ou vinte dedos” (v. 6, p. 210)
2. Silva: “Palmo geometrico; igual á largura de quatro dedos, ou á extensão de dezeseis grãos de trigo em fileira” (v. 2, p. 388)

Ficha 150
Lexia: Rochedo
Abonação: “...hum encanado que eu julgueý ser de sicoenta palmos, aberto em hum

<i>notavel Rochedo, que se julgou ter hum fundo insondável.”</i> (34r, p. 89)
Definição:
1. Bluteau: “Penhasco. Rocha” (v. 7, p. 351)
2. Silva: “Penhasco” (v. 2, p. 636)

Ficha 151
Lexia: Tenente Coronel
Abonação: “...o Tenente Coronel do Regimento da Cavallaria Auxiliar, que alí mora, foy com sua companhia buscar a sua Excelencia...” (34r, p. 89)
Definição:
1. Bluteau: “He hum posto entre Coronel, & Sargento mòr do mesmo Regimento” (v. 8, p. 95)
2. Silva: “Posto militar, superior ao Alferes, inferior ao Capitão. Tenente Coronel, he inferior ao Coronel” (v. 2, p. 765)

Ficha 152
Lexia: libras
Abonação: “...quarenta e seis libras chamase agua quente...” (35r, p. 91)
Definição:
1. Bluteau: “Moeda de doze onças de peso, & valor” (v. 5, p. 115)
2. Silva: “Peso de doze onças dos Boticarios. Moeda, as mais antigas Portuguezas valerão trinta e seis reis dos nossos, e tinham vinte Reáis brancos antigos: estas erão de prata” (v. 2, p. 222)

Ficha 153
Lexia: deytar rossas
Abonação: “Cuidou logo em deytar rossas e tendo os fructos de humas colhido...” (35r, p. 91)
Definição:
1. Bluteau: “Deitar semente â terra” (v. 3, p. 41)
2. Silva: “Deitar a semente na terra. Brotar” (v. 1, p. 523)

Ficha 154
Lexia: cruzados
Abonação: “...deo ao manifesto áquelle grande thezouro; elle, nos effeytos das suas lavouras, fes no primeyro anno setenta e dous mil cruzados...” (35r, p. 91)
Definição:
1. Bluteau: “Moeda de Portugal. O cruzado antigo era de ouro” (v. 2, p. 623)
2. Silva: “Moeda antiga” (v. 1, p. 499)

Ficha 155
Lexia: lavouras
Abonação: “...deo ao manifesto áquelle grande thezouro; elle, nos effeytos das suas lavouras, fes no primeyro anno setenta e dous mil cruzados...” (35r, p. 91)
Definição:
1. Bluteau: “O lavar, o cultivar a terra. Laborar” (v. 5, p. 55)

- |  |
|--|
| 2. Silva: “Cultura, e fabrico das terras, que se aproveitão. O laborar” (v. 2, p. 209) |
|--|

Ficha 156
-----------

Lexia: Fazenda
----------------

Abonação: “... <i>que tinha huma Fazenda naquellas vezinhancas...</i> ” (35r, p. 91)
--

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Bens de rays, terras, quintas” (v. 4, p. 48)</li><li>2. Silva: “Terras de lavoura ou de gado: uma fazenda de cannas” (v. 2, p. 16)</li></ol> |
|---|

Ficha 157
-----------

Lexia: olhos de agoa
----------------------

Abonação: “... <i>chama-se agua quente, porque em pouca distancia nascem sete olhos de agoa bastantemente quente</i> ” (35r, p 91)
--

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “O manancial, ou a primeira agua, que com cristallina, &amp; esférica figura (a modo de olho) vem brotando da terra” (v. 6, p. 65)</li><li>2. Silva: “Golpe della, que rebenta de algum buraco ou abertura da terra” (v. 2, p. 363)</li></ol> |
|---|

Ficha 158
-----------

Lexia: Córrego
----------------

Abonação: “ <i>Os ditos negros dícerao ao Senhor, que aquelle Córrego tinha munto ouro...</i> ” (35r, p. 91)
--

Definição:
------------

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Agoa, que corre, a modo de hum rigueiro” (v. 9 suplemento, p. 563). “He hum regato de água, que vem a passar pelas terras, onde se busca o ouro” (v. 9, p. 264)</li><li>2. Silva: “Regueiro d’agua, que sai de tanque. Regueiro entalado: ás vezes os córregos d’agua são de enxurrada, e nas Minas tira-se nelles oiro” (v. 1, p. 476)</li></ol> |
|--|

Ficha 159
-----------

Lexia: contentamento
----------------------

Abonação: “... <i>se ouviam continuadas vozes dos meninos Viva Sua Excelencia o Povo alvoracado de contentamento...</i> ” (35r e 36r, p. 91 e 93)
---

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Gosto” (v. 2, p. 495)</li><li>2. Silva: “Satisfação da alma: gosto” (v. 1, p. 457)</li></ol> |
|---|

Ficha 160
-----------

Lexia: alvoracado
-------------------

Abonação: “... <i>se ouviam continuadas vozes dos meninos Viva Sua Excelencia o Povo alvoracado de contentamento...</i> ” (35r e 36r, p. 91 e 93)
---

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Abalar o animo com esperança, desejo ou espectação de alguma</li></ol> |
|---|

cousa” (v. 1, p. 311)
2. Silva: “Inquietar o animo com algum affecto de esperança, de alegria” (v. 1, p. 112)

Ficha 161
Lexia: sucego
Abonação: “... <i>deu muntas providencias para o sucego doPovo, encaminhando-os aos seus enterêses...</i> ” (36r, p. 93)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Quietaçaõ. Descanço. Trãquillidade do espirito” (v. 7, p. 684)</li> <li>2. Silva: “Quietação, descanso, tranquillidade do espirito, e do corpo adormecido” (v. 2, p. 713)</li> </ol>

Ficha 162
Lexia: oração latina
Abonação: “... <i>ODoutor Joze dos Santos elogiou a Sua Excelencia com huma douta e discreta oração latina.</i> ” (36r, p. 93)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ol> Obs: Conforme o contexto, é a oração realizada em latim.

Ficha 163
Lexia: festejos
Abonação: “... <i>asistio aos festejos que lhe fizerão os moradores...</i> ” (36r, p. 93)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Allegria, bom acolhimento” (v. 4, p. 96)</li> <li>2. Silva: “Fazer festa, mostras de alegria, por algum motivo, ou occasião” (v. 2, p. 27)</li> </ol>

Ficha 164
Lexia: aplauzos
Abonação: “... <i>comsentimento de Sua Excelencia só na parte de não querer, que nos seus aplauzos ouvesse a mínima despeza...</i> ” (36r, p. 93)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Demonstraçãõ de estima, &amp; alegria, approvando, &amp; louvando alguem” (v. 1, p. 445)</li> <li>2. Silva: “O acto de applaudir. Qualquer dito, ou açãõ em demosntração de approvação, louvor” (v. 1, p. 161)</li> </ol>

Ficha 165
Lexia: merecimento
Abonação: “... <i>onde o Vigario o recebeo com todas as seremonias devidas aoLugar, e ao merecimento deSua Excelencia...</i> ” (36r, p. 93)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O que alguem tem merecido por suas virtudes” (v. 5, p. 436)</li> </ol>

- |  |
|--|
| 2. Silva: “Dignidade, que alguém tem para que se lhe confira algum beneficio” (v. 2, p. 291 e 292) |
|--|

Ficha 166
-----------

Lexia: decencia
-----------------

Abonação: “... <i>Sua Excelencia recebido do Vigario com munta decencia que ainda...</i> ” (37r, p. 95)
---

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Honestidade exterior, propria de certas pessoas, &amp; lugares” (v. 3, p. 23)</li><li>2. Silva: “Recolhimento, honestidade no exterior” (v. 1, p. 514)</li></ol> |
|---|

Ficha 167
-----------

Lexia: deligencia
-------------------

Abonação: “... <i>andando-se sucavando o seu Ribeyram na deligencia de Ouro...</i> ” (37r, p. 95)
---

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: “Attenção &amp; cuidado, cõ q devemos acudir a cousas da nossa obrigaçãõ” (v. 3, p. 226)</li><li>2. Silva: “A applicação, cuidado, que se põe em conseguir alguma coisa” (v. 1, p. 618)</li></ol> |
|---|

Ficha 168
-----------

Lexia: Trahiras
-----------------

Abonação: “... <i>se effectuaram muntas Minas, que hoje estão decadentes: chama-se de Trahiras por abundar este Rio de peyxe deste nome.</i> ” (37r, p. 95)
---

Definição:
------------

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: n/e</li><li>2. Silva: n/e</li></ol> <p>Obs: Tipo de peixe de água doce.</p> |
|---|

Ficha 169
-----------

Lexia: Ribeyram
-----------------

Abonação: “... <i>andando-se sucavando o seu Ribeyram na deligencia de Ouro...</i> ” (37r, p. 95)
---

Definição:
------------

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Bluteau: n/e</li><li>2. Silva: n/e</li></ol> <p>Obs: Dentro do contexto, Ribeyram é maior do que um regato e menor do que um rio.</p> |
|--|

Ficha 170
-----------

Lexia: Freguezia
------------------

Abonação: “ <i>Alý foý Sua Excelencia recebido do Vigario com munta decencia que ainda, que não ha Julgado neste Arrayal, sempre he Freguezia...</i> ” (37r, p. 95)
---

Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “A Igreja parochial. O lugar da cidade, ou do campo, em que vivem os freguezes” (v. 4, p. 206)</li> <li>2. Silva: “Igreja Parochial” (v. 2, p. 58)</li> </ol>
Obs: De acordo com o texto, tem o sentido de pequena povoação, a menor divisão administrativa.

Ficha 171
Lexia: opulentos
Abonação: “... <i>hé dos mais opulentos da Capittania, foý fundado no anno de 1737...</i> ” (37r, p. 95)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Muyto rico” (v. 6, p. 94)</li> <li>2. Silva: “Mui rico” (v. 2, p. 368)</li> </ol>

Ficha 172
Lexia: admiração
Abonação: “... <i>efoý admiração ver outra raridade, que no canal do Maranham...</i> ” (38r, p. 97)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Suspensaõ do animo, e attenta consideração do objecto” (v. 9, p. 11)</li> <li>2. Silva: “O estado de quem vê coisa admiravel, maravilhosa, e se espanta della” (v. 1, p. 43)</li> </ol>

Ficha 173
Lexia: Pouzo
Abonação: “... <i>marchou tres legoas, e meya e ¼ de legoa antes de chegar ao Pouzo, que foý no Córrego do Ouvidor...</i> ” (38r, p. 97)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Tomar a Armada pouso” (v. 6, p. 665)</li> <li>2. Silva: “Lugar, onde àlguna coisa pousa, descança, pára, e está como de assento” (v. 2, p. 481)</li> </ol>

Ficha 174
Lexia: temeridade
Abonação: “... <i>se passou o Rio Bagaje, que he temeridade passalo a váu, como o fes Sua Excelencia.</i> ” (38r, p. 97)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Excesso de atrevimento, audacia sem juizo” (v. 8, p. 71)</li> <li>2. Silva: “Excessivo atrevimento, audacia imprudente” (v. 2, p. 761)</li> </ol>

Ficha 175
Lexia: bebidas espirituozas
Abonação: “... <i>nesta passage mandou sua Excelencia dar a toda a commetiva bebidas espirituozas, e alguns comeram alhos e desta forma passamos livres das sezoens...</i> ”

(39r, p. 99)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: “Que tem espírito no sentido dos Quimicos ou substancia subtil activa. bebidas espiritosas, ou espirituosas” (v. 1, p. 762)</li> </ol>

Ficha 176
Lexia: ramo de estupôr
Abonação: “...cujõ enfermo tinha tido na jornada hum ramo de estupôr de que ficou com a boca torta, e hum olho sem o poder fechar e com treze banhos que tomou em nove dias ficou sam...” (39r, p. 99)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Adormecimento de alguma parte do corpo, por causa de humor cru &amp; frio, falta do perfeito sentimento, &amp; principio de Paralysis” (v. 3, p. 351)</li> <li>2. Silva: “Falta de sentimento, e de acção em algum membro, ou parte do corpo por doença” (v. 1, p. 787)</li> </ol>

Ficha 177
Lexia: alhos
Abonação: “...dar a toda a commetiva bebidas espirituozas, e alguns comeram alhos e desta forma passamos livres das sezoens...” (39r, p. 99)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Hortaliça conhecida” (v. 1, p. 254)</li> <li>2. Silva: “Planta hortense de adubo; tem raiz dividida em vários dentes, mui oleosa” (v. 1, p. 94)</li> </ol>

Ficha 178
Lexia: caridade
Abonação: “...nellas deyxou o Ajudante das ordens com grande caridade, de que he munto cheyo o seu nobre Espirito...” (39r, p. 99)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Fazer a caridade a alguem, ensinando-o, ou fazendolhe outro beneficio” (v. 2, p. 148)</li> <li>2. Silva: “Obra nascida de caridade, com que beneficiamos o proximo” (v. 1, p. 347)</li> </ol>

Ficha 179
Lexia: senado
Abonação: “...os moradores com o Intendente o vierão buscar ao caminho; o senado o esperou na grande Ponte...” (39r, p. 99)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “He hum Tribunal para o governo politico da Cidade, &amp; dos officios, taxa, &amp; provisãõ dos mantimentos” (v. 7, p. 574)</li> <li>2. Silva: “Corporação de pessoas que tem alguma parte dos direitos Majestaticos, ou que os executa” (v. 2, p. 685)</li> </ol> <p>Obs: No texto, significa os senadores que compõem o Senado.</p>

Ficha 180
Lexia: cavalleiros
Abonação: “...acompanhado dehum grande numero de cavalleiros que apouca distancia os despedio...” (41r, p. 103)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Homem, que anda a cavallo. Cavalleiro de Ordem Militar” (v. 2, p. 205)</li> <li>2. Silva: “Cavalleiros ou recebidos em alguma Ordem Militar” (v. 1, p. 365)</li> </ol>

Ficha 181
Lexia: cavalos
Abonação: “os cavalos passaraõ este grande nado, que será de duzentas braças...” (41r, p. 103)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Animal quadrupede, nobre, fiel, &amp; generoso, cuja propriedade natural he rinchar, &amp; cuja utilidade he tão notoria, como são notaveis os serviços, que faz ao homem na caça, na guerra, nas festas, nas jornadas, &amp; em todas as cousas domesticas, que necessitaõ da sua força, &amp; destreza para levar, &amp; trazer cargas de lugares distantes. Parece, que chamamos a este animal, Cavallo, pela inclinação, quem tem de cavar com as mãos a terra” (v. 2, p. 208)</li> <li>2. Silva: “Quadrupede domestico, que rincha, serve de montar, carregar, tirar seges” (v. 1, p. 366)</li> </ol>

Ficha 182
Lexia: refresco de carnes
Abonação: “Neste sitio mandarão a Sua Excellencia hum grande refresco de carnes, eoutros vivres que Sua Excellencia não aceitou.” (42r, p. 105)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Refresco de mantimentos para exercitos, armadas” (v. 7, p. 190)</li> <li>2. Silva: “Carne de camellos, de que fizerão refresco” (v. 2, p. 580)</li> </ol>

Ficha 183
Lexia: vivres
Abonação: “Neste sitio mandarão a Sua Excellencia hum grande refresco de carnes, eoutros vivres que Sua Excellencia não aceitou.” (42r, p. 105)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Vitualha. Provisão de mantimentos para muita gente” (v. 8, p. 537)</li> <li>2. Silva: “Viveres, como hoje dizemos. Vitoalhas” (v. 2, p. 861)</li> </ol>

Ficha 184
Lexia: Militares
Abonação: “...mandou as tropas a quarteis, e forão convidados os Juizes, officiaes, e Militares para jantarem com Sua Excelencia.” (42r, p. 105)

Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Exercitar a arte militar” (v. 5, p. 487)</li> <li>2. Silva: “Concernente á milicia. Servir, andar na guerra, fazer vida militar” (v. 2, p. 299 e 300)</li> </ol>

Ficha 185
Lexia: Mestre de campo
Abonação: “ <i>Este Arrayal da Natividade foi fundado no anno de 1739 pello Mestre de campo Francisco Ferras...</i> ” (43r, p. 107)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Coronel de Infantaria. Tocalhe o governo ordinario de seu terço, tomando as ordens por mayor do General, &amp; distribuindo-as por menor por mão dos seus officiaes” (v. 5, p. 457)</li> <li>2. Silva: “Official de patente inferior ao General, e que em sua ausencia faz as suas vezes. Mestres de Campo, erão chefes dos Corpos, ou Terços milicianos, ou auxilliares das Tropas de Linha” (v. 2, p. 294)</li> </ol>

Ficha 186
Lexia: receio
Abonação: “ <i>...Missa, e todo o tempo, que ella durou estivemos com as Armas na mão por receio do gentio...</i> ” (43r, p. 107)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Medo” (v. 7, p. 147)</li> <li>2. Silva: “Temor” (v. 2, p. 564)</li> </ol>

Ficha 187
Lexia: Armas
Abonação: “ <i>...Missa, e todo o tempo, que ella durou estivemos com as Armas na mão por receio do gentio...</i> ” (43r, p. 107)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Arma de arremeço. Arma de fogo” (v. 1, p. 497)</li> <li>2. Silva: “Instrumento, ou aparelho, de offender, ou defender-se hostilmente, como espadas, lanças, pistolas, facas” (v. 1, p. 179)</li> </ol>

Ficha 188
Lexia: desamparo
Abonação: “ <i>...conheceo o desamparo em que sevião os moradores daquelles três piquenos Arrayais...</i> ” (44r, p. 109)
Definição:
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Negação, ou privação de emparo” (v. 3, p. 127)</li> <li>2. Silva: “Falta de emparo. Falta de socorro, auxilio, favor, protecção, das forças, do necessario” (v. 1, p. 570)</li> </ol>

Ficha 189
Lexia: praxeta
Abonação: “ <i>...medir o Rio pello Ajudante das ordens com huma praxeta, que ele se</i>

*agetivou de huma meza piquena...*” (44r, p. 109)

Definição:

1. Bluteau: “Tambem ha plancheta de chumbo” (v. 6, p. 669)
2. Silva: “Chapa de chumbo, ou outro metal. Instrumento Mathematico de medir distancias, usado no cartear geográfico” (v. 2, p. 483)

Obs: De acordo com o texto, significa mesa pequena.

Ficha 190

Lexia: peritos

Abonação: “...*com os mais peritos, e capazes homens daquelle continente...*” (44r, p. 109)

Definição:

1. Bluteau: “Perito na arte militar. He homem perito no seu officio” (v. 6, p. 432 e 433)
2. Silva: “Douto, instruído, versado” (v. 2, p. 435)

Ficha 191

Lexia: clamores

Abonação: “*Ouvidas as suas representaçoens, clamores, vexaçoens e falta de governo fazia trazer a memoria...*” (44r, p. 109)

Definição:

1. Bluteau: “Grito grande. Por isso se vem, com perpetuo Clamór da justiça os in-, dignos levantados” (v. 2, p. 335)
2. Silva: “Brado. por isso se vem, com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados” (v. 1, p. 402)

Ficha 192

Lexia: vexaçoens

Abonação: “*Ouvidas as suas representaçoens, clamores, vexaçoens e falta de governo fazia trazer a memoria...*” (44r, p. 109)

Definição:

1. Bluteau: “Perseguição, mau trato, trabalho que se dá a hua pessoa” (v. 8, p. 461)
2. Silva: “O acto de vexar. O máo trato que soffre o vexado” (v. 2, p. 848)

Ficha 193

Lexia: Emperador

Abonação: “*Ouvidas as suas representaçoens, clamores, vexaçoens e falta de governo fazia trazer a memoria os sucessos da Rucia, antes do Emperador Pedro grande...*” (44r, p. 109)

Definição:

1. Bluteau: “Deu o Povo Romano a Cesar o titulo de Emperador, para denotar o soberano, poder, que lhe concedia a Republica” (v. 3, p. 62)
2. Silva: “Soberano, que o é, ou foi de Reis, e Principes Coroados, ou que de algum modo lhe são superiores” (v. 2, p. 134)

Ficha 194
Lexia: instrumentos
Abonação: “...medir o Rio pello Ajudante das ordens com huma pranaxeta, que se agetivou de huma meza piquena, de que Sua Excelencia se servia na sua viagem para aescripta com outros instrumentos que o dito Ajudante levou...” (44r, p. 109)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Engenho, com que o artifice faz alguma obra” (v. 4, p. 154)</li> <li>2. Silva: “Qualquer máquina, de que o artifice usa em suas obras. Tudo o que serve de fazer, executar, conseguir alguma coisa” (v. 2, p. 168)</li> </ul>

Ficha 195
Lexia: ensoberbecerem
Abonação: “...a quem munto recomendou nas ordens, que lhes deixou, que o Poder nos que governão e Regem os Povos, não deve ser para vingar paixoens particulares, nem se emsoberbecerem...” (45r, p. 111)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Causar, inspirar, influir soberba. Fazerse soberbo” (v. 3, p. 136)</li> <li>2. Silva: “Inspirar soberba. Fazer-se soberbo” (v. 1, p. 707)</li> </ul>

Ficha 196
Lexia: capitam
Abonação: “...e atendendo Sua Excelencia áquele sumo desamparo, fes alli hum capitam, como Regente daquelle povo, a quem munto recomendou nas ordens...” (44r, p. 109)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Algumas vezes significa o que manda hum exercito inteiro, ou huma armada grande, como Capitaõ General. Outras vezes significa o que manda hum corpo mais pequeno, como Capitaõ mór. Os officiaes da Camera elegem este. Deve ser das pessoas principaes da terra” (v. 2, p. 126)</li> <li>2. Silva: “Official militar entre o Ajudante, e Mayor; governa huma Companhia” (v. 1, p. 342)</li> </ul>

Ficha 197
Lexia: barbaridade
Abonação: “...afim d não serem atacados pella barbaridade do gentio chavante...” (45r, p. 111)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: “Acção propria de bárbaro, por aseyada rudeza, ou deshumanidade” (v. 1, p. 263)</li> </ul>

Ficha 198
Lexia: Pedestres
Abonação: “...hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...” (45r, p. 111)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Soldados Pedestres, Infantaria” (v. 9, p. 123)</li> </ul>

2. Silva: “Opuesto a Equestre, que anda a pé” (v. 2, p. 417)

Ficha 199

Lexia: Pretes

Abonação: “...*hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...*” (45r, p. 111)

Definição:

1. Bluteau: n/e
2. Silva: n/e

Obs: De acordo com o texto, é um oficial militar.

Ficha 200

Lexia: Piloto

Abonação: “...*hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...*” (45r, p. 111)

Definição:

1. Bluteau: “O Piloto he o que com a carta, & agulha de marear, governa o navio nas cousas concernentes à derrota delle” (v. 6, p. 507)
2. Silva: “O Official Nautico, que dirige o navio a certo rumo por meyo de leme, e mareação, mandando á via” (v. 2, p. 451)

Ficha 201

Lexia: satisfação

Abonação: “...*deconhecida verdade, e satisfação.*” (45r, p. 111)

Definição:

1. Bluteau: “Ter satisfação com alguém sobre alguma cousa” (v. 7, p. 506)
2. Silva: “O acto de satisfazer. Contentamento” (v. 2, p. 671)

Ficha 202

Lexia: verdade

Abonação: “...*deconhecida verdade, e satisfação.*” (45r, p. 111)

Definição:

1. Bluteau: “A verdade no entendimento humano, he o conhecimento da cousa, segudo està real, & effectivamente em si, & na lingua do homem a verdade he hua conformidade de palavrascom a mente de quem as diz” (v. 8, p. 419 e 420)
2. Silva: “Conformidade do que dizemos com o que pensamos” (v. 2, p. 843)

Ficha 203

Lexia: petrexos

Abonação: “...*e para as despesas do tempo, que estivessem no Pará deo huma Barra de Ouro fundido de 177\$573 reis, e o mais se empregou em vivres, e petrexos necessarios...*” (45r, p. 111)

Definição:

1. Bluteau: “Petrechos de guerra. Instrumentos bellicos, todo o genero de artilharia, & armas necessarias. Petrechos de cozinha” (v. 6, p. 473)

2. Silva: “Instrumentos de guerra. Petrechos de cozinha” (v. 2, p. 445)  
Obs: É o mesmo que apetrechos. Pelo sentido do texto, significa utensílios, ferramentas, munições.

Ficha 204

Lexia: trem

Abonação: “...e o mais se empregou em vivres, e petrexos necessarijs, para o muyto que sahio do trem, e dispença de Sua Excellencia.” (45r, p. 111)

Definição:

1. Bluteau: “Tirar, ou puxar por algua cousa, ou arrastar” (v. 8, p. 267)
2. Silva: “A gente, a bagage que acompanha alguem de jornada” (v. 2, p. 804)

Ficha 205

Lexia: Nossa Senhora dalapa

Abonação: “...expedio Sua Excelencia para a cidade do Pará duas canoas; a primeira, e mayor com o titulo de Nossa Senhora dalapa, a segunda com o titulo de Sam Joze, e Sam Caetano...” (45r, p. 111).

Definição:

1. Bluteau: “Pelos muitos milagres q esta Santa imagem obrou no dito lugar, os moradores lhe edificarão huma boa Igreja com a invocação de nossa Senhora da Graça” (v. 5, p. 39)
  2. Silva: n/e
- Obs: Uma das santas de devoção da doutrina católica.

Ficha 206

Lexia: Sam Joze

Abonação: “...expedio Sua Excelencia para a cidade do Pará duas canoas; a primeira, e mayor com o titulo de Nossa Senhora dalapa, a segunda com o titulo de Sam Joze, e Sam Caetano...” (45r, p. 111).

Definição:

1. Bluteau: n/e
  2. Silva: n/e
- Obs: Um dos santos de devoção da doutrina católica.

Ficha 207

Lexia: Sam Caetano

Abonação: “...expedio Sua Excelencia para a cidade do Pará duas canoas; a primeira, e mayor com o titulo de Nossa Senhora dalapa, a segunda com o titulo de Sam Joze, e Sam Caetano...” (45r, p. 111).

Definição:

1. Bluteau: n/e
  2. Silva: n/e
- Obs: Um dos santos de devoção da doutrina católica.

Ficha 208

Lexia: Sayas

Abonação: “...hum grande presente deSayas, camizas, e caponas, e desta forma satisfés Sua Excellencia aquelles povos” (47r, p. 115)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Vestidura de mulher da cintura para bayxo. Alguns lhe chamão Tunica” (v. 7, p. 517)</li> <li>2. Silva: “Vestidura da mulher, que lhe cobre o corpo da cintura para baixo” (v. 2, p. 656)</li> </ol>

Ficha 209
Lexia: camizas
Abonação: “...hum grande presente deSayas, camizas, e caponas, e desta forma satisfés Sua Excellencia aquelles povos” (47r, p. 115)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Roupa, que se traz por baixo dos outros vestidos, immediatamente sobre a carne” (v. 2, p. 81)</li> <li>2. Silva: “Especie de vestidura; de lençaria com mangas, fechada em roda, que se veste por baixo dos mais vestidos: é de homens, e mulheres” (v. 1, p. 331)</li> </ol>

Ficha 210
Lexia: caponas
Abonação: “...hum grande presente deSayas, camizas, e caponas, e desta forma satisfés Sua Excellencia aquelles povos” (47r, p. 115)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ol> Obs: Vestimenta de mulher. Capa grande, atualmente conhecida como jaqueta.

Ficha 211
Lexia: liberalidades
Abonação: “...O Doutor ouvidor sempre cheio de liberalidades, mandou a mulher do dito capitam Roque hum grande presente deSayas, camizas, e caponas...” (47r, p. 115)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Virtude muitas vezes exercitada pelos bons Emperadores” (v. 9, p. 557)</li> <li>2. Silva: “Largueza no dar, entre os termos da parcimonia, e da prodigalidade. Generosidade” (v. 2, p. 221)</li> </ol>

Ficha 212
Lexia: Indio
Abonação: “Mandou Sua Excelencia fardar á sua custa o capitam Roque / Indio daNação Gougué / e o vestio de todo onecessario...” (47r, p. 115)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “No Brasil dividem os Portuguezes aos Barbaros, que vivem no Sertaõ em Indios mansos, &amp; bravos. Indios mansos chamaõ aos que com algum modo de Republica são mais trataveis, &amp; capazes de instrução. Pello contrario chamaõ Indios bravos aos que pella sua natural indocilidade, não tem forma</li> </ol>

alguma de governo, nem admittem outras leys” (v. 4, p. 110) 2. Silva: n/e
--

Ficha 213
Lexia: piquenhés
Abonação: “...recebido neste Arrayal com húa ostentação igual á sua piquenhés, mas como seu animo hé todo cheio de atençoens, agradeceo <u>munto</u> ...” (48r, p. 117)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Recopilando por sua pequenez vossa grandeza. Alma instruida” (v. 6, p. 405)</li> <li>2. Silva: “Opposto a Grandeza” (v. 2, p. 430)</li> </ol>

Ficha 214
Lexia: ostentação
Abonação: “...recebido neste Arrayal com húa ostentação igual á sua piquenhés, mas como seu animo hé todo cheio de atençoens, agradeceo <u>munto</u> ...” (48r, p. 117)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Pompa, magnificencia” (v. 6, p. 133)</li> <li>2. Silva: “Mostra, alarde, que se faz do saber, riqueza, e coisas, que nos acarretão louvor, gloria, honra” (v. 2, p. 374)</li> </ol>

Ficha 215
Lexia: cortejo
Abonação: “...recebido neste Arrayal com húa ostentação igual á sua piquenhés, mas como seu animo hé todo cheio de atençoens, agradeceo <u>munto</u> todo o cortejo que lhe fizeraõ...” (48r, p. 117)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Muyta gente de Cavallo, muytos coches” (v. 2, p. 577)</li> <li>2. Silva: “Gente, que acompanha a pé, a Cavallo, a coches, por fazer corte a quem vai em acto de pompa e solemnidade” (v. 1, p. 481)</li> </ol>

Ficha 216
Lexia: reção de milho
Abonação: “...e poderão aturar esta jornada, porque nunca lhe faltou a reção de milho, <u>que Sua Excellencia</u> o mandava pagar por hum grande preço.” (48r, p. 117)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Racção de pão, vinho, conducto. A porção, ou parte, que cabe a cada hu de victo comum ou outras cousas necessarias para a vida, numa família, communidade, navio, exercito” (v. 7, p. 86)</li> <li>2. Silva: “A porção de cevada, que cada dia se dá as bestas” (v. 2, p. 546)</li> </ol>

Ficha 217
Lexia: pompa
Abonação: “Neste julgado receberam a <u>sua Excellencia</u> com pouca mais pompa, <u>que no da Conceiçam</u> ...” (49r, p. 119)
Definição:

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Acção solemne, ou acompanhamento de qualquer pessoa grande. Magnificencia de qualquer espetáculo, ou acompanhamento festivo, ou luctuoso” (v. 6, p. 592)</li> <li>2. Silva: “O acompanhamento por cortejo, em triunfos, ou enterros. Esplendido, magnifico” (v. 2, p. 466)</li> </ol>
---

Ficha 218
Lexia: pás
Abonação: “...e fés fazerem pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a inimizade, <u>que</u> havia entre ambos cauza de parcialidades...” (49r, p. 119)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “He uma publica tranquillidade, livre das desordens da guerra” (v. 6, p. 330)</li> <li>2. Silva: “Boa harmonia na convivencia. Ter em paz, e justiça o seu Reino” (v. 2, p. 414)</li> </ol>

Ficha 219
Lexia: parcialidades
Abonação: “...e fés fazerem pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a inimizade, <u>que</u> havia entre ambos cauza de parcialidades...” (49r, p. 119)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Bando. Rancho. Empenho em seguir as partes de alguem” (v. 6, p. 263)</li> <li>2. Silva: “Banda, partido, opinião” (v. 2, p. 397)</li> </ol>

Ficha 220
Lexia: inimizade
Abonação: “...e fés fazerem pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a inimizade, <u>que</u> havia entre ambos cauza de parcialidades...” (49r, p. 119)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Aversaõ. Odio de huma pessoa a outra” (v. 4, p. 137)</li> <li>2. Silva: “Falta de amizade, odio” (v. 2, p. 162)</li> </ol>

Ficha 221
Lexia: Catholica acção
Abonação: “...dando com esta Catholica acção hum exemplo, e hú grande nome a sua incomparavel prudencia.” (49r, p. 119)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ol> <p>Obs: De acordo com o texto, significa uma atitude de acordo com os princípios da doutrina católica.</p>

Ficha 222
Lexia: aguada
Abonação: “...pouzou no Ribeirão do Galheiro; por não haver nesta distancia outra aguada, ali se passou Sua Excellencia parte do dia seguinte.” (50r, p. 121)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Provizão de agoa doce para os navios” (v. 1, p. 175)</li> <li>2. Silva: “Provisão de agoa para o navio” (v. 1, p. 69)</li> </ul>

Ficha 223
Lexia: Ave Marias
Abonação: “...onde chegou depois das Ave Marias com três legoas de marcha.” (50r, p. 121)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ul> <p>Obs: À tardezinha, às seis horas da tarde, horário em que se rezavam o terço.</p>

Ficha 224
Lexia: confiscos
Abonação: “...rematar alguns bens, <u>que</u> por confiscos pertenciaõ aFazenda Real...” (51r, p. 123)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Ajudicar ao Fisco” (v. 2, p. 457)</li> <li>2. Silva: “Adjuticar ao Fisco os bens de alguém por certos crimes, privando-o delles” (v. 1, p. 442)</li> </ul>

Ficha 225
Lexia: reputado
Abonação: “... <u>que</u> se encontrasse nella, fosse reputado Extraviador...” (51r, p. 123)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Dar nome, credito, fama” (v. 7, p. 271)</li> <li>2. Silva: “Estimar, ter em conta” (v. 2, p. 606)</li> </ul>

Ficha 226
Lexia: rondas
Abonação: “...Mandou abrir hum caminho para estrada, das Rondas sempre pello pé da Serra, e com ordens fortes para que toda a pessoa, que se encontrasse nella, fosse reputado Extraviador dos quintos de Sua Majestade, e fosse prezo...” (51r, p. 123)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Soldados, que na praça, ou campanha vão rodeando, para observar se as vigias estão dormindo, se as sintinellas fazem sua obrigação” (v. 7, p. 372)</li> <li>2. Silva: “Número de soldados, que andão vigiando a praça, para que se evitem desordens, e vigiando as sentinelas, que não durmão, ou deixem os postos” (v. 2, p. 643)</li> </ul>

Ficha 227
Lexia: bicáme
Abonação: “... <i>ver o grande bicáme por onde aquella boa sociedade de Mineiros, levaõ agoa ao morro...</i> ” (52r, p. 125)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ul> <p>Obs: Pelo contexto significa um conjunto de bicas.</p>

Ficha 228
Lexia: Paço
Abonação: “... <i>deixando naquelle Paço o Ajudante das ordens, e hum soldado para facilitar a passagem...</i> ” (52r, p. 125)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Corte dos Principes, Reys, Emperadores” (v. 6, p. 173)</li> <li>2. Silva: “Casa nobre, onde el Rei habita, onde se faz junta das Camaras, e se dizem os Paços dos Conselhos” (v. 2, p. 380)</li> </ul>

Ficha 229
Lexia: mangabeira
Abonação: “... <i>e tendo marchado outras três legoas emeia se aquartelou na mangabeira do Rybeirão...</i> ” (52r, p. 125).
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Arvore do Brasil do tamanho das nossas cereijeiras. Produz huas flores brancas a modo de Jasmims, &amp; frutos a modo de ameixas grossas, huas redondas, otras ovadas, que não são boas de comer, senão quando cahem da arvore” (v. 5, p. 290)</li> <li>2. Silva: “Arvore Brasilica, de fruta que se come” (v. 2, p. 259)</li> </ul>

Ficha 230
Lexia: calhambolas
Abonação: “... <i>com ordem de evitar os damnos dos calhambolas, que tem infestado aquelle Pais.</i> ” (52r, p. 125)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: “O escravo, ou escrava, que fugio, e anda amontado, vivendo em quilombos” (v. 1, p. 326)</li> </ul>

Ficha 231
Lexia: pasto
Abonação: “... <i>varios cavallos, que se amontoaraõ por falta de pasto, que tudo era seco, e alli ficarão algumas pessoas procurando...</i> ” (52r, p. 125)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O campo onde pasta o gado” (v. 6, p. 311)</li> <li>2. Silva: “O campo, onde o gado pasta; a herva de que come” (v. 2, p. 409 e 410)</li> </ul>

Ficha 232
Lexia: levão água
Abonação: “... <i>ver o grande bicáme por onde aquella boa sociedade de Mineiros, levaõ agoa ao morro...</i> ” (52r, p. 125)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Levar de hua parte a outra” (v. 5, p. 97)</li> <li>2. Silva: “Conduzir, ou carregar, ou fazer transportar de um lugar para outro” (v. 2, p. 218)</li> </ul>

Ficha 233
Lexia: Capelam
Abonação: “... <i>fora o dia em que sevirá necessitado de dar huma ordem ao Capelam...</i> ” (53r, p. 127)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Os que tinhaõ a seu cargo o guardar o cofre, ou a caixa das relíquias, a que os Latinos chamavaõ Capella. Se communicou este mesmo nome aos Sacerdotes, e outros Ministros da Igreja” (v. 9, p. 195)</li> <li>2. Silva: “Clerigo, que faz os Officios Divinos de alguma Capella; e assim se chamão os que recitão nos córos das Igrejas” (v. 1, p. 341)</li> </ul>

Ficha 234
Lexia: arrojo
Abonação: “... <i>sempre receberam a Sua Excelencia com munto arrojo, e foi a sua entrada aplaudida daquelles moradores; por ser o primeiro Senhor General que alli chegou.</i> ” (53r, p. 127)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: “Arrojamento, temeridade de atrevimento, ousadia” (v. 1, p. 196)</li> </ul> <p>Obs: Dentro do contexto, significa pompa, magnificência, ousadia.</p>

Ficha 235
Lexia: Rio
Abonação: “... <i>que alguns Paulistas sabiam que neste Rio chamado hoje Vermelho e entam Goyâ, havia munto ouro...</i> ” (27r, p.75)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Rio he corrente caudalosa de muytas aguas juntas, que vao desembocar no mar” (v. 7, p. 339)</li> <li>2. Silva: “Agua corrente por entre margens, e em grande copia” (v. 2, p. 634)</li> </ul>

Ficha 236
Lexia: cachoeiras
Abonação: “... <i>naquellas eminencias se admirarão as muntas cachoeiras de christalinas aguas</i> ” (54r, p. 129)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Aguas do rio, no fim destas se precipita de altura medonha, &amp; fervendo como em cachoens estas aguas despenhadas, foy o lugar deste precipicio chamado Cachoeiras” (v. 2, p. 26)</li> </ul>

2. Silva: “Catadupa, grande corrente, que se precipita com estrondo, e fervor em cachões; salto” (v. 1, p. 316)

Ficha 237

Lexia: tombador

Abonação: “...*passou o grande tombador, e naquellas eminências se admiraraõ as muntas cachoeiras...*” (54r, p. 129)

Definição:

1. Bluteau: “O que faz o catalogo das terras, ou Escrituras de hum Reyno, de hua Igreja, ou Convento. Tombar terras” (v. 8, p. 196)
2. Silva: “O que faz tombo, ou atomba terras” (v. 2, p. 783)

Obs: Segundo o contexto, é um terreno íngreme constituído por barrancos.

Ficha 238

Lexia: vareda

Abonação: “...*etomarsse outra vareda, que marchandosse munto para tornar á para estrada...*” (54r, p. 129)

Definição:

1. Bluteau: “Caminho estreito, aberto no meyo de hum campo” (v. 8, p. 438)
2. Silva: “Caminho estreito, e não estrada real” (v. 2, p. 844 e 845)

Ficha 239

Lexia: cabeceiras

Abonação: “*No dia 11 marchou 5 legoas emeya, fes se Rancho nas cabeceiras do Rio Tocantins.*” (54r, p. 129)

Definição:

1. Bluteau: “A parte da cama, para onde fica a cabeça. Cabeceyra da cova. Cabeceira da mesa. Cabeceira do rol. Cabeceira do governo. Cabeceiras” (v. 2, p. 11)
2. Silva: “O lugar que corresponde á cabeça” (v. 1, p. 311)

Obs: No texto, tem o sentido de nascente do rio.

Ficha 240

Lexia: virtudes

Abonação: “...*esta acção da bondade de Sua Excellencia deo nesta Capitania hum grande brado, fés a este povo capacitarssse muito mais das virtudes de Sua Excelencia.*” (55r, p. 131)

Definição:

1. Bluteau: “He o bem honesto do homem, disposição d’alma, & habito moral, operativo, productivo de actos bons, conformes com a boa razão, & dirigidos cõ a prudencia, & moderação, que se deve” (v. 8, p. 518)
2. Silva: “O exercicio dos deveres moraes, civis, sociaes, ou religiosos” (v. 2, p. 857)

Ficha 241

Lexia: brandura

Abonação: “...advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...” (55r, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Quietação” (v. 2, p. 185)</li> <li>2. Silva: “A qualidade de ser brando ao tacto. Da condição suave do tempo” (v. 1, p. 299)</li> </ol>

Ficha 242
Lexia: <u>bondade</u>
Abonação: “...advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...” (55r, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Inclinação a fazer o bem” (v. 2, p. 152)</li> <li>2. Silva: “Acção de humanidade, cortezia, favor, mercè” (v. 1, p. 290)</li> </ol>

Ficha 243
Lexia: ignorâncias
Abonação: “...advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...” (55r, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Ignorancia grosseira. Falta de letras. Falta de saber” (v. 4, p. 42)</li> <li>2. Silva: “Falta de noções, noticia, conhecimento; impericia” (v. 2, p. 128)</li> </ol>

Ficha 244
Lexia: amor
Abonação: “...advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...” (55r, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “o amor, que os da mesma terra tem huns aos outros” (v. 1, p. 346)</li> <li>2. Silva: “Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amavel, fazendo disso o objecto de suas affeições, e desejos” (v. 1, p. 124)</li> </ol>

Ficha 245
Lexia: encruzilhada
Abonação: “...passou a encruzilhada de São Romão e Urucuyá...” (55r, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Dous caminhos, que se atravessaõ em cruz” (v. 3, p. 98)</li> <li>2. Silva: “Encontro de caminhos, que se cruzão” (v. 1, p. 689)</li> </ol>

Ficha 246
Lexia: Extravios
Abonação: “...onde vio ser munto percizo hum regimento para evitar os Extravios do ouro em estrada tam frequentada.” (55r, p. 131)
Definição: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: “Desvío, descaminho das coisas, que se extravião. Extravios do oiro,</li> </ol>

dos diamantes, das fazendas, que se levão sem guias, ou que se não manifestão, ou entregão onde convêm, e é devido” (v. 1, p. 805)

Ficha 247

Lexia: maloca de gentio

Abonação: “...*a formar huma bandeira para hir comella conduzir hua maloca de gentio que lhe segurou...*” (58r, p. 137)

Definição:

1. Bluteau: n/e
2. Silva: n/e

Obs: Pelo contexto, significa punhado de gentio.

Ficha 248

Lexia: bandeira

Abonação: “...*a formar huma bandeira para hir comella conduzir hua maloca de gentio que lhe segurou...*” (58r, p. 137)

Definição:

1. Bluteau: “Insignia militar nas marchas, batalhas” (v. 2, p. 31)
2. Silva: “Insignia militar; é uma peça de lenço, ou seda, com pinturas, armas” (v. 1, p. 258)

Obs: Pelo contexto, significa grupo de pessoas que entram mato adentro.

Ficha 249

Lexia: liberdade

Abonação: “...*mandou soltar dacadeia alguns prezos depequenos crimes, a quem deo liberdade para o mesmo fim.*” (59r, p. 139)

Definição:

1. Bluteau: “Estado natural, no qual tem o homem todos os movimentos da sua vontade independentes, & livres” (v. 5, p. 111)
2. Silva: “Soltura, que consegue o que estava preso” (v. 2, p. 221)

Ficha 250

Lexia: expediçam

Abonação: “...*Sua Excelencia gastou do seu bolço muitas oitavas de ouro no preparo desta gente, cuja expediçam foi tanto do seu agrado.*” (59r, p. 139)

Definição:

3. Bluteau: “Jornada, de guerra, empreza militar. Por o exercito em campanha para alguma expediçãõ” (v. 3, p. 390)
4. Silva: “Facção, jornada, empreza militar” (v. 1, p. 799)

Ficha 251

Lexia: bando

Abonação: “*Mandou lançar hum bando com circunstancias taes, que por elle seevitaram os vadios desta capitania...*” (59r, p. 139)

Definição:

1. Bluteau: “Publicar por bando, como quando se declara publicamente hum

<p>decreto, huma ley. He pregão de guerra, a som de caxa, com pena imposta aos transgressores de alguma ley militar” (v. 2, p. 31)</p> <p>2. Silva: “Pregão publico, pelo qual se faz publica alguma ordem, ou decreto” (v. 1, p. 259)</p>
--

Ficha 252
Lexia: Santa Barbara
Abonação: “...foi vizitar á Capella de Santa Barbara, que está em hum admiravel Monte, e atudo deo as providencias do seu incansavel espirito.” (59r, p. 139).
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: n/e</li> </ul> <p>Obs: Uma das santas de devoção da doutrina católica.</p>

Ficha 253
Lexia: Deos
Abonação: “...nella ouvio missa, edeo graças a Deos, de o livrar detantos perigos...” (61r, p. 143)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “He o Ente supremo, Ente por essencia, Ente que he principio, &amp; fim de tudo” (v. 3, p. 64)</li> <li>2. Silva: “O Ente Supremo, Infinito em todas as suas perfeições. Criador do Universo” (v. 1, p. 531)</li> </ul>

Ficha 254
Lexia: dancas
Abonação: “...e a praça bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas dancas finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial...” (26r, p. 73)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Movimento do corpo com passos medidos, &amp; regulados com arte. Dança antiga, de homens armados, que ao compasso, &amp; ao som do instrumento, andavaõ huns contra outros, &amp; travavaõ huma especie de batalha” (v. 3, p. 8)</li> <li>2. Silva: “Movimento regular do corpo, e seus membros ao compasso, e som de musica, baile: talvez erão feitas por homens armados, ao som de instrumentos guerreiros” (v. 1, p. 509)</li> </ul>

Ficha 255
Lexia: Capella
Abonação: “...foi vizitar á Capella de Santa Barbara, que está em hum admiravel Monte, e atudo deo as providencias do seu incansavel espirito.” (59r, p. 139)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “A parte da Igreja, em que ha altar” (v. 2, p. 121)</li> <li>2. Silva: “Altar particular, em Igreja privada, ou no corpo de alguma Igreja, encerrado entre paredes proprias; são como umas pequenas Igrejas filiaes das matrizes” (v. 1, p. 341)</li> </ul>

Ficha 256
Lexia: reza
Abonação: “... <i>nada teve Sua Excellencia que alli fazer, e hé areza porque não se demorou.</i> ” (48r, p. 117).
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “O que alguém costuma rezar por sua devoção, ou de obrigação” (v. 7, p. 322)</li> <li>2. Silva: “Orações, que se dizem por obrigação, ou devoção” (v. 2, p. 630)</li> </ul>

Ficha 257
Lexia: comandante
Abonação: “... <i>hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...</i> ” (45r, p. 111)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: n/e</li> <li>2. Silva: “Official militar, que manda alguma tropa d’Infantaria, ou Artilharia, ou Cavallaria: o que governa a Companhia na falta do Capitão” (v. 1, p. 420)</li> </ul>

Ficha 258
Lexia: praça
Abonação: “... <i>e a praça bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas dancas finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto...</i> ” (26r, p. 73)
Definição: <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau: “Lugar publico, plano, &amp; espaçoso, nas Cidades, Villas” (v. 6, p. 665-666)</li> <li>2. Silva: “Lugar publico, descoberto, espaçoso nas Villas, ou Cidades, onde se fazem feiras, mercados, leilões” (v. 2, p. 481)</li> </ul>

#### 4. AS TRILHAS DE GOIÁS SOB A ÓTICA DO BARÃO DE MOSSÂMEDES: SISTEMATIZAÇÃO DOS CAMPOS LEXICAIS

Meu amor  
Me ensina a escrever  
A folha em branco me assusta  
Eu quero inventar dicionários  
Palavras que possam tecer  
A rede em que você descansa  
E os sonhos que você tiver  
(*Oswaldo Montenegro*)

O presente capítulo apresenta o inventário e a análise das lexias selecionadas e organizadas nas fichas lexicográficas, a partir da discussão de campos lexicais e da relação essencial língua-cultura-sociedade que orienta nosso trabalho. Sistematizamos as lexias em campos lexicais, identificando os macrocampos e os microcampos que formam nosso *corpus*, estabelecendo as relações entre as lexias. Levando em consideração toda a abordagem realizada em torno das lexias e do contexto histórico do *Diário* estudado, organizamos o Glossário, um dos nossos objetivos e que constitui nosso último capítulo.

##### 4.1 Inventário das lexias

Embasado na teoria de campos lexicais proposta por Eugênio Coseriu (1977), realizamos a categorização destes campos presentes no Diário. As lexias foram sistematizadas em seis macrocampos, e cada um destes macrocampos se divide em microcampos mais específicos que denominaremos de campos lexicais, como aborda Coseriu.

O quadro a seguir mostra uma visão mais ampla da maneira como organizamos os macrocampos e os campos lexicais, trazendo, de forma estruturada, alguns exemplos de lexias que constituem o *corpus* da pesquisa, assim como o número total de lexias de cada campo léxico.

Macrocampos	Campo Lexical	Abonações	Total de lexias
Organização Militar	Funções, conjuntos militares, armas, administração, cor do fardamento, acompanhamento do	<i>intendente, soldados, ouvidor, mestre de campo, patrulhas, juntas ordinarias, fardado de</i>	62

	governador	<i>emcarnado, cortejo</i>	
Viagem	Caminhada, repouso, instrumentos, lugares percorridos, doenças, sentimentos, medidas e pesos, alimentação, árvores frutíferas, peixes, vestimentas	<i>Jornada, pouso, tomou quartel, canoas, escaleres, fazenda, rancho, rossas, libras, legoas, serobis, trahiras, temeridade, febre catarral, uvas, alhos, pessegueyros, sayas, caponas</i>	104
Festas	Comemorações, ambiente, tradições	<i>cavahadas, sarau, operas, theatro publico, dança</i>	17
Religião	Locais de manifestações religiosas, devoção, cerimônias, costumes religiosos, administração religiosa	<i>igreja, capela, nossa senhora, ouvio missa, oraçam do recebimento</i>	21
Acidentes Geográficos	Recursos Hídricos, vegetação, relevo	<i>regatos, córrego, bosques, rochedo, morros, serra</i>	26
Trabalho	Tipos, animais, pessoas	<i>servissos de roda, deytar rossas, bestas</i>	25

Quadro 8 – Sistematização dos macrocampos lexicais.

O gráfico a seguir quantifica, em percentual (%), essa distribuição das lexias em macrocampos:

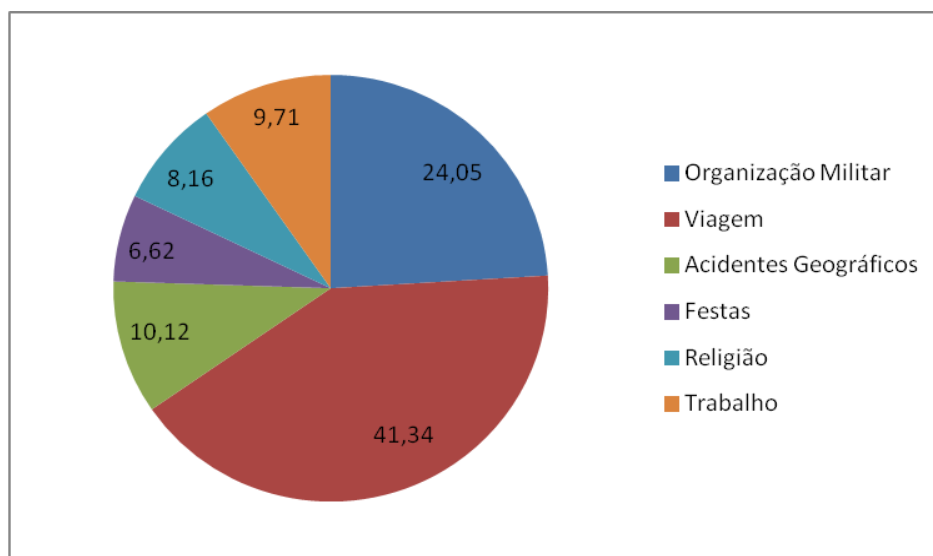


Gráfico 2 – Percentual da distribuição das lexias em Macrocampos Lexicais.

## 4.2 Amostragem dos dados

De acordo com os tópicos anteriores, apresentamos e analisamos os dados extraídos do *corpus*, selecionados a partir do *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes*, que retrata as viagens realizadas pelo governador José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho, totalizando 258 lexias que serão expostas com o intuito de uma sistematização lexical. Descrevemos a seguir os macrocampos e seus respectivos microcampos.

### 4.2.1 Macrocampo Lexical Organização Militar

Neste primeiro macrocampo, foram agrupados os seis microcampos que se referem às *funções, conjuntos militares, armas, administração, cor do fardamento e acompanhamento do governador*, que fazem parte do universo militar mencionado no Diário. Dessa forma, podemos caracterizar o modo como os soldados estavam organizados.

#### 4.2.1.1 Campo Léxico Funções

Compreende-se por *função* o desempenho ou exercício de uma ocupação, uma tarefa ou uma obrigação a cumprir. As lexias representativas deste campo são: *ajudante das ordens, tenente de dragoens, agentes principaes, auxiliares, cavalaria auxiliar e ordemanças, alferes, soldados, cabo, cyrurgiam, praças, furriel, mestre de campo, cavalleiros, menistros, general, militares, capitão de dragõens, escrivão, oficiais, conde general, pedestres, pretes, piloto, guarda, comandante, brigadeyro, Coronel, Conde dos Arcos, Cappitam, Tenente Coronel*.

#### 4.2.1.2 Campo Léxico Conjuntos militares

Entende-se por soldado aquele que recebe um soldo, isto é, vencimento. Este campo envolve as lexias que englobam muitos *soldados*, tais como: *patrulhas, tropas, partida, regimento, esquadram, rondas, extravio, escoltar*.

#### 4.2.1.3 Campo Léxico Armas

*Arma* significa qualquer recurso ofensivo ou defensivo, ou seja, é um instrumento com a função de atacar ou defender. Encontramos no Diário apenas duas lexias neste campo: *armas, petrexos*.

#### 4.2.1.4 Campo Léxico Administração

A *administração* diz respeito à estrutura, disposição, ao funcionamento e ao desempenho das organizações. Aqui estão agupadas as lexias que representam a ordem e o poder público, conjunto de autoridades importantes para o governo, como: *Juntas ordinárias, Justissas, Camera, intendente, deputados da Junta da Fazenda, ouvidor, Pallacio, Juizes Ordinarios, Senado, Emperador, Registo, Provedor, Real Fazenda/Fazenda Real, Erario, Confisco, bando*.

#### 4.2.1.5 Campo Léxico Cor do Fardamento

Encontra-se neste campo apenas uma lexia que define a cor do regimento: *fardado de emcarnado*.

#### 4.2.1.6 Campo Léxico Acompanhamento do Governador

Compreende-se por *acompanhamento* um conjunto de pessoas que acompanham, seguem outras. As lexias representativas deste campo são todas referentes à escolta e recepção do governador: *palio, pompa, cometiva, cortejo, recebimentos, trem, arrojo*.

### 4.2.2 Macrocampo Lexical Viagem

Entende-se por *viagem* a ação de se deslocar de um lugar para outro, o percurso efetuado, geralmente percorrendo uma longa distância. Sendo assim, este macrocampo engloba onze campos lexicais: *caminhada, repouso, instrumentos, lugares percorridos, doenças, sentimentos, medidas e pesos, alimentação, árvores frutíferas, peixes e vestimentas*, responsáveis por apresentar os aspectos sociais do cotidiano, que auxiliam na constituição do modo de ser das pessoas que viveram em Goiás no século XVIII.

#### 4.2.2.1 Campo Léxico Caminhada

Este campo se refere às lexias que descrevem o caminho realizado pelo Barão de Mossâmedes e toda a sua comitiva, como: *Jornada, Marcha, bandeira, expediçam.*

#### 4.2.2.2 Campo Léxico Repouso

Neste campo, se encontram as lexias que denominam a atitude das pessoas de arrumar um lugar para descansar e repousar a fim de seguir viagem no dia posterior. Incluem-se neste campo as lexias: *abarracou, aquartelou em barracas, tomou quartel, pouzo.*

#### 4.2.2.3 Campo Léxico Instrumentos

Através deste campo, apresentamos as lexias que designam os equipamentos que auxiliaram a travessia e o estudo do território pelos integrantes da comitiva durante toda a caminhada percorrida nos entornos de Goiás, como: *escaleres, arxotes, canoas, barca, pranaxeta, provimento, instrumentos.*

#### 4.2.2.4 Campo Léxico Lugares Percorridos

Este campo acomoda as lexias referentes aos ambientes, locais ou cruzamentos que foram deparados na Jornada. Tal campo é definido pelas seguintes lexias: *citios, rancho, arrayal, rossas, campo, pontes de madeyras, caza de telha, julgado, fazenda, encruzilhada, paço, estiva, porto, pasto, freguezia.*

#### 4.2.2.5 Campo Léxico Doenças

Entende-se por *doença* os sinais ou sintomas específicos que afetam um ser, modificando o seu estado normal de saúde, causando-lhe padecimento, dor ou mal-estar. Estão incluídas neste campo as lexias: *sezoens, febre catarral, ramo de estupor, pestíferos ares.*

#### 4.2.2.6 Campo Léxico Sentimento

Fazem parte deste campo as lexias que denotam *sentimento*, ou seja, sensações, expressões, qualidades e instintos morais dos indivíduos. Este campo lexical é representado pelas lexias que nomeiam ligações afetivas e amorosas em relação a algo ou alguém, assim como as atitudes morais ou mentais: *commodidade, temeridade, caridade, contentamento, brandura, bondade, ignorâncias, amor, merecimento, admiração, satisfação, prudência, verdade, desamparo, alvoracado, receio, aplauzos, deligencia, clamores, vexações, barbaridade, ostentação, piquenhés, pás, orbanidade, cortezias, liberalidades, reputado, pessoas graves, beneméritos, peritos, luzimento, ensoberbecerem, socego, inimizade, opulento, virtudes, decência, cuidado, atençam, liberdade.*

#### 4.2.2.7 Campo Léxico Medidas e Pesos

Entende-se por *medida* a grandeza resultante de um instrumento de medição ou cálculo, envolvendo peso, comprimento e distância. Agrupamos aqui, também, as lexias referentes à moeda. As lexias representativas deste campo lexical são: *braças de largo, arrobas de ouro, libras, reaes quintos, cruzados, braças de comprido, legoas, palmos, folhetas de ouro.*

#### 4.2.2.8 Campo Léxico Alimentação

Encontram-se, neste campo, as lexias referentes aos mantimentos, bebidas, verduras e frutas mencionadas no Diário, as quais serviram para o consumo diário dos viajantes, tais como: *vivres, refresco de carnes, bebidas espirituozas, ortalice, uvas, alhos, frutas, mantimentos.*

#### 4.2.2.9 Campo Léxico Árvores Frutíferas

Este campo lexical está representado pelas árvores que produzem frutos, características da região por onde passavam. As lexias inventariadas foram: *Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, mangabeira, Marmeleyros.*

#### 4.2.2.10 Campo Léxico Peixes

Neste campo, estão agrupadas as lexias que nomeiam os tipos de peixes específicos da região abordada pelo Diário, como: *dourados, trahiras, matrinchans, serobis*.

#### 4.2.2.11 Campo Léxico Vestimentas

O campo lexical *vestimentas* faz referência as roupas que servem para cobrir o corpo. Tal campo é representado pelas lexias: *sayas, camizas, caponas*.

### 4.2.3 Macrocampo Lexical Festas

Neste macrocampo, foram agrupados os três microcampos que se referem às *comemorações*, as *tradições* e ao *ambiente* onde aconteciam as festas descritas no Diário. Estes campos assinalam as diversas manifestações da vida social das pessoas situadas em Goiás no século XVIII e se explicam pelo fato de os indivíduos se constituírem e se afirmarem enquanto seres sociais ao partilhar os momentos com os outros, dentro de uma cultura coletiva.

#### 4.2.3.1 Campo Léxico Comemorações

Nesse campo se encontram as lexias que designam todas as festividades culturais abordadas no Diário, comuns do grupo social estudado. As diversas cerimônias registradas durante a passagem do Governador José de Almeida pela capitania de Goiás no século XVIII são: *Cavallhadas, emcamizada, Saráu, operas, touros, fogo artificial, cavalo, festas, festejos, obras Poeticas*.

#### 4.2.3.2 Campo Léxico Ambiente

*Ambiente* é denominado por espaço, recinto, local em que se está. Aqui estão agrupadas as lexias que correspondem aos lugares em que se realizavam as festas e as tradições culturais da época mencionada, como: *Pallacio, praça, teatro publico, arrebaldes*.

#### 4.2.3.3 Campo Léxico Tradições

Este campo lexical é composto pelos costumes e festividades tradicionais do local. As festas e os hábitos encontrados nesta comunidade foram: *fogueiras, descargas, dança*.

#### **4.2.4 Macrocampo Lexical Religião**

Neste macrocampo, encontram-se as lexias relacionadas aos *lugares, devoção, cerimônias e costumes religiosos* das pessoas que viviam em Goiás no século XVIII. A partir desses campos, podemos conhecer o conceito cristão da comunidade goiana na época estudada, a cultura e as tradições religiosas que caracterizam a sua fé, tão importante para a vivência em coletividade.

##### 4.2.4.1 Campo Léxico Locais de Manifestações Religiosas

Este campo aborda as localidades em que se realizam as práticas religiosas. As lexias agrupadas neste campo fazem referência ao ambiente destinado às manifestações de cunho religioso: *Igreja, Capela*.

##### 4.2.4.2 Campo Léxico Devoção

Neste microcampo, encontram-se as lexias que especificam a fé a um Ente Superior e aos santos, que intercedem por bênçãos e graças divinas. São elas: *Deos, Santa Bárbara, Nossa Senhora, São João, Sam Caetano, Sam Joze, Nossa Senhora da lapa*.

##### 4.2.3.3 Campo Léxico Cerimônias

Anotamos aqui apenas uma lexia referente a uma manifestação religiosa de determinada doutrina, um ritual pelo qual se adora, roga e agradece as divindades: *Ouvio missa, te Deum Laudamus*.

##### 4.2.4.4 Campo Léxico Costumes Religiosos

Agrupamos, neste campo lexical, as lexias que representam os hábitos e as tradições religiosas rotineiras da comunidade analisada. Os costumes religiosos manifestados no *corpus*

foram: *oraçam do recebimento, ave marias, Catholica acção, oração latina, reza, bordado ás ruas.*

#### 4.2.4.5 Campo Léxico Administração Religiosa

Compreende-se por *administração* o ato de administrar ou gerenciar pessoas, negócios ou recursos com o intuito de atingir propósitos estabelecidos. Incluem-se neste campo lexical as lexias que representam as funções administrativas em relação à religião, como: *Vigário, bispado, arcebispado, capelam, clero.*

### 4.2.5 Macrocampo Lexical Acidentes Geográficos

Este macrocampo retrata todos os acidentes geográficos encontrados durante a viagem do Barão de Mossâmedes por Goiás, sistematizados pelos microcampos a seguir: *recursos hídricos, vegetação e relevo.*

#### 4.2.5.1 Campo Léxico Recursos Hídricos

Aqui são abordadas as lexias referentes ao microcampo *recursos hídricos*, compreendido como águas superficiais ou subterrâneas acessíveis para uso, como: *Regatos, riachos, ribeyros, corgozinhos, rio, lagoa, córrego, ribeyram, cachoeiras, regueyro, aggregado de águas, olhos de agoa, aguada, Bahia, effluvios, bicáme, cabeceiras.*

#### 4.2.5.2 Campo Léxico Vegetação

Entende-se por *vegetação* um conjunto de espécies de plantas de um determinado local, de acordo com o clima. Dentro deste campo, agrupamos as lexias: *Bosque de Matto Virgem, pasto, bosques, Pantanal.*

#### 4.2.5.3 Campo Léxico Relevo

Compreende-se por *relevo* um fenômeno que ocorre na natureza, um tipo de formação geográfica e/ou geológica de determinada região, constituída a partir de forças internas e externas, que se sobressai em uma superfície. Incluem-se neste campo lexical as seguintes lexias: *Rochedo, Morros, Serra, vareda, tombador.*

#### 4.2.6 Macrocampo Lexical Trabalho

Entende-se como *trabalho* um conjunto de atividades realizadas com o propósito de atingir objetivos e metas de vida, responsável pelo crescimento do ser humano enquanto ser social, já que a partir dos diversos tipos de funções e do convívio com as pessoas, ele aprende a aceitar as diferenças, demonstrando e desenvolvendo suas habilidades. Dessa forma, o *trabalho* é essencial para a constituição do modo de ser dos indivíduos. Neste macrocampo, foram agrupados três campos lexicais: *tipos*, *animais* e *peessoas*, que apresentam as diversas formas da vida goiana do século XVIII referentes às tarefas e a labuta diária.

##### 4.2.6.1 Campo Léxico Tipos

*Tipo* é compreendido como uma categoria de coisas, neste caso, lexias reunidas conforme determinadas características. Neste campo, enumeramos as lexias responsáveis por descrever os diversos *tipos* e maneiras de trabalho. As lexias representativas deste campo lexical são: *Servissos de roda*, *engenho de agoa*, *fundição*, *lavras de ouro*, *engenhos de assucar*, *deytar rossas*, *lavouras*, *minas de ouro*, *levão agua*.

##### 4.2.6.2 Campo Léxico Animais

Agrupamos, neste campo lexical, as lexias referentes aos animais, aos objetos e a alimentação que auxiliam os seres humanos a exercer as tarefas no labor diário, como: *Bestas*, *tiros de bêsta*, *cavalos*, *reção de milho*.

##### 4.2.6.3 Campo Léxico Pessoas

Este campo engloba as lexias que diferenciam as pessoas em relação ao trabalho, caracterizando-as e, de certa forma, isolando-as socialmente. Tal campo é representado pelas seguintes lexias: *Particulares*, *gentio*, *pardos forros*, *negros*, *mulatos*, *nobreza*, *maloca de gentio*, *creados*, *calhambolas*, *homens*, *mulheres*, *índio*.

Há um conjunto de três lexias que não foi possível agrupar em microcampos lexicais, pois não foram encontrados elementos para a elaboração de um campo léxico, devido à

escassez de lexias semanticamente afins. Essas lexias estão descritas a seguir: *parcialidades*, *bocados*, *capitania*.

A sistematização dos macrocampos e dos seus respectivos microcampos, que foi realizada anteriormente, se deu de forma concisa, somente para apresentar a estrutura da vida e do convívio social das pessoas que viveram em Goiás no século XVIII, especificamente da região analisada. Tal descrição teve como objetivo explicar o motivo de se analisar tais lexias dentro dos campos lexicais e, ao mesmo tempo, fazendo parte de um todo organizado, análise que será evidenciada no tópico a seguir.

Depois de apresentar, definir e analisar os macrocampos e os microcampos, passamos para a construção do glossário, no capítulo 5, que envolve todas as lexias que compõem os campos lexicais e as três lexias que não foram sistematizadas nos mesmos. Dessa maneira, as lexias que provocaram incerteza de compreensão foram elucidadas pelo glossário, assim como as lexias que foram registradas no mesmo para enfatizar seu significado dentro do contexto social e cultural do Diário.

### **4.3 Análise do *Corpus***

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados que constituem o *corpus* da pesquisa, com o intuito de mostrar como as lexias têm a função de significar as relações sociais e culturais. Levando em consideração que essas lexias fazem parte de determinado léxico do sistema linguístico, as mesmas servem para nomear, significar e referenciar a cultura de Goiás da segunda metade do século XVIII. Algumas delas já se tornaram antiquadas, outras são utilizadas até hoje, mesmo com certa mudança de significado.

A sistematização das lexias em campos lexicais nos permitiu uma discussão abrangendo o seu conjunto e seus respectivos significados no aspecto cultural e social da época e da região estudada. Dessa forma, apresentaremos os seis macrocampos que estabelecem a vivência da comunidade por onde a jornada foi realizada, bem como todas as experiências materializadas pelos viajantes.

#### **4.3.1 Conceituação das Relações/Aspectos Comuns de Significação**

##### **4.3.1.1 Macrocampo Organização Militar**

Ao analisarmos o macrocampo *organização militar*, encontramos uma quantidade de lexias representativa por se tratar de uma *jornada* a fim de conhecer os lugares e as carências administrativas de Goiás e também por causa do destaque deste tipo de *função* naquela época. Devido a isso, constatamos várias ocupações ou cargos *militares*, assim como a presença de *armas*, que lhes conferiam prestígio e poder diante da sociedade, como os *petrechos*. Para a elaboração do Diário estudado, o *general* e governador José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho contou com Thomás de Souza, *ajudante das ordens* e seu braço direito durante toda a *marcha*.

A comitiva também era composta por *Cappitam*, *Alferes de Dragoens*, *Commandante de uma partida de soldados*, *cabo*, *cirurgiam*. Nas andanças pelo Rio de Janeiro, o governador “assistio ali ás *Juntas ordinarias* da *Real Fazenda*; *Economía*, e varias outras dependencias daquelle Governo” (fólio 1r, p. 23), com o objetivo de esperar uma estação melhor, mais vantajosa, para atravessar alguns rios. Alguns *menistros* e *officiaes* mais graduados, os generais de Goiás e Mato Grosso, acompanharam o percurso até a Bahia.

Chegando ao Rancho de Manoel Correya, contaram-se as pessoas que acompanhavam o governador e o número excedeu oitenta. Dentro desta *comitiva*, estavam a família do “*General* de Goyaz; a do *Cappitam de Dragoens* Joze de Mello, e Castro; do *Escrivão* do Erario Manoel Rodrigues da Costa; do *Intendente* de Sam Felis Antonio Joze de Miranda; e do Vigario da vara de Villaboa, com a do *general* de Matto Grosso, e de dous *officiaes*” (fólio 3r, p. 27).

Na passagem do Rio Parahiba, encontraram uma “*fraca guarda* destinada a reconhecer os passageyros, e as condússuens de *Fazendas* que sefazem” (fólio 4r, p. 29). Percebemos que já havia um monitoramento para controlar e fiscalizar as pessoas, uma forma de arrecadação que aumentava a economia da região, já que as passagens das Barcas rendiam anualmente cento e vinte mil cruzados. O *Registo* de Mathias Barboza também ampliava a economia, pois rendia quatrocentos mil cruzados.

Na divisa da capitania do Rio de Janeiro com a de Minas Gerais, encontraram um “*Tenente de Dragoens* com huma *partida*” (fólio 5r, p. 31). Esta servia para *escoltar* os *Generaes* por todos os caminhos que fossem percorrer no governo. No Arrayal de São Gonçalo, acharam *partidas* que acompanhavam os *Reais quintos* para o Rio de Janeiro. Encontraram, também, no Citio do Juis de Fora, *Patrulhas*, esquadra de *soldados* com a função de rondar a região e impedir o *extravio* do ouro.

Na borda do campo, estavam “varias companhias de *Cavalaria Auxiliar*, e *Ordemnanças* etc que acompanharam com boa Muzica, bem *fardados*” (fólio 7r, p. 35). No trecho a seguir, notamos outros tipos de *conjuntos militares*: *esquadrão*, *tropas* e o *Regimento*, cujo *fardamento* era *emcarnado* (vermelho) e verde. Observamos, ainda, outra *função* militar de grande poder e prestígio na sociedade: *Conde General*.

[...] se achava hum luzido **Esquadram** de **cavallaria Auxiliar**; junto da venda nova havia outro **Esquadrão**; e a huma legoa de Villa Rica em hum citio chamado Tapoé, estava o Excellentissimo **Conde General** acompanhado de todos os seus **Menistros** e **officiaes**; e pouco mais adiante estava portado o **Regimento**, chamado da Nobreza, **fardado de emcarnado**, e verde com boa Muzica de maneyra que representava hum corpo de **Tropas**. (fólio 9r, p. 39). (grifos nossos)

Chegando ao Arrayal de Santa Luzia, as *Justissas*, os *Auxilliares* e os *agentes principaes* foram esperar e receber, debaixo de *Palio*, o *General* governador José de Almeida. Este era um costume da época, receber Príncipes e Eclesiáticos debaixo de um pano erguido por quatro varas. A Excelência era geralmente recebida com grande *pompa*, apesar da pouca possibilidade financeira dos moradores, o que comprova a relevância da reunião das pessoas para a materialização de sua cultura, seja com uma ação solene, com um *cortejo* ou qualquer acompanhamento festivo, resultando nas experiências e nas tradições coletivas.

Podemos verificar o entusiasmo dos moradores ao receber o governador no seguinte fragmento: “Foi *Sua Excelencia* recebido neste Arrayal com grande *pompa* [...] e o conduzirão debaixo do *Palio*” (fólio 42r, p. 105). Com exceção da comunidade do Arrayal da Conceição que não o recebeu com interesse, contudo o governador se mostrou digno do cargo e função que ocupava, demonstrando seriedade, atenção e educação ao agradecer-los: “...recebido neste Arrayal com húa ostentaçãõ igual á sua piquenhés, mas como o seu animo hé todo cheio de atençoens, agradeceo *munto* todo o *cortejo* que lhe fizeraõ...” (fólio 48r, p. 117).”

José de Almeida procurou andar por todo o território goiano que seria governado por ele, sem qualquer distinção, pois visitou as comunidades, mesmo as menos habitadas e tomou providências de melhoria, um dos motivos que os moradores tanto o aclamaram. Comprovamos isto no seguinte fragmento: “... tomou quartel no Arrayal do Cavalcante; Ainda *que* neste Arrayal nam há Julgado; sempre receberam a *Sua Excelencia* com *munto*

*arrojo*, efoi<sup>5</sup> a sua entrada aplaudida daquelles moradores; por ser o primeiro *Senhor General* que alli chegou.” (fólio 53r, p. 127).

Dentre as autoridades importantes para o governo, encontrou-se a *Camera* na entrada de Villa Boa, a casa em que o Presidente e os vereadores se juntam a fim de tratar os negócios condizentes ao bem público deste lugar, conforme Bluteau (1712-1728). Observaram, ainda, os *Deputados da junta da Fazenda* que fizeram companhia ao governador. É válido ressaltar que a função de Deputado naquela época era diferente, pois ele não era comissionado para exercer suas tarefas como atualmente. O Doutor *Ouvidor*, juntamente com os *Juizes Ordinarios*, foi até o citio do Bellas cumprimentar o governador.

Nota-se no fragmento a seguir três funções que foram nomeadas e preenchidas pelo governador: *Praças*, *Alferes*, *Furriel*.

Mandou sua Excelencia alistár todos os moradores daquele Arrayal, e no segundo dia da sua estada passou mostra á Companhia da Cavallaria Auxiliar, reformou-a de alguns **Praças** que lhe faltavam e o mesmo fés á do Arrayal de Crixás que por ser vizinho ali a mandou vir, provendo nesta Companhia o Posto de **Alferes**, e naquela o de **Furriel**, que estavam vagos. (fólios 31r e 32r, p. 83 e 85). (grifos nossos)

No Arrayal de Sam Joze, o governador também tomou algumas providências com relação à organização militar, como podemos ver neste trecho: “Neste Arrayal reformou sua Excelencia a Companhia da *Cavallaria Auxiliar*, provendo nella os postos de *Cappitam*, *Tenente*, e *Alferes*, que estavam vagos; fes huma Companhia de *Ordenança* de homens brancos, e outra de Pardos forros” (fólios 37r e 38r, p. 95 e 97). Outras medidas semelhantes executadas por José de Almeida no Arrayal de Sam Felis foram a criação de uma “Companhia de Cavallaria Auxiliar, huma de Ordenanças, e anexou a ellas todos os Pardos, e crioulos forros” (fólio 40r, p. 101).

O *mestre de campo* Francisco Ferras – considerado por Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) o oficial de patente inferior ao *General*, mas que em sua ausência responde por sua função – fundou o Arrayal da Natividade. O Governador era acompanhado no seu trajeto pelos arraiais por um conjunto de *cavaleiros*, responsáveis por seu zelo e segurança, visto que aquelas regiões pelas quais marchou eram perigosas por existir comunidades indígenas que

---

<sup>5</sup> As lexias foram escritas da mesma forma em que aparecem no manuscrito. Sendo assim, algumas lexias estão unidas a outras.

não eram civilizadas: “...acompanhado de hum grande numero de *cavalleiros* que apouca distancia os despedio...” (fólio 41r, p. 103).

Para encerrar as discussões do macrocampo *organização militar*, descrevemos alguns cargos, citados no Diário, que embarcaram para uma expedição sob ordem do governador: “...hum *cabo* de *Esquadra* de *Dragoens*, hum *Soldado* da mesma companhia, três *Pedestres*, 4 *Pretes*, e hum *Piloto*, e por *comandante* de todos...” (fólio 45r, p. 111); e um oficial de guerra que, segundo Bluteau (1712-1728), tem um posto maior do que um Coronel e menor do que um Sargento Mór de Batalha, governando quatro ou cinco regimentos: “...aqui se achava huma partida de cavallaria e hum Tenente do Regimento do *Brigadeyro* Antonio Carlos” (fólio 21r, p. 63).

O estudo do Diário e de toda a região descrita no mesmo permite o conhecimento de como estava sistematizada a estrutura militar nas comunidades por onde o governador passou e o que este realizou como medida administrativa dentro das funções militares, ou seja, compreendemos a história por meio do léxico de uma região goiana específica.

#### 4.3.1.2 Macrocampo Viagem

O macrocampo *viagem* é o mais expressivo em números de lexias, pois o Diário relata a respeito da *jornada* realizada pelo governador José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho com o intuito de conhecer o local que seria administrado por ele, para que seu governo pudesse sanar as necessidades e as carências administrativas.

Sendo assim, este macrocampo fez o agrupamento em onze campos lexicais de todas as lexias que fazem referência a *caminhada*, *repouso*, *instrumentos*, *lugares percorridos*, *doenças*, *sentimentos*, *medidas e pesos*, *alimentação*, *árvores frutíferas*, *peixes e vestimentas*, isto é, tudo que foi verificado no percurso e que constitui a maneira de viver e de ser dos goianos de determinada região do século XVIII, confirmando a teoria por nós defendida, no capítulo 3, de que a língua transmite os modelos de vida de cada comunidade falante.

Comprovamos, dessa forma, que a partir do léxico é possível inferir aspectos culturais de uma sociedade, evidenciando a relação língua, cultura e sociedade que norteia e fundamenta nosso trabalho. Assim, concordando com Koch (2003, p. 124), a língua é materializada socialmente, “lugar de interação entre os membros de uma sociedade e nesse lugar de interação é que se constituem as formas lingüísticas e todas as maneiras de falar que existem numa determinada época, numa determinada sincronia”.

A segunda parte do Diário, iniciada no fôlio 27 r, p. 75, é o resultado do caminho efetuado pelo governador e sua comitiva no interior de Goiás, como se percebe nos trechos subsequentes: “Diario 2 da *Marcha*, Inspecçoens, e Providencias, que o Excelentissimo General effectuara na vizita de toda a Capitania de Goyáz” (fôlio 27r, p. 75); “Sahio sua Excellencia de Villa boa para o Arraal de Pillar, e deu principio a sua *Marcha* no dia 2 de Junho de 1773...” (fôlio 28r, p. 77).

Devido à falta de *comodidade* do *Rancho*, no *citio* da Taboquinha, o governador, juntamente com a sua comitiva, teve que se recolher em barracas para descansar pela primeira vez durante o percurso, pois no outro dia, por volta das três horas e meia da manhã, seguiram viagem: “...neste *citio* se *abarracou* pella primeyra vez por conta da má *commodidade* do *Rancho*” (fôlio 13r, p. 47). Nota-se, aqui, o *sentimento* em relação à estrutura do lugar, que não era favorável para *repousar*, além de alguns *lugares percorridos* na *Jornada*, como *citios* e *ranchos*, que foram bem representativos nesse desbravamento das terras goianas no século XVIII. Isso demonstra que as lexias, apesar de estarem em campos léxicos específicos, estão sistematizadas em um todo, em um macrocampo que engloba todas as relações sociais e culturais.

Após ter marchado cinco *legoas* – medida itinerária antiga que apresentava diferentes valores – o governador, junto de alguns principais, chegou à *ponte* do Rio dos Bugres e se *aquartelou em barracas*, ou seja, se alojou dentro de barracas para dormir e, pouco antes de amanhecer, se despediu de algumas autoridades administrativas e religiosas e seguiu a *marcha*. Depois de doze *legoas*, *tomou quartel* no Córrego de Sam Joze, *aquartelou-se* nas acomodações próprias dos soldados, *quartel*.

Adverte-se, que por todo aquelle terreno, que nada havia que averiguar; marchava Sua Excellencia huma grande parte da madrugada, utilizando-se da Lua se a havia, e se nam uzava de **arxotes**, que para isso levava **provimento**, e desta forma selivrava do ardor do sol, que neste País he insoportavel (fôlio 29r, p. 79). (grifos nossos)

Verificam-se, neste fragmento do Diário, traços de cultura da região de Goiás, através das implicações do clima, caracterizado como quente pelos viajantes ao citar o ardor do sol insuportável daquele local, e de inferências do costume da comunidade analisada e das pessoas mais antigas de levantar cedo para trabalhar, seguir viagem. Dessa maneira, utilizava-se de equipamentos e *instrumentos* que facilitavam a *jornada* pela madrugada, como o *provimento* e os *arxotes*, velas grandes de cera, redondas e com muitos pavios, semelhante a

uma tocha, de acordo com Bluteau (1712-1728), que servia para iluminar os caminhos quando não havia Lua.

Outros exemplos de descanso e *repouso* nos quartéis podem ser inventariados nos trechos que se seguem: “...marchou tres *legoas*, e meya e ¼ de *legoa* antes de chegar ao *Pouzo*, que foý no Córrego do Ouvidor...” (fólio 38r, p. 97); “...e *tomou quartel* no Córrego do Refresco, que pello munto que ali mandou o Doutor Ouvidor, de *frutas*, e *ortalice* assim se chamou” (fólio 30r, p. 81). Neste último fragmento, observamos as *lexias* que fazem referência a *verduras* e *frutas* bastante produtivas neste ambiente, tanto que o lugar foi denominado Córrego do Refresco.

No que diz respeito aos *mantimentos* que serviram para o consumo diário dos viajantes, encontraram, no Arraial de Santa Luzia, além de lavras de ouro, uma terra fértil para boas *uvas*. No *pestífero* Rio Preto, local onde se propaga diversas pestes, o governador ordenou para “...dar a toda a commetiva *bebidas espirituozas*, e alguns comeram *alhos* e desta forma passamos livres das *sezoens*...” (fólio 39r, p. 99). Essas bebidas tinham um espírito por darem ânimo e coragem às pessoas que a ingeriam e o *alho* é considerado um alimento saudável e benéfico para a saúde, com aspectos curativos, rico em vitamina C, o que previne as gripes e os resfriados, tais como as *sezoens*, febres semelhantes à maleita, comuns naquela época, principalmente no tempo de águas.

A recepção do governador e dos que compunham a *marcha* era tão fervorosa que, às vezes, os moradores preparavam um banquete para os receberem, como no sítio de São Valério, em que ofereceram uma provisão de *mantimentos* para muitas pessoas. Porém, José de Almeida não aceitou, neste fólio do Diário não há especificação do motivo da recusa: “Neste sitio mandaraõ a *Sua Excellencia* hum grande *refresco de carnes*, e outros *vivres que Sua Excellencia* não aceitou.” (fólio 42r, p. 105). Contudo, no final do relato de Thomás de Souza, entendemos que o governador não gostava de incomodar a comunidade.

Durante a *marcha*, tiveram que fazer uma parada no Bicudo devido ao desaparecimento de algumas bestas que transportavam os *mantimentos* necessários para a viagem: “...aqui se falhou o dia dezanove por nam apparecerem seis bestas das que conduzião *mantimentos*.” (fólio 14r, p. 53).

Na expedição realizada em direção ao Pará, comandada por Antônio Luis Tavares, visualizamos a divisão dos gastos com a viagem, todos custeados pelo governador José de Almeida. Dessa forma, temos uma noção da estrutura e da economia, bem como as ordens administrativas executadas naquela região:

Foraõ estes Navegantes surtidos de todo onecessario a custa de *Sua Excelencia* no *que* dispendeo do seu bolso 287\$575 reis; porque as duas **canoas** custaraõ 36\$000; ao Pilloto deo 24\$000, e para as despezas do tempo, *que* estivessem no Pará deo huma Barra de Ouro fundido de 177\$573 reis, e o mais se empregou em **vivres**, e petrexos necessarios, para o munto *que* sahio de trem, e dispença de *Sua Excelencia*. (fólio 45r, p. 111). (grifos nossos)

As *canoas*, explicadas por Bluteau (1712-1728) como embarcações com capacidade para vinte ou trinta remeiros, foram de grande relevância para facilitar a passagem da comitiva nos rios pelos quais tiveram que fazer a travessia para continuar a *Jornada*. Os *escaleres*, “embarcação pequena de remos e vela, que serve para andar no rio, com toldo na popa” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813), também aparece no Diário: “...se partio para o Rancho de Paullo Pereyra, e ao mesmo tempo os *Escaleres* para o Rio de Janeyro...” (fólio 2r, p. 25).

Outra embarcação que também auxiliou no cruzamento dos rios foi a *barca*, definida por Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) como maior do que um barco, com a função de carregar cargas e transportes, bem como coches, carros e cavalos. Este tipo de embarcação foi utilizado na travessia do Rio Parahiba, pois serviu como ponte para passar este rio perigoso, por ser profundo e possuir águas agitadas: “...se passa o grande Rio Parahiba, que he mui profundo, ea celerado, e sepassa em *Barca*...” (fólio 4r, p. 29).

A *pranxeta*, uma mesa pequena, está no rol de equipamentos e *instrumentos* que permitiram o estudo do território percorrido. O governador solicitou ao *ajudante das ordens* que o mesmo medisse e desenhasse o Rio Tocantins sob esta ferramenta, que foi utilizada para a escrita durante as viagens. A operação da medição está descrita abaixo, os cálculos ficaram corretos, entretanto pode-se encontrar algum defeito no desenho do rio:

[...] medir o Rio pello Ajudante das ordens com huma **pranxeta**, *que* se agetivou de huma meza piquena, de *que* *Sua Excelencia* se servia na sua viagem para aescrípta com outros **instrumentos** *que* o dito Ajudante levou, enaõ sepodendo fazer abaze tamanha, ou maior *que* os lados do triangulo pello impedimento do escabrozo terreno da margem do Rio, foi o angulo inasecível mais agudo do que se pertendia, no *que* se pode admitir algum piqueno defeito, naõ no calculo, *que* sendo feito conforme as regras da Planometria; achouse ter o dito Rio de largo, neste lugar chamado o Porto, 472 **braças**. (fólio 44r, p. 109). (grifos nossos)

Em relação às *medidas*, nos deparamos com as *braças de comprido* e as *braças de largo*, que significam para Silva (1813) uma medida longa de sete pés geométricos e dez palmos de craveira e foram mencionadas para se referir ao comprimento dos rios: “...ou caminho de Madeyra sobre hum Pantanal que tera outenta *braças de comprido*” (fólio 6r, p. 33); “...o Rio de Sam Francisco he o mayor que se passa na *jornada*; terá seiscentas *braças, de Largo...*” (fólio 15r, p. 51); “os cavalos passaraõ este grande nado, *que* será de duzentas *braças...*” (fólio 41r, p. 103). Aqui podemos conhecer aspectos do ambiente a partir das lexias, já que o Rio São Francisco é o maior do trajeto executado pelos viajantes.

A medida também se dava por *palmos*, correspondente a “largura de quatro dedos ou a extensão de dezesseis grãos de trigo enfileirados” (SILVA, 1813): “...corre sem éstas por hum encanado que eu julguey ser de sincoenta *palmos*, aberto em hum notavel Rochedo, que se julgou ter hum fundo insondavel” (fólio 34r, p. 89).

A História está vinculada a nossa análise, prova disso é que há no Diário alguns nomes de pessoas e o ano em que as comunidades foram fundadas, fora as descrições da região, do ambiente e da estrutura física e econômica dos lugares. O Arraial de Água quente era próspero em *folhetas de ouro*, folhas pequenas de metais, segundo Bluteau (1712-1728): “Este Arrayal foy no seu Descuberto, tam abundante de *folhetas de ouro*, que no anno de 1737// se achou huma de quarenta e seis *libras...*” (fólios 34r e 35r, p. 89 e 91).

Cabe ressaltar que cada *libra*, moeda antiga, equivalia a “doze onças de peso e valor” (BLUTEAU, 1712-1728). Já o Arraial de Pilar, com suas *arrobas de ouro*, foi considerado o território mais rico de toda a Capitania de Goiás. Cada *arroba* possuía o peso de trinta e dois arráteis, conforme Silva (1813):

Este opulento Arrayal, foy fundado no anno de 1741 quando João de Godoy procurava huns negros seus, que andavão fugidos, e encontrando-os neste lugar, lhe declararam os dittos que ali havia munto ouro, mostrando os que tinhaõ tirado, e aguardavam em canudos de taquarusús. Deu-se ao manifesto, e se tirarão muntas **arrobas de Ouro**; e ainda hoje he o mais rico território desta Cappitanía. (fólios 32r e 33r, p. 85 e 87). (grifos nossos)

Outra moeda utilizada em Portugal e que Thomas de Souza fez menção no Diário foi o *cruzado*: “...deo ao manifesto áquelle grande thezouro; elle, nos effeytos das suas lavouras, fes no primeyro anno setenta e dous mil *cruzados...*” (fólio 35r, p. 91). Dentro da história, enfatizamos os impostos comuns aquela época, os *reaes quintos*, a quinta parte dos bens que era recolhida para os cofres públicos: “...e no mesmo perigo se vem os *Reaes Quintos* de sua

Magestade quando todos os annos sam conduzidos da Intendencia de Sam Felis para os Cofres de Villa boa...” (fólio 34r, p. 89).

A cultura goiana fica evidenciada quando os viajantes se deparam com elementos da flora goiana, como as árvores frutíferas: *macieyras*, árvore da família das rosáceas cujo fruto é a maçã; *marmeleyros*, árvore rosácea que produz marmelos; *pereyras*, árvore rosácea que produz pêras; *pessegueyros*, árvore rosácea que dá pêssegos. Conforme Bluteau (1712-1728), há várias espécies de pêssegos: molar, miralho, maracotão, calvo; de janeiro, gilmentes, veneziano.

Encontraram uma plantação dessas árvores frutíferas no sítio da borda do campo: “Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...” (fólio 7r, p. 35). E, para completar, temos a *mangabeira*, árvore apocinácea cujo fruto é a mangaba. No trecho que se segue, notamos a presença desta árvore: “...e tendo marchado outras três legoas emeia se aquartelou na *mangabeira* do Rybeiraõ dos Bois...” (fólios 52r e 53r, p. 125 e 127).

Ainda analisando os aspectos culturais da região trilhada, inventariamos os tipos de peixes e vestimentas abordadas no Diário. Os tipos de peixes encontrados no rio Abayté foram *dourado*, *matrinxã* e *surubim*: “...criam grandissimos Peyxes mayores do que hum homem, alguns chamados *serobis*, *Dourados*, *Matrinchans*, e outros” (fólio 15r, p. 51). A *traíra* é um topônimo<sup>6</sup> por nomear um Ribeirão em que se encontram muitos peixes desta espécie: “...se effectuaram muntas Minas, que hoje estão decadentes: chama-se de *Trahiras* por abundar este Rio de *peyx*e deste nome” (fólio 37r, p. 95).

As vestimentas citadas foram *camisas*, definidas por Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) como roupa de lençaria com mangas, fechada em roda, que se traz por baixo dos outros vestidos, imediatamente sobre a carne; *caponas*, que corresponde atualmente as nossas jaquetas; e *saias*, “vestimenta da mulher, que lhe cobre o corpo da cintura para baixo” (SILVA, 1813): “...mandou a mulher do dito capitam Roque hum grande presente de *Sayas*, *camizas*, e *caponas*, e desta forma satisfés Sua Excellencia aquelles povos” (fólio 47r, p. 115). Nota-se, neste trecho, que o governador ao presentear a esposa do capitão Roque pretendia agradar os índios da região, em busca do apaziguamento deste gentio e de favores comuns naquela época, resultando na interferência da cultura e dos costumes dos índios de Goiás.

---

<sup>6</sup> Topônimo é uma lexia utilizada para nomear um lugar, neste caso, um acidente geográfico físico, por se tratar de um Ribeirão.

A catequ Coast dos índios era uma das principais intervenções pretendidas por José de Almeida, por isso delegou ao capitão Manuel Alves a responsabilidade de organizar uma *bandeira* no Arraial de Santa Luzia para transportar uma maloca de gentio que estava prestes a se batizar, ritual pelo qual o governador tanto se esforçou. O empenho deste era tanto que ele deu *liberdade* a alguns presos e gastou com a preparação dos mesmos muitas oitavas de ouro nesta *expedição*. A veemência em catequ Coast os índios e sua disponibilidade financeira para realizar tal medida pode ser comprovada no fragmento seguinte:

No mesmo dia em que Sua Excelencia chegou a este Arrayal, convidou alguns homens desocupados para hirem reforçar a **bandeira** que se estava apromptando em Santa Luzia: mandou soltar dacadeia alguns presos depequenos crimes, a quem deo **liberdade** para o mesmo fim. Sua Excelencia gastou do seu bolço muntas oitavas de ouro no preparo desta gente, cuja **expediçam** foi tanto do seu agrado. (fólios 58r e 59r, p. 137 e 139). (grifos nossos)

Durante as viagens realizadas, o governador José de Almeida passou e se deparou com diversos ambientes, locais e cruzamentos, como o *Julgado* de Pillar, da Conceiçam e das Arrayás, povoação sem privilégio de Vila, com juiz e justiça própria, conforme Silva (1813); os vários *ranchos*, *citios* e *Fazendas*, tais como *Fazenda* do Abranches, de João Gomes, do Coronel Luis Joze, do Cappitam João Martins Gomes, do Vigario Geral, do Cocal, do Tenente Manoel Ribeiro. *Fazenda*, segundo Silva (1813), poderia ser de lavoura, gado ou cana.

Dentre os *Ranchos*, pelos quais se depararam, estão o de Paullo Pereyra, de Manoel Correya, do Farinha, do Ribeyram de Alberto Dias, Novo, Joze Correa, da Portella, do Abayté, de Santo Antonio da boa Esperança, de Santa Izabel, de Manoel Lopes. de João Lopes, da Garapa, de Manoel Dias, de Tapuvá, do Raýmundo, de Francisco Dias. Inventariamos também os *citios* do Juis de Fora, Caranday, das Taypas, Parebeba, Ribeyrao do Inferno, Bandeirinha, Tapoé, do Fidalgo, da Taboquinha, de Jucuriú, Andrequece, das Almas, do Vomitorio, de Sam Bartholomeu, do Furriel-mor, do Chaveyro, de Santo Antonio, do Bellas, de Sam Valerio.

Silva (1813) define *Arrayal* como alojamento do Exercito em campanha. No percurso, foram citados inúmeros Arrayais: da Igreja nova, dos Carijôs, do Ouro branco, do chiqueyro, de Santo Antonio da Caza branca, do rio das Velhas, de Santa Ritta, dos Rapozos, velho, de Santa Luzia, de Saõ Gonçalo, de Paracatú, da Meyaponte, do Corgo de Jeragoâ, do Ouro fino,

de Pillar, de crixás, de Agoaquente, de Cocal, deTrahiras, de Sam Joze, de Sam Felis, da Natividade, do Carmo, do Pontal, das Arrayas, entre outras.

Os viajantes passaram, ainda, por muitas *pontes de madeyra, rossas e uma estiva*: “...em contrandose nestas duas legoas de caminho, diferentes *rossas*, e tres pequenos Riachos com Pontes de *Madeyra*...” (fólio 2r, p. 25); “...passa-se por varios *Ranchos*, e Ribeyras pequenas com suas *Pontes de Madeyra*...” (fólio 9r, p. 39); “...passa-se por varios *Ranchos* varias *Pontes de Madeyra* bastantemente grandes, e se passa por huma *estiva*, ou caminho de Madeyra sobre hum Pantanal que tera outenta *braças* de comprido...” (fólio 6r, p. 33).

Desta forma, *estiva*, neste contexto, não possui o significado de contrapeso da carga do navio, como definiu Bluteau (1712-1728), mas de passagem construída de paus sobre atoleiros, no caso, um Pantanal com o comprimento de oitenta braças. Já as *Pontes de Madeyra* eram passagens que facilitavam a travessia pelos rios e continuam presente no ambiente rural.

O Rancho do Mello é um local rico em *campos* e é patrulado por uma partida de Dragoens, como veremos no seguinte fragmento: “...he Paíz de *campos*, passa-se pelo Regimento de Jequitibá, aonde patrulha huma partida de Dragoens de villa Rica: aqui passa huma Ribeyra com sua *Ponte de Madeyra*, no dia quinze se demorou neste mesmo *citio*...” (fólio 13r, p. 47). Thomás de Souza faz uma comparação das terras do *Arrayal* da Igreja Nova com as de Portugal: “O Paíz he munto bonito, e fertil, tem similhancas com o de Portugal aonde não he montuozo; passam-se varias *Pontes* pequenas...” (fólio 7r, p. 35).

O governador encontrou pela jornada *encruzilhada*, que conforme Bluteau (1712-1728) são dois caminhos que se atravessam em cruz: “...passou *aencruzilhada* de São Romão e Urucuía...” (fólio 55r, p. 131); uma *caza de telha*: “...e da *caza de Telha* que he junto ao Rancho; nenhum destes Ribeyros tem *Ponte*.” (fólio 25r, p. 71); alguns *Paços*, “casa nobre, onde el Rei habita, onde se faz junta das Camaras” (SILVA, 1813): “...deixando naquelle *Paço* o Ajudante das ordens, e hum soldado para facilitar a passagem...” (fólio 52r, p. 125); *pasto* seco na Atalaya das Cobras: “Neste pouzo desaparecerão varios cavallos, que se amontoarão por falta de *pasto*, que tudo era seco...” (fólio 52r, p. 125).

Essa situação difícil de *pasto* e *campos* ruins é comum no meio campestre, como observamos abaixo no *Arrayal* da Conceição, porém o governador estava preparado financeiramente para as adversidades, pois pagava um valor alto na ração para manter os animais durante a viagem.

Está em Pais *munto* esteril, e tanto que na distancia de onze **legoas** nam molharam as bestas as ferraduras: *munto* custou a sustentar os animaes nestes lugares; porque os **campos** estavam inteiramente secos, e os matos da *mesma* forma, e poderão aturar esta **jornada**; porque nunca lhe faltou reção de milho, *que Sua Excelencia* omandava pagar por hum grande preço (fólio 48r, p. 117). (grifos nossos)

Dentre as doenças ou sintomas que causam dor ou padecimento do ser humano, encontramos uma *febre catarral* que atrasou a *marcha* um dia: “...aqui teve o General deMatto Grosso huma *febre catarral* que o obrigou a demorar neste *citio* todo o dia dezasete.” (fólio 23r, p. 67); e um *ramo de estupôr* que, segundo Bluteau (1712-1728), é o adormecimento de alguma parte do corpo humano e início de Paralisia, causada pelo frio: “...cujo enfermo tinha tido na *jornada* hum *ramo de estupôr* de que ficou com a boca torta, e hum olho sem o poder fechar...” (fólio 39r, p. 99). Outra situação que poderia causar dano à saúde das pessoas era o ar maléfico que trazia ou causava pestes: “...para a passáge perigoza do grande Rio de Sam Francisco, e outros; e para os *pestiferos Áres* destas, e demais algumas situaçoens” (fólio 2r, p. 25).

Com relação ao *ramo de estupôr*, ressalta-se que através de um ritual, uma crença, o viajante se curou. Podemos assimilar este fato à medicina popular, tão recorrente naquela época e ainda persiste hoje com os ensinamentos de algumas pessoas mais velhas da utilização dos chás feitos de ervas do campo, banhos, entre outros que fazem parte desses costumes transmitidos de geração em geração: “...e com treze banhos que tomou em nove dias ficou sam, esem defeyto algum...” (fólio 39r, p. 99).

Finalizando o macrocampo viagem, descreveremos os sentimentos, as qualidades e os defeitos das pessoas, bem como as sensações e suas atitudes em relação às pessoas e as coisas. O governador José de Almeida foi bem visto por toda a população de Goiás devido a sua educação e pela maneira dócil e gentil que tratava as pessoas, com grande presteza e seriedade. Essa postura foi adotada pelo mesmo diante das situações administrativas que lhe exigiam *atenção* e discernimento.

Na lista de qualidades e atitudes do governador estão *caridade*, *nobreza*: “...nellas deyxou o Ajudante das ordens com grande *caridade*, de que he *munto cheyo* o seu *nobre* espirito, e lhe deyxou grande aSistencia...” (fólio 39r, p. 99); *admiração* ao ficar fascinado por ver um encanado de pedras no canal do Maranhã: “...efoy *admiração* ver outra raridade, que no canal do Maranhã...” (fólio 38r, p. 97).

Um atributo do governador é sua *urbanidade*, que “vem a ser o mesmo que o comedimento, & bom modo dos que vivem na Cidade, em diferença da rusticidade, & grosseria dos que vivem nas Aldeas, & no campo” (BLUTEAU, 1712-1728): “...acompanharam-no todas as pessoas que poderão montar a cavallo: a sua *urbanidade*, sempre agradecida, despedio de pouca distancia os mais destes homens...” (fólio 28r, p. 77).

Foi responsável por estabelecer a *pás* e a harmonia entre algumas pessoas: “...e fés fazerem *pás* entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a *inimizade*, que havia entre ambos cauza de parcialidades...” (fólio 49r, p. 119). Outro exemplo de harmonização da comunidade foi no Arrayal do Cavalcante, em que ele “animou *munto* aos mineiros, fés novamente estabelecer a *sociedade* da grande lavra da pedreira, que se tinha deixado por *inimizades* dos socios...” (fólio 53r, p. 127).

Ao mesmo tempo em que o governador mostrava amabilidade e delicadeza no tratamento, advertia e reprimia os que o desobedeciam publicamente, o que comprovamos no trecho a seguir. Contudo, Thomás de Souza enfatiza no Diário as qualidades e as boas ações do mesmo com a população, até neste tipo de situação, já que ele perdoava os erros e concedia outra chance às pessoas na mesma função e cargo.

O Doutor Ouvidor quando chegou aeste Arrayal decorreição nomes de Novembro conheceo daquelle parecida desatenção ao lugar de Sua Excelencia inhanilitou os Juizes para servirem mais os cargos da Republica, e os fés transportar a Villaboa como prezos por desatentos. Sua Excelencia o mandou **reprehender** publicamente pello Ajudante das ordens. Elles se desculpam *munto* humildemente ao que atendendo Sua Excelencia com a suma **bondade** os fés novamente habilitar para os lugares, e cargos que tinham servido, e lhes falou, advertindo os das suas **ignorancias** com munta **brandura**, e **amor**; esta acção da **bondade** de Sua Excelencia deo nesta Capitania hum grande brado, fés a este povo capacitarssse *munto* mais das **virtudes** de Sua Excelencia. (fólio 55r, p. 131). (grifos nossos)

Por causa de sua postura e do seu comprometimento com a administração, o governador era digno de *merecimento* por toda estima e *ostentação* em sua recepção, apesar de não querer que as pessoas efetuassem gastos para recebê-lo: “...onde o Vigario o recebeo com todas as seremonias devidas aoLugar, e ao *merecimento* deSua Excelencia [...] comsentimento de Sua Excelencia só na parte de não querer, que nos seus *aplauzos* ouvesse a minima despeza...” (fólio 36r, p. 93); “...recebido neste Arrayal comhuá *ostentação* igual á sua *piquenhés*, mas como seu animo hé todo cheio de *atençoens*, agradeceo *munto* todo o cortejo que lhe fizeraõ...” (fólio 48r, p. 117).

A sua chegada nas comunidades era motivo de enorme *contentamento* e expectativa para as pessoas, gerando tumulto e alvoroço para avistá-lo: “...se ouviam continuadas vozes dos meninos Viva Sua Excelencia o Povo *alvoracado* de *contentamento* empediaõ huns aos outros o adiantarem-se; porque cada qual queria ver primeyro a Sua Excelencia” (fólios 35r e 36r, p. 91 e 93). Estas lexias aparecem sublinhadas no manuscrito, como marcamos neste fragmento, talvez para enfatizar a satisfação das pessoas ao receber o governador.

No *Arrayal* de Sam Joze do Tocantins, atualmente Niquelândia segundo Pinheiro e Coelho (2006), ele foi recebido pelo Vigário de forma comedida, com respeito: “Alý foý Sua Excelencia recebido do Vigario com munta *decencia* que ainda, que não ha Julgado neste *Arrayal*, sempre he *Freguezia*...” (fólio 37r, p. 95). *Freguezia*, pequena povoação, é outro lugar que se enquadra no inventário de locais percorridos na Jornada.

José de Almeida era cheio de *liberalidades*, que de acordo com Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) significa largueza no dar, generosidade, virtude exercida pelos bons Imperadores. Sendo assim, a população mostrava *satisfação* e *contentamento*. Na *expediçam* para a cidade do Pará, o comandante de todos os soldados, Antonio Luis Tavares foi denominado como um “sugeito desconhecida *verdade*, e *satisfacão*.” (fólio 45r, p. 111). Thómas de Souza expressa gentileza e boas maneiras ao se despedir das pessoas de um *Arrayal*: “...e feytas as *cortezias* segui a rectaguarda por ordem de Sua Excelencia.” (fólio 30r, p. 81).

Os rios mencionados no Diário são bastante perigosos, por isso era preciso ter *temeridade* nas passagens: “...se passou oRio Bagaje, que he *temeridade* passalo a váu, como o fes Sua Excelencia.” (fólio 38r, p. 97). O medo e o temor também estavam presentes ao se relacionar com o gentio, devido à *barbaridade* de alguns índios que impediam o *socego* dos arraiais: “...se disse Missa, e todo o tempo, que ella durou estivemos com as Armas na maõ por *receio* do gentio que por aquelles lugares tem matado munta gente.” (fólio 43r, p. 107); “...afim de não serem atacados pella *barbaridade* do gentio chavante, e deo *montas providencias*, todas encaminhadas ao bem commum, e *socego* dos Povos.” (fólio 45r, p. 111).

Através de um estudo com as pessoas mais inteligentes e sábias daquela região, verificaram a situação de calamidade e *desamparo* de três *Arraiais*: do Carmo, Pontal e Matança. Por isso, ouviram os pedidos e reclamações das pessoas que viviam abandonadas e eram mais desfavorecidas pelo governo. Ao delegar as funções e o poder a um capitão, o governador o alertou para que não ficasse soberbo e orgulhoso ao conduzir a administração, ou seja, o poder não deve subir a cabeça, expressão que conhecemos hoje.

Além disso, ensinou também que é necessário governar com imparcialidade, sem levar em consideração as *paixões particulares*, isto é, os problemas pessoais. Com essa doutrina, José de Almeida mostrava sua superioridade enquanto homem e administrador, o que podemos comprovar no fragmento a seguir.

No terceiro dia da sua estada, procurou *Sua Excelencia* o necessario para mandar por aquelle Rio a cidade do Pará, e fazendo hum *Continente* com os mais **peritos**, e capazes homens daquelle continente, conheceo o **desamparo** em *que* sevião os moradores daquelles três piquenos **Arrayaes** do Carmo, Pontal, e Matança. Ouvidas as suas representaçoens, **clamores**, **vexaçoens** e falta de governo fazia trazer a memoria os sucessos da Rucia, antes do Emperador Pedro grande, e atendendo *Sua Excelencia* áquele sumo **desamparo**, fes alli hum capitam, como Regente daquelle povo, a quem *munto* recomendou nas ordens, *que* lhes deixou, que o Poder nos que governaõ e Regem os Povos, naõ deve ser *para* vingar **paixões particulares**, nem se **emsoberbecerem**. (fólios 44r e 45r, p. 109 e 111). (grifos nossos)

O governador buscava geralmente por pessoas sérias e *competentes* em seu officio para auxiliá-lo nas providências a serem efetuadas em cada *Arrayal* ou *Julgado*: “...antes de chegar a este citio se havia encontrado oBrigadeyro Antonio Carlos com os Menistros e mais *pessoas graves* de VillaBoa aonde sefizerão os *recebimentos competentes* aos Generaes...” (fólio 25r, p. 71). No *Arrayal* de Crixás, ele atendeu aos benemeritos, aqueles que são dignos “de honra, officio, beneficio, em consideração de serviços, ou boas obras feitas áquele de quem se diz benemérito” (SILVA, 1813): “Dos moradores alistados formou duas companhias de Ordenanças com seus officiaes attendendo aos mais *benemeritos*...” (fólio 32r, p. 85).

A *atenção* e o *cuidado* estavam continuamente nas suas atitudes para com a população, tanto que no *Arrayal* de Crixás “Ouvio a todos com munta *attençam* e *prudencia*, animou aos moradores para novos Descobertos de ouro, e domesticar o gentio, tanto do *cuidado* de Sua Excellencia...” (fólio 32r, p. 85).

Antigamente, as regiões eram providas de ouro e a prática de escavar com cuidado e atenção para descobrir minas de ouro era comum. O *Arrayal* de Trahiras foi considerado no Diário como um dos mais abastados da Capitania de Goiás neste aspecto: “...hé dos mais *opulentos* da Capittania, foý fundado no anno de 1737// andando-se sucavando o seu Ribeyram na *deligencia* de Ouro, e achando-se munto se effectuaram muntas Minas, que hoje estão decadentes...” (fólio 37r, p. 95).

Notamos a preocupação do governador em estabelecer ordem e amparar os lugares que a administração anterior deixou em completo descaso. Sendo assim, sua atitude de conhecer a região antes de administrá-la foi essencial para se ter ciência da verdadeira estrutura física, econômica e financeira de cada comunidade de Goiás, como podemos verificar no trecho subsequente.

Mandou abrir hum **caminho** para estrada, das Rondas sempre pello pé da Serra, e com ordens fortes para que toda apessoa, que se encontrasse nella, fosse **reputado** Extraviador dos **quintos** de Sua Magestade, e fosse prezo, e sequestrado. Deste mesmo lugar providenciou o Regimento da Tagatinga que estava em semelhante **desamparo**, e o certo hé que era munto percizo, que Sua Excelencia visse aquellas couzas ocularmente vistos os seus Antecessores não quererem ter este trabalho e posto tudo em boa ordem. (fólio 51r, p. 123). (grifos nossos)

Dessa forma, qualquer pessoa que fosse vista na Serra, seria considerada Extraviador dos quintos e, por esse motivo, seria presa. Isto mostra que, apesar da educação e de toda *brandura* de José de Almeida, o mesmo também apresenta rigidez nos momentos em que se exigia um pouco mais de severidade para colocar alguns locais em ordem.

#### 4.3.1.3 Macrocampo Festa

O Macrocampo Festa engloba todas as comemorações e as tradições descritas no Diário e o ambiente em que as mesmas se realizavam. Corroborando com Barros (2003, p. 151), já mencionada no capítulo 3, “a língua e a linguagem têm uma relação de ir e vir com a sociedade. Elas são elementos sem os quais o homem não se organiza em sociedade”. Desse modo, ao compartilhar as festividades e as experiências a partir das tradições locais, desfrutando de momentos coletivos, as pessoas de Goiás estão se constituindo enquanto sujeitos específicos daquela região, pois as leis permitem que elas se organizem socialmente.

O ato de dar “descargas de tiros de espingardas, ou canhão, dando-lhe fogo” (SILVA, 1813) demonstra a satisfação pela visita do governador nos lugares que passou, como notamos no fragmento a seguir: “O Excellentissimo Conde General com todo o seu acompanhamento fes aos Generaes o obzequio de os acompanhar athé o meyo da serra depois

de ter mandado dar muntas *descargas*, e fazer outras demonstraçoens mais na sahida da villa.” (fólio 10r, p. 41).

Alguns aspectos da cultura ficam evidenciados em determinados fragmentos do Diário, seja nas *Fogueyras* em comemoração a São João ou nas *Cavalhadas*. Até mesmo nos dias atuais, as fogueiras são o símbolo das festas juninas e do levantamento de mastro em função da devoção por santos, tais como São Pedro, São Sebastião, São Miguel, Santo Antônio, São João, Nossa Senhora Aparecida. E no dia em que se celebra algum santo, é possível escutarmos os tradicionais foguetes ou fogos sagrados, que se assemelham as *descargas* reproduzidas na época, sem contar nas reuniões coletivas para acender as fogueiras. Esse costume pode ser observado na seguinte passagem: “Neste rancho do Abayté se mandam fazer *Fogueyras* edar *descargas* em obzequio de Sam João.” (fólio 15r, p. 51).

O fragmento a seguir retrata, de forma sucinta, uma sequência de comemorações e tradições festivas que foram preparadas para receber José de Almeida. Dentre elas, temos o estouro de foguetes na noite do dia 15 de agosto, em que se comemorava o dia de Nossa Senhora.

[...] passados os tres dias para os comprimentos, e descanço se entraram a mover as gentes da terra para porem em publico as **festas** para que se tinha preparado de munto tempo; as quaes se principiaram por huma **Emcamizada**, com bastante asseyo, e luzimento em que correram a cavallo para sima de cem pessoas e na mesma ocazian se recitaram varias **obras Poeticas**; seguiram-se tres dias de **Cavalhadas**, entrepolados com outros tantos de **Touros** que foram sortiados de pé, e de **cavallo**, e a **praça** bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas **dancas** finalizando-se estes obzequios com hum grande **fogo artificial** na noute do dia de Nossa Senhora que foraõ quinze de Agosto, e na seguinte hum grandiozo **Saráu** que se executou em **Pallacio**. (fólio 26r, p. 73). (grifos nossos)

Começaram as apresentações por uma *Emcamizada*, que no contexto significa folia, mascarada, diversão popular na qual os homens aparecem vestidos com mantos brancos e, neste caso, a cavalo. Neste mesmo dia, recitaram diversas *obras Poeticas*. Nos três dias que se seguiram, houve a *Cavalhada*, com *touros* e *caballos*, que conforme Bluteau (1712-1728) é uma “festa de cavalgada, jogos de cavalos”. As *Cavalhadas* ainda são representativas na cultura goiana, especialmente na cidade de Pirenópolis, onde acontecem todos os anos a luta simbólica entre 24 cavaleiros, uma das mais expressivas e significativas do Brasil. Outros locais que também são famosos por suas *Cavalhadas* são as cidades de Corumbá de Goiás e de Santa Cruz.

Em Pirenópolis, assim como no Diário, é um ritual que acontece em três dias. Isto demonstra a preservação da cultura durante os séculos, embora haja modificações ao longo das gerações. As *Cavalcadas* são compostas por 12 cavaleiros mouros vestidos de vermelho e 12 cavaleiros cristãos vestidos de azul, representando o poder, a nobreza, que rezam em grupo e dançam Catira antes do evento. Os cavalos também são bem ornamentados para a encenação e, nas ruas, é possível encontrar os representantes do povo, diversos cavaleiros mascarados fazendo alvoroço com o intuito de assustar e divertir as pessoas, já que com as roupas coloridas e as máscaras não é possível reconhecê-los.

O Diário faz menção às *danças* que eram executadas na *Praça*, enquanto aconteciam as *Cavalcadas*, e ao *Saráu*, “baile nocturno entre pessoas nobres” (SILVA, 1813), que foi executado no *Pallacio* no dia posterior ao de Nossa Senhora, dia 16 de Agosto. E, para finalizar este macrocampo, evidenciamos as *Operas*, “drama trágico ou cômico recitado em voz cantante” (SILVA, 1813), que foram representadas no *Theátro publico*, local próprio para a encenação de tragédias, comédias, dramas e espetáculos similares, segundo Bluteau (1712-1728) e Silva (1813): “Estes moradores festejaram a sua Excelencia nas noutes da sua estada neste Arrayal com duas *emcamizadas* munto lustrozas, e duas *Operas* que representaram em *Theátro publico*, com excelentes figuras, com munto luzimento.” (fólio 32r, p. 85).

Percebemos, assim, que as organizações sociais e as comunidades em si “vão variando, mudando, construindo discursos, trabalhando com questões de ideologia e com todos esses elementos que estão ligados ao fato de que o homem é um ser lingüístico e social, e de que essas duas coisas não se separam” (Barros, 2003, p. 151), porque as *Cavalcadas*, apesar de repaginadas, com sujeitos constituídos socialmente em outra época e em outras situações, continuam a existir, com algumas mudanças que a linguagem e o ambiente estabeleceram.

#### 4.3.1.4 Macrocampo Religião

Neste macrocampo, descrevemos algumas lexias que envolvem a fé das pessoas de Goiás do século XVIII, que foram retratadas no Diário. A partir deste domínio lexical, entendemos que a religião é um aspecto fundamental para a comunidade analisada, pois é através dela que as pessoas se encontram divididas e, em contrapartida, se reúnem com o objetivo de agradecer a *Deus* pelos livramentos. O local de manifestação religiosa que aparece no texto é a *Igreja*, conforme Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) é o “Templo ou casa de

oração. Lugar sagrado em que os Fieis se ajuntaõ para orar, pedir a Deos graças, & assistir aos officios de Divinos”.

Assim como no governo, a religião também envolve funções administrativas, tais como *Bispado*, que significa a dignidade, o território e a diocese do Bispo, de acordo com Bluteau (1712-1728), e *Arcebisado*, que segundo Silva (1813) compreende a dignidade e o território do Arcebispo: “...a Ribeyra Taboca se passa o *Bispado* de Mariana por este lado do *Arcebisado* da Bahía.” (fólio 13r, p. 47).

O *Vigario*, padre responsável ou pároco de cada local, geralmente aparece no Diário para fazer a devida recepção ao governador José de Almeida, como podemos notar nos trechos que se seguem: “...foy Sua Excelencia recebido do *Vigario* com munta decencia...” (fólio 37r, p. 95); “...onde o *Vigario* o recebeo com todas as seremonias devidas ao Lugar, e ao merecimento de Sua Excelencia...” (fólio 36r, p. 93); “...se despedio sua Excellencia do Doutor Intendente, do Reverendo *Vigario*, e dos Deputados da Junta da Fazenda...” (fólio 28r, p. 77).

O *Capelam*, que conforme Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) era o encarregado de “guardar o cofre, ou a caixa das relíquias, a que os Latinos chamavaõ Capella. Os Sacerdotes, e outros Ministros da Igreja. Assim se chamão os que recitão nos córos das Igrejas”, recebeu ordem do governador, visto que este não encontrou oficiais nem soldados para executar algumas providências necessárias.

Nesta jornada foi percizo a *Sua Excelencia* dar algumas providencias, pella falta de noticias, *que* tinha dos Aranchamentos, e confecou, *que* fora o dia em que se vira necessitado de dar huma ordem ao **Capelam**; porque nam teve nem officiaes, nem soldados os quaes antes da noite se viraõ na prezença de *Sua Excelencia*. (fólio 53r, p. 127). (grifos nossos)

O *Clero* é definido por Silva (1813) como a “Corporação dos Clerigos, homem chamado para a Igreja, e para os Ministerios da Religião”, uma das funções administrativas religiosas que observamos no fragmento abaixo.

[...] onde estava o **Vigario**, e todo o **Clero**, que receberam a Sua Excellencia com hum **Te Deum Laudamus**, efeytas a seremonias do uso, se recolheo a caza da Sua apouzentadoria: mandou que se recolhessem todas as tropas com as ordenanças, que tinham **bordado ás ruas** por honde Sua Excelencia passou. (fólio 31r, p. 83). (grifos nossos)

*Te Deum Laudamos* é uma oração cantada, um hino clássico em latim de louvor e ação de graças, que significa Lovamos a ti, ó Deus. Já a ação de *bordar as ruas* por onde o governador passou, faz referência a uma festa religiosa para celebrar o sacramento da eucaristia: *Corpus Christi*, expressão em latim com a denotação Corpo de Cristo. É um evento de tradição católica que acontece 60 dias após o domingo de Páscoa ou na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade.

Nesse dia, considerado santo pelos católicos, ocorrem missas e as ruas são ornamentadas para a procissão que compreende numerosos fiéis, formando os tapetes de rua, que constituem uma tradição cultural e uma manifestação religiosa, já que a confecção dos desenhos é realizada pelas próprias pessoas que se agrupam para vivenciar os costumes, e se utilizam de borras de café, serragens e areias coloridas, entre outros materiais.

Outro costume religioso é a *oração do recebimento*, que Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) definem como “Oração mais particularmente se chama, a que reza no Officio do dia, ou na commemoração das festas, & Férias. Preces, supplica a Deus”. Esta oração está presente na chegada do governador em Villa Boa: “...e feyta a *oração do recebimento* condurizão debayxo do Pallio a sua Excellencia á Igreja Matris...” (fólio 26r, p. 73).

As *Ave Marias* denotam o horário em que se rezava o terço, à tardezinha, geralmente às seis horas da tarde, como podemos ver: “...sepós em marcha para o Arrayal de Sam Domingos, onde chegou depois das *Ave Marias* com três legoas demarcha.” (fólio 50r, p. 121). Levando em consideração que José de Almeida não gostava da magnificência e do luxo ao ser recebido nos lugares, o Doutor Joze dos Santos o elogiou “com huma douda e discreta *oração latina*” (fólio 36r, p. 93).

Ao estabelecer a paz entre dois homens de um Julgado, o governador deu o exemplo de fé e de bom cristão a ser seguido pelas pessoas. O ajudante das ordens, ao descrever o fato, utiliza a religião católica como um arquétipo para agir e ser considerado um homem bem visto pela sociedade. Observamos isso no seguinte fragmento:

[...] e fés fazerem pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a inimizade, *que* havia entre ambos cauza de parcialidades, e algumas desordens entre os mais, dando com esta **Catholica acção** hum exemplo, e hú grande nome a sua incomparavel prudencia. (fólio 49r, p. 119). (grifos nossos)

A cerimônia encontrada no Diário é a *Missas*, uma manifestação religiosa da doutrina católica, em que as pessoas se juntam para proferir um ritual no qual se adora, roga e agradece

as divindades por todas as graças concedidas. Silva (1813) afirma que na *Missa*, através “das palavras da Consagração a hostia, e o vinho, e a água se convertem no Corpo, Sangue, Alma, e Divindade do Christo, do mesmo modo que está nos Ceos: nelle se dizem varias preces, e se recitão Eváγγελhos, cantando ou recitando”. Antigamente, as missas cantadas eram comuns, portanto *ouvir missa* era um costume que fazia parte da rotina das pessoas, o que comprovamos no trecho subsequente: “...*mais adiante pello Arrayal do Ouro branco aonde ouvio Missa.*” (fólio 9r, p. 39).

A devoção aos santos também era usual, e atualmente ainda é pelos fiéis pertencentes à doutrina católica, atitude criticada pelo fato de algumas pessoas desta denominação os adorar acima da divindade maior: *Deus*. Já alguns católicos enxergam os santos como pessoas normais que viveram conforme os ensinamentos de Jesus, registrados na Bíblia, e deixaram exemplos de um bom cristão, para quem crê. Sendo assim, os santos são considerados intercessores junto a *Deus*, que sempre será o soberano. O Diário estudado referencia alguns: *São João, Santa Barbara e Nossa Senhora*.

*Santa Barbara* é um topônimo por nomear uma Capela visitada pelo governador: “...foi vizitar á *Capella de Santa Barbara*, que está em hum admiravel Monte, e atudo deo as providencias do seu incansavel espirito.” (fólio 59r, p. 139). A comprovação da religiosidade das pessoas daquela época e da crença no poder dos santos está na instituição dos nomes aos instrumentos, acreditando que os mesmos estariam abençoados com as nomeações divinas: “...expedio Sua Excelencia para acidade do Pará duas canoas, a *primeira*, e mayor com o titulo de *Nossa Senhora dalapa*, a segunda com o titulo de *Sam Joze*, e *Sam Caetano*...” (fólio 45r, p. 111).

Arrematando as análises deste macrocampo, destacamos o “Ente Supremo, que he principio e fim de tudo. Infinito em todas as suas perfeições. Criador do Universo” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813): *Deus*. No fragmento seguinte, observamos a crença no poder de *Deos* para estabelecer livramentos necessários durante a caminhada, por isso foi a *Igreja ouvir Missa* e fazer os devidos agradecimentos: “...apeouse aporta da Matris, nella *ouvio missa*, e deo graças a *Deos*, de o livrar detantos perigos, contra tempos, doenças, de *que* sempre sevio livre emtam longa, e dezerta jornada, tendo marchado neste dia 3 legoas.” (fólio 61r, p. 143).

Essa confiança em um ser soberano, capaz de livrar as pessoas dos obstáculos e adversidades, é constatada ainda na nomeação da Serra, no fragmento a seguir: “...o caminho

não hé munto mau; fazendo excepsão da Serra do *Deos* te Livre, que se passa adiante das Baneyras, sinco legoas que he summamente aspera...” (fólio 9r, p. 39).

#### 4.3.1.5 Macrocampo Acidentes Geográficos

Este macrocampo retrata os acidentes geográficos localizados nas regiões pelas quais o governador José de Almeida percorreu. Através das lexias analisadas neste tópico, temos conhecimento dos aspectos físicos do território Goiás no século XVIII, pois os recursos hídricos, a vegetação e o relevo característicos são mencionados no Diário.

Dentre as águas superficiais ou subterrâneas citadas no texto, estão o riacho, “Rio pequeno” (SILVA, 1813) e a lagoa, que segundo Bluteau (1712-1728) é uma espécie de lago que pode secar na época do estio: “...passa-se pello citio do Chaveyro, pello *Rio* Columba, *Ribeyram* do chaveyro, e dous *Riachos*...” (fólio 23r, p. 67); “...passa-se pellos *Ribeyroens* do Palmital, e dos Mojolos com suas Pontes de Madeyra e mais tres *Reachos*...” (fólio 22r, p. 65); “...e perto de huma *lagoa* que da principio a hum *Ribeyrão* que tem munto peyxe, mas he nociva a sua vezinhança...” (fólios 18r e 19r, p. 57 e 59).

Aqui também temos citação do *Ribeyrão/Ribeyram* que, embora tenha muitos peixes, os mesmos são prejudiciais á saúde, então a comunidade não podia desfrutar deste alimento. As pessoas daquela época tinham o costume de escavar *Ribeirão*, maior do que um *regato* e menor do que um *rio*, a procura de ouro, pois se trata de local apropriado para lavar diamantes, como observamos a seguir: “...andando-se sucavando o seu *Ribeyram* na deligencia de Ouro...” (fólio 37r, p. 95). Já o *Ribeiro* é definido por Silva (1813) como a “Água que corre derivada de algum olho, ou fonte”: “...passam-se mais sinco pequenos *Ribeyros*, e pello Rancho do Raýmundo.” (fólio 24r, p. 69).

Logo no início da jornada, a *Bahia* é mencionada como referência de distância “...e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeyro distando do dito porto outo Legoas; seis de *Bahia*; e duas do *Rio* denominado In humary<sup>7</sup>...” (fólio 2r, p. 25). *Bahia* é explicada por Bluteau (1712-1728) como “Porto de mar, muito mais largo por dentro, que na entrada, à differença das enseadas, que são mais largas na entrada, que por dentro”.

O Diário traz a descrição do *Regueiro* que, por ser grande, é necessário utilizar canoa na travessia: “...o Rio deSam Bartholomeu passa antes de chegar ao *Regueyro* hum quarto de

---

<sup>7</sup> Há um acento circunflexo no fonema y.

legoa: he bastantemente grande, passa-se em canoa...” (fólio 21r, p.63). Segundo Bluteau (1712-1728), *Regueiro* é a “Abertura na terra, por onde corre a agua da chuva a modo de ribeyrinho”. Já o *regato* é “mais que ribeirinho, e menos que ribeiro” (SILVA, 1813): “...passa-se pellos *ribeyroins* das Areyas e dos Macacos com suas Pontes deMadeyra: passa-se mais hum rancho e tres diverssos *regatos* todos com Ponte.” (fólio 23r, p. 67).

O *Córrego*, definido como “regueiro d’agua, que sai de tanque. Regueiro entalado: ás vezes os córregos d’agua são de enxurrada, e nas Minas tira-se nelles oiro” por Silva (1813), é citado no Diário no fragmento seguinte justamente quando se faz alusão a ouro: “Os ditos negros dícerao ao Senhor, que aquelle *Córrego* tinha munto ouro...” (fólio 35r, p. 91). A lexia *Corgozinho* é o diminutivo (variante) de Corgo, forma abreviada através de síncope da lexia *Córrego*: “...com seu *Rio* do mesmo nome e se passam mais quatro *Corgozinhos* sem Ponte.” (fólio 25r, p. 71).

O Diário traz uma explicação de como é constituída uma bacia fluvial ou *agregado de Agoas*, como é grafado. No fragmento subsequente obtemos este esclarecimento.

[...] No meyo desta jornada passou o pestifero **Rio** Maranhã, o qual perde o nome de Maranhã na foz e entrada, que, mais abayxo, fas no grande **Rio** Tocantins, que leva sua direccã a unir-se ultimamente com o celebre **Rio** das Amazonas; todo este notavel **agregado de Agoas**, corre ao Mar Oceãno, na Linha Equipnocial, formando margem e Barra na cituaçam da cidade de Santa Maria de Belem do Gram Pará. (fólios 33r e 34r, p. 87 e 89). (grifos nossos)

Os *olhos de água* que, de acordo com Bluteau (1712-1728), é o manancial ou a primeira água que brota da terra, podem ser encontrados nas terras goianas. Inclusive, é considerado um topônimo, pois um Arrayal recebeu o nome de água quente por nascer naquele local *olhos de agoa* quentes, como podemos confirmar no fragmento que se segue: “...chamase agua quente, porque em pouca distancia nascem sete *olhos de agoa* bastantemente quente” (fólio 35r, p 91).

Uma lexia que se mostra frequente no Diário é *Rio*, denominado por Bluteau (1712-1728) como “corrente caudalosa de muytas aguas juntas, que vao desembocar no mar”. Alguns trechos em que esta lexia aparece são: “o *rio* Paracatú; cujos *effluvios* sam munto nocivos tera trezentas bracas delargo; passa a gente em canoas, e as bestas a nado: bom caminho.” (fólio 18r, p. 57); “...que alguns Paulistas sabiam que neste *Rio* chamado hoje Vermelho e entam Goyã...” (fólio 27r, p. 75); “...e fes admirar, ver que hum *Rio*, que pouco

mais abayxo, ou asima occupam as suas agoas correntes o terreno de mais de cem braças...” (fólio 34r, p. 89); “No dia 11 marchou 5 legoas emeya, fes se Rancho nas *cabeceiras* do *Rio Tocantins*.” (fólio 54r, p. 129).

E das águas do *Rio*, se formam as *cachoeiras*, “no fim destas se precipita de altura medonha, & fervendo como em cachoens estas aguas despenhadas” (BLUTEAU, 1712-1728). “...enaquellas eminencias se admiraraõ as muntas *cachoeiras* de christalinas aguas” (fólio 54r, p. 129). Percebemos que a *aguada*, “provisão de água doce para os navios” segundo Bluteau (1712-1728) e Silva (1813), era importante durante a jornada, já que os viajantes necessitavam de água doce para beber e dar aos seus animais, por isso “...pouzou no Ribeiraõ do Galheiro; por naõ haver nesta distancia outra *aguada*, ali se passou *Sua Excellencia* parte do dia seguinte.” (fólio 50r, p. 121).

Os *eflúvios* do *rio* Paracatú, ou seja, fluido sutil que emana do rio são danosos, como notamos no seguinte fragmento: “o rio Paracatú; cujos *effluvios* sam munto nocivos tera trezentas bracas delargo; passa a gente em canoas, e as bestas a nado: bom caminho.” (fólio 18r, p. 57). As *cabeceiras* do *Rio Tocantins*, nascentes de rios, serviram de lugar para a comitiva repousar, como vemos em seguida: “No dia 11 marchou 5 legoas emeya, fes se Rancho nas *cabeceiras* do *Rio Tocantins*.” (fólio 54r, p. 129).

No Morro do chapéo, fica localizado um grande *bicáme*, conjunto de bicas por onde aquela comunidade levava água ao morro, tipo de trabalho que será analisado no tópico a seguir: “...foi *Sua Excelencia* ver o grande *bicáme* por onde aquella boa sociedade de Mineiros, levaõ agoa ao *morro*: louvou munto o espirito daquelles trabalhadores, animozos para novos Descubertos, e os favoreceo munto.” (fólio 52r, p. 125).

O *morro*, terra dura semelhante a piçarra, segundo Silva (1813), se enquadra como relevo. No caminho ao Engenho do Narigam, “...sam sinco legoas o caminho he todo por entre hum *Bosque deMatto virgem*, semelhante ao de Minas Geraes, sobem-se, e descem-se muntos *Morros*, passa-se pello *Ribeyram*...” (fólio 24r, p. 69). *Bosque de Mato virgem* é um tipo de vegetação que foi encontrado naquela região e foi registrado por Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) como terra virgem, que conserva sua nativa integridade.

As terras com vários declives, metaforizada por Bluteau como o monte com “picos, quebradas, caminhos asperos, & escabrosos, que em certo modo os cortão em muytas partes” são nomeiadas por Serra: “...e as onze se chegou ao de Manoel Correya, passando-se a grande *serra* chamada, dos orgaonz, ou da Boavista, summamente levantada sobre o nivel doMar...”

(fólio 3r, p. 27). O *Rochedo*, “Penhasco. Rocha” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813), encontrado no percurso, era tão grande que foi digno de admiração.

[...] e fes admirar, ver que hum **Rio**, que pouco mais abayxo, ou asima occupam as suas agoas correntes o terreno de mais de cem braças, corre sem éstas por hum encanado que eu julguey ser de sicoenta palmos, aberto em hum notavel **Rochedo**, que se julgou ter hum fundo insondável.” (fólio 34r, p. 89). (grifos nossos)

No dia nove de setembro, o governador José de Almeida saiu do Arrayal do Cavalcante e “ao amanhecer passou o grande *tombador*, e naquellas eminências se admiraraõ as muntas *cachoeiras* de christalinas aguas...” (fólios 53r e 54r, p. 127 e 129). *Tombador* foi registrado por Bluteau (1712-1728) como “o que faz o catalogo das terras, ou Escrituras de hum Reyno, de hua Igreja, ou Convento. Tombar terras”, porém esta lexia significa, pelo contexto, terreno íngreme constituído por barrancos. No dia dez, a *vereda*, denominada por Bluteau (1712-1728) de “Caminho estreito, aberto no meyo de hum campo”, confundiu os viajantes e fizeram com que os mesmos se perdessem durante a marcha:

No dia dês marchou legoa emeya, pouzou no **Rybeiraõ** da almerica; a cauza de tam pequena marcha foi o perdersse a estrada geral, etomarsse outra **vareda**, que marchandosse munto para tornar á *primeira* estrada, senaõ pôde vencer o caminho daestrada mais que com legoa emeya. (fólio 54r, p. 129). (grifos nossos)

E com o intuito de findar as análises deste macrocampo, citamos os outros tipos de vegetação evidenciados no Diário: *pasto*, *bosque* e *Pantanal*. Este último, que segundo Silva (1813) significa atoleiro, é mencionado pelo seu tamanho: “...se passa por huma estiva, ou caminho deMadeyra sobre hum *Pantanal* que tera outenta braças de comprido.” (fólio 6r, p. 33). *Bosque* é definido por Silva (1813) como um sítio coberto de árvores e mata que serve para a caça: “...sam seis legoas debom caminho, por entre *Bosques*...” (fólio 24r, p. 69).

Já o *pasto*, registrado como “o campo onde pasta o gado, a erva de que come” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813), não se encontra em bom estado, devido à época de seca, para servir de alimento para os cavalos utilizados na jornada: “Neste pouzo desapareceraõ varios cavallos, que se amontoaraõ por falta de *pasto*, que tudo era seco...” (fólio 52r, p. 125).

#### 4.3.1.6 Macrocampo Trabalho

Este macrocampo compreende as tarefas realizadas pelas pessoas de Goiás no século XVIII, citadas no Diário, com o auxílio de animais específicos para o batente, e a hierarquia das pessoas de acordo com o trabalho. Como na época e na região mencionadas ainda havia ouro, nos deparamos com lexias referentes a essa atividade, como as casas de *fundição*, e a lida dos *engenhos* e das *lavouras*.

Os *engenhos* encontrados foram de dois tipos: o *engenho de açúcar*, que segundo Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) é uma máquina mecânica de moer cana e fazer açúcar, e o *engenho de agoa*, o qual Bluteau (1712-1728) define de três maneiras, “porque ou a agoa não chega se não à parte interior da roda, ou toma a roda pelo meyo, ou cahe de cima sobre a roda, anda este moinho, ou engenho de agoa, com a ajuda tres rodas, que tem dentes, os rayos da roda maior sao dobrados”.

A partir do funcionamento dos moinhos de água, surgiu um ditado popular, conhecido atualmente por “águas passadas não movem moinhos”, pois o moinho só se movimenta com as águas que passam ou que irão passar por ele. Até hoje, podemos encontrar os engenhos e os moinhos nas comunidades rurais. A seguir apresentamos os fragmentos em que os mesmos estão localizados: “...passa-se a vista de varios *Engenhos de assucar...*” (fólio 20r, p. 61), “...passa-se pello *Engenho de Agoa...*” (fólio 11r, p. 43).

Os *servissos de roda* estão vinculados a tarefa de *lavrando o ouro* em roda, “roda de escachar, ao ourives serve de fazer o ouro, como palheta. Roda de torcer, tambem na officina do ourives, he a que torce dous fios de ouro” (BLUTEAU, 1712-1728), como notamos no fragmento seguinte:

[...] chegou á villa do Sabará; sam sinco legoas, hé munto máu caminho, cheyo de Morros, vaý quazesempre a borda do rio das Velhas; de huma e outra parte tem **Lavras de Ouro**, com **servissos de Roda**, passa-se pello **Engenho de Agoa**, pello bonito Arrayal de Santa Ritta, Arrayal dos Rapozos, Arraal velho etc. O Sabará terá seis, ou sete mil vezinhos; tem Ouvidor e Intendente e **Fundição...** (fólio 11r, p. 43). (grifos nossos)

A *fundição* ou casas de fundição são os locais ou “a officina, em que se fundem metaes, obras de bronze e ferro, como canhões, sinos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). Neste caso, significa também a casa que auxiliava na cobrança dos quintos. *Lavras de ouro*, conforme Silva (1813), é o ouro lavrado e aparece no Diário para apontar que havia este

metal nos Arraiais pelos quais o governador passou, como percebemos no fragmento subsequente: “Na Jagoará há huma magnifica fazenda com varios *Engenhos, lavras de Ouro*” (fólio 12r, p. 45).

As *Minas de ouro* estão presentes no texto e, conforme Bluteau (1712-1728) e Silva (1813), são aberturas soterrâneas, locais em que se cava em busca de metal ou mineral. Ao descrever a comunidade de Villa Rica, Thomás de Sousa mencionou ser um local com bastantes Minas de ouro e mostrou a divisão das classes sociais em relação a sua cor e função. O trecho abaixo permite que tenhamos a visualização desta separação:

[...] e entrando em villa Rica se vio debayxo das Armas em varios citios da villa, quatro diferentes corpos, tambem de Auxiliares **brancos, Mulatos, e Negros Luzidos**. villa Rica he uma povoaçam de quinze mil habitantes, pouco mais, ou menos munto mal citoada; forma quaze huma rua só terá perto de huma legoa de comprido; tem duas Igrejas boas; he a residencia do General de Minas Geraes; tem Intendente e **Fundição** tem abundantes **Minas de ouro** a roda de toda a villa... (fólio 10r, p. 41). (grifos nossos)

*Mulato*, de acordo com Silva (1813), era considerado aquele nascido de preto com branca ou de mulato com branca até certo grau. Luzido significa o “aceyo, & trato das pessoas. Bem aceyado” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813), então *negros luzidos* denotavam negros bem asseados. A submissão dos *negros* em relação aos *brancos*, isto é, a escravidão, e a esperteza dos senhores donos de terras, com promessas de libertar os *negros* caso os mesmos não declarassem o ouro encontrado nas terras, estão representadas pelo seguinte fragmento:

[...] e descuberto por huns **pretos** de hum Felis Caetano, que tinha huma Fazenda naquellas vezinhancas. Os ditos **negros** dícerao ao Senhor, que aquelle Córrego tinha munto ouro, e certificado disto, fes, que os **negros** naõ o declarassem com promessas de os forrar. Cuidou logo em **deytar rossas** e tendo os fructos de humas colhido, e outros pendente, deo ao manifesto áquelle grande thezouro; elle, nos effeytos das suas **lavouras**, fes no primeyro anno setenta e dous mil cruzados... (fólio 35r, p. 91). (grifos nossos)

*Deytar rossa*, para Bluteau (1712-1728) e Silva (1813), é “Deitar a semente na terra. Brotar”. Já *lavoura* é especificada por Silva (1813) como “Cultura, e fabrico das terras, que se aproveitão. O laborar.”

Alguns animais auxiliavam os seres humanos a exercer estas tarefas diárias, como as *bestas* e os *cavalos*, que são essenciais na jornada pelo fato de serem responsáveis por transportar os mantimentos que eles utilizaram durante todo o percurso e, às vezes, precisavam parar em algum local para esperar e atender as necessidades destes animais, como percebemos no trecho seguinte: “...os *cavalos* passaraõ este grande nado, *que* será de duzentas braças com *munto* trabalho atendendo *Sua Excelencia* à fraqueza destes *animaes*; e outras circunstancias, fahou o dia *seguinte*” (fólio 41r, p. 103). Paravam, ainda, devido ao desaparecimento de alguns animais: “...aqui se fahou o dia dezanove por nam apparecerem seis *bestas* das que conduziaõ mantimentos” (fólio 14r, p. 49).

Como já foi mencionado anteriormente, o governador se preocupava com a situação dos *animais* que conduziam os mantimentos para a jornada, por isso gastava um bom dinheiro com a *ração de milho*, que mantia os mesmos e os fazia suportar a viagem: “...os campos estavam inteiramente secos, e os matos da *mesma* forma, e poderaõ aturar esta jornada; porque nunca lhe faltou *reçaõ de milho*, que *Sua Excelencia*, o mandava pagar por hum grande preço.” (fólio 48r, p. 117).

*Tiros de besta*, segundo Silva (1813), são juntas ou parselhas de bois ou bestas de puxar carros, carretas e coches, isto é, o “cabo ou amarra” que é utilizado para unir bois ou bestas. No fragmento a seguir, notamos a dificuldade das *bestas* parselhadas atravessarem os rios e ribeiras, especialmente no tempo de chuva: “Tres *tiros deBêsta* daboasEsperanca passa-se a grande Ribeyra de Santo Antonio, ou verdadeyramente o Rio do somno; cuja passage em tempo de agoas será dificultozissima por não ter Ponte...” (fólio 17r, p. 55).

Concluindo as análises deste macrocampo, discorreremos a respeito da divisão das pessoas de acordo com a raça e com o trabalho que cada uma exercia naquela época, distinção carregada de preconceito e valores em relação ao ser humano que, de certa forma, as isolava socialmente. Os *Particulares*, por exemplo, são denominados como homens que “não tem officio publico. Que vive particularmente comsigo, sem cargo, nem dignidades na Republica” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1743): “Colleccão de notissias da capitania de Goyaz / vindas a mãos de *Particulares*...” (fólio 1r, p. 23).

Os *criados*, definidos por Bluteau (1712-1728) e Silva (1813) como servo, caseiro e lavrador, eram responsáveis por servir os senhores brancos nas mais diversas funções, já que sua posição hierárquica estava bem abaixo deste, como notamos no fragmento que se segue: “...chégarão pella huma hora da tarde ao porto da Estrella, aonde os *creados* dos dous

senhores Generaes tinhão apromptado o jantar para setenta talheres da primeyra Meza e para mais de duzentas pessoas que para a Segunda se acháram.” (fólio 2r, p. 25).

O *gentio* também era visto como “Pagão. Gente baixa, popular. A gentalha, plebe” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813) classe inferior, desprezada e submissa aos brancos, como podemos observar no fragmento a seguir: “...quando Manoel Correa antiquissimo Paulista vinha a estes sertoes captivar *gentio* da domestica naçam Goyâ; em tempos que mais cazo sefazia destas prezas do que do rico metál porque hoje tanto se trabalha.” (fólio 27r, p. 75).

Os *índios* ou *gentios* daquela comunidade eram considerados violentos e perigosos: “...e foi aellas aonde achou muntissimo ouro e onde estabeleceo o Arrayal, que tem sido munto perseguido do *Gentio* Acroá.” (fólio 43r, p. 107); “...contribuidas pellos moradores para o dito Alferes com huma actual Renda para segurar os Arrayaes, afim de não serem atacados pella barbaridade do *gentio* chavante...” (fólio 45r, p. 111); “...para procurarem novos averes na sua vezinhança, emque senão tem alargado com medo do *gentio* caiapo.” (fólio 57r, p. 135).

Provavelmente, com a intenção de abrandar as relações, o governador mandou fardar o *índio* Roque, capitão da nação Gougué, vestindo-o com o seu dinheiro, e presenteou os outros *índios* com ferramentas para as lavouras: “Mandou Sua Excelencia fardar á sua custa o capitam Roque / *Indio* daNação Gougué / e o vestio de todo onecessario, e a bem disto mandou pello vigario hum percizo presente aos outros *Indios* de ferramentas para a fabrica das suas lavouras.” (fólio 47r, p. 115). Outro intuito do governador, já citado antes, era batizar muitos *índios*, uma *maloca de gentio*: “...aformar huma bandeira para hir comella conduzir hua *maloca de gentio* que lhe segurou estavaõ nos termos de se bautizaraõ, no que Sua Excelencia tanto setem empenhado.” (fólio 58r, p. 137).

Os *quilombolas*, isto é, escravos que fogem e vivem em quilombos, segundo Silva (1813), também estavam em um patamar de inferiorização, culpados por provocar danos em relação ao ouro naquela região. Por isso, o governador estabeleceu no Morro do Chapéu um capitão que asseguraria estes prejuízos. O fragmento a seguir ressalta ainda uma atividade exercida pelos trabalhadores de Goiás: *levar água* ao morro. Visto que naquela época os recursos tecnológicos eram escassos, as pessoas levavam água ao morro através de um conjunto de bicas, já explicado em outro macrocampo.

[...] ver o grande bicáme por onde aquella boa sociedade de Mineiros, **levaõ agoa** ao morro: louvou *munto* o espirito daquelles trabalhadores, animozos para novos Descubertos, eos favoreceo *munto*. Fés alli hum capitam mór das entradas, com ordem de evitar os damnos dos **calhambolas**, que tem infestado aquelle Pais. (fólio 52r, p. 125). (grifos nossos)

Os *pardos forros* já se enquadravam em uma categoria acima dos *negros/pretos*, pois além de terem conquistado a liberdade, eram dignos de exercer alguns cargos militares, recebidos através do governador, como comprovamos a seguir: “Dos moradores alistados formou duas companhias de Ordenanças com seus officiaes attendendo aos mais benemeritos: aggregou os *Pardos forros* ás duas Companhias por Esquadras...” (fólio 32r, p. 85).

E com mais prestígio social, encontrava-se a *Nobreza* que, de acordo com Silva (1813), é “O ser nobre; distincto por Carta que ennobrece, ou por nascer de pais, que o erão. A nobreza do estilo, das acções, a elevação, que o distingue do vulgar, e plebeu, ou pedestre”. O trecho seguinte retrata os militares como constituintes desta classe: “...e pouco mais adiante estava portado oRegimento, chamado da *Nobreza*, fardado de emcarnado, e verde com boa Muzica...” (fólio 9r, p. 39).

É notório o avanço da luta das mulheres pelos seus direitos, todavia, ainda existe muita discriminação e divisão das classes de forma camuflada. Esta diferenciação de poderes, deveres e direitos entre homens e mulheres, pode ser elucidada no fragmento que se segue, em que um grande número de pessoas esperava a passagem do governador: “Os *homens* de todas as qualidades ocupavam as ruas com tal excesso que impediam a passage huns aos outros; as *mulheres* ocupavaõ as janellas de forma que nas cazas de grandes familias se pertubavam, e todos anciozos dezejavam ver a Sua Excellencia...” (fólio 31r, p. 83). Observamos que, enquanto os homens aguardavam José de Almeida pelas ruas, as mulheres ficavam nas janelas, pois este era um costume que vigorava naquela época, caracterizando desta forma aquela sociedade.

Finalizando as análises de todos os macrocampos e de toda a jornada realizada pelo governador José de Almeida, percebemos que, apesar de o Diário ter sido escrito pelo seu ajudante das ordens, Tomás de Souza, aquele foi realmente um bom administrador da região de Goiás, sendo prudente e sensato nas providências tomadas nos lugares pelos quais visitou. Desembolsou mais de quatro mil cruzados, o que confirma a sua generosidade, e deu atenção a todas as pessoas, tratando-as sempre com educação e docelidade, mesmo quando precisava

corrigí-las de algum desvio administrativo. Este resumo da viagem pode ser visualizado no seguinte fragmento:

*Sua Excelencia* se ouve nesta jornada com tanta **prudencia**, e **socego** no seu **incomparavel espirito** que fés admirar atodos os que o acompanharaõ. Nas passagens dos Rios, e outros perigos em que se vio, sempre o seu valor foi o **primeiro** exemplar. O seu esmoler **animo**, e a sua **liberalidade**, o fés dispender nestadigressão mais de 4 mil cruzados. Noslugares povoados onde entrou, mereceo dos moradores hum grande **aplauzo**. He izento quanto pode ser; *porque* nam aceitou couza alguma mais, *que* alguma ortalice nas jornadas. Atendeo *munto* aos Povos, eos corregio com *munta* **docelidade**. Foi aonde não foram os seus Antecessores. Esta ocularmente **informado** de toda aCapitania, sempre teve saude, esteve auzente daCapital 4 mezes, e 23 dias. (fólio 61r, p. 143). (grifos nossos).

Em toda investigação e conhecimento da Capitania de Goiás foram percorridas quatrocentas e duas legoas e meia, “contadas pella estrada geral, não entrando neste numero as muntas que andou nas averiguaçoens dos Arrayaes, e *quando* foi percizo sahir das estradas.” (fólio 61r, p. 143).

## 5. GLOSSÁRIO

### A

**ABARRACAR:** v. “Recolher em barracas, aquartelar nellas” (SILVA, 1813). “...*neste citio se abarracou pella primeyra vez por conta da má commodidade do Rancho.*” (13r, p. 47).

**ADMIRAÇÃO:** s.f. “O estado de quem vê coisa admiravel, maravilhosa, e se espanta della” (SILVA, 1813). “...*efoy admiração ver outra raridade, que no canal do Maranham...*” (38r, p. 97).

**AGENTE PRINCIPAL:** s.m. “Qualquer, que por comissão de superior solicita publicamente os negocios de huma comunidade. Procurador de alguma corporação, ou de particulares” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...*” (22r, p. 65).

**AGUADA:** s.f. “Provisão de agoa doce para os navios” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*pouzou no Ribeirão do Galheiro; por não haver nesta distancia outra aguada, ali se passou Sua Excellencia parte do dia seguinte.*” (50r, p. 121).

**AGREGADO DE ÁGUA:** loc. Bacia fluvial. “...*com o celebre Rio das Amazonas; todo este notavel aggregado de Agoas, corre ao Mar Oceáno...*” (33r, p. 87).

**AJUDANTE DA ORDEM:** exp. “Official de guerra, que serve ao ditto Tenente General, levando as ordens, que lhe der, ou vocaes, ou por escrito” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*Por Thomás de Souza, Ajudante das ordens do Governo Referido*” (1r, p. 23).

**ALFERES:** s.m. “Official militar que levava o pendão, insígnia, e hoje a bandeira, quando a não tem os Portabandeiras” (SILVA, 1813). “...*com toda a sua commetiva, que constou de hum Ajudante das Ordens, hum, Cappitam, hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados...*” (29r, p. 79).

**ALHO:** s.m. “Hortaliça conhecida, tem raiz dividida em vários dentes, mui oleosa” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...dar a toda a commetiva bebidas espirituozas, e alguns comeram alhos e desta forma passamos livres das sezoens...” (39r, p. 99).

**ALVORAÇADO:** adj. “Abalar o animo com esperança, desejo ou especção de alguma cousa” (BLUTEAU, 1712-1728). “...se ouviam continuadas vozes dos meninos Viva Sua Excelencia o Povo alvoracado de contentamento...” (35r e 36r, p. 91 e 93).

**AMOR:** s.m. “Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amavel, fazendo disso o objecto de suas affeições, e desejos” (BLUTEAU, 1712-1728). “...advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...” (55r, p. 131).

**APETRECHO:** s.m. Utensílios e ferramentas, munições. “...e para as despesas do tempo, que estivessem no Pará deo huma Barra de Ouro fundido de 177\$573 reis, e o mais se empregou em vivres, e petrexos necessarios...” (45r, p. 111).

**APLAUSO:** s.m. “Demonstração de estima, & alegria, approvando, & louvando alguém” (BLUTEAU, 1712-1728). “...consentimento de Sua Excelencia só na parte de não querer, que nos seus aplauzos ouvesse a mínima despeza...” (36r, p. 93).

**AQUARTELAR EM BARRACA:** loc. “Recolher, alojar em barracas” (SILVA, 1813). “...marchou para a ponte do Rio dos Bugres, onde se aquartelou em barracas, tendo marchado neste dia sinco legoas.” (28r, p. 77).

**ARCEBISPADO:** s.m. “A dignidade, e o território do Arcebispo; os seus Direitos, Officios” (SILVA, 1813). “...a Ribeyra Taboca se passa o Bispado de Mariana por este lado do Arcebispado daBahya...” (13r, p. 47).

**ARCHOTE:** s.m. “Vela grande de cera, redonda, & com muitos pavios, no que se differença da Tocha, que só tem quatro pavios, nos quatro cantos” (BLUTEAU, 1712-1728). “...marchava sua Excellencia huma grande parte da madrugada, utilizando-se da Lua se a

*havia, e se nam uzava de arxotes, quepara isso levava provimento, e desta forma se livrava do ardor do Sol...*” (29r, p. 79).

**ARMA:** s.f. “Instrumento, ou aparelho, de offender, ou defender-se hostilmente, como espadas, lanças, pistolas, facas. Armas de arremço. Armas de fogo” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*Missã, e todo o tempo, que ella durou estivemos com as Armas na mão por receio do gentio...*” (43r, p. 107).

**ARREBALDE:** s.m. Arredor do Arrayal. “...*este Arrayal terá sinco mil habitantes comprehendidos os Arrebaldes, he bem cituado, e tem muntas lavras de Ouro...*” (19r, p. 59).

**ARRAIAL:** s.m. “Alojamento do Exercito em campanha” (SILVA, 1813). “*O Arrayal da Igreja nova terá sincoenta moradores*” (7r, p. 35).

**ARROBA DE OURO:** loc. “Peso de trinta e dois arrateis” (SILVA, 1813). “*Deu-se ao manifesto, e se tirarão muntas arrobas de Ouro...*” (32r, p. 85).

**ARROJO:** s.m. Pompa, magnificência, ousadia. “...*sempre receberam a Sua Excelencia com munto arrojo, e foi a sua entrada aplaudida daquelles moradores; por ser o primeiro Senhor General que alli chegou.*” (53r, p. 127).

**ATENÇÃO:** s.f. “A acção de attender. Ponderação. Urbanidade, cortezia, com que se attende ao que nos dizem, e propõem. Consideração, respeito” (SILVA, 1813). “*Ouvio a todos com munta atençaõ, e prudencia, animou os moradores para novos descobertos de ouro...*” (32r, p. 85).

**AUXILIAR:** s.m. “Gente auxiliar. Os a que em Portugal se dá este nome se differençaõ da gente da Ordenança, em que esta não recebe foldo algum, & aquella tem meya paga, & acompanhando a El Rey quando vay à guerra, tem paga inteira” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...*” (22r, p. 65).

**AVE MARIA:** loc. À tardezinha, às seis horas da tarde, horário em que se rezavam o terço. “...onde chegou depois das Ave Marias com três legoas de marcha.” (50r, p. 121).

## B

**BAHIA:** s.f. “Porto de mar, muito mais largo por dentro, que na entrada, à diferença das enseadas, que são mais largas na entrada, que por dentro” (BLUTEAU, 1712-1728). “...e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeyro distando do dito porto outo Legoas, seis de Bahia...” (2r, p. 25).

**BANDO:** s.m. “Publicar por bando, como quando se declara publicamente hum decreto, huma ley. He pregão de guerra, a som de caixa, com pena imposta aos transgressores de alguma ley militar” (BLUTEAU, 1712-1728). “Mandou lançar hum bando com circunstancias taes, que por elle seevitaram os vadios desta capitania...” (59r, p. 139).

**BANDEIRA:** s.f. Grupo de pessoas que entram mato adentro. “...a formar huma bandeira para hir comella conduzir hua maloca de gentio que lhe segurou...” (58r, p. 137).

**BARBARIDADE:** s.f. “Acção propria de bárbaro, por aseyada rudeza, ou deshumanidade” (SILVA, 1813). “...afim d não serem atacados pella barbaridade do gentio chavante...” (45r, p. 111).

**BARCA:** s.f. “Embarcação mayor que Barco. Embarcação chata, em que coches, carros & cavallos passaõ os rios. Serve como de ponte para passar o rio. Serve de carga, e transporte” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...se passa o grande Rio Parahiba, que he mui profundo, ea celerado, e sepassa em Barca...” (4r, p. 29).

**BEBIDA ESPIRITUOSA:** loc. “Que tem espírito no sentido dos Quimicos ou substancia subtil activa. bebidas espiritosas, ou espirituosas” (SILVA, 1813). “...nesta passage mandou sua Excelencia dar a toda a commetiva bebidas espirituozas, e alguns comeram alhos e desta forma passamos livres das sezoens...” (39r, p. 99).

**BENEMÉRITO:** s.m. “Que é digno de honra, officio, beneficio, em consideração de serviços, ou boas obras feitas áquelle de quem se diz benemerito” (SILVA, 1813). “*Dos moradores alistados formou duas companhias de Ordenanças com seus officiaes attendendo aos mais benemeritos: agregou os Pardos forros ás duas Companhias por Esquadras...*” (32r, p. 85).

**BESTA:** s.f. “Animal irracional, quadrúpede. Bestas de carga” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...aqui se falhou o dia dezanove por nam apparecerem seis bestas das que conduzião mantimentos.*” (14r, p. 49).

**BICAME:** s.m. Conjunto de bicas. “*...ver o grande bicáme por onde aquella boa sociedade de Mineiros, levaõ agoa ao morro...*” (52r, p. 125).

**BISPADO:** s.m. “A dignidadeEpiscopal, ou beneficio, ou o territorio, & diocese do Bispo” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...a Ribeyra Taboca se passa o Bispado deMariana por este lado do Arcebispado daBahya...*” (13r, p. 47).

**BOCADO:** s.m. “Porção pequena, de tempo, caminho” (SILVA, 1813). “*...e hé hum dos peores bocados de caminho que se pode incontrar; tambem se passa o Rancho...*” (4r, p. 29).

**BONDADE:** s.f. “Inclinaçã a fazer o bem. Acção de humanidade, cortezia, favor, mercè” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...*” (55r, p. 131).

**BORDADO ÁS RUAS:** loc. Ornamentar as ruas para a procissão de *Corpus Christi*, evento religioso que ocorre sessenta dias após o domingo de Páscoa ou na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade. São os desenhos confeccionados com borras de café, serragens e areias coloridas, formando os conhecidos tapetes de rua. “*...mandou que se recolhesem todos as tropas com as ordenanças, que tinham bordado ás ruas por honde Sua Excelencia passou.*” (31r, p. 83).

**BOSQUE:** s.m. “Sitio povoado de arvores, e mata, que serve para caça” (SILVA, 1813). “*...sam seis legoas debom caminho, porentre Bosques...*” (24r, p. 69).

**BOSQUE DE MATO VIRGEM:** loc. Diz-se de muitas cousas, que não servirão, & conservação sua nativa integridade, & pureza. Terra virgem” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*sam sinco legoas o caminho he todo por entre hum Bosque deMatto virgem...*” (24r, p. 69).

**BRAÇA DE COMPRIDO:** loc. “Medida londa de 7. pés geométricos e 10. palmos de craveira” (SILVA, 1813). “...*ou caminho deMadeyra sobre hum Pantanal que tera outenta braças de comprido*” (6r, p. 33).

**BRANDURA:** s.f. “A qualidade de ser brando ao tacto. Da condição suave do tempo” (SILVA, 1813). “...*advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...*” (55r, p. 131).

**BRAÇA DE LARGO:** loc. “Medida longa de 7 pés geométricos, e 10 palmos de craveira” (SILVA, 1813). “...*o Rio de Sam Francisco he o mayor que se passa ma jornada; terá seiscentas bracas deLargo...*” (15r, p. 51).

**BRIGADEIRO:** s.m. “Official de guerra, que manda huma Brigada... he hum posto mais que Coronel, & menos que Sargento Mòr de Batalha; governa quatro ou cinco regimentos, conforme o numero das tropas, e destes officiaes há huns, que tem hum seu proprio regimento, que governa hum Tenente Coronel, & tem o mesmo predicamento, & o mesmo nome na Cavallaria, que na Infantaria” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*aqui se achava huma partida de cavallaria e hum Tenente do Regimento doBrigadeyro Antonio Carlos.*” (20r, p. 61).

## C

**CABECEIRA:** s.f. Nascente do rio. “*No dia 11 marchou 5 legoas emeya, fes se Rancho nas cabeceiras do Rio Tocantins.*” (54r, p. 129).

**CABO:** s.m. “Official militar que tem hum dos primeiros lugares no exercito, que não tem tanto mando” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados, e hum cabo, hum cyrurgiam, dous creados...*” (29r, p. 79).

**CACHOEIRA:** s.f. “Aguas do rio, no fim destas se precipita de altura medonha, & fervendo como em cachoens estas aguas despenhadas, foy o lugar deste precipicio chamado Cachoeiras” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...naquellas eminencias se admirarão as muntas cachoeiras de christalinas aguas*” (54r, p. 129).

**CALHAMBOLA:** s.m. “O escravo, ou escrava, que fugio, e anda amontado, vivendo em quilombos” (SILVA, 1813). “*...com ordem de evitar os damnos dos calhambolas, que tem infestado aquella Pais.*” (52r, p. 125).

**CÂMARA:** s.f. “As casas, & o Tribunal, que que o Presidente, Vereadores, se ajuntaõ para tratar dos negócios concernentes ao bem publico de hua Cidade” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...se acha a Camera e os Nobres da terra e feyta a oraçam do recebimento...*” (26r, p. 73).

**CAMISA:** s.f. “Roupa de lençaria com mangas, fechada em roda, que se traz por baixo dos outros vestidos, immediatamente sobre a carne” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...hum grande prezente de Sayas, camizas, e caponas, e desta forma satisfês Sua Excellencia aquelles povos*” (47r, p. 115).

**CAMPO:** s.m. “Pedaço de terra baixa, e plana. Terra fora da Cidade e do povoado” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...em cujo citio se dormio no campo...*” (18r, p. 57).

**CANOA:** s.f. “Embarcaçãõ de que usaõ os Gentios da America para a guerra, de que mais se aproveitaõ os moradores para o serviço. Cada qual se fórma de hum só pao comprido, & boleado, a que, tirada a face de cima, arrancaõ todo o âmago, & fica a modo de lançadeira de tear, & capaz para vinte, ou trinta remeiros” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...Passa agente em canoas, e as bestas a nado: bom caminho.*” (18r, p. 57).

**CAPELA:** s.f. “Altar particular, em Igreja privada, ou no corpo de alguma Igreja, encerrado entre paredes proprias; são como umas pequenas Igrejas filiaes das matrizes” (SILVA, 1813). “...foi vizitar á Capella de Santa Barbara, que está em hum admiravel Monte, e atudo deo as providencias do seu incansavel espirito.” (59r, p. 139).

**CAPELÃO:** s.m. “Os que tinhaõ a seu cargo o guardar o cofre, ou a caixa das relíquias, a que os Latinos chamavaõ Capella. Se communicou este mesmo nome aos Sacerdotes, e outros Ministros da Igreja. Assim se chamãõ os que recitãõ nos córos das Igrejas” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...fora o dia em que se vira necessitado de dar huma ordem ao Capelam...” (53r, p. 127).

**CAPITANIA:** s.f. “Capitania do Brasil vem a ser o mesmo, que Provincia. São estas Capitánias quatorze. Comprehende em particular cada huma dellas atè cincoenta legoas de costa, & quanto se quer alargar ao Sertão” (BLUTEAU, 1712-1728). “...oRio Parahibuna deve por esta parte a capitania do Rio de Janeyro da de Minas Geraes...” (5r, p. 31).

**CAPITÃO:** s.m. “Official militar entre o Ajudante, e Mayor; governa huma Companhia. Algumas vezes significa o que manda hum exercito inteiro, ou huma armada grande, como Capitaõ General. Outras vezes significa o que manda hum corpo mais pequeno, como Capitaõ mór. Os officiaes da Camera elegem este. Deve ser das pessoas principaes da terra”. (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...e atendendo Sua Excelencia áquele sumo desamparo, fes alli hum capitam, como Regente daquelle povo, a quem munto recomendou nas ordens...” (44r, p. 109).

**CAPITÃO DE DRAGÃO:** loc. “...que a familia do General de Goyaz; a do Cappitam de Dragoens Joze de Mello, e Castro...” (3r, p. 27).

**CAPONA:** s.f. Vestimenta de mulher. Capa grande, atualmente conhecida como jaqueta. “...hum grande prezente deSayas, camizas, e caponas, e desta forma satisfés Sua Excellencia aquelles povos” (47r, p. 115).

**CARIDADE:** s.f. “Fazer a caridade a alguem, ensinando-o, ou fazendolhe outro beneficio” (BLUTEAU, 1712-1728). “...nellas deyxou o Ajudante das ordens com grande caridade, de que he munto cheyo o seu nobre Espirito...” (39r, p. 99).

**CASA DE TELHA:** loc. “Telha de barro, com que se cobrem as casas. Casas de telha vãa. A em que só aparecem telhas, & ripas, sem forro” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*e da caza de telha que he junto ao Rancho; nenhum destes Ribeyros tem Ponte.*” (25r, p. 71).

**CATÓLICA AÇÃO:** loc. Atitude de acordo com os princípios da doutrina católica. “...*dando com esta Catholica acção hum exemplo, e hú grande nome a sua incomparavel prudencia.*” (49r, p. 119).

**CAVALARIA AUXILIAR E ORDENANÇA:** loc. “Ordem militar de Cavalleiros. A qualidade do que servia na guerra com cavalo. Tropa de soldados de cavallos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*aqui estavam varias companhias de Cavalaria Auxiliar e Ordenanças...*” (7r, p. 35).

**CAVALEIRO:** s.m. “Homem, que anda a cavallo. Cavalleiro de Ordem Militar” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*acompanhado dehum grande numero de cavalleiros que apouca distancia os despedio...*” (41r, p. 103).

**CAVALHADA:** s.f. “Festa de cavalgada, jogos de cavalos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*seguiram-se tres dias de Cavalhadas, entrepolados com outros tantos de Touros que foram sortiados de pé...*” (26r, p. 73).

**CAVALO:** s.m. “Animal quadrupede, nobre, fiel, & generoso, cuja propriedade natural he rinchar, & cuja utilidade he tão notoria, como são notaveis os serviços, que faz ao homem na caça, na guerra, nas festas, nas jornadas, & em todas as cousas domesticas, que necessitaõ da sua força, & destreza para levar, & trazer cargas de lugares distantes. Parece, que chamamos a este animal, Cavallo, pela inclinação, quem tem de cavar com as mãos a terra” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*os cavalos passaraõ este grande nado, que será de duzentas braças...*” (41r, p. 103).

**CIRURGIÃO:** s.m. “O que exercita a Arte da Cirurgia. Que faz particular profissão de curar as chagas, & as feridas” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados, e hum cabo, hum cyrurgiam, dous creados...*” (29r, p. 79).

**CLAMOR:** s.m. “Grito grande. Por isso se vem, com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*Ouvidas as suas representaçoens, clamores, vexaçoens e falta de governo fazia trazer a memoria...*” (44r, p. 109).

**CLERO:** s.m. “A Corporação dos Clerigos, homem chamado para a Igreja, e para os Ministerios da Religião” (SILVA, 1813). “*...onde estava o Vigario, e todo o Clero, que receberam a Sua Excellencia...*” (31r, p. 83).

**COMANDANTE:** s.m. “Official militar, que manda alguma tropa d’Infantaria, ou Artilharia, ou Cavallaria: o que governa a Companhia na falta do Capitão” (SILVA, 1813). “*...hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...*” (45r, p. 111).

**COMITIVA:** s.f. “Accompanhamento de gente, que segue a hum Principe, ou Cavalheyro grande para o cortejar, & honrar” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Aqui se contarão as pessoas de que toda a cometiva se compunha, e se achou...*” (3r, p. 27).

**COMODIDADE:** s.f. “Lugar comodo” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...neste citio se abarracou pella primeyra vez por conta da má commodidade do Rancho.*” (13r, p. 47).

**CONDE DOS ARCOS:** loc. “Titulo de honra, e dignidade, com que os Soberanos condecorão seus principaes vassallos; tem a sua graduação entre os Viscondes, e Marquezes” (SILVA, 1813). “*...e ficou sendo sugeyta a Cappitania deSam Paulo the o anno de 1751// sendo o primeyro Governador que a separou o Senhor Conde dos Arcos Dom Marcos deNoronha.*” (28r, p. 77).

**CONDE GENERAL:** loc. “Titulo de honra, e dignidade, com que os Soberanos condecorão seus principaes vassallos; tem a sua graduação entre os Viscondes, e Marquezes: antigamente tinhamo tratamento de Senhor. Generaes dos exercitos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...aqui se achava hum Tenente de Dragoens com huma partida, de ordem do Excellentissimo Conde General...*” (5r, p. 31).

**CONFISCO:** s.m. “Adjuticar ao Fisco os bens de alguém por certos crimes, privando-o delles” (SILVA, 1813). “...rematar alguns bens, que por confiscos pertenciaõ aFazenda Real...” (51r, p. 123).

**CONTENTAMENTO:** s.m. “Satisfação da alma: gosto” (SILVA, 1813). “...se ouviam continuadas vozes dos meninos Viva Sua Excelencia o Povo alvoracado de contentamento...” (35r e 36r, p. 91 e 93).

**CORGOZINHO:** s.m. O diminutivo (variante) de Corgo, forma abreviada através de síncope da lexia Córrego. “...com seu Rio do mesmo nome e se passam mais quatro Corgozinhos sem Ponte.” (25r, p. 71).

**CORONEL:** s.m. “O official de mayor patente, e chefe de um Regimento. Coronel he o mesmo que Mestre de Campo, só differem em que o Coronel provê livremente as companhias do seu Terço, ou Regimento, & o Mestre de Campo não, & com esta differença he muyto mais aventajado” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*Pelas seis horas da manhaã sahio dafazenda do Coronel Luis Joze...*” (11r, p. 43).

**CÓRREGO:** s.m. “Regueiro d’agua, que sái de tanque. Regueiro entalado: ás vezes os córregos d’agua são de enxurrada, e nas Minas tira-se nelles oiro” (SILVA, 1813). “*Os ditos negros dícerao ao Senhor, que aquelle Córrego tinha munto ouro...*” (35r, p. 91).

**CORTEJO:** s.m. “Gente, que acompanha a pé, a Cavallo, a coches, por fazer corte a quem vai em acto de pompa e solemnidade” (SILVA, 1813). “...recebido neste Arrayal com húa ostentação igual á sua piquenhés, mas como seu animo hé todo cheio de atenções, agradeceo munto todo o cortejo que lhe fizeraõ...” (48r, p. 117).

**CORTESIA:** s.f. “Bom modo dos que vivem na corte em differença dos rústicos. Policia no fallar, no modo de portar-se, fallar, e obrar. Gente bem educada” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...e feytas as cortezias segui a rectaguarda por ordem de Sua Excelencia.” (30r, p. 81).

**CRIADO:** s.m. “Servo, Amos, caseiros, e lavradores” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...chégarão pella huma hora da tarde ao porto da Estrella, aonde os creados dos dous senhores Generaes...” (2r, p. 25).

**CRUZADO:** s.m. “Moeda de Portugal. O cruzado antigo era de ouro” (BLUTEAU, 1712-1728). “...deo ao manifesto áquelle grande thezouro; elle, nos effeytos das suas lavouras, fes no primeyro anno setenta e dous mil cruzados...” (35r, p. 91).

**CUIDADO:** s.m. “Attensão do espirito em algum negocio, acção. Diligencia” (SILVA, 1813). “Ouvio a todos com munta atençaamm e prudencia, animou aos moradores para novos Descobertos de ouro, e domesticar o gentio, tanto do cuidado de Sua Excellencia...” (32r, p. 85).

## D

**DANÇA:** s.f. “Movimento do corpo com passos medidos, & regulados com arte. Dança antiga, de homens armados, que ao compasso, & ao som do instrumento, andavaõ huns contra outros, & travavaõ huma especie de batalha” (BLUTEAU, 1712-1728). “...e a praça bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas dancas finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial...” (26r, p. 73).

**DECÊNCIA:** s.f. “Honestidade exterior, propria de certas pessoas, & lugares. Recolhimento” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...Sua Excelencia recebido do Vigario com munta decencia que ainda...” (37r, p. 95).

**DEITAR ROÇA:** loc. “Deitar a semente na terra. Brotar” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “Cuidou logo em deytar rossas e tendo os fructos de humas colhido...” (35r, p. 91).

**DEPUTADO DA JUNTA DA FAZENDA:** loc. “Aquelle a quem se deu alguma comissão de jurisdicção, ou conhecimento. O que tem comissão do ministro proprio” (SILVA, 1813). “...se despedio sua Excellencia do Doutor Intendente, do Reverendo Vigario, e dos Deputados da Junta da Fazenda...” (28r, p. 77).

**DESAMPARO:** s.m. “Negação ou privação de amparo. Falta de socorro, auxílio, favor, protecção, das forças, do necessario” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*conheceo o desamparo em que sevião os moradores daquelles três piquenos Arrayais...*” (44r, p. 109).

**DESCARGA:** s.f. “Descargas de tiros de espingardas, ou canhão, dando-lhe fogo” (SILVA, 1813). “...*depois de ter mandado dar muntas descargas, e fazer outras demonstraçoens mais na sahida da villa.*” (10r, p. 41).

**DEUS:** s.m. “O Ente Supremo, que he principio e fim de tudo. Infinito em todas as suas perfeições. Criador do Universo” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*nella ouvio missa, edeo graças a Deos, de o livrar detantos perigos...*” (61r, p. 143).

**DILIGÊNCIA:** s.f. “Atenção & cuidado, cõ q devemos accudir a cousas da nossa obrigaçãõ” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*andando-se sucavando o seu Ribeyram na deligencia de Ouro...*” (37r, p. 95).

**DOURADO:** s.m. Peixe de água doce. “...*criam grandíssimos Peyxes mayores do que hum homem, alguns chamados serobis, Dourados, Matrinchans, e outros.*” (15r, p. 51).

## E

**EFLÚVIO:** s.m. Fluido sutil que emana do rio. “*o rio Paracatú; cujos effluvios sam munto nocivos tera trezentas bracas delargo...*” (18r, p. 57).

**ENCAMISADA:** s.f. “Assalto, que se dá de noyte, ou pouco antes de amanhecer, vestindos os soldados as camisas, ou outros pannos de linho sobre as armas para se distinguirem dos contrarios na escuridade. Que se faz de noyte a cavallo com tochas, em occasião de festas” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*as quaes se principiaram por huma Emcamizada, com bastante asseyo, e luzimento em que correram a cavallo para sima...*” (26r, p. 73).

**ENCRUZILHADA:** s.f. “Dous caminhos, que se atravessaõ em cruz” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*passou a encruzilhada de São Romão e Urucuía...*” (55r, p. 131).

**ENGENHO DE AÇÚCAR:** loc. “Machina mecânica de moer canas, e fazer assucar” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*passa-se a vista de varios Engenhos de assucar...*” (20r, p. 61).

**ENGENHO DE ÁGUA:** s.m. “he de tres maieras, porque ou a agoa não chega se não à parte interior da roda, ou toma a roda pelo meyo, ou cahe de cima sobre a roda, anda este moinho, ou engenho de agoa, com a ajuda tres rodas, que tem dentes, os rayos da roda maior sao dobrados” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*passa-se pello Engenho de Agoa...*” (11r, p. 43).

**ENSOBERBECER:** v. “Causar, inspirar, influir soberba. Fazerse soberbo” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*a quem munto recomendou nas ordens, que lhes deixou, que o Poder nos que governão e Regem os Povos, não deve ser para vingar paixoens particulares, nem se emsoberbecerem...*” (45r, p. 111).

**ERÁRIO:** s.m. “Thesouro real, publico, Junta da arrecadação dos contos, ou dinheiro reaes” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*que a familia do General de Goyaz; a do Cappitam de Dragoens Joze de Mello, e Castro; do Escrivão do Erario Manoel Rodrigues da Costa...*” (3r, p. 27).

**ESCALER:** s.m. “Embarcação pequena de remos e vela, que serve para andar no rio, com toldo na popa” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*se partio para o Rancho de Paullo Pereyra, e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeiro...*” (2r, p. 25).

**ESCOLTAR:** v. “Fazer escolta a alguem. He a guarda, que se dá para a segurança de hum General, ou de qualquer outra cousa, em que possa haver perigo” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*Aqui se achava um Tenente de Dragoens com huma partida, de ordem do Excelentissimo Conde General, destinada a escoltar os Generaes por toda a extenção do seu governo.*” (5r, p. 31).

**ESCRIVÃO:** s.m. “O que escreve actos públicos. Official de penna, que ganha a vida com as pontas dos dedos” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*que a familia do General de Goyaz; a do Cappitam de Dragoens Joze de Mello, e Castro; do Escrivão do Erario Manoel Rodrigues da Costa...*” (3r, p. 27).

**ESQUADRÃO:** s.m. “Corpo de Infantaria assi chamado, porque de ordinario tinha forma quadrada, segundo a antiga phrase militar deste Reino, que chamava ao corpo de Cavallaria *Batalhão*. Muitos cavalleiros postos em forma de peleja em fileiras. Os Esquadroens Portuguezes são de cento e vinte cavallos cada hum” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...se achava hum luzido *Esquadram de cavallaria Auxiliar: junto da venda nova havia outro Esquadrão...*” (9r, p. 39).

**ESTIVA:** s.f. “He o contrapeso da carga do navio, que se dá a cada lado delle, para o ter em equilíbrio” (BLUTEAU, 1712-1728). No texto significa uma passagem feita de paus sobre atoleiros. “...e se passa por huma estiva, ou caminho de *Madeyra sobre hum Pantanal...*” (6r, p. 33).

**EXPEDIÇÃO:** s.f. “Jornada, de guerra, empreza militar. Por o exercito em campanha para alguma expedição” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*Sua Excelencia gastou do seu bolço muitas oitavas de ouro no preparo desta gente, cuja expedição foi tanto do seu agrado.*” (59r, p. 139).

**EXTRAVIO:** s.m. “Desvío, descaminho das coisas, que se extravião. Extravios do oiro, dos diamantes, das fazendas, que se levão sem guias, ou que se não manifestão, ou entregão onde convem, e é devido” (SILVA, 1813). “...onde vio ser munto percizo hum regimento para evitar os *Extravios do ouro em estrada tam frequentada.*” (55r, p. 131).

## F

**FARDADO DE ENCARNADO:** exp. Cor vermelha. “...e pouco mais adiante estava portado o *Regimento, chamado da Nobreza, fardado de emcarnado, e verde com boa Muzica...*” (9r, p. 39).

**FAZENDA:** s.f. “Terras de lavoura ou de gado: uma fazenda de cannas” (SILVA, 1813). “...que tinha huma *Fazenda naquellas vezinhancas...*” (35r, p. 91).

**FAZENDA REAL:** loc. “Concelho da Fazenda: Tribunal composto de tres Védores Fidalgos, e 3 Desembargadores ditos Conselheiros, e outros officiaes, no qual se despachão os negocios da Fazenda Real, e bens da Coroa, e Conquistas, os contratos, e arrendamentos, que a ella pertencem; tem tratamento de Magestade. Fazenda de lei: a que se gasta sempre, e não está sujeita á variação das modas” (SILVA, 1813). “...em todos estes assistio ali ás Juntas ordinarias da Real Fazenda...” (1r, p. 23).

**FEBRE CATARRAL:** loc. “Procedido de catarro. Febre de catarro” (SILVA, 1813). “...aqui teve o General deMatto Grosso huma febre catarral que o obrigou a demorar neste citio todo o dia dezasete.” (23r, p. 67).

**FESTA:** s.f. “Festas publicas, como jogos, torneos, cana, fogos. Celebrar com festas a boa vinda de alguém. Acção, ou função feita em honra, e obsequio religioso, ou urbano. Festas: demonstrações de alegria, gosto, amisade, com que se agasalha alguém, ou alguma boa nova, e sucesso” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...passados os tres dias para os cumprimentos, e descanso, se entraram a mover as gentes da terra para porem em publico as festas para que se tinha preparado de munto tempo...” (26r, p. 73).

**FESTEJO:** s.m. “...assistio aos festejos que lhe fizerão os moradores...” (36r, p. 93). “Allegría, bom acolhimento. Fazer festa, por algum motivo, ou occasião” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813).

**FOGO ARTIFICIAL:** loc. “Fogos de festa. Fogos artificiaes, ou Artificios de fogo. Fazemse com polvora, que moida com outros ingredientes, & variamente distribuida, & apertada faz estourar foguetes” (BLUTEAU, 1712-1728). “...e a praça bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas dancas finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto...” (26r, p. 73).

**FOGUEIRA:** s.f. “Fogo, que se faz com carqueja, ou com outra lenha, que faz muyta lavareda” (BLUTEAU, 1712-1728). “Neste rancho do Abayté se mandam fazer Fogueyras edar descargas em obzequio de Sam João.” (15r, p. 51).

**FOLHETA DE OURO:** loc. “Folha pequena de qualquer metal” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Este Arrayal foy no seu Descuberto, tam abundante de folhetas de ouro, que no anno de 1737,, se achou huma...*” (34r, p. 89).

**FREGUESIA:** s.f. Pequena povoação, a menor divisão administrativa. “*Alý foý Sua Excelencia recebido do Vigario com munta decencia que ainda, que não ha Julgado neste Arrayal, sempre he Freguezia...*” (37r, p. 95).

**FRUTA:** s.f. “Os frutos das arvores, pomos, abrunhos, e todos os que tem caroço, ou pevide: limões, laranjas” (SILVA, 1813). “*...e tomou quartel no Córrego do Refresco, que pello munto que ali mandou o Doutor Ouvidor, de frutas, e ortalice assim se chamou.*” (30r, p. 81).

**FUNDIÇÃO:** s.f. “A officina, em que se fundem metaes, obras de bronze e ferro, como canhões, sinos”. (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*O Sabará terá seis, ou sete mil vizinhos; tem Ouvidor e Intendente e Fundição...*” (11r, p. 43).

**FURRIEL:** s.m. “Posto de official, inferior ao Sargento; é o que cobra os soldos, munições, e os distribue pela companhia” (SILVA, 1813). “*...provendo nesta companhia o Posto de Alferes, e naquela o de Furriel, que estavam vagos.*” (32r, p. 85).

## G

**GENERAL:** s.m. “Official em chefe de algum exercito, ou armada, ou província, das galés, da artilharia. Dignidade militar.” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...fes o Excellentissimo General e Cappitam Governador de Goyaz Joze de Almeyda de Vasconcelos de Soveral e Carvalho...*” (1r, p. 23).

**GENTIO:** s.m. “Pagão. Gente baixa, popular. A gentalha, plebe” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...vinha a estes sertoes captivar gentio da domestica naçam Goyâ...*” (27r, p. 75).

**GUARDA:** loc. “Pessoa que tem a sua conta vigiar alguma coisa, ou outra pessoa, e pela sua conservação” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*aqui se acha huma fraca Guarda destinada a reconhecer os passageyros, e as condúsoens deFazenda que sefazem.*” (4r, p. 29).

## H

**HOMEM:** s.m. “Criatura, que tem natureza humana, Animal racional, capaz da Graça Divina, & da Gloria eterna, capaz de aperfeiçoar suas faculdades por estudo, e observação, ou ensino” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*Os homens de todas as qualidades, ocupavam as ruas com tal excesso que impediam a passage huns aos outros...*” (31r, p. 83).

## I

**IGNORÂNCIA:** s.f. “Falta de noções, noticia, conhecimento; imperícia. Grosseria” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*advertindo os das suas ignorâncias com munta brandura, e amor; esta acção da bondade de Sua Excellencia...*” (55r, p. 131).

**IGREJA:** s.f. “Templo ou casa de oração. Lugar sagrado em que os Fieis se ajuntaõ para orar, pedir a Deos graças, & assistir aos officios de Divinos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*conduzirão debayxo doPallio a Sua Excellencia á Igreja Matris, e della para Pallacio...*” (26r, p. 73).

**IMPERADOR:** s.m. “Soberano, que o é, ou foi de Reis, e Principes Coroados, ou que de algum modo lhe são superiores” (SILVA, 1813). “*Ouvidas as suas representaçoens, clamores, vexaçoens e falta de governo fazia trazer a memoria os sucessos da Rucia, antes do Emperador Pedro grande...*” (44r, p. 109).

**ÍNDIO:** s.m. “No Brasil dividem os Portuguezes aos Barbaros, que vivem no Sertaõ em Indios mansos, & bravos. Indios mansos chamaõ aos que com algum modo de Republica são mais trataveis, & capazes de instruaõ. Pello contrario chamaõ Indios bravos aos que pella sua

natural indocilidade, não tem forma alguma de governo, nem admittem outras leys” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Mandou Sua Excelencia fardar á sua custa o capitam Roque / Indio da Nação Gougué / e o vestio de todo onecessario...*” (47r, p. 115).

**INIMIZADE:** s.f. “Falta de amizade, ódio. Aversaõ.” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...e fés fazerem pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a inimizade, que havia entre ambos cauza de parcialidades...*” (49r, p. 119).

**INSTRUMENTO:** s.m. “Qualquer máquina, de que o artifice usa em suas obras. Tudo o que serve de fazer, executar, conseguir alguma coisa” (SILVA, 1813). “*...medir o Rio pello Ajudante das ordens com huma praxeta, que se agetivou de huma meza piquena, de que Sua Excelencia se servia na sua viagem para aescrpta com outros instrumentos que o dito Ajudante levou...*” (44r, p. 109).

**INTENDENTE:** s.m. Administrador, função de Prefeito. “*O Sabará terá seis, ou sete mil vizinhos; tem Ouvidor e Intendente e Fundicão...*” (11r, p. 43).

## J

**JORNADA:** s.f. “Significa todo o caminho, que se anda em hum, ou mais dias, athe chegar ao termo da viagem” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...o Rio de Sam Francisco he o mayor que se passa ma jornada; terá seiscentas bracas deLargo...*” (15r, p. 51).

**JUÍZ ORDINÁRIO:** loc. “Aquelle, que em primeyra instancia géralmente conhece de todas as causas do termo, ou territorio, em que reside. O Juiz Ordinario traz sempre vara vermelha, vay sempre á vereação da Camera, donde não ha Juiz dos Orfaos, cumpre o seu regimento, constringe os Alcaydes que tragão os presos à audiencia, & faz duas vezes audiencia na semana, salvo se no lugar donde assiste houver outro costume” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...a este lugar veyo oDoutor Ouvidor que se achava em Pillar decorreyçam, com os Juizes Ordinarios daquelle Julgado comprimentarem a Sua Excellencia.*” (30r, p. 81).

**JULGADO:** s.m. “Povoação sem pellourinho nem privilegio de Villa; posto que tenha juiz e justiça propria” (SILVA, 1813). “*Marcha sua Excellencia da Villa para o Julgado de Pillar*” (28r, p. 75).

**JUNTA ORDINÁRIA:** loc. “Junta dos Tres Estados: Tribunal que representa, ou se substituiu às Cortes: hoje trata da arrecadação do imposto para a guerra” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*em todos estes assistio ali ás Juntas ordinarias da Real Fazenda...*” (1r, p. 23)

**JUSTIÇA:** s.f. “O Juiz, ou Magistrado, que faz justiça, e executa as Leis” (SILVA, 1813). “...*as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...*” (22r, p. 65).

## L

**LAGOA:** s.f. “Ajuntamento de aguas, que não tem sahida: ou Lagoa he huma especie de Lago, formado das aguas vertentes, com esta differença, que no Lago nunca falta agua, porque nasce nelle, mas muitas vezes no Estio a lagoa se seca” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*e perto de huma lagoa que da principio a hum Ribeyrão que tem munto peyxe...*” (18/19r, p. 57/59).

**LAVOURA:** s.f. “Cultura, e fabrico das terras, que se aproveitão. O laborar” (SILVA, 1813). “...*deo ao manifesto áquelle grande thezouro; elle, nos effeytos das suas lavouras, fes no primeyro anno setenta e dous mil cruzados...*” (35r, p. 91).

**LAVRA DE OURO:** loc. “Ouro lavrado; feito em obra de ourives” (SILVA, 1813). “*Na Jagoará há huma magnifica fazenda com varios Engenhos, lavras de Ouro*” (12r, p. 45).

**LÉGOA:** s.f. “Espaço de caminho, que tem diferente comprimento, conforme as diferentes medidas itinerarias das nações. A cada legoa Portugueza se atribuem em Portugal tres mil braças de duas varas, ou dez palmos craveiros cada braça, que fazem passos quatro mil, de cinco pés cada passo,, & cada pè de palmo & meyo. Medida itineraria, que contém 3&755

11/15 passos geométricos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeyro distando do dito porto outo Legoas, seis de Bahia...” (2r, p. 25).

**LEVAR ÁGUA:** loc. “Conduzir, ou carregar, ou fazer transportar de um lugar para outro” (SILVA, 1813). “...ver o grande bicáme por onde aquella boa sociedade de Mineiros, levão agoa ao morro...” (52r, p. 125).

**LIBERALIDADE:** s.f. “Virtude muitas vezes exercitada pelos bons Emperadores. Largueza no dar, entre os termos da parcimônia, e da prodigalidade. Generosidade” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...O Doutor ouvidor sempre cheio de liberalidades, mandou a mulher do dito capitam Roque hum grande presente de Sayas, camizas, e caponas...” (47r, p. 115).

**LIBERDADE:** s.f. “Soltura, que consegue o que estava preso” (Silva, 1813). “...mandou soltar dacadeia alguns prezos depequenos crimes, a quem deo liberdade para o mesmo fim.” (59r, p. 139).

**LIBRA:** s.f. “Moeda de doze onças de peso, & valor” (BLUTEAU, 1712-1728). “...quarenta e seis libras chamase agua quente...” (35r, p. 91).

**LUZIMENTO:** s.m. “Diz-se das cousas magníficas, & sumptuosas, & algumas vezes das acções, em que luz o engenho. O esplendor: luzimento das galas, da Corte” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...e duas Operas que representaram em Théâtre publico, com excelentes figuras com munto luzimento.” (32r, p. 85).

## M

**MACIEIRA:** s.f. Árvore da família das rosáceas cujo fruto é a maçã. “Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...” (7r, p. 35).

**MALOCA DE GENTIO:** loc. Punhado de gentio. “...a formar huma bandeira para hir comella conduzir hua maloca de gentio que lhe segurou...” (58r, p. 137).

**MANGABEIRA:** s.f. “Arvore do Brasil do tamanho das nossas cerejeiras. Produz huas flores brancas a modo de Jasmins, & frutos a modo de ameixas grossas, huas redondas, otras ovadas, que não são boas de comer, senão quando cahem da arvore” (BLUTEAU, 1712-1728). “...e tendo marchado outras três legoas emeia se aquartelou na mangabeira do Rybeirão...”. (52r, p. 125).

**MANTIMENTO:** s.m. “Os comereres, viveres, vitualhas, alimento. Provisão de mantimentos, ou munições de boca, que se levão a hum exercito” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...aqui se falhou o dia dezanove por nam apparecerem seis bestas das que conduzião mantimentos.” (14r, p. 49).

**MARCHA:** s.f. “O caminho, que o exercito vai fazendo, ou fez” (SILVA, 1813). “*Sahio sua Excellencia de Villa boa para o Arraal de Pillar, e deu principio a sua Marcha no dia 2 de Junho de 1773...*” (28r, p. 77).

**MARMELEIRO:** s.m. “Arvore, que dà marmelos. Tem a madeira torta, dura, alvadia, & cuberta de uma casca, cinzenta por fora, & tirante a vermelho por dentro. As folhas são lanuginosas, & inteiras sem incisaõ, as flores são de cinco folhas, de cor de carne, & na figura a modo de rosas” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleiros...*” (7r, p. 35).

**MATRINXÃ:** s.f. Tipo de peixe. “...criam grandíssimos Peyxes mayores do que hum homem, alguns chamados serobis, Dourados, Matrinchans, e outros.” (15r, p. 51).

**MERECIMENTO:** s.m. “O que alguem tem merecido por suas virtudes” (BLUTEAU, 1712-1728). “...onde o Vigario o recebo com todas as seremonias devidas aoLugar, e ao merecimento deSua Excelencia...” (36r, p. 93).

**MESTRE DE CAMPO:** loc. “Coronel de Infantaria. Official de patente inferior ao General, e que em sua ausencia faz as suas vezes” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*Este Arrayal da Natividade foi fundado no anno de 1739 pello Mestre de campo Francisco Ferras...*” (43r, p. 107).

**MILITAR:** s.m. “Concernente á milicia. Servir, andar na guerra, fazer vida militar” (SILVA, 1813). “...mandou as tropas a quartéis, e forão convidados os Juizes, officiaes, e Militares para jantarem com Sua Excelencia.” (42r, p. 105).

**MINA DE OURO:** loc. “Abertura soterrânea. O lugar que se cava para delle tirar qualquer metal, ou mineral” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...he a residencia do General de Minas Geraes; tem Intendente e Fundicão tem abundantes Minas de ouro a roda de toda a villa” (10r, p. 41).

**MINISTRO:** s.m. “O que exerce emprego e officio de Justiça, ou Politico, ou Evangelico; debaixo da subordinação aos Soberanos e Prelados. Ministros de Estado” (SILVA, 1813). “...com o Excellentissimo Marques Visse Réy do Estado, Menistros, e officiaes mais graduados...” (2r, p. 25).

**MORRO:** s.m. “Terra dura a modo de piçarra” (SILVA, 1813). “...sobem-se, e descem-se muntos Morros, passa-se pello Ribeyram...” (24r, p. 69).

**MULATO:** s.m. “Filho, ou filha de preto com branca, ou ás avessas, ou de mulato com branca até certo gráo” (SILVA, 1813). “...quatro diferentes corpos, tambem de Auxiliares brancos, Mulatos, e Negros luzidos.” (10r, p. 41).

**MULHER:** s.f. “Creatura racional do sexo feminino” (SILVA, 1813). “...as mulheres ocupavão as janelas de forma que nas cazas de grandes familias se pertubavam, e todos anciozos dezejavam ver a Sua Excellencia...” (31r, p. 83).

## N

**NEGRO LUZIDO:** loc. “Se diz do aceyo, & trato das pessoas. Bem aceyado” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...quatro diferentes corpos, tambem de Auxiliares brancos, Mulatos, e Negros luzidos.” (10r, p. 41).

**NOBREZA:** s.f. “O ser nobre; distincto por Carta que ennobrece, ou por nascer de pais, que o erão. A nobreza do estilo, das acções, a elevação, que o distingue do vulgar, e plebeu, ou pedestre” (SILVA, 1813). “...e pouco mais adiante estava portado oRegimento, chamado da Nobreza, fardado de emcarnado, e verde com boa Muzica...” (9r, p. 39).

**NOSSA SENHORA:** loc. Uma das santas de devoção da doutrina católica. “...finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto, e na seguinte hum grandiozo Saráu que se executou em Pallacio.” (26r, p. 73).

**NOSSA SENHORA DA LAPA:** loc. Uma das santas de devoção da doutrina católica. “...expedio Sua Excelencia para a cidade do Pará duas canoas; a primeira, e mayor com o titulo de Nossa Senhora dalapa, a segunda com o titulo de Sam Joze, e Sam Caetano...” (45r, p. 111).

## O

**OBRA POÉTICA:** loc. “Obra de engenho, composição, poema, oração, livro. Obra em versos. Obras poeticas, Versos” (BLUTEAU, 1712-1728). “...as quaes se principiaram por huma Emcamizada, com bastante asseyo, e luzimento em que correram a cavallo para sima de cem pessoas e na mesma ocazian se recitaram varias obras Poeticas...” (26r, p. 73).

**OLHO DE ÁGUA:** loc. “O manancial, ou a primeira agua, que com cristallina, & esférica figura (a modo de olho) vem brotando da terra” (BLUTEAU, 1712-1728). “...chama-se agua quente, porque em pouca distancia nascem sete olhos de agoa bastantemente quente” (35r, p. 91).

**OFICIAL:** s.m. “Officiaes de Justiça, ou Fazenda: os ministros occupados na administração da Justiça, recadação, e despesa da Fazenda Real” (SILVA, 1813). “...e do Vigario da vara de Villaboa, com a do General do Matto Grosso. E de dous officiaes, que o acompanhavão...” (3r, p. 27).

**ÓPERA:** s.f. “Drama tragico ou comico; que os Italianos recitão em voz cantante, e assim o usão os Francezes; com arias em vez de córos, e outras irregularidades, ou diferenças da Tragedia, e Comedia regular” (SILVA, 1813). “*Estes moradores festejaram a sua Excellencia nas noutes da sua estada neste Arrayal com duas emcamizadas munto lustrozas, e duas Operas que representaram em Theátro publico...*” (32r, p. 85).

**OPULENTO:** s.m. “Muyto rico” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...hé dos mais opulentos da Capittania, foý fundado no anno de 1737...*” (37r, p. 95).

**ORAÇÃO DO RECEBIMENTO:** loc. “Oração mais particularmente se chama, a que reza no Officio do dia, ou na commemoração das festas, & Férias. Preces, supplica a Deus” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...e feyta a oraçam do recebimento condurizão debayxo do Pallio a sua Excellencia...*” (26r, p. 73).

**ORAÇÃO LATINA:** loc. Oração realizada em latim. “*...ODoutor Joze dos Santos elogiou a Sua Excelencia com huma douta e discreta oração latina.*” (36r, p. 93).

**ORTALIÇA:** s.f. “As ervas das hortas: couves, alfaces, legumes” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...e tomou quartel no Córrego do Refresco, que pello munto que ali mandou o Doutor Ouvidor, de frutas, e ortalice assim se chamou*” (30r, p. 81).

**OSTENTAÇÃO:** s.f. “Pompa, magnificencia. Mostra, alarde, que se faz do saber, riqueza, e coisas, que nos acarretão louvor, gloria, honra” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...recebido neste Arrayal com húa ostentação igual á sua piquenhés, mas como seu animo hé todo cheio de atençoens, agradeceo munto...*” (48r, p. 117).

**OUVIDOR:** s.m. “Official de justiça que ouve, & despacha, conforme o Regimento da sua Ouvidoria. Juiz posto pelos Donatarios em suas Terras” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*O Sabará terá seis, ou sete mil vezinhos; tem Ouvidor e Intendente e Fundição...*” (11r, p. 43).

**OUVIR MISSA:** loc. “Sacrificio incruento, e Eucharistico da Lei da Graça, em que por virtude das palavras da Consagração a hostia, e o vinho, e a água se convertem no Corpo,

Sangue, Alma, e Divindade do Christo, do mesmo modo que está nos Ceos: nelle se dizem varias preces, e se recitão Evágelhos, cantando ou recitando” (SILVA, 1813). “...*mais adiante pello Arrayal do Ouro branco aonde ouvio Missa.*” (9r, p. 39).

## P

**PAÇO:** s.m. “Casa nobre, onde el Rei habita, onde se faz junta das Camaras, e se dizem os Paços dos Conselhos” (SILVA, 1813). “...*deixando naquelle Paço o Ajudante das ordens, e hum soldado para facilitar a passagem...*” (52r, p. 125).

**PALÁCIO:** s.m. “Palacio propriamente se diz das casas dos Reys, & Principes, & permissivamente dos sumptuosos, & magnificos domicilios de senhores grandes” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto, e na seguinte hum grandiozo Saráu que se executou em Pallacio.*” (26r, p. 73).

**PALIO:** s.m. Pano erguido por quatro varas. “...*as Justissas, Auxilliares, agentes principaes do Arrayal de Santa Luzia vieram esperar e Receber debayxo dePalio o General como hé costume...*” (22r, p. 65).

**PALMO:** s.m. “Palmo geometrico; igual á largura de quatro dedos, ou á extensão de dezeseis grãos de trigo em fileira” (SILVA, 1813). “...*corre sem éstas por hum encanado que eu julguey ser de sincoenta palmos, aberto em hum notavel Rochedo...*” (34r, p. 89).

**PANTANAL:** s.m. “Atoleiro espaçoso”. (SILVA, 1813). “...*ou caminho deMadeyra sobre hum Pantanal que tera outenta braças de comprido*” (6r, p. 33).

**PARCIALIDADE:** s.f. “Banda, partido, opinião” (SILVA, 1813). “...*e fés fazerem pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a inimizade, que havia entre ambos cauza de parcialidades...*” (49r, p. 119).

**PARDO FORRO:** loc. “Aquelle a quem o seu proprio Senhor tem dado liberdade. Livre” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Dos moradores alistados formou duas companhias de Ordenanças com seus officiaes attendendo aos mais benemeritos: agregou os Pardos forros ás duas Companhias por Esquadras...*” (32r, p. 85).

**PARTICULAR:** s.m. “Homem que não tem officio publico. Que vive particularmente comsigo, sem cargo, nem dignidades na Republica” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*Colleccão de notissias da capitania de Goyaz /vindas a mãos de Particulares...*” (1r, p. 23).

**PARTIDA:** s.f. “Certo numero de Soldados, a que se comette alguma expedição. Divisão de tropas”. (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...aqui se achava hum Tenente de Dragoens com huma partida, de ordem do Excellentissimo Conde General...*” (5r, p. 31).

**PASTO:** s.m. “O campo onde pasta o gado, a erva de que come” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...varios cavallos, que se amontoaraõ por falta de pasto, que tudo era seco, e alli ficarão algumas pessoas procurando...*” (52r, p. 125).

**PATRULHA:** s.f. “Esquadra de soldados, que ronda de noite nas Praças, para aquietação dellas, impedindo as desordens; ou fora da Praça em tempo de guerra, para impedir as interpresas, e descobrir o que passa na campanha” (SILVA, 1813). “*...aqui andào Patrulhas por evitar o extravio dos Diamantes...*” (6r, p. 33).

**PAZ:** s.f. “He uma publica tranquillidade, livre das desordens da guerra. Boa harmonia na convivencia” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...e fés fazerem pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, sendo a inimizade, que havia entre ambos cauza de parcialidades...*” (49r, p. 119).

**PEDESTRE:** s.m. “Soldados Pedestres, Infantaria” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...*” (45r, p. 111).

**PEQUENEZ:** s.m. “Recopilando por sua pequenez vossa grandeza. Alma instruida” (BLUTEAU, 1712-1728). “*...recebido neste Arrayal com húa ostentação igual á sua*

*piquenhés, mas como seu animo hé todo cheio de atençoens, agradeceo munto...*” (48r, p. 117).

**PEREIRA:** s.f. “O mesmo, que fogo, porque o fruto que dá esta arvore, he de fôrma piramidal, como o fogo, & porque se gera na potencia irascivel, a pera he o symbolo da ira” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...*” (7r, p. 35).

**PERITO:** s.m. “He homem perito no seu officio. Douto, instruído, versado” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...com os mais peritos, e capazes homens daquelle continente...*” (44r, p. 109).

**PESSEGUEIRO:** s.m. “Arvore que dá pecegos. Há varias especies, molar, miraolho, maracotão, calvo; de janeiro, gilmendes, veneziano” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Neste citio se cria Trigo, Linho, Pessegueyros, Pereyras, Macieyras, e Marmeleyros...*” (7r, p. 35).

**PESSOA GRAVE:** loc. “Serio, sisudo, decoroso. Quem autoridade no andar, no gesto, nas palavras.” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...se havia encontrado o Brigadeyro Antonio Carlos com os Menistros e mais pessoas graves de VillaBoa...*” (25r, p. 71).

**PESTÍFERO AR:** loc. “Que traz ou causa peste. Ares pestiferos á saude: perniciosos” (SILVA, 1813). “*...para a passáge perigoza do grande Rio de Sam Francisco, e outros; e para os pestiferos Áres destas, e demais algumas situaçoens*” (2r, p. 25).

**PILOTO:** s.m. “O Official Nautico, que dirige o navio a certo rumo por meyo de leme, e mareação, mandando á via” (SILVA, 1813). “*...hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...*” (45r, p. 111).

**POMPA:** s.f. “Acção solemne, ou acompanhamento por cortejo de qualquer pessoa grande. Magnificencia de qualquer espetáculo, ou acompanhamento festivo, ou luctuoso” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*Neste julgado receberam a sua Excellencia com pouca mais pompa, que no da Conceiçam...*” (49r, p. 119).

**PONTE DE MADEIRA:** loc. “Obra de Architectura, ou Carpinteria, de madeira, que atravessa rios, ou fossos, ou aguas encharcadas, para a passagem da gente” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*passão-se tres pequenas Ribeyras com Pontes de Madeyras...*” (20r, p. 61).

**PORTO:** s.m. “Portos seccos, & molhados, chamão em Portugal às Alfandegas dos lugares, aonde as mercadorias, que entrão por água, ou por terra, pagão certos direytos a El Rey, ou as que tomáraõ este contrato. Pode receber navios, e abrigá-los de temporaes” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*e ao mesmo tempo os Escaleres para o Rio de Janeyro distando do dito porto outo Legoas, seis de Bahia...*” (2r, p. 25).

**POUSO:** s.m. “Lugar, onde algumacoisa pousa, descança, para, e está como de assento” (SILVA, 1813). “...*marchou tres legoas, e meya e ¼ de legoa antes de chegar ao Pouzo, que foý no Córrego do Ouvidor...*” (38r, p. 97).

**PRAÇA:** s.m. Oficial que pertence a uma categoria inferior na hierarquia militar. “...*e no segundo dia da sua estada passou mostra á Companhia da Cavallaria Auxiliar reformou-a de alguns Praças que lhe faltavam...*” (31r, p. 83).

**PRAÇA:** s.f. “Lugar publico, descoberto, espaçoso nas Villas, ou Cidades, onde se fazem feiras, mercados, leilões” (SILVA, 1813). “...*e a praça bastantemente cheya com muntas e bem imaginadas dancas finalizando-se estes obzequios com hum grande fogo artificial na noute do dia de Nossa Senhora que forão quinze de Agosto...*” (26r, p. 73).

**PRANCHETA:** s.f. Mesa pequena. “...*medir o Rio pello Ajudante das ordens com huma prancheta, que ele se agetivou de huma meza piquena...*” (44r, p. 109).

**PRETE:** s.m. Oficial militar. “...*hum Soldado da mesma companhia, três Pedestres, 4 Pretes, e hum Piloto, e por comandante de todos...*” (45r, p. 111).

**PROVEDOR:** s.m. “Official del-Rei, que provè , e examina o estado de alguma arrecadação, fabricas, provimentos, bens, e administrações, e dirige, e corrige o que não conforme ás Leis respectivas” (SILVA, 1813). “...*tem dous maûs Ranchos em ambas suas margens; em huma dellas esta o Registo, e seu Provedor, e Guarda correspondente...*” (5r, p. 31).

**PROVIMENTO:** s.m. “Provisão. Viveres, mantimentos, exercicios, e provimentos de guerra. Recursos” (SILVA, 1813). “...*marchava Sua Excellencia huma grande parte da madrugada, utilizando-se da Lua se a havia, e se nam uzava de arxotes, que para isso levava provimento, e desta forma selivrava do ardor do sol...*” (29r, p. 79).

**PRUDÊNCIA:** s.f. “Virtude intellectual, que ensina ao homem o recto modo de obrar, & o que he moralmente bom, ou mão, para abraçallo, ou fugillo” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Ouvio a todos com munta atençaçom, e prudencia, animou os moradores para novos descobertos de ouro...*” (32r, p. 85).

## R

**RAÇÃO DE MILHO:** loc. “A orção de cevada, que cada dia se dá as bestas” (SILVA, 1813). “...*e poderão aturar esta jornada, porque nunca lhe faltou a reção de milho, que Sua Excellencia o mandava pagar por hum grande preço.*” (48r, p. 117).

**RAMO DE ESTUPOR:** loc. “Adormecimento de alguma parte do corpo, por causa de humor cru & frio, falta do perfeito sentimento, & principio de Paralysisia” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*cujo enfermo tinha tido na jornada hum ramo de estupôr de que ficou com a boca torta, e hum olho sem o poder fechar e com treze banhos que tomou em nove dias ficou sam...*” (39r, p. 99).

**RANCHO:** s.m. “A divisão em que se ajuntaõ, dormem e comem os da mesma camarada. Casa, ou tenda movivel, que se faz pelos caminhos” (SILVA, 1813). “...*passa-se mais por algum Rancho, e Ribeyra...*” (7r, p. 35).

**REAL QUINTO:** loc. “A quinta parte” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*e no mesmo perigo se vem os Reaes quintos de sua Magestade quando todos os annos sam conduzidos da Intendencia...*” (34r, p. 89).

**RECEBIMENTO:** s.m. “O acto de receber, o recebimento cortez da visita. Recebimento de algum Principe, quando chega a algu Reyno, ou Cidade. Recepção” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...antes de chegar a este citio se havia encontrado o Brigadeyro Antonio Carlos com os Menistros e mais pessoas graves de VillaBoa aonde sefizerão os recebimentos competentes aos Generaes...” (25r p. 71).

**RECEIO:** s.m. “Medo, temor” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...Missa, e todo o tempo, que ella durou estivemos com as Armas na mão por receio do gentio...” (43r, p. 107).

**REFRESCO DE CARNE:** loc. “Refresco de mantimentos para exercitos, armadas. Carne de camellos, de que fizeram refresco” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “Neste sitio mandarão a Sua Excellencia hum grande refresco de carnes, eoutros vivres que Sua Excellencia não aceitou.” (42r, p. 105).

**REGATO:** s.m. “He mais que ribeirinho, e menos que ribeiro” (SILVA, 1813). “...passa-se mais hum rancho e tres diverssos regatos todos com ponte.” (23r, p. 67).

**REGISTRO:** s.m. A repartição onde são feitos os registros. “O Registo que aqui se acha estabelecido rende a Sua Magestade quatro centos mil cruzados.” (5r, p. 31).

**REGIMENTO:** s.m. “Certo numero de companhias de Soldados. Regimento de Infantaria tem 600 praças, & faz um Batalhão. Regimento de Cavallaria tem 480 praças, que fazem quatro Esquadrões Portuguezes” (BLUTEAU, 1712-1728). “...e pouco mais adiante estava portado oRegimento, chamado da Nobreza, fardado de emcarnado, e verde com boa Muzica...” (9r, p. 39).

**REGUEIRO:** s.m. “Abertura na terra, por onde corre a agua da chuva a modo de ribeyrinho” (BLUTEAU, 1712-1728). “...o Rio deSam Bartholomeu passa antes de chegar ao Regueyro hum quarto de Legoa” (21r, p.63).

**REPUTADO:** s.m. “Dar nome, credito, fama. Estimar, ter em conta” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...que se encontrasse nella, fosse reputado Extraviador...” (51r, p. 123).

**REZA:** s.f. “O que alguém costuma rezar por sua devoção, ou de obrigação” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*nada teve Sua Excellencia que alli fazer, e hé areza porque não se demorou.*” (48r, p. 117).

**RIACHO:** s.m. “Rio pequeno” (SILVA, 1813). “...*passa-se pello citio do Chaveyro, pello Rio Columba, Ribeyram do chaveyro, e dous Riachos...*” (23r, p. 67).

**RIBEIRÃO:** s.m. É maior do que um regato e menor do que um rio. “...*andando-se sucavando o seu Ribeyram na deligencia de Ouro...*” (37r, p. 95).

**RIBEIRO:** s.m. “Água que corre derivada de algum olho, ou fonte” (SILVA, 1813). “...*passam-se mais sinco pequenos Ribeyros, e pello Rancho do Raymundo.*” (24r, p. 69).

**RIO:** s.m. “Rio he corrente caudalosa de muytas aguas juntas, que vao desembocar no mar” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*que alguns Paulistas sabiam que neste Rio chamado hoje Vermelho e entam Goyá, havia munto ouro...*” (27r, p. 75).

**ROCHEDO:** s.m. “Penhasco. Rocha” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*hum encanado que eu julguey ser de sicoenta palmos, aberto em hum notavel Rochedo, que se julgou ter hum fundo insondável.*” (34r, p. 89).

**ROÇA:** s.f. “Porção de mato, que sendo alta se corta, ou queyma. Roça no Brasil, he a horta, ou quinta, que se semea a mandioca, chamão-se assim as quintas do Brasil, porque saõ em terras, em que fercçou o mato, queymando, cortando & arrancando as arvores” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*passa-se pellas Caveyras, pello Cangalheyro, e outros diversos pequenos, Rossas, e Fazendas.*” (8r, p. 37).

**RONDA:** s.f. “Soldados, que na praça, ou campanha vão rodeando, para observar se as vigias estão dormindo, se as sintinellas fazem sua obrigação” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*Mandou abrir hum caminho para estrada, das Rondas sempre pello pé da Serra, e com ordens fortes para que toda a pessoa, que se encontrasse nella, fosse reputado Extraviador dos quintos de Sua Majestade, e fosse prezo...*” (51r, p. 123).

## S

**SAIA:** s.f. “Vestidura da mulher, que lhe cobre o corpo da cintura para baixo” (SILVA, 1813). “...*hum grande presente de Sayas, camizas, e caponas, e desta forma satisfés Sua Excellencia aquelles povos*” (47r, p. 115).

**SANTA BÁRBARA:** loc. Uma das santas de devoção da doutrina católica. “... foi vizitar á *Capella de Santa Barbara, que está em hum admiravel Monte, e atudo deo as providencias do seu incansavel espirito.*” (59r, p. 139).

**SÃO CAETANO:** loc. Um dos santos de devoção da doutrina católica. “...*expedio Sua Excelencia para a cidade do Pará duas canoas; a primeira, e mayor com o titulo de Nossa Senhora dalapa, a segunda com o titulo de Sam Joze, e Sam Caetano...*” (45r, p. 111).

**SÃO JOÃO:** loc. Um dos santos de devoção da doutrina católica. “*Neste rancho do Abayté se mandam fazer Fogueyras edar descargas em obzequio de Sam João.*” (15r, p. 51).

**SÃO JOSÉ:** loc. Um dos santos de devoção da doutrina católica. “...*expedio Sua Excelencia para a cidade do Pará duas canoas; a primeira, e mayor com o titulo de Nossa Senhora dalapa, a segunda com o titulo de Sam Joze, e Sam Caetano...*” (45r, p. 111).

**SARAU:** s.m. “baile nocturno entre pessoas nobres” (SILVA, 1813). “...*e na seguinte hum grandiozo Saráu que se executou em Pallacio.*” (26r, p. 73).

**SATISFAÇÃO:** s.f. “O acto de satisfazer. Contentamento” (SILVA, 1813). “...*deconhecida verdade, e satisfação.*” (45r, p. 111).

**SENADO:** s.m. Os senadores que compõem o Senado. “...*os moradores com o Intendente o vierão buscar ao caminho; o senado o esperou na grande Ponte...*” (39r, p. 99).

**SERRA:** s.f. “Monte de penedia. Este nome se appropriou de certos môtos, em razão dos picos, quebradas, caminhos asperos, & escabrosos, que em certo modo os cortão em muytas partes” (BLUTEAU 1728). “...*e as onze se chegou ao de Manoel Correya, passando-se a grande serra chamada, dos orgaonz, ou da Boavista...*” (3r, p. 27).

**SERVIÇO DE RODA:** loc. “Lavar em roda. Roda de escachar, ao ourives serve de fazer o ouro, como palheta. Roda de torcer, também na officina do ourives, he a que torce dous fios de ouro” (BLUTEAU, 1712-1728). “...*de huma e outra parte tem Lavras de Ouro, com servissos de Roda...*” (11r, p. 43).

**SEZÃO:** s.f. Febre, tipo maleita. “...*e sam citios de muntas sezoens, principalmente no tempo das agoas...*” (15r, p. 51).

**SÍTIO:** s.m. “Espaço de terra descoberto. Uma habitação rustica” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*passa-se por varios citios, e Ranchos munto bons...*” (7r, p. 35).

**SOLDADO:** s.m. “Homem alistado para serviço militar, e exercitado nelle, na graduação he a ultima classe, abaixo dos anspeçadas” (SILVA, 1813). “...*com toda a sua commetiva, que constou de hum Ajudante das Ordens, hum, Cappitam, hum Alferes de Dragoens, Commandante de huma partida de seis soldados...*” (29r, p. 79).

**SOSSEGO:** s.m. “Quietação, descanço, tranquillidade do espirito, e do corpo adormecido” (SILVA, 1813). “...*deu muntas providencias para o sucego doPovo, encaminhando-os aos seus enterêses...*” (36r, p. 93).

**SURUBIM:** s.m. Tipo de peixe. “...*criam grandíssimos Peyxes mayores do que hum homem, alguns chamados serobis, Dourados, Matrinchans, e outros.*” (15r, p. 51).

## T

**TEATRO PÚBLICO:** loc. “He o lugar em que se ajuntão os que querem ver Tragedias, Comedias, Dramas e outros semelhantes espectaculos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...*e duas Operas que representaram em Théâtre publico, com excelentes figuras com munto luzimento.*” (32r, p. 85).

**TE DEUM LAUDAMUS:** loc. A oração latina cantada, que significa Louvamos a ti, ó Deus. “...onde estava o Vigario, e todo o Clero, que receberam a Sua Excellencia com hum Te Deum Laudamus, efeytas as seremonias do uso, se recolheo a caza da Sua pouzentadoria...” (31r, p. 83).

**TEMERIDADE:** s.f. “Excessivo atrevimento, audacia imprudente” (SILVA, 1813). “...se passou o Rio Bagaje, que he temeridade passalo a váu, como o fes Sua Excelencia.” (38r, p. 97).

**TENENTE CORONEL:** loc. “He hum posto entre Coronel, & Sargento mòr do mesmo Regimento. Posto militar, superior ao Alferes, inferior ao Capitão.” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...o Tenente Coronel do Regimento da Cavallaria Auxiliar, que alê mora, foy com sua companhia buscar a sua Excelencia...” (34r, p. 89).

**TENENTE DE DRAGÃO:** loc. Oficial militar. “...aqui se achava hum Tenente de Dragoens com huma partida...” (5r, p. 31).

**TIRO DE BESTA:** loc. “são juntas, ou parelhas de bois, ou bestas de puxar carros, carretas, coches, &e. às vezes os tiros são singelos enfiados uns atras do outro, e cada tiro é um animal” (SILVA, 1813). “Tres tiros deBêsta daboaEsperança passa-se a grande Ribeyra...” (17r, p. 55).

**TOMAR QUARTEL:** loc. “Aquartellar-se na casa de aposentadoria propria dos soldados” (SILVA, 1813). “...e marchando seis legoas tomou quartel no Corrego de São Joze...” (29r, p. 79).

**TOMBADOR:** s.m. Terreno íngreme constituído por barrancos. “passou o grande tombador, e naquellas eminências se admiraraõ as muntas cachoeiras...” (54r, p. 129).

**TOURO:** s.m. “Boi novo, não capado. Animal quadrúpede, cornigero, robusto, feroz, & macho da vaca” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “...seguiram-se tres dias de Cavalhadas, entrepolados com outros tantos de Touros que foram sortiados de pé...” ( 26r, p. 73).

**TRAÍRA:** s.f. Peixe de água doce. “...se effectuaram muntas Minas, que hoje estão decadentes: chama-se de Trahiras por abundar este Rio de peyxe deste nome.” (37r, p. 95).

**TREM:** s.m. “A gente, a bagage que acompanha alguém de jornada” (SILVA, 1813). “Tirar, ou puxar por alguma cousa, ou arrastar”.

**TROPA:** s.f. “Companhia de Soldados de Cavallo, hoje em Portugal cada tropa he de oytenta cavalos” (BLUTEAU, 1712-1728). “...mandou que se recolhesem todos as tropas com as ordenanças, que tinham bordado ás ruas por honde Sua Excelencia passou.” (31r, p. 83).

## U

**URBANIDADE:** s.f. “vem a ser o mesmo que o comedimento, & bom modo dos que vivem na Cidade, em differença da rusticidade, & grosseria dos que vivem nas Aldeas, & no campo” (BLUTEAU, 1712-1728). “...acompanharam-no todas as pessoas que poderão montar a cavallo: a sua orbanidade, sempre agradecida, despedio de pouca distancia...” (28r, p. 77).

**UVA:** s.f. “Fruto da videyra, composto de muitos grãos, que formão hum cacho pendente, bom de comer, & fazer vinho” (BLUTEAU, 1712-1728). “...o Arraýal tem lavras de Ouro: tera mil eseycentos habitantes; he citio boas uvas.” (22r, p. 65).

## V

**VERDADE:** s.f. “A verdade no entendimento humano, he o conhecimento da cousa, segudo està real, & effectivamente em si, & na lingua do homem a verdade he hua conformidade de palavrascom a mente de quem as diz” (BLUTEAU, 1712-1728). “...deconhecida verdade, e satisfação.” (45r, p. 111).

**VEREDA:** s.f. “Caminho estreito, aberto no meyo de hum campo” (BLUTEAU, 1712-1728). “...etomarsse outra vareda, que marchandosse munto para tornar á para estrada...” (54r, p. 129).

**VEXAÇÃO:** s.f. “Perseguição, mau trato, trabalho que se dá a hua pessoa” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Ouvidas as suas representaçoens, clamores, vexaçoens e falta de governo fazia trazer a memoria...*” (44r, p. 109).

**VIGÁRIO:** s.m. Padre responsável ou pároco de determinado local. “*...se despedio sua Excellencia do Doutor Intendente, do Reverendo Vigario, e dos Deputados da Junta da Fazenda...*” (28r, p. 77).

**VIRTUDE:** s.f. “He o bem honesto do homem, disposição d’alma, & habito moral, operativo, productivo de actos bons, conformes com a boa razão, & dirigidos cõ a prudencia, & moderação, que se deve. O exercicio dos deveres moraes, civis, sociaes, ou religiosos” (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1813). “*...esta acção da bondade de Sua Excellencia deo nesta Capitania hum grande brado, fés a este povo capacitarssse muito mais das virtudes de Sua Excelencia.*” (55r, p. 131).

**VÍVERE:** s.m. “Vitualha. Provisão de mantimentos para muita gente” (BLUTEAU, 1712-1728). “*Neste sitio mandarão a Sua Excellencia hum grande refresco de carnes, eoutros vivres que Sua Excellencia não aceitou.*” (42r, p. 105).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão desta pesquisa foi realizar uma análise das lexias recorrentes no *corpus*, o *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*, considerando as relações instituídas entre léxico, cultura e sociedade, e elaborar um glossário para facilitar a leitura do Diário. Iniciamos apontando a importância deste estudo, por existir poucas referências a respeito do Diário, que é de grande valor nos aspectos históricos e linguísticos para a região de Goiás.

Acreditamos que a língua não pode ser estudada isolada do seu contexto social, pois a mesma é um instrumento fundamental para a interação entre os indivíduos da mesma sociedade e as diversas manifestações da sua cultura. Sendo assim, o léxico é a faceta da língua que torna mais evidente os comportamentos e os valores sociais de cada comunidade.

Para o estudo de determinada língua é imprescindível um esboço da conjuntura social em que esta se insere, pois como percebemos neste estudo, é incontestável a relação estabelecida entre traços linguísticos e sócio-culturais. Tendo em vista uma contextualização da época com a obra estudada, descrevemos, no capítulo 1, os principais acontecimentos da segunda metade do século XVIII, principalmente aqueles relacionados ao governo de D. José de Almeida e as características da cidade de Mossâmedes.

Desse modo, narramos alguns episódios ocorridos naquela época e apresentamos alguns traços da cultura goiana através da situação histórica e do relato das festas e tradições no decorrer do Diário. A partir das manifestações linguísticas evidenciadas nos textos, inferimos traços típicos da cultura da comunidade goiana na época referida. Portanto, podemos afirmar que as lexias escolhidas por uma comunidade representam a sua cultura e, por isso, a língua é considerada um dos elementos de identidade de um povo, uma forma de identificação de sua personalidade sócio-linguística cultural.

No capítulo 2, descrevemos o livro, *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*, organizado por Pinheiro e Coelho (2006), e apresentamos uma análise da edição do mesmo, enumerando alguns aspectos de cunho filológico e paleográfico, como os erros de leitura e a falta de rigor dos critérios adotados para a edição dos manuscritos. Nesse sentido, a contribuição essencial foi a “*recuperação do patrimônio cultural escrito de uma dada cultura*” (CAMBRAIA, 2005, p. 19) (grifo do autor).

As análises ortográficas produzidas neste capítulo comprovaram a incerteza ortográfica pelo fato de ainda não existir, naquela época, uma normatização da grafia, embora houvesse um acordo tácito entre as pessoas, o que uniformizava de certa forma a escrita.

Devido à inconstância na grafia, encontramos uma mesma lexia escrita de duas formas diferentes, assim como as abreviações foram feitas sem uma preocupação de harmonia gráfica.

Já no capítulo 3, abordamos as teorias linguísticas utilizadas para fundamentar a nossa pesquisa, a dinâmica lexical e cultural, assim como léxico e glossário e os campos lexicais, que nos deram base para o agrupamento das lexias em campos e para a construção dos verbetes e elaboração do glossário, nos capítulos seguintes. O inventário das lexias, descritas nas fichas lexicográficas, totaliza 258.

A partir da noção de campos lexicais, sistematizamos, no capítulo 4, as lexias em seis macrocampos, a saber: *Organização militar, Viagem, Festas, Religião, Acidentes geográficos e Trabalho*. Estes foram divididos em microcampos lexicais, com o intuito de agrupar todas as lexias conforme as marcas comuns de significação. Porém, não foi possível encaixar três delas em algum campo. Apesar da divisão das lexias em campos lexicais, elas se complementam e, às vezes, podem aparecer em outros campos, estabelecendo uma rede de sentidos.

A respeito das 255 lexias organizadas nos campos léxicos, observamos que as que se relacionam à viagem e à organização militar, foram mais recorrentes, contabilizando, respectivamente, 62 lexias (24,05%) e 104 lexias (41,34%). Isso se explica pelo fato de o Diário ser um relato de viagem de um governador para se conhecer a situação política e econômica da região antes de administrá-la. Os acidentes geográficos representam o terceiro macrocampo com o maior número de lexias, totalizando 26 lexias, representando 10,12% do total, pois o texto enfatiza os lugares pelos quais percorreram durante a jornada.

Os outros três macrocampos englobam um menor número de lexias, conforme pudemos constatar, o que não significa que são menos relevantes para as pessoas daquela comunidade. O trabalho, as festas e a religião se mostram tão essenciais quanto os outros aspectos, porque pelas tarefas executadas diariamente e pelas manifestações festivas e religiosas a comunidade se faz e se refaz. Esses macrocampos contabilizam, respectivamente, 25 lexias (9,71%), 17 lexias (6,62%) e 21 lexias (8,16%).

Compreendemos que o mundo, os elementos da natureza, são comuns para todas as pessoas, porém, cada indivíduo percebe e organiza o universo físico e social a seu modo, dependendo das necessidades e dos interesses de cada comunidade. Das lexias inventariadas, a maioria diz respeito ao homem enquanto ser físico e social. Dessa forma, as lexias de maior

ocorrência se referem à ocupação de cargos públicos e a tudo que se relaciona à viagem em si, e também às descrições dos lugares.

Como podemos notar, esta pesquisa foi fundamentada nas teorias de léxico, cultura, campos léxicos e glossário. Para isso, pesquisamos trabalhos que foram produzidos através desses temas a fim de contribuir e complementar nosso estudo. Citamos algumas pesquisas que merecem destaque neste viés: “Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano”, Maria Helena de Paula (2007); “Conexões léxico-culturais sobre as minas goianas setecentistas no *Livro para servir no Registro do caminho novo de Parati*”, Vanessa Regina Duarte Xavier (2012); “Campos léxicos e cultura no caminho das bandeiras”, Gisele Martins Siqueira (2012); “Irmandades de pretos: edição e inventariação lexical em manuscritos goianos do século XVIII”, Luana Duarte Silva (2013); “As grimpas lexicais e seus diamantes linguísticos: o vocabulário do garimpo de diamantes no município de Três Ranchos-Goiás (1944-1981)”, Gabriela Guimarães Jeronimo (2014); “Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre o catolicismo popular na comunidade de São Domingos, Catalão-GO”, Jozimar Luciovanio Bernardo (2015); “De bens de herança a bens culturais: um estudo linguístico de autos de partilhas oitocentistas de Catalão-GO”, Maria Gabriela Gomes Pires (2015).

Esperamos que nosso estudo possa colaborar e somar, juntamente com estes, no conhecimento da história de Goiás, visto que através da análise do aspecto lexicológico, pudemos compreender o modo de vida das pessoas pertencentes a região mencionada, na segunda metade do século XVIII, bem como a sua cultura manifestada nas tradições, cerimônias e nos costumes, os quais não são restritos àquele lugar. Enfim, é válido enfatizarmos que este texto poderá ser ampliado em outras perspectivas, pois a pesquisa acadêmica é complexa e o *corpus* permite outras análises que não foram possíveis neste momento.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 13-24.

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escrita no Brasil colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: Universitária, Massangana, 1994.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Anais da Província de Goiás*. Goiânia: SUDECO, 1979.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Anais da província de Goiás. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.*, Rio de Janeiro, 229-349 out/dez., 1864.

ALKMIM, Tânia. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-47.

ALVES, Ieda Maria. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

ASSALIM, Clarice. *A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos e impressos do português do século XVIII: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros*. 194 p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2007.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 149-157.

BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BERLINCK, Rosane de Andrade. Crônicas & relatos de viagens: fontes para o estudo da história da língua. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena. *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

\_\_\_\_\_. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a14v58n2.pdf>>. Acesso em 15 setembro 2011.

\_\_\_\_\_. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-22.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez & Latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 volumes. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>.

BORGES NETO, José. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 37-50.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à Língua Portuguesa*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COELHO, Braz José. *Linguagem – Lexicologia e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008.

COSERIU, Eugênio. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1977.

COSERIU, Eugênio. Sistema, Norma e Falar Concreto. In: \_\_\_\_\_. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSTA, Renata Ferreira. *Edição semidiplomática de memória histórica da capitania de São Paulo, Códice E11571 do Arquivo do Estado de São Paulo*. 558 p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, 2007.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. Páginas soltas no inventário do tempo: história do livro e da biblioteca em Goiás. In: VASCONCELOS, Maria Luíza Batista Bretas (Org.). *Biblioteca escolar: uma ponte para o conhecimento*. Goiânia: SEDUC, 2009.

DIAS, Ana Paula P. *Diário de navegação de Pero Lopes de Sousa: a representação do real e os filtros da representação*. 1997. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio39.htm>>. Acesso em: 10 de junho de 2015.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. *Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. *Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil*. 432p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – São Paulo, SP, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FARIA, Ernesto. *Fonética História do Latim*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

FIORIN, José Luiz. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 71-76.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 2 ed. aum. São Paulo: Arquivo do Estado, 1991.

GECKELER, Horst. *Semántica Estructural y Teoria Del Campo Léxico*. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

KOCK, Ingedore Grunfeld Villaça. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 123-129.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História do Brasil no contexto da história ocidental: ensino médio*. 8 ed. rev., atual. E ampl. São Paulo: Atual, 2003.

LOPES, Ana Cristina Macário; RIO-TORTO, Graça. *Semântica*. Lisboa: Editorial caminho, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. In: XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana (org.). *Conversas com Lingüistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 131-140.

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. São Paulo: Ateliê Editorial. Fapesp, 2005.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Tradição Lexicográfica Portuguesa: Bluteau, Morais e Vieira*. In: *As ciências do léxico*. In: ISQUERDO, A. N. e OLIVEIRA, A, M. P. P. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998, p. 151-157.

PAULA, Maria Helena de. *Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano*. 2007. 522 p.il. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara - SP, 2007.

PINHEIRO, Antônio César Caldas; COELHO, Gustavo Neiva (Org.). *O Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

REY-DEBOVE, Josette. *Léxico e dicionário*. In: BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (Org.). Trad. Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa – Revista de Linguística, Lexicografia e Lexicologia*. São Paulo: 1984. p. 45-69.

REZENDE, Antonio Paulo; DIDIER, Maria Thereza. *Rumos da História: história geral e do Brasil*. São Paulo: Atual, 2001.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; JUBILATO, Manoella Neres; SCHREINER, Cátia. Do básico a variantes em Dom Casmurro. Revista Ecos, (Cáceres), v. 11, p. 235-248, 2011.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: \_\_\_\_\_. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, José Carlos de (org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

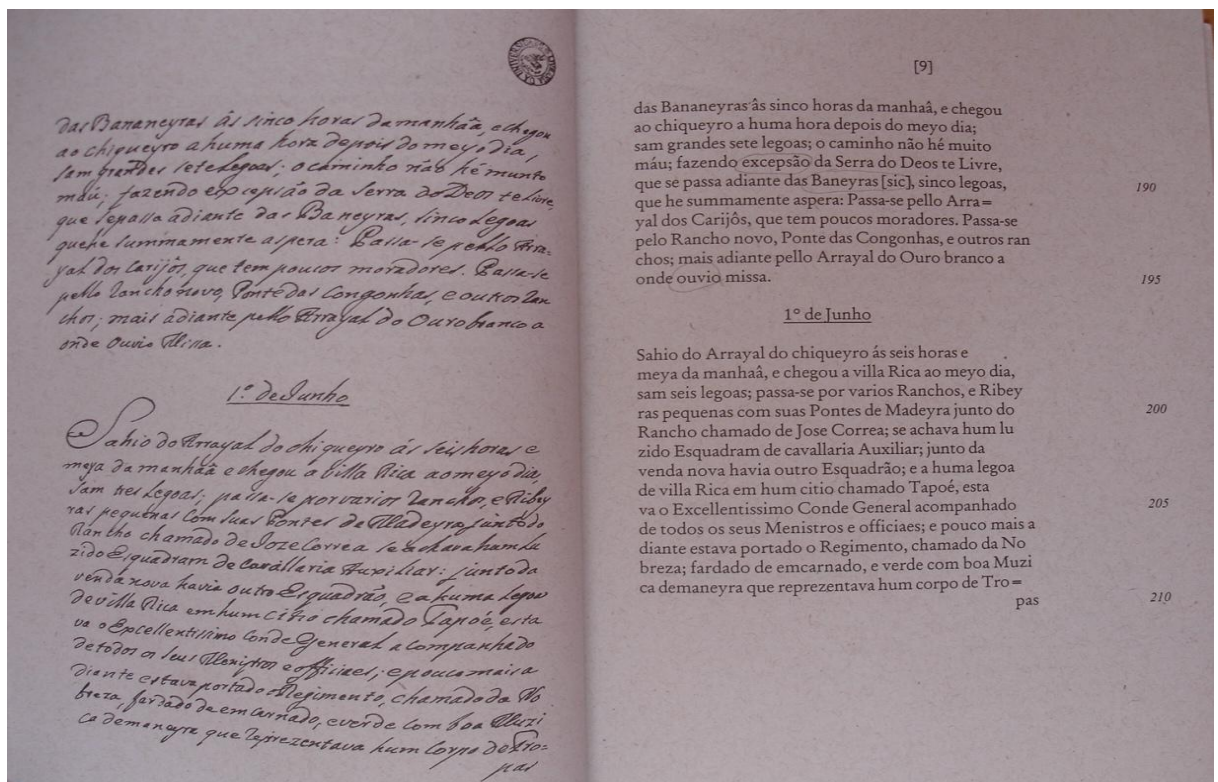
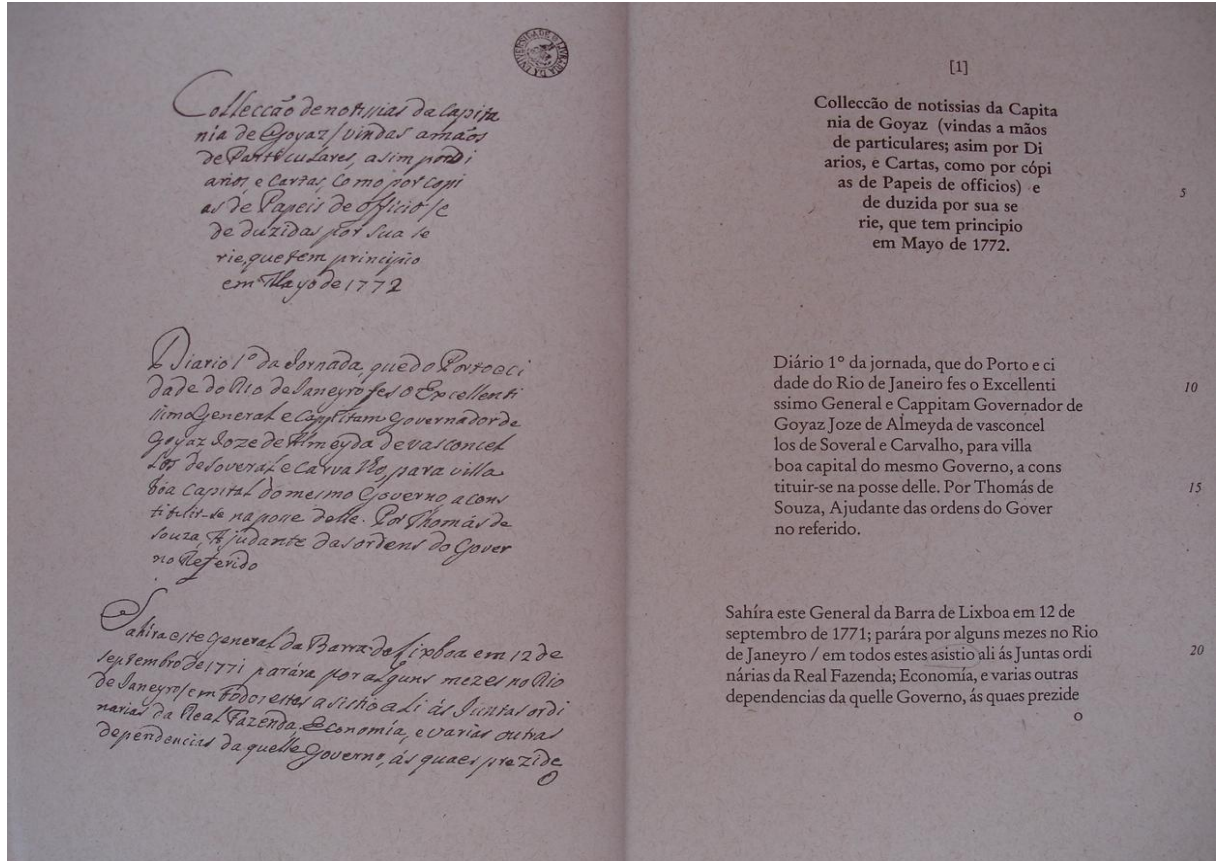
SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Sedegra Sociedade Editora e Gráfica LTDA, 1961.

ANEXOS

ANEXO A – Edição fac-símile de parte do livro *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes: 1771-1773*



ANEXO B – Edição fac-símile da cópia do manuscrito (Sinais Etimológicos: fólhos 2r e 27r)

Ville Neve e perera a Estrada. Habit para a viagem peri  
goza do grande Rio de San Francisco, e de outro, e para os  
peritajes de d'elles, e de mais algumas situaçoens

Para seguir-se método mais fundado em sticioso  
e deve prenotar. Que esta villa, foi a primeira do  
Voucam desta Capitania de cujo Lugar havia notí  
cia munto anno antes do de 1735 quando Illano  
de Correa antigo Almo da milicia vinha a este serro  
ent. Captivar gentia da domestica raça de Goyá, em  
tempo que mais caza se fazia, desta prera, do que  
do Rio meta, porque hoje tanto se trabalha. Mas  
he certo que alguns Portuguezes abriam que se este Rio  
chamado hoje Vermelho e entam Goyá, havia munto  
ouro principalmente de Asthato meu Verno, qual of  
fereceo este Asthato ao Senhor Rodrigo de Souza  
Governador e Capitam General da Capitania de San  
Paulo, e Comofeyto Veyo a este Continente no anno de  
1735 e de seio munto de dignidade. Com esta  
noticia Concoctio munta gente a este Lugar, que não  
cabendo no seu peço no âmbito se criou e deram por to:  
da.



